



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Felipe Neri Alves Pinto

**Antropologia entre três mundos: Emilio Willems e a
institucionalização da antropologia brasileira**

**CAMPINAS
2020**

Felipe Neri Alves Pinto

Antropologia entre três mundos: Emilio Willems e a institucionalização da antropologia brasileira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Christiano Key Tambascia

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO FELIPE NERI
ALVES PINTO, E ORIENTADA PELO PROF
DR CHRISTIANO KEY TAMBASCIA.

**CAMPINAS
2020**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

AL87e Alves Pinto, Felipe Neri, 1990-
Antropologia entre três mundos : Emilio Willems e a institucionalização da antropologia brasileira / Felipe Neri Alves Pinto. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Christiano Key Tambascia.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Willems, Emilio, 1905-1997. 2. Antropologia - Brasil - História. 3. Antropologia - Alemanha - História - Séc. XX. 4. Antropologia - Estados Unidos - História - Séc. XX. I. Tambascia, Christiano Key, 1976-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Anthropology between three worlds : Emilio Willems and the institutionalization of brazilian anthropology

Palavras-chave em inglês:

Anthropology - Brasil - History
Anthropology - German - History - 20th century
Anthropology - United States - History
Anthropology - United States - History - 20th century

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestre em Antropologia Social

Banca examinadora:

Christiano Key Tambascia
Mariana de Campos França
Luiz Gustavo Freitas Rossi

Data de defesa: 17-06-2020

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4909-6093>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/9239770052844152>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 17 de junho de 2020, considerou o candidato Felipe Neri Alves Pinto aprovado.

Prof. Dr. Christiano Key Tambascia -Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Dra. Mariana de Campos França

Prof. Dr. Luiz Gustavo Freitas Rossi

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Agradecimentos

Agradeço ao professor Christiano Tambascia, pela orientação desta dissertação com suas leituras cuidadosas. Sempre gentil e atencioso, ele e seus orientandos fizeram e comentários preciosos ao decorrer da pesquisa.

Aos professores Heloísa Pontes e Antônio Guerreiro e aos colegas que discutiram o projeto de pesquisa na disciplina “Seminário de Projetos e Etnografia” pelas sugestões. As professoras Nashieli Rangel Loera e Emilia Pietrafesa Godoi pelas disciplinas ministradas no curso de pós-graduação.

Ao grupo GAIA/USP e sua professora Margarida Maria Moura, pelas discussões sobre religiosidade e que gentilmente incluiu minha pesquisa em seu grupo de estudos.

A todos os funcionários dos arquivos consultados durante a pesquisa. Sempre fui muito bem atendido e a ajuda deles foi inestimável para a realização do trabalho de campo. A Antenor Willems, por confiar a autobiografia familiar de seu pai para um desconhecido. Sem esses materiais a pesquisa seria impossível.

Aos professores Mariana França e Gustavo Rossi pelos valiosos comentários na qualificação desta dissertação e pela disposição em comporem a banca de defesa, assim como aos professores Luis Felipe Sobral e Rodrigo Ramassote. Esse último, responsável por iniciar a ideia dessa dissertação com o curso “Uma história da Antropologia no Brasil” e por dar os primeiros caminhos para essa pesquisa.

Aos professores Marcos Chor Maio e Maria Cristina Consolim, organizadores do seminário temático da 43ª Anpocs “A ciência social brasileira como campo transnacional de pesquisa: ideias, atores e instituições”, no qual pude apresentar o trabalho “Emilio Willems entre três mundos: a influência da Antropologia norte-americana” com alguns resultados preliminares da trajetória de Willems nos EUA.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – código de financiamento 001, instituição à qual sou grato.

Aos colegas de bacharelado Ana Beatriz Carvalho e Silva e Luiz Fernando Aguiar, agora filósofos, por sempre ajudarem com a leitura de textos em alemão. A também filósofa Úrsula Passos, pela revisão textual e companheirismo.

Agradeço a Candida Parisi e José Cabrera, que abriram sua casa em Campinas, me acolhendo como a um filho. Por fim, agradeço a Helena, Marcia e Marcio por me apoiarem nos últimos 30 anos.

RESUMO

Nesta dissertação, acompanho o processo de consolidação da antropologia no Brasil a partir da obra e dos intercâmbios acadêmicos de um pesquisador central para a institucionalização da mesma: Emilio Willems. Sendo o primeiro professor a ocupar a cadeira de antropologia na USP e tendo ocupado posições de destaque nas Ciências Sociais do país, Willems teve um percurso ímpar no desenvolvimento da disciplina. Partindo de sua formação na Alemanha, seu papel institucional na antropologia brasileira na década de 1940, e sua trajetória acadêmica nos EUA, procuro mostrar a trajetória do professor nos três países e sua concepção de ensino e pesquisa nos estudos no e sobre o Brasil.

Palavras-Chave: História – Antropologia – Brasil; Willems, Emilio; Antropologia – Alemanha – História – séc.XX; Antropologia – Estados Unidos – História - sécXX

ABSTRACT

In this dissertation, I go through the process of consolidation of anthropology in Brazil. This was made based on the work and academic exchanges of a central researcher for its institutionalization: Emilio Willems. Being the first professor to occupy the chair of anthropology at USP and having held prominent positions in the country's Social Sciences, Willems had a unique path in the development of the discipline. Starting from his education in Germany, his institutional role in Brazilian anthropology in the 1940s, and his academic trajectory in the USA, I discuss the trajectory of the professor in the three countries and his conception of teaching and research in studies in and about Brazil.

Keywords: Anthropology – Brasil – History; Willems, Emilio; Anthropology – German – History; Anthropology – United States - History

Sumário

Introdução.....	11
O campo é no arquivo, o nativo é pesquisador: Acervos	12
Capítulo 1: A Alemanha de Emil Willems	22
1.1. Origens e trajetória alemã: Niehl, Colônia e Berlim	23
1.1.1.O Retorno à Alemanha	37
1.2.A Antropologia Alemã no Brasil	45
1.2.1. Ideologia e Utopia: a tradução de Karl Mannheim	50
1.2.2. Georg Simmel	52
1.2.3. Max Weber	55
Capítulo 2: Emilio Willems no Brasil – A institucionalização da Antropologia Brasileira. 59	
2.1.De Brusque a Jacarezinho, de Jacarezinho a São Paulo: de imigrante a professor secundário	60
2.2. Emilio Willems e a institucionalização da antropologia	66
2.2.1. Universidade de São Paulo – Da Disciplina de Antropologia à Cadeira 49.....	70
2.2.2.Escola Livre de Sociologia e Política.....	82
2.2.3 Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe	84
2.2.4 A criação da Revista Sociologia	86
2.3.Os Campos de Emilio Willems: Do interior ao litoral paulista	90
Capítulo 3: Os EUA na Antropologia de Emilio Willems	97
3.1 A Antropologia Norte-americana em Willems	99
3.1.1 Aculturação.....	103
3.1.2 Antropologia Aplicada.....	116
3.1.3 Estudos de Comunidade	122
3.2 A trajetória nos EUA (1949-1997)	129
3.2.1. Universidade de Vanderbilt	130
3.2.2. Michigan	147

3.2.3. Universidade Nacional da Colômbia.....	149
3.3. Followers of the new Faith: Culture Change and the rise of the Protestantism in Brazil and Chile	151
Considerações Finais: Os relatos autobiográficos de Emilio Willems e notas do esquecimento.....	160
Referências:	171
Fontes primárias.....	171
Bibliografia	176
Anexos	191
1. Cronologia de Emilio Willems.....	191
2.Produção bibliográfica de Emilio Willems.....	193

Introdução

No presente texto, uma dissertação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP), realizo uma discussão sobre a história da institucionalização da antropologia no Brasil a partir da reflexão sobre a trajetória de um professor central para o desenvolvimento da antropologia em São Paulo, Emilio Willems (1905-1997). Dessa forma, o que está em jogo é a realização de uma leitura da historiografia sobre a antropologia brasileira, considerando sobretudo os intercâmbios internacionais que lhe são característicos e as complexas dinâmicas de circulação de teorias e práticas científicas entre contextos acadêmicos, agências de financiamento e projetos governamentais (RAMASSOTE, 2014), a partir da análise da obra e da trajetória do autor de origem alemã.

O estudo da institucionalização da antropologia em São Paulo a partir de uma investigação cuidadosa dos pouco conhecidos (ainda que importantes) estudos realizados por Willems e seu papel na divulgação de conceitos na academia brasileira coloca em evidência os trânsitos científicos internacionais na primeira metade do século passado (sobretudo em relação ao intercâmbio com as escolas e tradições antropológicas norte-americana e alemã) que tiveram importância central na obra do autor e no desenvolvimento da disciplina no país pela posição-chave que Willems assumiu na década de 1940 em São Paulo. Sendo o primeiro professor a ocupar a cadeira de antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), em 1941, como professor da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), e como fundador da *Revista Sociologia*, Willems se firmou ao longo da década de 1940 como um dos nomes mais importantes para o desenvolvimento das ciências sociais em São Paulo.

Partindo da constatação de Mariza Corrêa de que apesar de Willems, assim como Donald Pierson (1900-1995)¹, ter sido professor de boa parte da geração seguinte de sociólogos e antropólogos brasileiros, convivido com os outros estrangeiros que estiveram aqui na mesma época e com os cientistas sociais brasileiros de sua geração,

¹ Donald Pierson foi um sociólogo norte-americano formado na Universidade de Chicago. Em 1939 foi convidado para lecionar na Escola Livre de Sociologia e Política, de onde se tornou diretor do departamento de sociologia e antropologia. (Sobre a trajetória de Pierson ver OLIVEIRA, 2012).

trabalho como dado analítico o fato de que sua contribuição à docência e à pesquisa, apesar de não ser subestimada, tampouco é conhecida em detalhes (CORRÊA, 2013. p. 33). Um bom exemplo disso é a entrevista concedida por Florestan Fernandes (1920-1995)² - aluno de Willems nas instituições paulistas na década de 1940 - em 1981 no Museu da Imagem e do Som e publicada em 1995 na *Revista Novos Estudos – CEBRAP*. Afirmou o professor Fernandes: “Hoje ninguém lembra mais do Willem [Sic], numa classe o estudante não sabe quem foi o Willem. No Brasil a pessoa morre enquanto está viva, ninguém manda o atestado de óbito para a família” (BOSI *et al.*, 1995. p.12). A fala de Florestan Fernandes apresenta uma questão importante que a publicação da entrevista parece comprovar: a grafia incorreta do nome de Emilio Willems ao longo de toda a publicação mostra que, em grande parte, mesmo com sua passagem de 18 anos pelo Brasil, sua obra e atuação no e sobre o Brasil é pouco conhecida, e o professor parece ter passado por um processo de esquecimento a partir de sua ida para os EUA em 1949. Dessa forma, ao acompanhar a trajetória de Emilio Willems entre Alemanha, Brasil e EUA, pretendo mostrar como o professor articulou noções das ciências sociais dos três países em sua atuação na institucionalização das ciências sociais de São Paulo.

O campo é no arquivo, o nativo é pesquisador: Acervos

As principais fontes de pesquisa utilizadas nesta dissertação consistem em fontes primárias, muitas delas inéditas. A pesquisa documental foi realizada em acervos pessoais e institucionais diversos, como elencarei adiante, e nos permite vislumbrar as conexões do professor com diversos intelectuais e instituições de pesquisa no Brasil e alhures.

Em relação à pesquisa documental sobre a trajetória de Willems, alguns textos são úteis para se pensar os arquivos enquanto campos de pesquisa antropológicos (CASTRO & CUNHA, 2005; CUNHA, 2004; DES CHENES, 1997; DIRKS, 2001; HEYMANN, 2013; STOLER, 2002, entre outros). Segundo os autores, uma alteração ocorrida na

² Florestan Fernandes foi um dos mais conhecidos sociólogos brasileiros. Em 1941 Fernandes ingressou no curso de ciências sociais do FFCL/USP onde, em 1945, tornou-se professor assistente na cadeira de Sociologia II. Em 1947, defendeu o seu mestrado *A organização social dos Tupinambá* sob a orientação de Herber Baldus na Escola Livre de Sociologia e Política e em 1951 o doutorado na FFCL/USP com a tese *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. Em 1953 tornou-se livre-docente e assumiu a cadeira de Sociologia da FFCL e professor titular da cadeira em 1964. Até ser afastado pelo regime militar em 1969. A partir de sua aposentadoria compulsória foi professor na universidade de Columbia e na Universidade de Toronto, até retornar para o Brasil.

antropologia desde os anos 1980 demonstra uma *virada histórica* com a relativização da noção de campo. Como nos lembra Des Chenes, “dentre os lugares que os antropólogos vão agora, quando vão para o campo, está o arquivo”³ (DES CHENES, 1997. p.76). Os arquivos etnográficos que antes eram vistos apenas como “repositórios de informações sobre os ‘outros’” passaram por um processo em que são reconhecidos como “lugares onde o processo de constituição de sua objetivação pode ser compreendido” (CUNHA, 2004. p.294). Ou, como afirma Heymann (2013), se antes eram vistos como repositórios de “provas”, os arquivos sofreram um deslocamento em que passaram a serem compreendidos como “parte do processo de construção de discursos sobre passado” (HEYMANN, 2013. p. 68). Como mostra Cunha (2004), os arquivos etnográficos e seu duplo, os *arquivos pessoais*, são “construções culturais cuja compreensão é fundamental para entendermos como certas narrativas profissionais foram produzidas e como sua *invenção* resulta de um intenso diálogo envolvendo imaginação e autoridade intelectual” (CUNHA, 2004.p. 296). Nesse sentido, os arquivos revelariam muito mais do que vicissitudes biográficas; revelariam também vínculos profissionais, intelectuais e relações de poder de natureza diversa. Conforme afirma Pontes:

Se, por muito tempo, os antropólogos estiveram atentos às implicações analíticas e epistemológicas decorrentes da relação sujeito e objeto tal como configurada na experiência de campo, eles, no entanto, parecem ter se absterido de refletir sobre essas implicações quando a pesquisa é feita com fontes escritas. Neste caso, elas tendem a ser tratadas como mero repositório de informações. Isso se deve em parte, como mostra Olívia da Cunha, ao ‘legado funcionalista que postulou a centralidade da [pesquisa de campo] como *locus* da prática antropológica. Mas não só’. Outra parte da explicação reside numa certa concepção positivista em relação à documentação escrita disponível em arquivos, que impediu até recentemente o tratamento desses espaços como um campo etnográfico tão legítimo, complexo e intrincado quanto aquele baseado na observação participante e na autoridade conferida pela presença do antropólogo (PONTES, 2010. p.41).

Com isso, cabe aqui tomar esses espaços como campos etnográficos privilegiados para realizar a investigação dos fluxos acadêmicos e institucionais do professor Willems nesse momento-chave da constituição e afirmação da disciplina antropológica em contexto acadêmico no Brasil.

Para a pesquisadora Candice Vidal e Souza (2013) “os registros da vida profissional de pesquisadores e professores conduzem o observador de papéis e imagens aos ambientes intelectuais de momentos diversos da institucionalização da antropologia” (SOUZA, 2013. p.165). A afirmação de Souza de que “as pesquisas em arquivos de

³ Tradução minha. No original: “among the places anthropologists now go, when they go to the field, is the archive” (DES CHENES, 1997. p.76).

antropólogos e instituições devem ser ‘multilocais’, ou seja, pesquisas ‘cruzadas’ de dados, já que, na prática, essas pessoas estavam interligadas e em comunicação” (Idem. p.169. nota 3) é exemplar para pensarmos o caso de Willems. Estudante nas Universidades de Colônia e Berlim, na Alemanha (quando ainda era Emil Willems), com uma rápida passagem pelas universidades francesas; Imigrante e posteriormente naturalizado brasileiro e residente de três Estados diferentes, professor de escolas secundárias, editor de revistas, assistente de pesquisa, professor de duas universidades em São Paulo, professor em Vanderbilt. Essas são algumas das instituições pelas quais Willems passou e que mostram o percurso do autor por diversos nichos.

Apesar de ter um acervo em seu nome na Universidade de Vanderbilt, a coleção *Emilio Willems Papers*, que contém uma série de artigos publicados por Willems e materiais de referência utilizados pelo autor, uma série de documentos sobre e escritos por Willems se encontram espalhados em arquivos diversos. Dentre os acervos que possuem registros do autor e que serviram de fonte principal para a presente dissertação estão os institucionais, dos locais em que o professor realizou pesquisas ou lecionou, e os pessoais, de intelectuais que mantiveram vínculos com o antropólogo como elencarei a seguir.

O Acervo de Fernando de Azevedo (1894-1974)⁴, sob responsabilidade do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB – USP), contém 29 cartas em que Willems é o remetente. Essas datam de 1937 até 1958 e mostram a importância que Fernando de Azevedo teve para Willems na Universidade de São Paulo. As cartas revelam como Azevedo foi um contato fundamental para Willems, principalmente em relação a assuntos burocráticos e institucionais no que diz respeito à ida deste à *Vanderbilt University*. Essas cartas, assim como os documentos obtidos no acervo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, mostram a relação institucional com os Estados Unidos no período de transferência de Willems para o país (1949).

Em relação ao Fundo Florestan Fernandes da Universidade Federal de São Carlos, algumas considerações importantes podem ser analisadas, uma vez que Willems foi um

⁴ Fernando de Azevedo foi um sociólogo e educador brasileiro, orientador de Willems na tese de livre-docência em sociologia da educação e o responsável por indicar o professor alemão para lecionar antropologia na USP. Entre o vasto currículo de educador e sociólogo, Azevedo foi professor de sociologia no Instituto Caetano de Campos e, mais tarde, no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, professor de sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e o responsável por reformas educacionais no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde assumiu a secretaria de educação.

dos professores a quem Fernandes atribui certa influência em sua obra, bem como pela grande troca de cartas entre os dois. A influência de Willems na formação de Fernandes é explicitada em vários textos em que esse último o cita nominalmente: pela repercussão de sua atuação no quadro institucional das ciências sociais no Brasil (FERNANDES, 1980). Dentre os documentos que podem ser consultados no Fundo Florestan Fernandes estão 25 cartas trocadas entre Emilio Willems e Florestan Fernandes que datam de 1950 até 1977.

O Fundo Donald Pierson, que se encontra no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP), é parte do projeto “História da Antropologia no Brasil”, coordenado pela professora Mariza Corrêa e doado ao AEL em 1985. Com documentação referente ao período em que viveu no Brasil (1939-1959), o acervo nos fornece conexões acerca da atuação de Willems como professor da ELSP nas disciplinas de “Assimilação e Aculturação no Brasil meridional” (1941), “Assimilação e Aculturação entre os imigrantes Alemães no Brasil meridional” (1942), “Sociedade Urbanas e ‘de Folk’” (Divisão de Estudos Post-graduandos 1948 março – maio), “Comunidades rurais em São Paulo” (setembro – novembro 1948), entre outras.

O Arquivo de Arthur Ramos (1903-1949)⁵, que está na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, foi adquirido em parte depois de vendido pela viúva de Ramos e em parte pela Universidade do Brasil em 1956. É uma das mais extensas coleções sob a guarda da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional (cerca de cinco mil documentos) e preserva a correspondência entre Artur Ramos e Emilio Willems entre os anos de 1941 e 1947. Sobre elas, o inventário analítico ressalta a interlocução entre os dois em relação a um plano de estudos sobre antropologia, comparações de escolas antropológicas e suas terminologias, e notícias da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (FAILLACE, 2004). Willems e Ramos trocaram uma série de cartas enquanto os dois eram os responsáveis pelo curso de antropologia na Universidade de São Paulo e na Faculdade Nacional de Filosofia, respectivamente.

Sobre a Sociedade de Etnografia e Folclore da qual Willems figura na lista de

⁵Arthur Ramos foi professor de psicologia social na Universidade do Distrito Federal e professor de antropologia e etnologia na Faculdade Nacional de Filosofia a partir do decreto federal que instituiu os cursos de antropologia no currículo das faculdades de filosofia.

Sócios Fundadores, algum material pode ser encontrado na Discoteca Oneyda Alvarenga, sediada no Centro Cultural São Paulo. Foi pequena a participação do professor nessa instituição, mas o arquivo conta com cartas de Willems em que o pesquisador pede referências bibliográficas e consultas sobre um fenômeno observado enquanto residia em Jacarezinho/PR, em que “procissões a cemitérios realizadas por indivíduos encapuzados em lenços pela noite de Sexta-feira-Santa” atraíam a atenção do pesquisador.

O Centro de Apoio à Pesquisa em História ‘Sergio Buarque de Holanda’ (CAPH) foi fundado em 1966 e vinculado ao departamento de história da antiga FFCL (hoje Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) da USP. Nesse, o “Projeto Memória”, que constitui a documentação de docentes da faculdade, possui, entre outros, o acervo Egon Schaden (1913-1991)⁶. Schaden foi o sucessor do professor Willems no comando da disciplina de antropologia da USP e os dois mantiveram correspondência ativa após a ida de Willems à Vanderbilt. Dentre estas cartas, há também as correspondências de Eunice Durham (1932-)⁷ para Schaden enquanto ela estudava nos EUA e era aluna de Willems.

No Rockefeller Archive Center também se encontra um material importante sobre as pesquisas do professor financiadas pela referida instituição a partir de sua ida para os EUA. Na Rockefeller Foundation records, projects, RG1.2 (FA387) estão disponíveis materiais de 1958-1962 e de 1967-1968 que lançam luz sobre o processo de pesquisa que resultaria em um dos livros mais importantes do autor em sua fase norte-americana: *Followers of the new Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brasil and Chile* (1967).

No Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS-SP) encontra-se o acervo de Carlos Borges Schmidt (1908-1980)⁸, diretor de publicidade agrícola do Estado de São Paulo na década de 1940 e que realizou diversas viagens ao interior e litoral do estado de São Paulo, algumas delas em companhia de Willems e de seus alunos. Sobre a companhia

⁶ Egon Schaden foi um etnólogo catarinense, descendente de alemães, o primeiro aluno a se doutorar em antropologia na Universidade de São Paulo. Substituiu Willems em 1949 como professor de antropologia, tendo sido professor assistente desde 1941. Em 1953 fundou a *Revista de Antropologia*.

⁷ Eunice Ribeiro Durham se formou em ciências sociais em 1954 na USP, mesma instituição na qual realizou o mestrado (1964) e o doutorado (1967). Foi professora assistente de antropologia na FFCL e professora titular de antropologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP até sua aposentadoria.

⁸ Carlos Borges Schmidt era formado em engenharia agrônoma, tendo assumido em 1941 o cargo de diretor de publicidade agrícola do Estado de São Paulo, instituição esta que publicou diversos textos de Willems. Trabalhou principalmente sobre a evolução das técnicas agrícolas no interior e litoral de São Paulo.

de Schmidt nas viagens a campo, escreveu Willems: “Ótimo amigo, apaixonado pelas tradições culturais do Brasil rural e fotógrafo competente, Carlos Borges Schmidt, transformava, com a sua presença, mesmo as viagens mais estafantes em excursões agradabilíssimas”⁹. Nesse acervo, as cadernetas de viagens de Schmidt e um amplo material fotográfico podem ser consultados.

O Fundo Oracy Nogueira, presente no acervo da Fiocruz, contém uma obra para a “Coleção Grandes Cientistas Sociais”, da editora Ática, localizada por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Segundo a antropóloga, Florestan Fernandes, diretor da coleção, encomendou a Oracy Nogueira (1917-1996)¹⁰ dois volumes que seriam destinados a Donald Pierson e Emilio Willems e que chegaram a ser escritos. No entanto, com o falecimento de Fernandes, a editora desistiu da publicação, destruindo todos os exemplares, exceto o que se encontrava na posse de Oracy Nogueira (CAVALCANTI, 1997). No acervo, além do original do livro *Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia*, organizado por Nogueira, e uma autobiografia escrita por Willems em português para auxiliar o texto de Oracy, estão catalogadas cartas escritas entre os dois professores que nos permitem vislumbrar o processo de criação da obra, o que desenvolverei de forma mais detalhada nas considerações finais da presente dissertação.

Por fim, como fio condutor da trajetória de Willems, acompanho as autobiografias escritas pelo próprio autor e jamais publicadas. Tanto na autobiografia escrita para Nogueira em 1983 e acima referida, como na brochura *My life in Three Worlds*, escrita em 1993 para a própria família do autor para divulgar a história familiar, Willems nos narrou em detalhes as mudanças em sua vida e na de sua mulher, Hilda, na Alemanha, Brasil e EUA. Tendo sempre a antropologia e as universidades em que lecionou como pano de fundo, essas autobiografias preenchem lacunas importantes sobre a trajetória do autor e apresentam em primeira mão algumas impressões de Willems sobre as universidades pelas quais passou.

A autobiografia *My life in Three Worlds* é utilizada nesta dissertação de forma inédita. A brochura escrita para a família Willems me foi enviada por seu filho mais novo e revela alguns aspectos da vida do professor jamais abordados, principalmente por

⁹ Autobiografia de Emilio Willems. pp.8-9 . Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

¹⁰ Oracy Nogueira foi estudante da ELSP a partir de 1940 e torna-se professor naquela instituição a partir de 1947. Realizou estudos de comunidade em Campos do Jordão.

apresentar experiências pessoais. Nesse sentido, considero as autobiografias escritas pelo professor como narrativas, em que “biografia, história de vida ou mesmo trajetórias são indissociáveis de sua narração e também é uma pretensa ‘etnografia de uma experiência’” (KOFES, 2001. p.123). Dessa forma, a partir das autobiografias podemos “capturar as narrativas de sujeitos sobre suas experiências e incorporar suas interpretações, apontar junções e disjunções temporais, mudanças e continuidades, tradições e rupturas” (KOFES, 2001. p.164). Como nos revela Manica, “com a etnografia de um percurso, uma trajetória profissional a partir de diversas narrativas (auto)biográficas, publicações, pesquisa de campo (...) não pretendo falar apenas de um itinerário intelectual, mas também de um conjunto de relações, interações entre pessoas, instituições (...)” (MANICA, 2015. p.42).

Além disso, é necessário estabelecermos aqui as referências teórico metodológicas que conduziram um estudo como este, focalizado na história da antropologia brasileira e em que os antropólogos são os próprios sujeitos da investigação. Peirano, em artigo publicado em 1999, traça um panorama dos estudos antropológicos no Brasil a partir da forma com que tratam da alteridade. Retomando a obra de Lévi-Strauss *La crise moderne de l’anthropologie* (1961), Peirano assinala que:

O caráter específico da antropologia não estava no seu objeto empírico concreto, mas, sim, naquela dimensão de *diferença* que sempre havia estado presente no estudo dos povos primitivos – se até então esses desvios diferenciais só podiam ser apreendidos comparando civilizações distintas e longínquas, agora eles poderiam ser notados dentro do próprio mundo ocidental, no momento em que o Ocidente se tornava uma grande ‘aldeia crioula’ (PEIRANO, 1999. p.231).

A partir dessa consideração acerca do caráter específico da antropologia, Peirano aborda o “deslizamento” da alteridade na antropologia brasileira. Com isso, a autora propõe que, nos últimos trinta anos, a alteridade *deslizou* de um polo no qual ela é (ou pretende ser) radical a outro em que os próprios cientistas sociais são o Outro a ser investigado (Idem. p.234). Nesse sentido, a autora atribui o que seria um débito das pesquisas no Brasil com Durkheim, ao propor que outras formas de civilização deveriam ser buscadas para explicar o que está próximo. Segundo Peirano, nota-se um movimento, que ocorre desde os anos 80, em que estudos antropológicos passaram a focar, também, as ciências sociais no país. Além disso, parecem crescer recentemente também os estudos que se centram nas trajetórias individuais de antropólogos para a compreensão do desenvolvimento da disciplina no país, tais como os trabalhos de CIACCHI (2015); PASSADOR (2002); RAMASSOTE (2014); ROSSI (2015); OLIVEIRA (2012), entre

outros.

Dessa forma, ao analisar a obra e trajetória do pesquisador em questão, procurarei contribuir para a reflexão do próprio fazer antropológico, pois, conforme aponta Roberto Cardoso de Oliveira:

Nenhuma disciplina pode assumir plenamente sua identidade sem refletir sobre sua própria origem, tanto quanto sobre o exercício atual de seu *métier*, questionando-a assim em termos de seus paradigmas e de sua prática. Estranhar a própria disciplina é a mensagem maior das pesquisas que vem tendo lugar naquela área temática (OLIVEIRA, 1991. p. 12).

A dissertação se estrutura em três capítulos, cada qual com o foco na trajetória e contribuições acadêmicas de um país: Alemanha, Brasil e Estados Unidos. No capítulo 1, A Alemanha de Emil Willems, abordarei, num primeiro momento, aspectos biográficos da trajetória do então Emil Willems, desde a sua educação numa vila rural da Alemanha pré e durante a Primeira Guerra Mundial, seus estudos em Colônia e Berlim, e o retorno do professor e de sua obra ao país após a Segunda Guerra. Na segunda parte desse capítulo, desenvolverei o papel de Willems na difusão de autores e conceitos das ciências sociais da Alemanha no Brasil, e como o professor se utiliza desses conceitos em seus estudos.

No segundo capítulo, Emilio Willems no Brasil – A institucionalização da Antropologia Brasileira, desenvolverei o papel que o professor teve à frente das diversas instituições nas quais lecionou no país e seus projetos de maior envergadura. Em um primeiro momento, apresentarei como o alemão se estabeleceu em Brusque/SC como professor de um seminário católico até sua migração a São Paulo, para lecionar no ensino secundário, e sua incorporação à Universidade de São Paulo no Instituto de Educação. Em seguida, apresentarei como ocorreu o convite ao professor para lecionar na recém-criada disciplina de antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, apresentando como foi sua criação, a estruturação do curso e sua bibliografia. Da mesma forma, acentuarei o papel de Willems no curso de pós-graduação da Escola Livre de Sociologia e Política e a importância da *Revista Sociologia*, criada e editada pelo professor. Por fim, mostrarei como foram as pesquisas de campo mais relevantes do pesquisador no interior e litoral paulista.

No capítulo 3, Willems e a Antropologia Norte-Americana¹¹, a estruturação é baseada em uma primeira parte, em que são apresentados os primeiros contatos do autor com os conceitos em voga da antropologia Norte-Americana, enquanto Willems estava no Brasil, e numa segunda parte, sobre a trajetória do professor nos EUA com foco nas diferenças institucionais das universidades. Assim, o primeiro e o terceiro capítulo foram pensados de maneira espelhada. Se, no capítulo 1, desenvolvem-se uma primeira parte da trajetória de Willems na Alemanha e uma segunda parte sobre a recepção da sociologia alemã no Brasil, no capítulo 3, a estrutura é inversa. Analisarei, na primeira parte, a utilização que Willems fez em seus trabalhos de conceitos associados à antropologia norte-americana para, em seguida, apresentar como ocorreu a imigração do professor para Nashville/Tennessee e sua atuação nas universidades do país.

Ao analisarmos a trajetória de Willems, podemos compreender como a antropologia alemã e americana repercutiram na institucionalização da antropologia brasileira. Criador de diversos projetos pedagógicos, Willems contribuiu de forma decisiva na formação de uma geração de cientistas sociais brasileiros. Ao mesmo tempo em que o professor teve um papel ativo na divulgação e recepção da sociologia alemã no Brasil, tal como apresentado no capítulo 1, o uso dos conceitos utilizados pela antropologia dos EUA – como procuro mostrar no capítulo 3 - e a divulgação deles o torna uma figura *sui generis* para compreendermos o desenvolvimento das ciências sociais brasileiras, em parte constituída na interlocução com a academia francesa, alemã e norte-americana, em diversos momentos do século passado e retrasado.

Além disso, ao acompanharmos a trajetória acadêmica de Willems nas diversas instituições de ensino na Alemanha, Brasil e EUA (e suas passagens por Chile e Colômbia), buscaremos mostrar as diferenças na formação e desenvolvimento de diferentes tipos de instituições, departamentos de pesquisa e projetos acadêmicos. Se, como afirma no prefácio de sua autobiografia de 1993, nunca publicada e que me foi cedida por seu filho, Willems não teria escrito o texto se não tivesse emigrado duas vezes e sua vida tivesse permanecido dentro dos limites da tradicional família de classe média, podemos ver como se deu o desenvolvimento da antropologia brasileira, em especial na década de 1940 paulistana, com a experiência do autor nos diversos contextos acadêmicos

¹¹ Utilizo o termo “Norte-Americano” como sinônimo de Estado-Unidense por ser assim que Willems se refere ao país.

dos quais fez parte a partir da narrativa de sua trajetória. Ao percorrermos a trajetória acadêmica de Willems ao longo da dissertação, o leitor perceberá que os termos antropologia, sociologia e ciências sociais são utilizados para se referir aos campos de atuação do professor. Nesse sentido, é importante ressaltar que é exatamente esse o local que Willems se coloca, entre fronteiras disciplinares e geográficas. Por estarmos lidando com um período de institucionalização das disciplinas no Brasil, as fronteiras disciplinares aparecem de maneira fluida em muitos momentos.

Capítulo 1: A Alemanha de Emil Willems

Nunca ouviste falar do devir alemão, da peregrinação germânica, do ser alemão que se encontra numa jornada ininterrupta? Deixa que o formule assim: o alemão é, entre os povos, o eterno estudante, o eterno buscador... (Thomas Mann).¹²

Neste capítulo, procurarei mostrar as relações de Willems com seu país de origem, desde sua formação até o seu retorno à Alemanha pós Segunda Guerra. Em um primeiro momento, 1.1.1 Origens e trajetória Alemã: Niehl, Colônia e Berlim, irei discorrer sobre como se deu a formação de Emilio Willems, partindo de sua criação familiar até a obtenção do doutoramento na Universidade de Berlim em 1930. Procurarei mostrar, também, o “retorno” (1.1.2. O Retorno à Alemanha) de Willems e de sua obra para a Alemanha, após a queda do nazismo, desde a publicação de seus artigos em revistas germânicas, sua nomeação como membro honorário da Sociedade Alemã de Sociologia e, o que considero como o fechamento de um ciclo temático na obra do autor, a publicação de seu último livro, em que analisa o militarismo alemão. Na segunda parte deste capítulo (1.2. A Sociologia Alemã no Brasil), abordarei o papel que Willems desempenhou na divulgação de textos e conceitos em voga na literatura sociológica da Alemanha na academia brasileira. Essa parte corresponde à concepção de ensino e pesquisa que trouxe de seu país de origem, assim como a difusão de certos conceitos da sociologia alemã no Brasil e que foi fundamental para uma “Recepção da Sociologia alemã no Brasil”. Afinal, como ressalta Gláucia Villas Bôas:

A formação nas universidades de Colônia e Berlim confere a Willems uma posição sociológica única, contrária ao desenvolvimento histórico linear e teleológico, que ele assume tanto na revista que edita, como na elaboração de verbetes para os dicionários que organizou e, ainda, em suas pesquisas sobre a aculturação dos imigrantes alemães no Brasil e sobre pequenas comunidades brasileiras (VILLAS BÔAS, 2014. p 12).

Ressaltarei, então, como se deu essa “posição sociológica única” a partir de sua trajetória e como o professor ajudou a difundir os conceitos em voga na sociologia alemã enquanto esteve no Brasil. Dessa forma, parte considerável deste capítulo é situar o autor e sua obra para o leitor. Isso se faz necessário uma vez que, ainda que Willems seja constantemente recuperado pela literatura como um personagem central na história das

¹² MANN, Thomas. *Doutor Fausto: A vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo*. Companhia das Letras, São Paulo. 2018. p.140.

ciências sociais no Brasil, sua obra é pouco lida atualmente. Ele faz parte do rol daqueles autores para os quais é reservado um espaço nas narrativas da história das ideias, mas cuja contribuição já é inferida de maneira indireta. Dessa forma, trata-se de um capítulo que estará fundamentado menos em reflexões sobre materiais inéditos e mais na proposta de realização de uma cartografia do impacto de Willems, ao recuperar justamente os trabalhos que analisam sua trajetória e sua obra. Entretanto, também lanço mão de um importante conjunto documental ao qual tive acesso durante a pesquisa, uma autobiografia não publicada que o autor escreveu no final de sua vida, para a família, e cartas trocadas com intelectuais brasileiros.

A trajetória de Willems na Alemanha até sua vinda ao Brasil já foi em parte trabalhada por Villas Bôas (2006), que, a partir do relato autobiográfico escrito em 1983 e presente nos arquivos da Fiocruz¹³, centra a sua análise na trajetória e no estudo de mudança cultural, considerada uma das maiores contribuições do autor. Se Villas Bôas utiliza como fonte principal o relato de 1983, ao combiná-la com o relato familiar inédito de 1993¹⁴ e com a correspondência presente em diversos acervos pretendo ressaltar também as impressões de Willems e como descreve suas experiências na Alemanha, não apenas até sua imigração ao Brasil como também após a queda do Nacional-socialismo, período esse que não foi trabalhado pela bibliografia. Da mesma forma, a recepção de uma sociologia alemã no Brasil já foi trabalhada por alguns pesquisadores, e a posição de destaque atribuída a Willems, mesmo que de forma esparsa na literatura, merece atenção, como mostrarei adiante.

1.1. Origens e trajetória alemã: Niehl, Colônia e Berlim

Emil Willems nasceu em 1905 em Niehl, um subúrbio da cidade de Colônia, região mais ocidental da Alemanha. Niehl, que era essencialmente uma vila camponesa com uma população de aproximadamente 4000¹⁵ pessoas, foi o local em que Willems permaneceu a maior parte de sua vida até 1930, revisitando-a em 1954, 1956, 1963 e 1967. Segundo Willems, “de subúrbio Niehl tinha, naquele tempo, apenas as aparências

¹³ Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

¹⁴ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems

¹⁵ Em sua autobiografia *My life in three worlds* (1993), Willems usa a aproximação de 4 mil habitantes, mas em artigo de 1970 apresenta números mais precisos: com 3556 de habitantes em 1905 e 3898 em 1910 (WILLEMS, 1970. p. 534).

mais tênues. Era basicamente uma aldeia de lavradores e pescadores, muitos dos quais combinavam a lavoura com o trabalho assalariado em fábricas da redondeza”¹⁶. Em artigo em que analisou a persistência e mudança cultural, Willems escolheu Niehl como objeto de estudo e, ao analisar o crescimento da vila e as mudanças na vida camponesa da região, apontou um fato interessante que ocorreu no ano de seu nascimento e que seria fundamental para o crescimento da vila. Segundo o autor, “Em 1905 um moderno hospital com 185 leitos foi construído e, pela primeira vez, um médico escolheu Niehl como o centro para a difusão da prática rural” (WILLEMS, 1970. p. 534)¹⁷. O que Willems não nos conta, nesse texto, é que esse médico era seu pai. Filho de um médico de mesmo nome que se estabeleceu em Niehl como chefe médico do recém-criado hospital da cidade, e de Maria Hubertine Justen, cuja história é pouco conhecida, a família era, antes da Primeira Guerra, a única na cidade em que alguém tinha um diploma universitário, fato este que dava aos Willems um status social privilegiado. Se, conforme nos mostra Mannheim em livro traduzido para o português pelo próprio Willems¹⁸, a burguesia tinha uma dupla raiz social, os donos do capital de um lado e os indivíduos cujo único capital era sua instrução, vemos como a família Willems, que não possuía quantias elevadas de capital econômico, se estabeleceu como parte da elite local pela instrução universitária. Seriam os tipos “mandarins”¹⁹, descritos por Ringer (2001) como sendo membros de um segmento instruído da nação que formavam uma comunidade extremamente integrada e homogênea. Segundo Willems, esse status gerava uma expectativa de que seu pai agisse de maneira autoritária tanto com seus pacientes, como com sua família, sendo respeitado pela sociedade por isso. Da mesma forma, seus pais consideravam-se socialmente superiores às pessoas de Niehl, mantendo limitados contatos com a população local. Em 1911, matriculado na escola local, Emil Willems dividia a sala de aula com aproximadamente 50 alunos, a maioria filhos de camponeses e trabalhadores da cidade. Se Willems não sabia nada sobre eles, era conhecido como o “filho do médico” e “arrogante”, e logo virou alvo de perseguição de seus colegas²⁰.

¹⁶ Autobiografia de Emilio Willems. p.1. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

¹⁷ Tradução minha. No original: “In 1905 a modern hospital with 185 beds was erected, and for the first time a physician chose Neyl as the center of a widespread rural practice.” (WILLEMS, 1970. p. 534)

¹⁸ A tradução do livro por Willems será destacada como uma atuação importante do professor ao difundir o pensamento sociológico alemão no Brasil. Ver Villas Bôas, 2006.

¹⁹ Ringer (2001) aborda em seu trabalho os tipos mandarins nas chamadas ciências humanas, mas afirma ser possível estender o conceito para outras áreas, sendo os médicos diplomados uma delas.

²⁰ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.4.

Willems apresenta alguns dados em seus textos sobre o campesinato que, quando lidos à luz de sua biografia, parecem reveladores. Escreve o autor sobre a educação na vila camponesa de Niehl:

Embora as pessoas fossem totalmente alfabetizadas, tivessem aprendido alemão padrão na escola e o utilizassem para se comunicar com as pessoas da cidade e autoridades civis ou militares, entre elas preferiam o dialeto local. Qualquer tentativa de comunicar em alemão padrão teria sido ridicularizada como afetada. Algumas das características acima mencionadas, especialmente o dialeto, os aldeões partilharam, como já foi referido, com a classe trabalhadora de Colônia (WILLEMS, 1970. p. 535)²¹.

O contato com os filhos de trabalhadores locais no colégio tirou Willems do círculo social a que estava acostumado. A visão criada de que Willems seria arrogante, bem como os relatos de que era perseguido por seus colegas, muito provavelmente estava ligada ao fato de usar o alto alemão, o *Hochdeutsch*, idioma oficial ensinado nas escolas, e não os dialetos locais utilizados pelas populações rurais e pelos trabalhadores de Colônia, levando-o a ser ridicularizado como “afetado”. O *Hochdeutsch* utilizado por Willems seria, dessa forma, uma marca social que o diferenciava de seus colegas. Essa experiência que revelaria, segundo Willems, que “crianças não têm respeito pelo status social”²² logo tornaria o filho do médico alvo de perseguições por parte de seus colegas, o que provavelmente o levou a odiar Niehl e seus habitantes. No entanto, apesar dos constantes abusos por parte de seus colegas, Willems caracteriza esses momentos de “contato diário com meninos proletários” como uma “experiência valiosa”, já que “proporcionava a visão de uma realidade social que, de outra maneira, teria permanecido escondida atrás de um cordão sanitário de classe social”²³. Cordão sanitário que levou Willems a considerar alguns de seus colegas “retardados”, por suas inabilidades acadêmicas, afirmando que muitos deles eram considerados “dummies” (tolos) por repetirem repetidas vezes de ano até os dezesseis anos ²⁴. Assim, “eram crianças proletárias às quais faltavam os hábitos da higiene diária e o domínio do *Hochdeutsch*”, e que se expressavam no dialeto local (VILLAS BÔAS, 2006. p.85) e que pouco tinham

²¹ Tradução minha. No original: “Although the people were fully literate, had learned standard German in school, and used it to communicate with urbanites and civil or military authorities, among themselves they preferred the local dialect. Any attempt to communicate in standard German would have been ridiculed as affected. Some of the aforementioned traits, especially the dialect, the villagers shared, as already pointed out, with the working class of Cologne” (WILLEMS, 1970. p.535).

²² Tradução minha. No original: “Children have no respect for social status”. Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.4.

²³ Autobiografia de Emilio Willems. p.1. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

²⁴ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.4.

em comum com o jovem Willems. Eis como ele caracteriza seus primeiros passos escolares e o contato com seus colegas: “Aprendi a ler e a escrever no meio de uma meninada que só falava o dialeto local, amiúde sofria de sarna e pústulas, e raramente tomava banho”²⁵.

Se Emil tinha uma figura autoritária em casa, na escola não era diferente. Segundo Willems, sua criação fora realizada “de acordo com o modelo pedagógico daqueles tempos”, um modelo alemão em que “acima de tudo, foi a disciplina que se cultivava, disciplina que implicava obediência sem discussão e a qualquer preço, disciplina que só se podia manter com meios coercitivos”²⁶. Como recordou, Willems não conseguia se lembrar de seus professores sem uma vara nas mãos²⁷. Ao abordar esse período da vida de Willems, Glaucia Villas Bôas (2006) também acentua o autoritarismo que o cercava. Segundo a autora, que se valeu principalmente de cartas de Willems e de sua biografia endereçada a Oracy Nogueira, a educação de Willems “seguiu os padrões da pedagogia autoritária, típica da Alemanha do II Império” (VILLAS BÔAS, 2006. p. 85). Nesse sentido, segundo a autora, pais e professores “constituíam uma verdadeira *frente* cuja função disciplinadora se estendia também à comunidade adulta” (Idem. p. 86), como é revelado na forma do pai de Willems de lidar com a comunidade local.

A memória que Willems nos narrou sobre sua infância aparece de forma recorrente em relatos de outras pessoas do período. Lionel Richard, em seu livro *A República de Weimar* (1919-1933), descreveu um “balanço” de um professor sobre sua carreira utilizando-se de estatísticas sobre seus trinta anos de profissão na virada do século dezenove e primeiras décadas do século vinte. O resultado do balanço era que “administrara aos seus alunos 911.500 bengaladas, 124.000 chicotadas, 209.000 suspensões, 130.000 reguadas na palma das mãos, 10.200 socos na orelha, 223.700 bofetadas” e concluía: “É assim que se forma a juventude...” (RICHARD, 1988. p.163). Apesar do relato ter sido feito por um professor da região da Suábia – no sudoeste da Alemanha e que compreende o estado da Baviera – a mesma lembrança de educação

²⁵ Autobiografia de Emilio Willems.p.1. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

²⁶ Idem.

²⁷ Esse relato está presente tanto em Autobiografia de Emilio Willems. p. 1. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ; & Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.4.

rigorosa era vista por toda a Alemanha no período. Conforme afirma ainda Richard:

Gerações de alemães só guardaram da escola da época imperial a lembrança de um sistema opressivo. Com frequência, o professor não passava de um policial. A função mais apreciada pela administração era a sua competência em subjugar, em instruir os jovens espíritos que lhe eram confiados. Assim, como o agente de polícia não podia ser concebido sem um sabre ao lado, era impensável o professor sem uma vareta ou bastão! (1988. p.163).

A lembrança que Willems guardou desse sistema educacional opressivo era uma marca da educação alemã até as reformas impostas pela República de Weimar.

Outra característica social importante de Niehl que ganha relevo ao analisarmos a trajetória e também a obra de Willems é a religião. A região de Colônia era composta majoritariamente por católicos, e, assim como quase 80%²⁸ da população da cidade, a devoção católica da família de Willems era muito forte. A religião que era ensinada em todas as escolas públicas possuía nessa região da Alemanha, segundo Willems, um forte tom puritano, e ele lembra que sua família era intransigente com qualquer coisa que saísse dos princípios religiosos mais ortodoxos. Princípios tão intransigentes que, quando Willems começou a namorar Hilda, com quem viria a se casar e que se tornaria mãe de seus três filhos, teve que manter o relacionamento em segredo da família, que desaprovava a relação por Hilda ser protestante.

Em 1914, Emil Willems (o pai) é chamado para servir como médico no exército alemão. Era o começo da Primeira Guerra, e o fim daqueles “anos relativamente despreocupados”²⁹ da infância de Emil filho. No início dos confrontos, a guerra era vista com incrível entusiasmo. Willems narrou em sua autobiografia de 1993 as enormes multidões nas estações de trem para ver as tropas partindo, afirmando que todos estavam convencidos de que a guerra seria ganha pelo invencível exército alemão, e que até o natal daquele ano os soldados estariam em casa. Seu pai realmente estava em casa naquele mesmo ano, voltando do front, mas por ter quebrado a perna durante a retirada alemã da França. No entanto, com o longo período em que a guerra se manteve e com as derrotas do exército alemão, a situação econômica da Alemanha se degradava e o sentimento de

²⁸ Em 1905 a população de Colônia era de 428.722 habitantes, sendo 339.790, 79,3% da população, composta por católicos, e 76.718, 17,9% do total, por luteranos. Nas estatísticas de 1910, a população era de 516.540, com 78,4% de católicos e 18,6% de luteranos. Dados da *Kölner Statistisches Handbuch*, (Cologne, 1958), 64ff; e do *Statistisches Handbuch der Stadt Köln*, Vols. 47 (1961) e 56 (1970). Apud (SUN, 1999. p.289 appendix 1).

²⁹ Autobiografia de Emilio Willems. p.1. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

entusiasmo rapidamente mudou no país.

A situação geral piorava à medida em que a guerra tomava um rumo cada vez menos favorável para a Alemanha. A derrocada militar e a chamada “revolução” sobrevieram finalmente, e, ao encalço das tropas alemãs em retirada seguiram as tropas britânicas que chegaram a ocupar a Renânia por vários anos. À miséria da fome associava-se uma inflação que na sua última fase acabou por destruir, completamente, o sistema monetário alemão³⁰.

Em meio a essa turbulência política e econômica, Emil passou nos exames e foi admitido para a escola secundária em 1915 e, como Niehl não oferecia esse tipo de ensino, ingressou no *Gymnasium Tricoronato* em Colônia, “estabelecimento venerável cujos inícios remontavam à Idade Média, e que fazia o possível para conservar a herança medieval intacta”³¹. Conforme relembrou o próprio Willems na autobiografia de 1993³², *Gymnasium* era o nome genérico dado às escolas secundárias do período e, em Colônia, assim como em todos os grandes centros urbanos da Alemanha, havia diversos tipos de escolas secundárias com ênfases distintas. Algumas com enfoque nas ciências e línguas contemporâneas e outras, como a que Willems ingressou, que preservaram a “tradição clássica” com o estudo de latim, grego antigo, literatura e história greco-romana. O chamado *Humanistisches Gymnasium*, tipo mais tradicional de ensino secundário, era rigidamente dividido em nove séries e em todas as nove Willems tinha oito horas semanais de aulas de latim enquanto as outras disciplinas escolares ocupavam duas ou três horas semanais. Além disso, na terceira série o ensino de francês entrava no currículo e, na quarta série, as aulas de grego clássico ocupariam uma posição semelhante ao ensino de latim até o final do curso. Willems, ao recordar de seu tempo enquanto aluno secundarista do *Gymnasium*, relata a discrepância entre o seu ensino e o momento do país. Em meio à Grande Guerra, com a situação de penúria material pela qual o país passava, uma educação dedicada ao ensino clássico parecia destoar do momento de crise que se instalava. Segundo Willems, o estudo dos clássicos, que fornecia aos alunos o que os alemães chamavam de “Bildung” – algo como cultura geral – estava completamente apartado da vida real alemã e não atraía a paixão dos adolescentes. Willems nos narrou que seu desinteresse o tornara um aluno preguiçoso, ficando entediado na maioria das aulas em que os professores, apesar de sua base sólida para o ensino, não dispunham de

³⁰ Autobiografia de Emilio Willems. p.2. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

³¹ Idem.

³² Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems.

inspiração didática, e fazendo o mínimo possível para avançar nas matérias.

Em 1958, Willems publicou na *Revista Anhembi* seu diagnóstico sobre o ensino clássico tal qual ao que foi submetido durante a infância. Apesar de não apontar diretamente para sua experiência biográfica enquanto aluno, e tampouco como professor ginasial (no capítulo 2 ressaltarei que Willems foi professor secundarista em diversas escolas de Santa Catarina, Paraná e São Paulo), só pelo título do artigo, “Agonia das Letras Clássicas”, já temos uma ideia do que o autor achava de tal instrução. Para Willems, “a posição das letras clássicas no currículo secundário dos últimos cem anos é um anacronismo. Nada há de surpreendente no declínio atual do ensino do latim e grego” (WILLEMS, 1958. p. 485). O mesmo diagnóstico é encontrado, também, no relato autobiográfico de 1983. Conforme escreveu Willems,

O colégio clássico era uma relíquia do passado, quase totalmente alheio à realidade social do século vinte. Correspondia ao gosto literário de uma sociedade pré-industrial em que a educação colegial fora monopólio de uma minúscula classe social, despreocupadamente dedicada à conservação de uma tradição vetusta e quasi sagrada. O cataclismo da guerra e as convulsões político-econômicas que a seguiram, não constituíam ambiente propício a tais empenhos³³.

Segundo Willems, tal ensino figuraria apenas no “lastro cultural das elites intelectuais” que, “gozando de posições privilegiadas, puderam segregar-se das massas e entregar-se a tentativas de reconstruir a atmosfera estética que parecia emanar das obras de um Homero, Sófocles, Ovídio ou Horácio” (1958. p.486). Além disso, escreveu Willems sobre a disciplina empenhada para o estudo clássico:

Não há dúvida de que o estudo das letras clássicas impõe uma disciplina mental extraordinariamente rigorosa. O domínio eficiente do latim e grego requer longos anos de estudos gramaticais, que, por falta de motivações espontâneas, se transformam, no correr do tempo, no mais tedioso drill, imposto por uma disciplina das mais draconianas. Agindo em dois sentidos diferentes, essa disciplina domina, acima de tudo, o ambiente interno da escola (WILLEMS, 1958. p.486).

No entanto, o ensinamento clássico inspirou Emil em outras direções. O estudo no *Gymnasium* desenvolveu no aluno um gosto profundo pela literatura a ponto de Willems almejar uma carreira de escritor. E, de fato, escreveu poemas e peças,

³³ Autobiografia de Emilio Willems. p.2. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

influenciado por Rainer Maria Rilke (1875-1926)³⁴ e Franz Werfel (1890-1945)³⁵, e publicou em 1926 um volume de 62 páginas com suas poesias que foi bem recebido apenas na crítica do jornal local, tendo dois de seus poemas sido musicados pelo compositor Fritz Fleck (1880-1933)³⁶. Infelizmente, não consegui localizar os poemas escritos por Willems, mas o reconhecimento que o jovem escritor faz às suas influências literárias são reveladoras sobre o contexto cultural da Alemanha nos primeiros 20 anos do século passado. Ao descrever o ambiente intelectual e artístico em *A Cultura de Weimar* (1978), Peter Gay discorre sobre a importância de Rilke na literatura do período. Conforme afirma Gay:

Rilke estava desembaraçado de um círculo social formal; qualquer um podia fazer parte do culto de Rilke, bastando para isso, lê-lo. E todos o liam. Jovens soldados iam ao encontro da morte com seus versos nos lábios, todos os movimentos de jovens que desempenharam um papel tão importante na vida alemã antes e durante Weimar, tornaram-no um de seus poetas favoritos (GAY, 1978. p. 68).

Assim, a partir dessa rápida recuperação do ambiente intelectual da Alemanha do período da República de Weimar notamos como Willems estava imerso no ambiente cultural e como as suas influências artísticas não foram de forma alguma fortuitas. O papel que a poesia de Rilke teve para a geração de jovens de língua germânica no começo do século passado é revelador sobre o período. E o interesse por poesia enquanto gênero também ocupa um local de destaque. Gay refletiu sobre o tema, analisando “como as memórias pesadamente carregadas de testemunho mostram muitas e muitas vezes, [que] os homens de Weimar eram particularmente suscetíveis à poesia” (1978. p. 82). Da mesma forma, a referência a Franz Werfel, que aparecia no ambiente cultural com versos expressionistas, marcou os jovens da época. Segundo Gay (1978), Werfel “encorajava a rebelião do filho contra o autoritarismo do pai” (p. 135), autoritarismo esse, como vimos, que marcava as relações familiares dos Willems. Werfel, para além da influência aos

³⁴ Rainer Maria Rilke foi um poeta tcheco que se tornou um nome importante na literatura germânica na virada do século. O autor também fez sucesso no Brasil, tendo diversos textos traduzidos por nomes de peso como Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Augusto de Campos.

³⁵ Franz Viktor Werfel foi um escritor tcheco que teve destaque enquanto poeta expressionista, dramaturgo e romancista.

³⁶ O contato com Fritz Fleck, compositor e crítico de música e teatro no início da década de 1920 deu a Willems acesso aos concertos e eventos de ópera de Colônia. No entanto, apesar do sucesso de Fleck enquanto compositor romântico e com o balé *Batyllus*, de sua autoria, apresentado na prestigiosa *Opera House* de Colônia, o musicista sentia-se menosprezado pelo mundo artístico. Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. Dentre as obras de Fleck encontram-se *Fünf Gesänge für eine Singstimme mit Klavierbegleitung* que podem ser acessadas em https://imslp.org/wiki/Category:Fleck,_Fritz Acesso em 30/10/2019.

versos do jovem Willems, foi também referenciado em “A Sociologia do Snobismo”, publicado por Willems em 1939³⁷.

A impressão que Willems guardou de seus poemas de juventude e que nos relata em sua autobiografia de 1993 era apenas de que eles deviam ser bem ruins, a ponto de o autor abandonar logo a ideia de se dedicar à literatura³⁸. Entretanto, a despeito da paixão pela literatura, ser escritor não foi a primeira ocupação almejada pelo jovem Emil enquanto aluno secundarista. Seu interesse pela música, em especial pelo violoncelo, era tão forte que ele chegou a vislumbrar uma carreira profissional como músico. Na juventude, ao encontro dos “movimentos de jovens” ao qual Gay se refere, Willems lançou com seus colegas uma “Association for Modern Literature and Music”, em que ele e seus colegas participavam de aparições públicas em Colônia recitando poesias com o acompanhamento do piano e do cello. No entanto, a carreira de músico foi rapidamente abortada por Willems devido a suas modestas habilidades musicais para prosseguir com a carreira profissional³⁹.

Se Willems era realmente ruim como poeta e músico ou apenas muito crítico em relação às suas composições de juventude não posso afirmar, mas o fato de uma editora ter publicado um de seus livros e suas peças terem sido musicadas por um compositor local talvez indique que tanto autor como parte da crítica não considerava suas produções artísticas tão ruins. Contudo, quem se depara com o estilo dos textos acadêmicos do antropólogo dificilmente vislumbra alguma pretensão poética ou musical, pelo contrário. A separação entre escrita “científica” e “literária” é clara e nos textos acadêmicos de Willems a concepção cientificista predomina. Mas se os seus interesses literários “não foram além de ensaios imaturos e mal-acabados”, produziram no aluno um gosto pelo manuseio da língua que, mais tarde, se estendeu ao estudo de outros idiomas⁴⁰.

Thalmann (1988) apontou como única mudança notável da passagem do Império para a República de Weimar, no que diz respeito às universidades, o aumento vertiginoso da quantidade de estudantes. Com o mesmo número de 21 universidades, o número de

³⁷ Willems faz referência ao texto de Franz Werfel: *Der Snobismos als geistige Weltmacht. Jahrbuch des Paul Snolnazy-Verlages*. Berlim: Viena, 1928, e afirma: “(...) O snob vive como repara com muito acerto Werfel no estado de um permanente suicídio 'espiritual'” (WILLEMS, 1939. p.54).

³⁸ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.8.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Autobiografia de Emilio Willems.p.2. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ

estudantes passou de 72.064 em 1913-1914 para 117.811 em 1931-1932, o que “beneficiou essencialmente a disciplinas sócio-econômicas, científicas e técnicas” (THALMANN. 1988. p.74). Para além do enorme crescimento do corpo discente, Ringer mostra como um dos desenvolvimentos mais importantes no ensino superior do período de Weimar foi a criação ou expansão de três novas universidades urbanas: Frankfurt, Hamburgo e, a que nos interessa aqui, Colônia (RINGER, 2000. p. 85). Segundo Ringer, o instituto comercial (Handelshochschule) foi criado em 1901 com a “generosidade e o interesse privado e municipal” (Idem. p. 86). Logo foram criados no instituto a academia de medicina prática (1904), uma organização para o ensino público avançado em direito e política (1906), uma academia (Hochschule) de administração municipal e social (1912), e um instituto de pesquisa de ciências sociais em 1918, que logo adquiriu reputação nos novos campos da sociologia, da psicologia social e da política social, e que, segundo o autor, foi a “verdadeira semente da nova universidade” (Idem. p. 86). Essas seriam as bases segundo as quais se desenvolveria a Universidade. E foi nessa nova universidade que Willems ingressou em 1924 e sobre ela descreveu o desenvolvimento do ensino superior em Colônia. Escreveu o autor:

Antes de 1918, Colônia tinha apenas uma Faculdade de Economia, mas não uma universidade. O governo republicano criou algumas novas universidades, e Colônia recebeu uma delas. A maioria das suas divisões situava-se no edifício da Faculdade de Economia, que tinha se tornado uma das faculdades constituintes da nova universidade. O antigo edifício era demasiado pequeno para acolher a massa de estudantes que crescia rapidamente. É claro que qualquer pessoa que tivesse passado nos exames finais de um Gymnasium credenciado tinha de ser admitida na universidade mediante pedido formal. Eu me inscrevi na Faculdade de Economia, que tinha um corpo docente excepcional, mas as salas de aula estavam muito cheias e os atrasados tinham de se sentar no chão⁴¹.

Na Universidade de Colônia, Willems se deparou com o que mais tarde descreveria como a “liberdade acadêmica” alemã e que iria contrastar com sua experiência nas universidades brasileiras e norte-americanas. Segundo Willems, a universidade não orientava o que os alunos deveriam fazer e nem os cursos que deveriam ser cursados. Foi graças a um aluno veterano, que indicou os primeiros passos acadêmicos de Willems, que

⁴¹ Tradução minha. No Original: “Before 1918 Cologne had only a School of Economics but no university. The republican government established a few new universities, and Cologne received one of them. Most of its divisions were located in the building of the School of Economics which had become one of the constituent colleges of the new university. The old building was much too small to accommodate the rapidly growing mass of students. Of course anybody who had passed the final examinations of an accredited Gymnasium had to be admitted to the university upon formal application. I enrolled in the College of Economics which had an outstanding faculty, but classrooms were incredible crowded, and latecomers had to sit on the floor.” Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.9.

o futuro antropólogo conseguiu planejar sua carreira acadêmica inicial. Além disso, o sistema de ensino alemão não dividia os alunos por anos, misturando veteranos e iniciantes na mesma sala de aula, e a inexistência da ideia de “ano acadêmico” é apontada por Willems⁴² como característica do sistema universitário alemão. Sistema universitário que, segundo Willems, tinha como tradição a mudança, por parte do corpo discente, de instituições pelos mais diversos motivos. Depois de três semestres na Universidade de Colônia, a lotação das salas e o pouco interesse pelas aulas de economia foram motivos suficientes para o aluno decidir mudar. E escolheu, justamente, a Universidade de Berlim, que, para Willems, era, naqueles tempos, uma das principais universidades da Europa. Willems apontou essa transferência como decisiva para sua formação intelectual. Segundo ele, “essa universidade se impunha então pela excelência de seu corpo docente, e foram professores como Sombart (1863-1941)⁴³, Herkner (1863-1932)⁴⁴, Vierkandt (1867-1953)⁴⁵ e outros” que seriam os responsáveis por aguçar sua curiosidade intelectual⁴⁶.

Berlim tornou-se, a partir de 1923, o centro da modernidade. Com 4,3 milhões de habitantes e transformando-se na terceira maior metrópole do mundo, atrás apenas de Nova York e Londres (THALMANN, 1988), a cidade com seu pujante ambiente cultural atraiu Willems como a grande cidade dos teatros da Europa. Em suas memórias, Willems acentuou os trinta teatros e as três casas de óperas das noites culturais de Berlim, e destacou a cena artística da cidade. No entanto, se a cena cultural fervilhava na capital, a cena política não deixava por menos. Os confrontos entre militantes comunistas e nazistas cresciam nas ruas e criavam uma cena de violentas confrontações políticas. Com a liberdade acadêmica que até então ainda lhe era garantida e para fugir das distrações que a vida na metrópole proporcionava, Willems partiu para a Universidade de Münster em

⁴² Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.9.

⁴³ Werner Sombart foi um sociólogo e economista alemão. Doutor em 1888 pela Universidade de Berlim, foi influenciado por Weber e Marx. Em 1917, tornou-se professor em Ciências Político-econômicas na Universidade de Berlim. Para mais informações, ver (NOGUEIRA, ANTONIO DE VASCONCELOS, 2004).

⁴⁴ Heinrich Herkner foi um economista alemão, professor de diversas universidades europeias. Entre 1913 e 1932, foi professor da Frederick William University (hoje Humboldt University) de Berlim

⁴⁵ Alfred Vierkandt foi um cientista social alemão, tendo atuado nas áreas de sociologia, etnografia e psicologia social. Desde 1913 atuava como professor de sociologia na Universidade de Berlim até se aposentar em 1934.

⁴⁶ Autobiografia de Emilio Willems.p.3. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

1926. Nessa “cidade quieta e provincial, não tão distante de Colônia”⁴⁷, realizou os trabalhos universitários em uma boa universidade, segundo as lembranças de Willems. Entretanto, havia um lado negativo, que associava com o que acreditava diagnosticar como um baixo nível intelectual por parte do corpo discente. Permanecendo em Münster até 1927, Willems retornou a Berlim para se graduar e tornou-se um “Diplomvolswirt”, graduado em economia.

Após ter passado um semestre de 1928 em Paris para aperfeiçoar seu francês, Willems retornou a Berlim para o doutoramento, não em economia, disciplina de sua formação, mas no programa de Sociologia, Filosofia, História Moderna e Economia. Com a transferência de Willems para Berlim, o estudante levou também a influência de Leopold von Wiese (1876-1969)⁴⁸, considerado por ele como um pioneiro da sociologia empírica da Universidade de Colônia⁴⁹. Segundo Thalmann, a sociologia da Universidade de Colônia cultivava a “análise das relações interpessoais (Beziehungslehre) de Leopold von Wiese” (1988. p.81), o que fez com que Willems começasse a se interessar por sociologia e o levou a optar por realizar a tese de doutorado nessa disciplina. Interessado pelos trabalhos de comunicação e jornalismo, Willems apresenta ao professor Alfred Vierkandt uma proposta de dissertação sobre as inter-relações entre opinião pública e imprensa, e passa a fazer parte do “pequeno círculo de devotados estudantes” orientados por ele. Além disso, como aluno de Vierkandt, Willems diz ter ganhado acesso a um pequeno grupo de sociólogos, como Karl Dunkmann (1868-1932)⁵⁰, que havia acabado de lançar uma revista de sociologia aplicada, e Theodor Geiger (1891-1952)⁵¹, autor de diversos livros sociológicos bem recebidos na época. A revista de sociologia aplicada (*Archiv für angewandte Soziologie*) criada em 1928 e que, segundo König (KÖNIG, 1987. p.260), acabaria com o monopólio da Revista de Colônia (*Kölner Vierteljahrshfte für*

⁴⁷ Tradução minha. No original: “Münster is a quiet provincial town, not far from Cologne”. Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.11.

⁴⁸ Leopold Max Walther von Wiese und Kaiserswaldau foi um sociólogo alemão, tendo uma atuação importante frente a Universidade de Colônia. Desde 1919 até a ascensão do nazismo foi professor de sociologia na Universidade de Colônia, esteve à frente da Revista da Universidade e foi presidente da Sociedade alemã de sociologia até 1933.

⁴⁹ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.11.

⁵⁰ Karl Dunkmann foi um sociólogo alemão. Em 1924 fundou o Instituto de Sociologia Aplicada em Berlim e a Revista de Sociologia Aplicada *Archiv für angewandte Soziologie* de 1918 até seu falecimento em 1932. Foi também professor na Universidade Técnica de Berlim (Technische Hochschule).

⁵¹ Theodor Julius Geiger foi um sociólogo alemão, especialista em sociologia do direito, estratificação social e mobilidade social. Foi o primeiro professor de sociologia da Dinamarca, na Universidade de Aarhus. Willems descreve Geiger como o autor de diversos livros altamente originais. Autobiografia *My life in three worlds*. p.12.

Soziologie), trouxe em seu volume de 1930 um dos primeiros artigos de Willems, o estudo sobre o Snobismo “Essai über den Snobismus” (WILLEMS, 1930b), e em 1932 o artigo “Der Deutsche Arztestand als Sozialgebilde” (WILLEMS, 1932) (algo como “A profissão médica como estrutura social”). Dunkmann e Geiger são apontados por Willems como duas figuras centrais para seu desenvolvimento acadêmico. Willems comentou que, ao ouvir suas análises críticas das publicações da época, aprendeu mais do que em muitos de seus cursos e foi incentivado a seguir em novos projetos.

Willems não chegou a publicar textos sobre o ambiente cultural e acadêmico da Alemanha, ou especificamente de Berlim nos anos 1920/1930. No entanto, teve acesso e deu sugestões⁵² ao texto que seu colega, René König (1906 -1992)⁵³, de tempos de doutoramento em Berlim, escreveu em 1987. Nesse texto, König se utilizou do *Handwörterbuch der Soziologie*, publicado em 1931 sob a organização de Alfred Vierkandt, como ponto de partida para desenvolver o que seria a sociologia de Berlim em 1930. Apesar de os autores que colaboraram para o *Handwörterbuch* não serem exclusivamente professores ligados à Universidade de Berlim, Vierkandt reuniu no dicionário uma vasta gama de intelectuais, inclusive contrários às concepções sociológicas do organizador, tornando o dicionário, apesar das diversas lacunas que König afirma ter, uma importante publicação que revela as preocupações e correntes teóricas que estavam em disputa na Berlim dos anos 1930. E são esses autores, tais como Werner Sombart, Ferdinand Tönnies (1855-1936)⁵⁴, Hans Freyer (1887-1969)⁵⁵, Karl Mannheim (1893-1947)⁵⁶, além dos já conhecidos Leopold von Wiese, Theodor Geiger, Alfred Vierkandt, para mencionar apenas os autores mais citados por Willems, que

⁵² Conforme indicado em nota de rodapé sobre o capítulo “Soziologie in Berlin um 1930”, Willems leu o manuscrito e deu sugestões importantes antes da publicação (KÖNIG, 1987. p. 258).

⁵³ René König foi um sociólogo alemão, doutorando no mesmo período em que Willems estudava em Berlim. Após obter o PhD, imigrou para a Suíça, fugindo do Nacional-socialismo. A partir de 1949, assumiu a cadeira de sociologia da Universidade de Colônia após o falecimento de von Wiese e se tornou um dos nomes mais importantes da sociologia da cidade, sendo o responsável pela publicação da revista *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*.

⁵⁴ Ferdinand Tönnies foi um sociólogo alemão, formado na Universidade de Kiev, onde tornou-se livre-docente em 1881 e foi professor de ciência política e de sociologia na mesma instituição. Segundo Willems: “a sua obra principal, *Comunidade e Sociedade*, publicada em 1887, não despertou interesse no começo, as tornou-se, neste século, de importância fundamental para o desenvolvimento da sociologia na Alemanha. Foi sobretudo a concepção de comunidade que exerceu profunda influência sobre a maioria dos sociólogos contemporâneos (...)” (WILLEMS, 1950. p.147).

⁵⁵ Hans Freyer foi um sociólogo alemão e professor das universidades de Kiel e de Leipzig.

⁵⁶ Karl Mannheim foi um filósofo social e sociólogo de origem húngara, professor da Universidade de Frankfurt de 1929 a 1933 e, a partir de 1945, da Universidade de Londres. Segundo o próprio Willems (1950), Mannheim “fez contribuições decisivas para o desenvolvimento da Sociologia do conhecimento” (1950. p. 97).

figuravam no ambiente acadêmico da sociologia germânica em 1930.

O interesse de Willems pelos estudos de comunicação a partir de sua ida a Berlim não é de forma alguma gratuita. Como nos revela Thalmann, “instrumento privilegiado da difusão das ideias e das modas, a imprensa, o rádio e o cinema conhecem um desenvolvimento, mas também uma concentração espetacular na Alemanha de Weimar” (THALMANN, 1988. p. 95), principalmente na capital. Os trabalhos de Willems sobre a *Zeitungswissenschaft* - termo alemão para os estudos de comunicação no período (*Zeitung*/jornal e *wissenschaft*/ciência) -, nesse sentido, estavam associados ao que Auerbeck-Lietz (2014) afirma ser a primeira fase dos estudos de comunicação alemães. Essa primeira fase da ciência do periódico, que remontaria do final do século XIX até a República de Weimar, quando jornalistas, sociólogos e economistas começaram a pensar sobre a imprensa de massas no mundo moderno (Idem. p. 419), teria nos escritos de Weber e Tönnies um ponto fundamental e inspiraria os jovens estudantes como Willems.

Auerbeck-Lietz, em dissertação sobre as perspectivas sociológicas do jornalismo realizadas na Alemanha entre 1927 e 1934, reserva aos estudos de Emil Willems sobre opinião pública e imprensa um subtítulo, “Emil Willems (geb. 1905/ Universität Berlin)” (AUERBECK-LIETZ, 1999. pp. 333-344). O doutoramento de Willems na Universidade de Berlim com o trabalho “*Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen: Ein Beitrag zur speziellen Soziologie*” (WILLEMS, 1930c), além dos artigos “*Die Bekanntheit*” (WILLEMS, 1930a) e “*‘Öffentliche Meinung’ als des Kollektivsubjektes*” (WILLEMS, 1931), é apresentado pela autora em meio ao surgimento de estudos interdisciplinares de sociologia e comunicação. Segundo Auerbeck, Willems teria sido aluno de Emil Dovifat (1890-1969)⁵⁷, jornalista que desde 1928 era diretor do Instituto Alemão de Jornalismo e que participou com ele do “Congresso Internacional de Jornalismo”, realizado em Colônia no mesmo ano. Auerbeck, a partir da análise de documentos da Universidade de Berlim⁵⁸, aponta que em 1928 Willems escreveu ao reitor da universidade solicitando que Dovifat fosse o co-orientador de sua dissertação. No entanto, como o jornalismo ainda não havia sido

⁵⁷ Emil Dovifat foi um jornalista alemão nomeado professor extraordinário de ciência de jornais e jornalismo geral na Universidade de Berlim em 1926. Trabalhou para o Ministério da Propaganda Nazista e fundou e colaborou com diversos jornais germânicos.

⁵⁸ A autora afirma que tentou contato com Willems por telefone durante o período de sua pesquisa de mestrado, mas o professor se recusou a comentar seus estudos sobre imprensa. Como veremos ao analisarmos o caráter biográfico dos escritos de Willems, ele aparece caracterizado pela reclusão e aversão em compartilhar dados para além dos seus trabalhos.

admitido como disciplina na universidade de Berlim, o escritório do reitor rejeitou a solicitação de Willems, que foi orientado apenas por Vierkandt (AVERBECK, 1999. p. 333).

O interesse de Willems pela imprensa não foi apenas teórico. Em 1930, com a falta de empregos na capital, Emil iniciou uma rápida carreira como repórter de tribunais de justiça para um jornal dos arredores de Düsseldorf, mas, segundo Willems, além da maioria dos julgamentos serem desinteressantes, o pagamento era irrisório. Foi acompanhando os julgamentos “de alguns heróis nazistas que foram indiciados por agressão ou assassinato” que Willems abriu os olhos para as atividades criminosas das tropas de Hitler⁵⁹. Foi assistindo a esses “muitos processos contra nazistas acusados de crimes de violência, notáveis pela crueldade bárbara com que foram executados”⁶⁰ que Willems “já não tinha ilusões quanto à natureza bestial de um possível regime nazista”⁶¹.

Tem fim, com isso, o que Oracy Nogueira classificou como a primeira fase da evolução intelectual de Willems: fase que abarca “essencialmente a de formação e de início dos trabalhos extra-acadêmicos ou extra-escolares e se encerra em 1931, com a vinda para o Brasil”⁶². Nogueira apontou como a influência nesse período de formação é maciçamente clássica e germânica, exemplificada em “publicações [que] refletem um interesse pela comunicação de massa (imprensa) e por temas afins como o teatro e o comportamento expressivo (Snobismo)”⁶³.

1.1.1.O Retorno à Alemanha

Ouvintes alemães!

É um escritor alemão que vos fala, um escritor que, assim como sua obra, foi proscrito pelos governantes alemães, e cujos livros, mesmo que tratem daquilo que é mais alemão, de Goethe, por exemplo, só podem falar a povos estrangeiros e livres na língua deles, enquanto

⁵⁹ No Original: “But few trials were newaworthly, and the pay was no more than a little pocket money, and sometimes not even that. By the way I attended the trials of a few Nazi heroes who had been indicated for assault or murder. These trials opened my eyes to the criminal activities of Hitler’s storm troopers” Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.12.

⁶⁰ Autobiografia de Emilio Willems. p.4. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

⁶¹ Idem.

⁶² Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia. p.27. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ.

⁶³ Idem. pp.27-28.

para vocês têm de permanecer mudos e desconhecidos. Minha obra retornará a vocês um dia, estou certo, mesmo que eu próprio não possa mais fazê-lo. (Thomas Mann)⁶⁴

Após deixar sua terra natal devido “à crise econômica e iminente catástrofe política que iria abalar a Alemanha” (CORREIA, 2013. p. 319), Emil Willems, agora Emilio Willems⁶⁵, retornou ao seu país, após a Segunda Guerra, em algumas ocasiões. Com a Alemanha manteve também uma rede acadêmica, na forma de publicações de algumas de suas contribuições teóricas. Por exemplo, segundo o Obituário publicado pela *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, foram publicados, de 1949 a 1984, 11 artigos de Willems no periódico (LÜSCHEN, 1998. pp. 206-207). Seu colega e amigo René König relatou que as atividades profissionais de Willems foram reconhecidas na República Federal da Alemanha, sendo ele eleito membro correspondente e, posteriormente, membro honorário da Sociedade Alemã de Sociologia. Publicando regularmente e lecionando diversas aulas e palestras como professor visitante nas universidades da Alemanha Ocidental, a presença de Willems na academia alemã aumentou após sua ida para os EUA em 1948. Além disso, suas publicações do período em que chegou no Brasil foram republicadas na Alemanha como “contribuições valiosas para a pesquisa social básica” (KÖNIG, 1986. p.vii). Seus artigos para a *Kölner Zeitschrift Für Soziologie und Sozial-Psychologie*⁶⁶ e seu interesse por seu país de origem têm em seu último grande livro publicado pela Vanderbilt Press (WILLEMS, 1986) o seu ponto culminante, fechando assim um ciclo, em que voltou a refletir sobre seu país de origem. Sua última grande empreitada foi exatamente sobre o militarismo Prussiano-Alemão, que teria como expressão máxima a ascensão nazista que levou Willems a emigrar para o Brasil.

Enquanto esteve no Brasil, Willems publicou sobre a sociologia alemã, e podemos ver como o autor acompanhou o estado da disciplina em seu país de origem, desde a ascensão do nacional-socialismo até o ressurgimento dos antigos institutos de pesquisa.

⁶⁴ MANN, Thomas. *Discursos contra Hitler: ouvintes alemães! (1940-1945)*. Zahar, Rio de Janeiro, 2009, p. 15.

⁶⁵ Não encontrei nenhum comentário de Willems sobre a mudança de nome. A única referência a esse fato encontra-se em um texto de Oracy Nogueira em que este comenta sobre a figura do professor nas universidades paulistas na década de 1940: “Seu nome era Emilio Willems, com o prenome aportuguezado desde seu aparecimento na cidade”. Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia. p.4. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ.

⁶⁶ Sobre a história da Revista ver: (DREIER, 2017) e (MOEBIUS, 2017).

Em 1939, o autor escreveu uma pequena nota para a recém-criada *Revista Sociologia* denominada “A Sociologia Alemã”:

Com o advento do regime totalitário a florescente Sociologia alemã entrou em uma fase de agonia. Não é de admirar-se que os dirigentes da nova Alemanha considerem a Sociologia como ciência ‘dissolvente’, substituindo-a por uma filosofia social oficial. Daí o fato de que não somente os sociólogos judeus, mas também outros, mesmo aqueles sem cor política nenhuma se encontram hoje no estrangeiro. Leopold von Wiese vive nos Estados Unidos, tendo já publicado, em colaboração com Howard Becker, uma edição americana de sua obra principal. Karl Mannheim é lente [sic] da Universidade de Londres. Theodoro Geiger está na Dinamarca. Outros há que vivem na Suíça [sic] ou na França. Os poucos remanescentes foram reduzidos a silêncio ou dedicam-se a estudos menos ‘perigosos’. Ferdinand Tönnies e Karl Durkheim morreram há poucos anos e outros como Werner Sombart e Alfred Vierkandt estão muito velhos... As duas grandes revistas sociológicas dirigidas por Leopold von Wiese e Richard Thurnwald há muito que deixaram de existir (WILLEMS, 1939. p.108).

Conforme salienta Villas Bôas (VILLAS BÔAS, 2006. p.66), apoiada nos números apurados por König (KÖNIG, 1981), é impossível não discutir as consequências teóricas, temáticas e institucionais da violenta ruptura ocasionada pelo regime Nacional-socialista, em que 3.120 professores universitários, dentre eles 234 das áreas de economia e ciências sociais, foram dispersados por instituições estrangeiras. Esse sentimento de agonia iria perdurar até 1948, ano em que Willems volta a escrever sobre a situação da disciplina na Alemanha, mesmo já com a guerra finda. Em 1948, Willems escreveu na imprensa brasileira sobre o que seria o “renascimento” da sociologia alemã após o período nazista. Escreveu otimista o professor:

Depois de quinze anos de silêncio chegam da Alemanha os primeiros sinais de renascimento da Sociologia. É certamente uma prova de vitalidade desta ciência que após um período de perseguição e obscurantismo inqualificáveis procura reerguer-se e reagrupar o pequeno número de seus representantes que conseguiram sobreviver a catástrofe totalitária. Reorganizou-se a Sociedade Alemã de Sociologia sob a presidência de Leopold Von Wiese e agora está voltando a vida a mais prestigiosa revista sociológica em idioma alemão também sob a direção do sociólogo de Colônia.⁶⁷

O “renascimento” das atividades do Instituto de Colônia, e principalmente da Revista Sociológica de Colônia (*Kölner Zeitschrift für Soziologie*), também aparece na seção “Fatos e Livros” da *Revista Sociologia* em 1949. Escreveu Willems sobre a Revista:

Em abril de 1934, Leopold von Wiese, diretor da Revista Sociológica de Colônia, despediu-se de seus leitores, encerrando doze anos de vida extremamente fecundos desse órgão que ocupava uma posição de relevo na literatura periódica especializada em ciências sociais. Às imposições nazistas

⁶⁷ WILLEMS, Emilio. “Uma Nova Ética Social.” *O Estado de S. Paulo*, domingo, 12 de setembro de 1948, p.4.

von Wiese preferiu o silêncio. Fechou-se a revista e encerraram-se as atividades do Instituto de Pesquisa Sociais da Universidade de Colônia. Agora, após outros doze anos, anos de opressão e ignomínia, Instituto e Revista renasceram. Os dois primeiros números publicaram-se em fins de 1948 (WILLEMS, 1949. p. 90).

O retorno dos trabalhos do Instituto de Pesquisas Sociais de Colônia, e principalmente a revista daquela instituição, fizeram Willems rever sua relação com o campo da sociologia germânica. Se até 1931 Willems publicava na *Kölner Vierteljahreshefte für Soziologie*⁶⁸, a partir da década de 1950 passou a publicar na nova revista de Colônia, que ressurgiu com novo nome. No entanto, não foi apenas o nome da revista que mudou. O ambiente acadêmico da Alemanha e a sociologia, após anos de Nacional-socialismo, tinham sofrido uma ruptura. Continuou Willems a escrever sobre o “renascimento” da Revista:

Evidentemente, não é fácil reorganizar uma ciência sem dispôr dos elementos humanos indispensáveis. Da velha geração pouquíssimos sobreviveram e os mais novos dispersaram-se pelo mundo afora. Somente graças ao otimismo e à extraordinária tenacidade de seu velho diretor, a revista pôde reerguer-se (WILLEMS, 1949. p. 90).

Apesar de animado com o ressurgimento da revista e, mais amplamente, da sociologia alemã, Willems não deixou de ter suas críticas. Ao ler os primeiros volumes da revista de Colônia, ele notou “que certos defeitos metodológicos da sociologia, assim como era compreendida outrora na Alemanha e na Europa em geral, sobreviveram tenazmente constituindo atualmente verdadeiros anacronismos” (WILLEMS, 1949. p.91). Para Willems, a diferença entre uma sociologia empírica e especulativa fazia dos estudos anacrônicos, uma vez que “na pesquisa empírica os fatos não são sistematicamente investigados, mas tomados como pontos de partida para reflexões especulativas e classificações prematuras” (Idem), e tais estudos, para Willems, “pouco ou nada têm que ver com ciência” (Idem. p. 92).

O período do retorno de Willems aos escritos sociológicos alemães coincidiu com o das primeiras idas do professor para lecionar nos EUA. O renascimento do instituto e da revista de Colônia em 1948 ocorreram no mesmo ano em que Willems foi convidado para lecionar na *summer school* na Universidade Vanderbilt. Não deixa de ser curioso que o seu país de origem e o país escolhido para seu futuro tenham no ano de 1948 um marco na trajetória do professor.

⁶⁸ Willems publicou na *Kölner Vierteljahreshefte für Soziologie* os seguintes artigos: “Die Bekanntschaft”(1930) e “Soziologie in Brasilien“ (1932).

E foi na década de 1950 que Willems pôde retornar fisicamente para o seu país de origem. Em 1954, Willems partiu de Nashville para a Europa para realizar pesquisas em Portugal sobre a estrutura da família portuguesa⁶⁹ e sobre sua comparação com a do Brasil. Aproveitando a estadia na Europa, visitou Paris e partiu, junto com sua esposa, para Colônia. Seria a primeira visita do casal à cidade depois de 22 anos. A família sobrevivera à Segunda Guerra. Apesar de os esforços de guerra terem causado mudanças significativas na família, com os irmãos mais jovens de Emilio, Fritz e Heinz, retornando para casa depois de terem sido feitos prisioneiros na Rússia⁷⁰, e de a família de Hilda ter tido que receber remessas de comida e de roupas desde o final da guerra para amenizar a situação de penúria material, Niehl continuou sendo a cidade em que a família residia no pós-guerra. Hilda seria finalmente apresentada oficialmente como esposa de Willems para a família, e o fato de ser protestante já não causava repulsa do forte catolicismo pregado pelos Willems no começo do século⁷¹, sendo agora ela bem recebida. Emil Willems, o pai, agora com 75 anos, pareceu, para Emilio, mais compreensivo e tolerante. Apesar de não trabalhar mais no hospital de Niehl, tendo sido substituído pelos seus dois filhos mais jovens, continuava caçando, hábito que mantinha desde a infância de seu filho⁷².

Apesar de seus reencontros afetivos com sua família e país natal, o estado das universidades e das ciências sociais não lhe agradaram. Escreveu o professor para Florestan Fernandes, que conheceu durante sua passagem pelas instituições de ensino universitário nas quais lecionou em São Paulo na década de 1940:

A Europa, embora sumamente agradável “para se estar nela”, decepcionou-me bastante do ponto de vista intelectual. Portugal é um cemitério, na França tive a impressão de que nada aconteceu desde 1928 quando estava estudando na Universidade de Paris, na Alemanha há dois ou três centros de pesquisa sociológica que “prometem”, mas o resto do pessoal voltou aos assuntos deixados em 1933, também como se nada tivesse

⁶⁹ Com as pesquisas realizadas nessa viagem Willems publicou uma série de artigos como (WILLEMS, 1955b; 1955c). Além disso, em Portugal o professor teve contato com o sociólogo português Jorge Dias (ver SILVA, 2016). Sobre os estudos da família na obra de Willems ver (HOFFNAGEL, 2005).

⁷⁰ Essas são as únicas informações que Willems relata da atuação de sua família durante a Segunda Guerra. Seus irmãos permaneceram presos na URSS até a década de 1950, possivelmente por terem trabalhado enquanto médicos no exército alemão durante a Segunda Guerra. Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems.p.36.

⁷¹ Apesar de Hilda ser bem recebida pelos Willems, em 1956 Fritz Willems, irmão mais novo de Emilio, anunciou o seu casamento com Margard, mulher protestante e causa uma cizânia na família. Fritz casa sem o consentimento da família, que só viria a aceitá-la anos depois, um movimento semelhante à aceitação de Hilda.

⁷² Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.36.

acontecido.⁷³

Em 1956, foi convidado por René König a lecionar por um semestre na Universidade de Colônia, e, pela primeira vez, lecionou uma aula em alemão. Sobre essa nova experiência, confidenciou:

Com algumas exceções achei que a sociologia e antropologia cultural ainda estão mais ou menos no mesmo ponto em que estavam quando eu era estudante. Muita gente escreve como se nada houvesse acontecido entre 1920 e 1956. De modo geral não gostei do que vi. A organização das universidades alemãs é caótica e incrivelmente relaxada. Mas, como disse, há algumas exceções...⁷⁴

Willems relata em sua autobiografia a apreensão em mostrar a bibliografia de seu curso para os alunos alemães, com apenas livros americanos, por lembrar que em seus tempos de aluno quase ninguém era capaz de ler em outras línguas⁷⁵. Mas se “nada aconteceu entre 1920 e 1956”, agora os alunos pelo menos liam em diversos idiomas. Contraste interessante se levarmos em conta as aulas que lecionou no Brasil, em que a literatura estrangeira era apresentada aos alunos sem constrangimentos. Aparentemente foram bem vistas as aulas do professor no semestre de 1956, pois foi com espanto que Willems recebeu o convite para uma posição permanente na Universidade. No entanto, além das duras críticas de Willems ao sistema universitário alemão já apontadas, ele não pretendia voltar a morar na Alemanha.

Willems também escreveu para seu sucessor na cadeira de antropologia da Universidade de São Paulo, Egon Schaden, sobre esse período de cinco meses como professor visitante na Universidade de Colônia, em que também atuou como palestrante nas universidades de Hamburgo, Frankfurt, Mainz e Munique, e em que visitou universidades europeias, principalmente na França e Holanda. No entanto, se nas cartas para Fernandes as universidades alemãs eram só motivo de críticas, na carta de 1957 para Schaden a nova experiência europeia foi descrita também de forma positiva. A crítica ao sistema universitário alemão permaneceu, mas o papel dos museus etnográficos europeus foram um destaque positivo para o professor. Escreveu Willems:

Como um todo, foi uma experiência que valeu a pena. Gostei muito dos museus etnográficos de Paris, Leiden, Roterdã, Hamburgo, Frankfurt, gostei da maioria dos estudantes, mas não posso dizer o mesmo do sistema universitário. Na verdade, a última coisa que gostaria de fazer neste mundo é

⁷³ Carta a Florestan Fernandes, 3 de fevereiro de 1955. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, Caixa 09.AD.01.009. Correspondência: 19550203.

⁷⁴ Carta a Florestan Fernandes, 13 de outubro de 1956. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19561013.

⁷⁵ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.38.

dar aulas numa universidade alemã, ou, aliás, em qualquer universidade europeia (com algumas exceções). O que tornou a nossa estadia em Colônia quase insuportável foi o frio contínuo e o tempo chuvoso⁷⁶.

Apesar de recusar o cargo na Universidade de Colônia, Willems continuou como colaborador nos projetos daquela instituição. Conforme apresentarei ao longo de toda a dissertação, o esforço de Willems em criar materiais didáticos é notório. Se na década de 1920, seu professor Vierkandt foi o responsável por criar o *Handwörterbuch der Soziologie*, no Brasil do final da década de 1930 até 1950 Willems atuou em projetos como a publicação de dois dicionários (1939 e 1950), a Enciclopédia *Leituras Sociológicas* (1940), e a *Revista Sociologia*, e o mesmo pode ser visto na Alemanha pós Segunda Guerra. Em 1958, a convite do amigo dos tempos de doutorado em Berlim, Willems contribuiu com a enciclopédia *Soziologie* (KÖNIG, 1971, [1958]) de René König com os capítulos sobre *Etnologia* (Ethnologie) (1971. pp.181-194), *Sociedades Primitivas* (Primitive Gesellschaften) (1971. pp. 378- 386), e *Sociedades Subdesenvolvidas* (Unterentwickelte Gesellschaften) (1971. pp. 386-395). Conforme apontado por König na introdução da coletânea, “os graves prejuízos causados pelo Nacional-socialismo” ainda mostravam suas verdadeiras dimensões na sociologia alemã com “a ausência quase total de uma geração intermediária de sociólogos”(KÖNIG, 1971. p.16). Além disso, o autor ressaltou a “forte resistência à adoção da metodologia comum ao resto do mundo” (Idem) e, contraintuitivamente, o empirismo exagerado que considerava caracterizar a sociologia alemã no período, carecendo de bases teóricas mais sólidas. Contradizendo a visão de que a sociologia alemã se destacava pelo seu caráter teórico, escreveu König: “Um breve exame da situação real existente na Alemanha mostra que a sociologia alemã, pelo contrário, se move dentro de um importante empirismo, ao lado do qual se observa total falta de teoria” (Idem, p. 16). Dessa forma, para além de “renovar os ensaios antes realizados na Alemanha com o fim de estabelecer uma teoria”, os autores precisariam “adotar com urgência os resultados obtidos no resto do mundo, e que, por culpa do Nacional-socialismo, são desconhecidos na Alemanha” (idem, p.16). A enciclopédia, dessa forma, assumia uma missão de pôr a par a sociologia alemã com o que vinha sendo discutido no resto do mundo, e Willems, com seu conhecimento da

⁷⁶ Tradução minha. No original: “On the whole it was a worthwhile experience. I greatly enjoyed the ethnographie museums in Paris, Leyden, Rotterdam, Hamburg, Frankfort, I liked most of the students, but I cannot say the same of the university system. In fact, the last thing in this world I would like to do is teaching in a German university, or for that matter, in any European university (with some exceptions). What made our stay in Cologne almost unbearable was the continuous cold and rainy weather. (...)”. Carta de Emilio Willems a Egon Schaden, 4 de julho de 1957. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. C 143A e 143B.

literatura brasileira e norte-americana, seria uma figura importante para atualizar a academia alemã com a literatura internacional. Segundo o organizador da coletânea:

O diretor da obra e os seus colaboradores agiram com plena consciência da sua responsabilidade e confiam que este livro proporcionará uma impressão real do estado de maturidade da sociologia, hoje muito mais evidente que no decênio de 1920, época em que a sociologia alemã passou a sua última fase de desenvolvimento, sem interferências externas e que tão brutalmente ficou truncada em 1933 (Idem. p.18).

Aposentado da Universidade de Vanderbilt, Willems pôde se dedicar ao seu último projeto de pesquisa e que resultou no livro *A Way of life and death: three centuries of prussian-German Militarism in Anthropological Perspective* (1986), escrito em inglês, mas publicado primeiramente na Alemanha como *Der preußisch-deutsche Militarismus: Ein Kulturkomplex im Sozialen Wandel* (WILLEMS, 1984). Depois de anos dedicando-se a pesquisas sobre a América Latina, especialmente sobre o Brasil, o professor voltou-se, em seu último grande projeto, para o seu país de origem para averiguar as origens do totalitarismo que teriam como resultado a ascensão do nazismo. Se o foco mudou das Américas para a Alemanha, a justificativa do que levou o professor a escrever tal livro ainda pairava sobre o contexto latino-americano. Segundo o autor, as publicações que analisavam os problemas políticos da América Latina rotulavam os regimes militares como exemplos de militarismo, definição essa que Willems achava absurda. Em livro específico sobre a cultura latino-americana, Willems separa um subtítulo para discorrer sobre “o militarismo e o governo militar” (“militarism and military government”) (WILLEMS, 1975. pp. 302-307). Apesar de afirmar terem ocorrido 81 golpes militares bem-sucedidos na América Latina entre 1930 e 1966⁷⁷, e ter residido no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945) e visitado o país durante a ditadura cívico-militar (1964-1985), Willems considerava que o conceito “militarismo” não se aplicava à região, como fazem crer alguns autores. Conforme escreveu Willems, na região existiram governos militares e regimes militares, mas não as características culturais de uma sociedade militarizada. Dessa forma, decidiu apresentar uma análise do “real militarismo” e selecionou seu caso mais flagrante: o reino prussiano e seu herdeiro, o império alemão⁷⁸. Com isso, mesmo passando por diversos regimes ditatoriais na América Latina, Willems ainda tinha na escalada autoritária da Alemanha dos anos 1920 uma referência mais clara de militarismo. O livro, publicado na Alemanha (1984) e nos EUA (1986), apresenta cinco categorias

⁷⁷ O autor atribui esse número a levantamento feito por Claudio Veliz, em seu livro. *The Politics of Conformity in Latin America*. (1967).

⁷⁸ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.52.

para definir o militarismo: a tendência em se usar a guerra em detrimento de outros meios para resolver conflitos internacionais; poder político militar; apropriação dos recursos da sociedade para manutenção e desenvolvimento do exército; a disciplina incondicional às ordens de autoridades superiores e atitude submissa, com reverência a símbolos militares; e, por fim, a glorificação da guerra (WILLEMS, 1986). Essas cinco características combinadas poderiam ser aplicadas à sociedade prussiana e denotariam o que o autor chamou de militarismo como um complexo cultural.

Se, como descrito anteriormente, são retomadas as relações acadêmicas de Willems com a Alemanha após 1948, o mesmo não pode ser dito sobre a recepção das obras alemãs do professor no Brasil. Ao emigrar para o Brasil em 1931, Willems, além de levar as concepções sociológicas com às quais entrou em contato em sua formação alemã, como analisaremos a seguir, publicou trabalhos que retomam suas preocupações enquanto estudante de doutorado, como o seu ensaio sobre o snobismo e sobre a opinião pública. Ao voltar seus estudos para a Alemanha na década de 1980, no entanto, o professor não encontrou interesse no mercado editorial brasileiro. O livro sobre o militarismo não encontrou apoio editorial para ser traduzido e vendido no Brasil. Em cartas para Oracy Nogueira⁷⁹, Willems ventilou a ideia de publicar no Brasil⁸⁰, mas se nem mesmo as obras de Willems escritas sobre o Brasil a partir de sua ida aos EUA não atraíram o interesse das editoras do país, seria demais imaginar que uma obra sobre o militarismo alemão o tivessem.

1.2.A Antropologia Alemã no Brasil

Emilio Willems foi, sem dúvida, um dos autores responsáveis pela difusão de escritos sociológicos alemães no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. Na bibliografia que compreende a recepção da obra de autores alemães no Brasil, a referência aos trabalhos de Willems aparece como ponto pacífico entre os especialistas como um dos primeiros

⁷⁹ Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.11. Correspondências (C). FIOCRUZ.

⁸⁰ Durante a troca de correspondência sobre o volume da editora Ática organizado por Oracy Nogueira sobre Willems, escreve o professor alemão: “Está por sair minha monografia sobre o militarismo prussiano-alemão. Você estaria disposto a indagar se a Editora Ática está interessada em assuntos desta espécie?” Carta de Emilio Willems a Oracy Nogueira, 19 de fevereiro de 1984. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.11. Correspondências (C). FIOCRUZ.

autores responsáveis por trazer ao circuito sociológico brasileiro as concepções em voga na Alemanha dos anos de 1920 (Cf. DIAS, 1974; VILLAS BÔAS, 2006, 2014; WAIZBORT, 2007, entre outros). Como pontuou Villas Bôas:

Não faz muito tempo, admitia-se que a sociologia brasileira era resultado de um casamento bem sucedido entre a teoria sociológica francesa e o empirismo da pesquisa norte-americana. Agora parece que é a vez da sociologia alemã ocupar um lugar de destaque (2006, p 20).

Willems aparece como um personagem importante nesse local de destaque da sociologia alemã que chegou ao Brasil. Dessa forma, a pergunta realizada por Mariana Françoze ao escrever sobre o papel do também alemão Herbert Baldus frente à *Revista do Museu Paulista* não poderia ser mais apropriada para o intento aqui: “Qual a relação entre a antropologia praticada e produzida no Brasil e as teorias e as correntes antropológicas dos países de língua germânica com as quais aqueles pensadores mantinham estreito contato [?]” (FRANÇOZO, 2005, p. 603). Posto de forma específica aqui, qual a relação entre os autores e as concepções que Willems trazia dos círculos sociológicos de Colônia e Berlim e as práticas de ensino e pesquisa que aqui estabeleceu?

Villas Bôas (2006) ressalta três modalidades de leitura e apropriação de sociólogos alemães nos circuitos internacionais brasileiros, sendo que na primeira delas Willems teve um papel fundamental. Segundo a autora, “a primeira modalidade define-se pela leitura de autores alemães que são reinterpretados e utilizados na reflexão e na pesquisa sociológica” (VILLAS BÔAS, 2006, p.18). Essa modalidade se estende desde o início da institucionalização da disciplina. Segundo a autora:

Desde o início da institucionalização das ciências sociais nos anos 40 e 50 houve interesse pelos autores alemães, assim como boas traduções e publicações, além de efetiva leitura e apropriação de concepções, ideias e conceitos pelo pensamento sociológico brasileiro (Idem, p.17).

Os esforços ao longo dos anos em que esteve no Brasil para produzir material didático, como o *Dicionário de Etnologia e Sociologia* (1939), a *Revista Sociologia*, a partir de 1939, e a enciclopédia *Leituras Sociológicas* (WILLEMS & BARRETO, 1940), além das disciplinas que ministrou na Universidade de São Paulo e na Escola Livre de Sociologia e Política e das traduções realizadas, bem como de suas pesquisas, foram um foco importante para difundir na academia brasileira concepções que estavam em voga nos circuitos sociológicos da Alemanha até os anos 1930.

A seguir, mostrarei como os projetos didáticos citados do professor tinham nos circuitos sociológicos de Berlim uma referência fundamental. Por fim, partindo da literatura brasileira sobre a recepção da sociologia alemã no Brasil, veremos como

Willems foi central para a recepção de concepções sociológicas dos clássicos Mannheim, Simmel e Weber.

Como dito anteriormente, o papel de Willems frente à *Revista Sociologia* foi fundamental na tradução e aplicação de obras desses autores e será desenvolvida aqui.

Como chegavam ao Brasil, nos anos 40-50, justamente aqueles sociólogos alemães que ocuparam um lugar de destaque nas primeiras décadas do século nas cidades de Berlim, Kiel e Colônia? Um dos caminhos foi, sem dúvida, a *Revista Sociologia*. Fundado em 1939, esse periódico exerceu um papel importantíssimo na divulgação da sociologia alemã no país, principalmente naquele contexto histórico, em que a produção de livros e o mercado editorial começava a dar seus primeiros passos (VILLAS BÔAS, 2006, p.75).

Esses “primeiros passos” do mercado editorial brasileiro também podem ser vistos em *Leituras Sociológicas* (WILLEMS & BARRETO, 1940). Essa publicação que apareceu como um volume extra da *Revista Sociologia* (Série Ciências Sociais Volume I das edições da *Revista Sociologia*) tinha como objetivo trazer ao público brasileiro textos considerados fundamentais pelos organizadores para a sociologia dos mais diversos países. Segundo os autores: “(...) tem faltado fontes que promanem ensinamentos de caráter científico. Elas acham-se espalhadas nas inúmeras obras de sociólogos de várias nacionalidades, pelo que o seu acesso nem sempre é fácil, pois exigiria dos estudiosos o conhecimento de muitas línguas” (Idem. p.xiii). Dessa forma, a publicação contava com excertos retirados das obras de diversos autores, e uma das línguas é certamente a alemã. Apesar de não ser a nacionalidade com maior número de autores e nem de excertos publicados na enciclopédia, com 9 autores e 13 excertos, de um total de 39 autores e 77 excertos, os organizadores atribuem à sociologia alemã um papel importante para o desenvolvimento da sociologia e que ainda não estavam ao acesso do grande público. Escreveram:

A Sociologia, como ciência nova, excluídas, é claro, as obras de sociólogos brasileiros, ainda não tem no Brasil uma literatura que seria para desejar-se, pois os poucos livros que se traduzem são de preferência os franceses, não havendo traduções de livros de sociólogos de outras nacionalidades. Não resta a menor dúvida de que na Alemanha, até há pouco, a Sociologia tanto se desenvolveu, e que se desenvolve extraordinariamente, em nossos dias, nos Estados Unidos. Não é possível, pois, a quem queira ter uma visão de conjunto da ciência particular do social o desconhecimento do que se tem feito principalmente nesses dois países (WILLEMS & BARRETO, 1940, p.XIV).

O trecho acima parece revelador sobre o entendimento de Willems sobre as ciências sociais dos três países em questão nesta dissertação. A sociologia alemã, que “tanto se desenvolveu” até a década de 1930 e na qual Willems iniciou sua trajetória

acadêmica; a sociologia brasileira, na qual a literatura e mercado editorial ainda engatinhavam e em que as instituições de ensino superior tinham menos de uma década de existência e com obras francesas como referência; e a sociologia dos EUA, que “se desenvolve extraordinariamente” e que viria a ter, como mostraremos no capítulo 3, grande ressonância na obra de Willems a partir da década de 1940 e que o levaria a emigrar para esse país.

A distribuição dos autores escolhidos e dos excertos selecionados na enciclopédia aparecem da seguinte forma: apesar de afirmarem que os estudos franceses são os que mais são traduzidos no mercado editorial brasileiro, os organizadores os mantêm com o maior número de autores, se divididos por nacionalidade. São 13 autores que compõem 19 excertos. Em segundo lugar há um empate entre os autores alemães e estadunidenses, com 9 autores de cada nacionalidade. A diferença em prol dos americanos é que, enquanto os autores alemães são responsáveis por apenas 13 excertos, os americanos correspondem a incríveis 34, dos 77 existentes. Os brasileiros correspondem a 7 excertos, de 3 autores diferentes. Aparecem ainda um autor da Suécia, bem como da Polônia, da Itália e da Holanda, cada qual com um excerto. Esses números, reveladores de “escolas” sociológicas, devem ser vistos com cuidado. Conforme lembram os próprios organizadores, grande parte do trabalho foi conseguir as devidas autorizações de autores e editores europeus no período da guerra, motivo esse de “não apresentar maior número de excertos de sociólogos europeus, como era nosso desejo” (Idem. p. XV). Mas são indícios importantes das escolhas dos organizadores.

Em relação aos autores alemães, que são os que mais importam aqui neste capítulo, as escolhas dos organizadores mostram personagens bem conhecidas por Willems dos seus tempos de estudante em Colônia e Berlim. Dentre os professores de Willems que aparecem na enciclopédia, figuram Leopold von Wiese (com 1 excerto), Richard Thurnwald (com 3), Alfred Vierkandt (com 2), Theodor Geiger (com 1), além de nomes importantes que eram discutidos na época, como Simmel (com mais 1 excerto), F. Tönnies (com 2), M. Weber (com 1) e W. Roscher (com 1).

O *Dicionário de Etnografia e Sociologia* (1939) também deu um papel de destaque a escolha de conceitos em voga na Alemanha. Se, como apresentado no capítulo 3, o *Dicionário de Sociologia* de 1950 tinha nos intelectuais norte-americanos uma referência fundamental, no Dicionário de 1939 a pesquisa social alemã é o carro-chefe

dos verbetes. Realizado em parceria com o também alemão Herbert Baldus (1899-1970)⁸¹, figura importante na etnologia brasileira e que também estudou em Berlim nos anos 1920, os verbetes do Dicionário têm uma forte ressonância com a etnologia e sociologia alemã do período em que ambos os organizadores eram estudantes. A começar pela dedicatória a Richard Thurnwald (1869-1954), etnólogo e professor de Willems e Baldus em Berlim. Ao realizar uma análise da recorrência de autores nos verbetes do dicionário, é fácil constatar que a maioria é de origem germânica. A começar pelo homenageado na dedicatória, que soma as incríveis 90 citações em verbetes dos mais variados temas. Vierkandt, que, como vimos anteriormente, teve um papel central na sociologia de Berlim na década de 1920 e ao qual um grupo importante de pesquisadores estava ligado, incluindo o jovem Willems, é o segundo autor mais citado, com 42 aparições. Nomes que integravam o grupo berlinense, como Geiger e Dunkmann, também aparecem entre os principais nomes do dicionário, com 22 e 20 citações, respectivamente. Da universidade de Colônia e referência constante nos escritos de Willems sobre o desenvolvimento da sociologia alemã, Leopold von Wiese é referido em 39 verbetes. Para além desse grupo de autores que estiveram em contato direto com os organizadores do dicionário e que foram os mais utilizados nas referências, outros nomes importantes das ciências sociais alemãs aparecem no dicionário, a maioria deles com obras ainda pouco conhecidas do público brasileiro e que viriam a ser fundamentais para a disciplina no Brasil. Simmel, que, como desenvolverei a seguir, teve nos esforços de Willems várias entradas na academia brasileira, aparece em 11 verbetes. Max Weber foi outro autor que aparece em 6 verbetes, todos retirados da *Wirtschaft und Gesellschaft* (1921), que naquele momento ainda não tinha sido traduzido. Karl Mannheim, outro autor traduzido por Willems, aparece em 3 verbetes do dicionário. Somam-se a esses outros nomes importantes, como Tönnies (8 citações), Hans Freyer (7), Franz Oppenheimer (5), Sombart (7) e nomes clássicos como Marx e Kant (2 cada um).

No início da década de 1940, a *Revista Sociologia* anuncia para seus leitores que adquiriu os direitos de tradução e publicação de “Origem, Formação e Transformação do Direito”, de Thurnwald, “notável obra que apresenta a maior e mais moderna documentação etno-sociológica até hoje colhida sobre as origens do direito” (WILLEMS,

⁸¹ Herbert Baldus foi um etnólogo alemão formado em Berlim em 1928. Em 1933 Baldus realizou uma expedição etnológica no Brasil, onde permaneceu devido à ascensão do Nacional-socialismo alemão. Em 1939, juntamente com Willems, tornou-se professor da ELSP em São Paulo, tendo publicado com ele o Dicionário de Etnologia e Sociologia (1939). Sobre a trajetória de Baldus, ver (PASSADOR, 2002).

1941 p.79). Emilio Willems, que realizou a tradução, ao apresentar o autor da obra oferece também uma “Nota Bio-bibliográfica sobre o autor”. Nessa nota, Willems caracterizou Thurnwald como “uma das figuras de maior projeção no campo da Etnologia e Sociologia contemporâneas”. Além disso, aproveitou a oportunidade para, mais uma vez, contrapor a sociologia empírica com a especulativa. Escreveu Willems: “Como sociólogo, Thurnwald combateu sempre a orientação puramente filosófica e especulativa, tão a sabor de certos autores alemães” (1944. p. 238).

O trabalho de Thurnwald e a apropriação do mesmo por Willems também foi citado por Villas Bôas como fundamental na recepção da sociologia alemã no Brasil. Segundo a autora, e apoiando-se no texto de König (1981b. p.39) sobre o autor, Thurnwald era “conhecido em Berlim como etno-sociólogo pouco apaixonado pelas questões políticas”, e “seus escritos sobre o desenvolvimento pareciam um ‘verdadeiro manifesto à época do surgimento do terceiro mundo’”. Dessa forma, segundo Villas Bôas, o “perfil intelectual de Thurnwald muito provavelmente adquiriu novo significado para Willems no Brasil, uma vez que, àquela época, nem o debate sobre o desenvolvimento nem as fronteiras entre a sociologia e a antropologia estavam bem delineados nos meios intelectuais brasileiros” (VILLAS BÔAS, 2006. p.76).

A dissertação com que Willems se inscreve no concurso para a livre docência de sociologia educacional na Universidade de São Paulo (1937) também tem, em suas referências, uma predominância de estudos de autores com os quais Willems lidava na Alemanha. O texto *Mobilidade e Flutuação das Profissões no Brasil e o Problema Educacional* apresenta como literatura consultada os textos de Vierkandt, *Gesellschaftslehre* (1923), de Simmel, com o *Soziologie* (1908), de Karl Dunkmann, com o *Die Lehre vom Beruf* (1922), que, nas palavras de Willems, seria “talvez o livro mais relevante sobre sociologia das profissões” (1937. p. 63), mas também de Von Wiese, com o *Beziehungslehre* (1924) (presente também no *Handwörterbuch*), de Geiser, com o *Die Masse und ihre Aktion* (1926), e de Thurnwald, com *Die Menschliche Gesellschaft* (1935), todos autores com os quais Willems teve contato nos círculos sociológicos de Colônia e Berlim e que constavam como obras de referência para Willems.

1.2.1. Ideologia e Utopia: a tradução de Karl Mannheim

A literatura especializada na recepção da sociologia alemã no Brasil também atribui a Willems um papel importante na veiculação da sociologia de Karl Mannheim. Segundo Villas Bôas, “antes mesmo da publicação dos livros, a *Revista Sociologia*, publicada em São Paulo, e a *Revista do Serviço Público* (DASP), editada no Rio de Janeiro, veiculavam as primeiras notícias e comentários sobre a obra de Mannheim. Na *Revista Sociologia*, artigos de Emilio Willems, Roger Bastide⁸², Antonio Candido⁸³, Florestan Fernandes e Costa Pinto⁸⁴ atestam que havia uma leitura exploratória da obra do autor” (VILLAS BÔAS, 2006. p.115). Além disso, considerando as publicações da revista entre 1939 e 1955, Naara de Luna, que realizou pesquisa sobre a recepção da sociologia alemã na revista, verifica que Mannheim é um dos autores da tradição alemã mais citados, ao lado de Simmel, Marx e Weber (Luna 1998,⁸⁵ apud Villas Bôas, 2006. p.155). Somando-se a isso a utilização de *Ideologie und Utopie* (1929), e dos verbetes “Ideologie e Wissenssoziologie” do já citado *Handwörterbuch* de Vierkandt no *Dicionário de Etnologia e Sociologia* de 1939, percebe-se como Willems ajudou a divulgar as ideias de Mannheim em um período em que sua obra ainda era pouco conhecida.

Além disso, enquanto professor da USP e da ELSP, Willems também estimulou os alunos a lerem Mannheim. Em 1946, por exemplo, Florestan Fernandes escreveu, como trabalho de aproveitamento apresentado à Cadeira de Antropologia do Departamento de Estudos Pós-Graduados da Escola de Sociologia e Política, então ocupada por Willems, um texto sobre a obra de Karl Mannheim, “A concepção de ciência política de K. Mannheim”. Segundo o autor, que republica esse estudo em *Elementos de Sociologia Teórica* (FERNANDES, 1970), o interesse despertado pela obra de Karl

⁸² Roger Bastide (1898-1974) foi um sociólogo francês que esteve presente na missão francesa que fez parte da criação da Universidade de São Paulo. Desde 1938 foi professor catedrático de Sociologia II na FFCL e especialista em religiões Afro-Brasileiras, Sociologia da moda, entre outros temas de interesse sociológico. Sobre a obra de Bastide, ver PEIXOTO (2000);

⁸³ Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017) foi um crítico literário e sociólogo brasileiro formado na FFCL/USP. De 1939 a 1942 cursou Ciências Sociais e em 1942 se tornou assistente de Fernando de Azevedo na Cadeira de Sociologia II. Em 1954 doutorou-se em sociologia com a tese *Parceiros do Rio Bonito* passando, na década de 1950, a se dedicar ao departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

⁸⁴ Luiz de Aguiar Costa Pinto (1920 – 2002) foi um sociólogo brasileiro formado pela Faculdade Nacional de Filosofia (RJ), onde também realizou o seu doutorado (1944) e livre docência (1947). Em 1957 assumiu a diretoria do Centro Latino Americano de Pesquisa em Ciências Sociais (CLAPCS), criada pelo UNESCO.

⁸⁵ A autora realizou uma pesquisa de Iniciação Científica e produziu o Relatório CNPq “Emilio Willems e a recepção da sociologia alemã na *Revista Sociologia*”. Infelizmente, ao entrar em contato com a pesquisadora, fui informado de que não tinha mais as cópias de seu relatório que foi referido nos textos de Villas Bôas (2006) e Waizbort (2007).

Mannheim pesou na decisão de publicar o texto no livro de 1970. O que o levou a colocar a ideia em prática foi a “conveniência de ampliar a documentação existente a respeito de uma das fases mais fecundas do desenvolvimento do ensino das ciências sociais em São Paulo” (idem. p. 223). A influência do interesse de Mannheim em Florestan Fernandes aparece atrelada a Willems em outros momentos também. Tradutor de *Ideologia e Utopia* (MANNHEIM, 1950), Willems teve o papel de difundir obras do autor alemão no Brasil.

O relato de um aluno de Florestan Fernandes é interessante por mostrar como a literatura alemã era encarada no curso de sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na década de 1950. Segundo Fernando Henrique Cardoso (1931-)⁸⁶:

Florestan fazia-nos ler com devoção e devorávamos uma imensa literatura, mormente alemã: Mannheim, Sombart, Weber, Simmel, Freyer. Mas quem nos ‘salvava’ era Raymond Aron, com seu livrinho sobre a sociologia alemã, que ordenava um pouco nossa digestão...

Como contraponto a nosso germanismo havia a influência de um alemão americanizado, Emilio Willers [SIC], tradutor de Mannheim para o português, antropólogo dedicado às pesquisas de campo (CARDOSO, 1988. p.28).

Importante ressaltar, aqui, alguns fatores sobre a literatura sociológica alemã utilizada na faculdade após a saída de Willems. Em primeiro lugar, o relato de Cardoso indica como boa parte dos autores alemães com que Willems trabalhou durante a década de 1940 ainda persistiram na bibliografia sociológica da Universidade de São Paulo com seu ex-aluno Florestan Fernandes. Além disso, o relato mostra como a literatura germânica carecia de uma ordenação e digestão para os estudantes brasileiros. Seja com a intermediação do “livrinho” de Aron ou com o “contraponto” de Willems e suas traduções, a sociologia alemã marcou as gerações seguintes de sociólogos formados pela Universidade de São Paulo. Não menos importante, também, é notarmos que a figura de Willems que ainda ressoava na geração seguinte de estudantes após a sua ida para os EUA tem a grafia errada de seu nome.

1.2.2. Georg Simmel

A presença da sociologia de Simmel no Brasil também passa pelos esforços do personagem desta dissertação apesar de Willems não ter sido seu aluno, uma vez que Simmel deixara a Universidade de Berlim em 1914, antes da chegada de Willems. Ao

⁸⁶ Fernando Henrique Cardoso cursou ciências sociais na FFCL entre 1949 e 1952. Em 1955 tornou-se o primeiro assistente de Florestan Fernandes.

investigar os “primórdios da recepção de Simmel no Brasil”, Waizbort (2007) atenta para o papel de Willems em cinco publicações: *Leituras Sociológicas*, *Revista Sociologia*, *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, *Ensaio sobre o esnobismo* e o prefácio à segunda edição de *Cunha*. Dessa forma, Waizbort indica como Willems teve com seus projetos um importante papel na tradução e na utilização de conceitos simmelianos na academia brasileira. A primeira tradução de um texto de Simmel em português, por exemplo, é atribuída por Waizbort a Willems, na publicação de *Leituras Sociológicas* (1940), na qual um excerto de *Soziologie* (SIMMEL, 1908), “As formas Sociais como Objeto da Sociologia”, é disponibilizado para o público brasileiro. Nesse sentido, o autor nos revela o “fato de Simmel estar presente desde os primórdios da institucionalização das ciências sociais no Brasil” (WAIZBORT, 2007. p. 14), em que a “relação com Simmel era ainda uma relação direta com a obra em alemão, língua nativa de Willems” (Idem. p. 14). Ou seja, antes que houvesse a disponibilidade de acesso à obra de Simmel no Brasil a partir da leitura do autor feita pela Escola de Chicago. Para além da importância da primeira tradução de Simmel no Brasil no manual de introdução à sociologia de Willems e Barreto⁸⁷, outra criação foi fundamental para a difusão das obras de Simmel no país: a *Revista Sociologia*.

Ao analisar o conteúdo da *Revista Sociologia* nos seus primeiros anos (1939-1941), ou seja, o período em que Willems estava fortemente empenhado em sua publicação e que compreende a época em que era professor assistente em Sociologia Educacional, Andrea Alves (1993) nos dá mais elementos para compreender como se deu a presença da obra de Simmel no periódico durante o período. Simmel foi o autor alemão mais citado (apesar de não ser um autor muito mencionado por Willems em sua própria obra). Além disso, segundo o levantamento de Naara Luna (1998. p.20. Apud. WAIZBORT, 2007. p.21), que se estende até 1955, Simmel segue como o autor de língua alemã mais citado (16 artigos). Conforme afirma Andrea Alves,

(...) analisando os conceitos mais recorrentes de 1939, podemos perceber que a revista *Sociologia* imprime uma concepção de sociologia que, devido à influência de Willems, guarda forte relação com a perspectiva simmeliana. Constatamos a forte incidência dos conceitos de ‘fato social formal’, ‘assimilação’ – principal interesse de Willems – e ‘sociabilidade’ (ALVES, 1993. p.15).

⁸⁷ Antenor Romano Barreto (1891-1982) foi professor do Instituto de Educação Caetano de Campos e que seria incorporado a Universidade de São Paulo. Foi professor de sociologia do “Colégio Universitário da Faculdade de Direito da USP. Participou de diversos projetos educacionais, dentre elas a criação da *Revista Sociologia* e de *Leituras Sociológicas* (1940), ambas em co-autoria com Willems.

E continua a autora:

(...) julgamos que a revista *Sociologia* recorre a uma definição simmeliana da sociologia, já que também assinala, sob a denominação de fatos sociais formais, elementos como: interação, associação e assimilação, entre outros (Idem. p. 20).

Além disso, Leopoldo Waizbort (2007) nos lembra como o “texto fulminante sobre a sociologia do esnobismo”, publicado por Willems (1939) é “claramente devedor, e em profundidade de Simmel” (p. 23), apesar de Willems não mencionar o autor. A afirmação de que Willems não cita Simmel no artigo não é inteiramente correta. Willems chega a citar o autor ao afirmar que “Simmel já reconheceu que o cruzamento dos círculos sociais significa a ‘libertação’ da individualidade, proporcionando-lhe a possibilidade de uma relativa autonomia moral e intelectual” (1939. p. 46). No entanto, o argumento de Waizbort é de que a concepção do artigo tem uma profunda inspiração simmeliana, e, nesse sentido, a referência a Simmel não aparece na publicação.

O “*Essai über den Snobismus*”, publicado, como vimos anteriormente, graças ao apoio de Dunkmann e influenciado pelo grupo que orbitava por Vierkandt na Universidade de Berlim, teria sido republicado por Willems em 1939 na *Revista do Arquivo Municipal* sob o título “A Sociologia do Snobismo”⁸⁸ (WILLEMS, 1939) e seria, segundo Waizbort, um índice importante de como a sociologia de Simmel estava presente na obra de Willems.

O *Dicionário de etnologia e sociologia* também é lembrado por Waizbort, que aponta “inúmeros conceitos de impregnação simmeliana” (WAIZBORT, 2007. p. 23), apesar de, conforme citado acima, Simmel não ter figurado entre os autores mais citados pelo dicionário, com 11 aparições.

Por fim, Waizbort cita a referência à Simmel no prefácio da segunda edição de *Cunha: tradição e transição em uma Cultura Rural do Brasil*, agora com o título *Uma Vila Brasileira*. Essa nova edição (que, como apresentarei no segundo capítulo, trouxe mudanças substanciais devido às críticas que a publicação original recebeu) traz a referência da “sociologia simmeliana do conflito como uma das contribuições decisivas para o tipo de investigação” (WAIZBORT. 2007. p.23) que Willems realizaria. Waizbort questiona essa nova referência: “ilusão retrospectiva ou ocultamento germânico em uma

⁸⁸ É curioso notar que este artigo parece ter sido esquecido pelo próprio Willems que, ao listar suas publicações, que acompanhava os seus três relatos autobiográficos (1983; 1993 & 2016), deixa de fora esse texto.

investigação em tempo de guerra? De qualquer forma, revelador” (Idem).

Além disso, conforme aponta Waizbort, ao pensarmos na recepção da obra de Simmel é importante associar outro nome da sociologia alemã. Segundo o autor,

A sociologia formal de von Wiese é sempre vista (...) em unidade com a sociologia formal de Simmel, como um continuador que sistematiza o que em Simmel ainda está desordenado e apenas sugerido. (...) Na revista Sociologia, em cujos inícios von Wiese aparece com destaque, ele é explicitamente caracterizado como sistematizador da sociologia simmeliana e como um continuador seu (...); em mesma medida, quando Simmel é criticado, ele o é em conjunto com von Wiese (WAIZBORT, 2007, p.20).

Dessa forma, considerando a proximidade que Willems tinha com a obra de von Wiese e o elevado número de citações do professor de Colônia, temos mais um indício do papel de Willems na difusão da sociologia simmeliana.

1.2.3. Max Weber

Willems também teve um papel importante na difusão da obra de Max Weber na academia brasileira. Dias (1974) atribui a Willems a mais antiga interpretação sistemática de um tema weberiano, em seu artigo de 1945 “Burocracia e patrimonialismo”, que Mata (MATA, 2013) caracteriza como “um artigo sobre aquelas que viriam a ser as categorias clássicas do weberianismo brasileiro” (Idem. p. 98). Independentemente da disputa entre qual o primeiro autor a utilizar conceitos weberianos no Brasil, o artigo de Willems recebeu destaque na literatura. Nesse pequeno artigo de 6 páginas, “Burocracia e Patrimonialismo: Exemplo de um conflito cultural na organização político-administrativa do Brasil” (1945), Willems utiliza-se dos conceitos weberianos presentes em *Wirtschaft und Gesellschaft* (1926), que à época já havia sido traduzido para o espanhol como *Economia y Sociedad* (1944), aplicando as noções do sociólogo alemão ao Brasil. Segundo o autor,

(...) não há sombra de dúvida de que estamos diante de um fenômeno que em antropologia se chama *conflito cultural*. Duas concepções antagônicas entraram em choque: a burocracia moderna concebida sobretudo como processo de despersonalização e o personalismo como sobrevivência do patrimonialismo. Esse conflito que se faz sentir em toda nossa vida político-administrativa é uma fonte constante de desequilíbrio social e desintegração cultural (WILLEMS, 1945, p. 17).

Em resenha da tradução de *Wirtschaft und Gesellschaft* – Economia e Sociedade - pelo Fondo de Cultura Economica do México, Guerreiro Ramos atribui ao artigo de

Willems pioneirismo ao se utilizar dos conceitos weberianos. Escreve Ramos sobre a aplicação do método tipológico weberiano na avaliação sociológica da organização política e administrativa do Brasil:

Recentemente Emilio Willems, uma das figuras mais representativas da sociologia no Brasil, ao lado de Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Oliveira Viana, Carneiro Leão, fez um lúcido tratamento da administração brasileira, à luz do método tipológico. Neste trabalho, ficou patente que a administração brasileira está atingida de pronunciada hibridez. Nela, ainda persistem muitos resíduos de patrimonialismos, tais como, o regime de pistolões, a sinecura, o personalismo político, tudo isto contraposto à índole do atual estágio da civilização ocidental (RAMOS, 1946. p.14).

Com isso, além da caracterização elogiosa de Guerreiro Ramos ao colocar Willems nesse seleto grupo de “figuras mais representativas da sociologia no Brasil”, o autor apontou no trabalho de Willems o germe do que seria ao longo dos anos uma das questões centrais no debate da ciência política brasileira: o patrimonialismo. Villas Bôas argumenta nesse sentido ao considerar esse artigo de Willems como “a maior contribuição do sociólogo formado pela Universidade de Berlim” (2006. p. 18), em que, “interpretando conceitos weberianos”, foi “lido e relido, discutido e incorporado por especialistas do porte de Vitor Nunes Leal em *Coronelismo, Enxada e Voto*”, assinalando “um dos momentos cruciais da recepção de Max Weber nos circuitos brasileiros” (Idem. p.18).

Esse artigo de Willems também atraiu a atenção de um dos ex-alunos do professor, que em 1983 lecionava na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Oracy Nogueira escreve para Willems para relatar a persistência dos escritos do autor 40 anos depois da publicação do texto. Escreveu Nogueira:

Fiz um seminário com os meus alunos da Faculdade de Economia sobre um texto seu sobre ‘burocracia e patrimonialismo’, da década de 1940, sobre a realidade brasileira, e houve grande interesse, principalmente pela atualidade de suas observações, não obstante tudo que tem acontecido por aqui, no decorrer destes 30 a 40 anos.⁸⁹

Aqui, ao contrário dos outros comentários sobre o texto que ressaltam um suposto pioneirismo no trabalho dos conceitos weberianos no artigo, é a atualidade de uma reflexão de quarenta anos que mereceu reconhecimento por parte de um comentador da obra de Willems. Oracy Nogueira gostou tanto da atualidade desse artigo que, ao organizar o volume biográfico de Willems para a coleção “Grandes Cientistas Sociais”, sugeriu a Willems a inclusão desse artigo entre as obras do professor a serem publicadas.

⁸⁹ Carta de Oracy Nogueira a Emilio Willems, 4 de janeiro de 1983. Oracy Nogueira a Emilio Willems, 4 de janeiro de 1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.11. Correspondências (C). FIOCRUZ.

“Já havia pensado em muitos dos [textos selecionados para a biografia] que sugeriu. Acho indispensável o artigo da *Revista de Administração* sobre o patrimonialismo no Brasil”⁹⁰. O artigo entrou nos planos da publicação e, na introdução do volume, Nogueira mais uma vez destacou a persistência do fenômeno descrito na sociedade brasileira. Escreveu Nogueira:

Finalmente, o artigo “Burocracia e Patrimonialismo” (1945) é uma dissertação sobre as concepções de Weber referidas no título com sua aplicação à realidade brasileira. Nele, Willems mostra como a ética patrimonialista está presente na burocracia oficial e se manifesta no comportamento dos políticos e dos servidores e é tolerada pelo público em geral. Escrito há quase quatro décadas, esse pequeno artigo continua atual, confirmando que, apesar das profundas mudanças econômicas e na distribuição ecológica da população, ocorridas desde sua publicação, o contexto patrimonialismo/paternalismo continua praticamente intocado (NOGUEIRA, 1983. pp.70-71)⁹¹.

Além do artigo supracitado, mais uma vez a recepção do pensamento de um autor alemão “relaciona-se com iniciativas editoriais e acadêmicas” de Willems, com a *Revista Sociologia*, seus dicionários (1939 e 1950), e com *Leituras Sociológicas* (VILLAS BÔAS, 2014. p. 10). Ainda que, conforme aponta Villas Bôas, Weber apareça de maneira tímida nas publicações do período em comparação com os integrantes dos círculos sociológicos acima citados, há uma regularidade nas referências a Weber. O *Dicionário de Sociologia*, por exemplo, “contém muitos verbetes expondo conceitos inequivocamente weberianos” (DIAS, 1974. p. 55).

Por fim, se Willems trouxe consigo uma concepção sociológica da Alemanha para o Brasil, essa sofreu mutações, não só na leitura que se fez das obras, mas na forma como o professor encarou suas pesquisas. Se até a vinda para o Brasil, Willems mantinha interesse por assuntos “clássicos”, mantendo, como observado por Villas Bôas a partir da análise de Alfred Schutz sobre a sociologia alemã, “o exercício de afastar-se de si mesmo, distanciar-se de interesses, inclinações, predileções, da própria biografia” (VILLAS BÔAS, 2006. p. 59), nota-se que, ao emigrar para o Brasil, esse distanciamento aparece relativizado. Uma vez que, “na tradição sociológica brasileira, o distanciamento de si mesmo do pesquisador não é necessariamente um ideal a ser alcançado”, e que “na maioria das vezes, considera-se mais apropriado levar em conta a própria biografia e

⁹⁰ Carta de Oracy Nogueira para Emilio Willems, 21 de fevereiro de 1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Coleção Grandes Cientistas Sociais. 3.1.1. Correspondência. FIOCRUZ.

⁹¹ Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Coleção Grandes Cientistas Sociais. 3.1.2 Textos: Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia. FIOCRUZ

interesses próprios, de modo que o pesquisador assuma ‘o lado em que está’” (Idem. p.60), o interesse do professor por assuntos que perpassam sua biografia passou a ser tratado em sua obra, ainda que não anunciada explicitamente na maioria dos casos. Ao acompanharmos os relatos autobiográficos de Willems, percebemos como o autor retomou alguns fatos de sua biografia em temas de sua obra, como no estudo sobre os camponeses, que remonta ao seu contato com a população rural de Niehl e sobre o qual Willems faz questão de ressaltar em sua biografia como fundamental ao tirá-lo de seu círculo social privilegiado, ou como nos estudos sobre os imigrantes alemães no sul do Brasil e sobre o totalitarismo alemão, para citar apenas alguns dos temas mais conhecidos que o autor pesquisou e que remontam, de forma direta, às experiências pessoais do professor.

Apesar de lidar com temas intimamente ligados à sua trajetória, os trabalhos publicados de Willems raramente se utilizam da primeira pessoa, reservando apenas ao prefácio das publicações pequenos comentários que o aproximam do campo de estudo. Para dar apenas um exemplo dessa posição ambígua de Willems, que, ao mesmo tempo em que aproxima os seus temas de investigação de sua trajetória pessoal recusa expor sua posição abertamente, no artigo em que cita Niehl para analisar a persistência e mudança cultural camponesa, o autor reserva a uma nota a informação de que foi morador da cidade durante quase 30 anos.

Capítulo 2: Emilio Willems no Brasil – A institucionalização da Antropologia Brasileira

Em 1931, Willems emigrou da Alemanha rumo ao Brasil e se estabeleceu em Brusque, em Santa Catarina, onde passou a lecionar em um colégio católico. Após um breve período como professor secundário em Jacarezinho, no Paraná, Willems mudou-se em 1936 para São Paulo, onde, além de ocupar a posição de professor ginásial, passou a ser assistente de Fernando de Azevedo na Universidade de São Paulo, na área de sociologia educacional, para a qual prestou a livre-docência em 1937. Em 1941, assumiu a recém-criada disciplina de antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP e, no mesmo ano, foi convidado por Donald Pierson para lecionar antropologia social e sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP). Foram 18 anos vivendo no Brasil como um dos principais nomes na academia brasileira do período. Sobre sua residência no país, o autor escreveu anos depois:

Eu poderia olhar para trás, para dezoito anos de residência contínua no Brasil, não como um professor visitante, mas como um imigrante que tinha enfrentado a difícil tarefa de ganhar a vida e criar uma família com o escasso rendimento de professor. Embora por vezes frustrante, a adaptação à vida das pequenas cidades brasileiras revelou-se não só inevitável, mas também inestimável, e eventualmente me tornei um membro da classe média brasileira. Em vez de ser uma abstração, sua cultura se tornou a minha cultura. Eu estava me tornando um nativo, mas sem deixar de ser antropólogo. A experiência certamente me deu ampla oportunidade para entender a cultura de dentro e estritamente nos seus próprios termos. Anos de residência em três estados diferentes – Santa Catarina, Paraná e São Paulo – gradualmente expandiram e aprofundaram minha familiaridade com o país⁹² (WILLEMS, 1975. pp. xi-xii).

Neste capítulo, explorarei a relação de Willems com o campo científico no Brasil, dando ênfase na análise do papel assumido pelo professor na institucionalização e no desenvolvimento da antropologia nas universidades nas quais lecionou em São Paulo, bem como na de seus projetos de pesquisa e contribuições para o ambiente acadêmico. Ancorado nos relatos autobiográficos do professor, em cartas trocadas com intelectuais brasileiros, nos materiais oficiais das instituições nas quais se integrou e na bibliografia

⁹² Tradução minha. No original: “(...) I could look back on eighteen years of continuous residence in Brazil, not as a visiting scholar, but as an immigrant who had been facing the difficult task of earning a living and raising a family on the meager income to teacher. Although frustrating at times, adaptation to Brazilian small-town life proved not only inevitable but invaluable, and eventually I found myself to be a member of the Brazilian middle class. Instead of being an abstraction its culture became my own. I was ‘going native’, but without ceasing to be an anthropologist. The experience certainly afforded ample opportunity for me to understand the culture from within and strictly in its own terms. Years of residence in three different states – Santa Catarina, Paraná, and São Paulo – gradually expanded and deepened my familiarity with the country” (WILLEMS, 1975. pp.xi-xii).

sobre a história das ciências sociais em São Paulo, pretendo constituir um panorama da atuação de Willems junto às diversas instituições de ensino e pesquisa pelas quais passou nesse período de sua trajetória. Além disso, é importante ressaltar não só as contribuições que o professor deu para as ciências sociais do país, mas também, e não menos importantes, as marcas deixadas pelo Brasil no pesquisador. Afinal, como escreveu Willems:

A minha transmigração para o Brasil teve influências extraordinárias sobre a minha formação intelectual. Em primeiro lugar, envolveu ajustamentos pessoais profundos que aceitei espontaneamente, sem hesitações ou remorsos. Longe de ser experiência traumática, a passagem de uma cultura a outra chegou a ser fonte de imensa satisfação intelectual.⁹³

2.1. De Brusque a Jacarezinho, de Jacarezinho a São Paulo: de imigrante a professor secundário

Willems embarcou em 1931 rumo ao Brasil a bordo do navio *Antonio Delfino*⁹⁴. Partindo de Hamburgo com destino a Santos, Willems teve, depois de três semanas de viagem, a primeira visão do país no qual residiria pelos próximos 18 anos. Após uma breve passagem pelo Rio de Janeiro, com a visão de suas montanhas e da Baía de Guanabara⁹⁵, o navio atracou em Santos, onde um padre da congregação na qual Willems iria lecionar o aguardava para realizar os trâmites legais de imigração. Depois de um breve período em Santos, Willems embarcou em um pequeno barco costeiro que o levaria até o porto de Itajaí/SC, onde um pequeno caminhão o esperava para levá-lo a seu destino final, Brusque.

Willems afirmou não se lembrar de sua primeira impressão da cidade, mas relatou o grande alívio que sentiu, livre das pressões, e que a vida se mostrou subitamente fácil e descomplicada⁹⁶. Sua única saudade era Hilda, que dentro de alguns meses se juntaria a

⁹³ Autobiografia de Emilio Willems. p.5. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

⁹⁴ “Antonio Delfino” era uma das três embarcações da companhia Hamburg-Süd (HSDG) que desde 1921 realizava o transporte de passageiros entre a Alemanha e o Brasil. Junto com os navios “Cap. Polonio” e “Cap Norte”, o “Antonio Delfino” realizava o percurso da cidade alemã de Hamburgo com destino a portos de cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e Santos, ao longo da década de 1920 e 1930.

⁹⁵ A Baía de Guanabara parece ser uma referência marcante nos relatos da chegada de estrangeiros no Brasil. Em sua famosa lembrança sobre a Baía, escreveu Levi-Strauss: “O Pão de Açúcar, o Corcovado, todos esses pontos tão louvados parecem ao viajante que penetra na Baía como tocos de dentes perdidos nos quatro cantos de uma boca banguela” (LEVI-STRAUSS. 1957. p.78).

⁹⁶ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.13.

Willems em Brusque, quando o casal, longe do fervor religioso da família e das complicações políticas da Alemanha, poderia finalmente se casar.

As primeiras publicações de Willems no Brasil remontam a esse período. Enquanto professor na cidade, lhe foi sugerido que escrevesse sobre a história da região. Willems não prosseguiu com a ideia, mas com uma pesquisa inicial escreveu o seu primeiro artigo no e sobre o Brasil. Em relato autobiográfico, Willems atribuiu a Brusque o interesse em suas primeiras pesquisas:

Originalmente colônia agrícola alemã e, mais tarde, diversificada por imigrantes italianos e alguns de nacionalidades várias, Brusque oferecia o cenário de uma população em pleno processo de aculturação. Achei fascinante a experiência e converti-me, quase imediatamente, em “observador participante”⁹⁷.

Apesar dos maiores estudos de Willems sobre a assimilação e aculturação dos imigrantes alemães terem sido publicados na década de 1940, o autor atribui retrospectivamente ao seu período em Brusque a responsabilidade por seu interesse no tema. De fato, seu primeiro artigo versando sobre os problemas da imigração alemã para o Brasil foi publicado em 1934, um artigo na revista francesa *Revue Internationale de Sociologie*.

Naquele ano, Willems tomou conhecimento de um novo ginásio que seria aberto em Jacarezinho/PR. A nova escola, organizada por membros de uma ordem religiosa, seria a primeira escola secundária da região. O professor, que desde o ano anterior procurava um emprego melhor na educação secundária, realizou os exames de revalidação junto ao Ministério da Educação, necessários à época para poder lecionar no ensino secundário. Em Brusque, por lecionar numa instituição confessional, o registro junto ao ministério não era necessário, mas, para se tornar professor ginásial, era preciso realizar os exames para se habilitar. E foi em Jacarezinho, com o intuito de melhorar o seu português, e aproveitando sua formação em economia, que Willems publicou seu primeiro livro no Brasil, iniciado alguns anos antes, *Elementos de História Geral da Economia* (1936), espécie de manual de introdução para estudantes secundários.

Em 1936, Willems conheceu Antonio Sampaio Doria (1883-1964)⁹⁸, professor de direito na Universidade de São Paulo e dono de um prestigiado colégio particular

⁹⁷ Autobiografia de Emilio Willems. p.5. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

⁹⁸ Antonio de Sampaio Doria foi um jurista brasileiro que assumiu as cátedras de direito constitucional e, posteriormente, de direito internacional privado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

paulistano e de plantações de café no Paraná. Willems conseguiu uma entrevista com Doria e foi contratado para lecionar francês e inglês no Liceu Rio Branco, em São Paulo, partindo com a família para a capital paulista. Se sua trajetória alemã foi caracterizada pela mudança de uma vila camponesa para uma cidade grande e, em seguida, para uma das metrópoles mais pulsantes da Europa, no Brasil Willems passou por um movimento semelhante, seguindo de uma pequena cidade para aquela que nas décadas seguintes seria a cidade de maior crescimento no mundo⁹⁹.

Em São Paulo, Willems passou a fazer parte de um círculo social composto por professores universitários. Dentre os novos contatos, Willems ressaltou “dois homens cuja amizade e influência intelectual contribuíram imensamente para o [s]eu próprio desenvolvimento: Fernando de Azevedo e Herbert Baldus”¹⁰⁰. Fernando de Azevedo, diretor do Instituto de Educação, curso específico para professores secundários e que passou a fazer parte da Universidade de São Paulo e incorporado pela FFCL, convenceu Willems a participar de um concurso no Instituto, no qual Willems defendeu a tese de livre-docência *Mobilidade e flutuação das profissões no Brasil e o problema educacional* (1937). Desde a criação da Universidade, em 1934, cabia aos alunos da FFCL o cumprimento de aulas no Instituto de Educação, curso que antes estava ligado à Escola Normal da Praça da República¹⁰¹, cujo objetivo seria a formação pedagógica em nível universitário. Entre 1936 e 1938, “foi das mais intensas a colaboração entre a Faculdade e o Instituto de Educação, onde os licenciados, simultaneamente com o último ano de curso da Faculdade, frequentavam as aulas que lhes dariam o diploma de professor secundário”¹⁰².

Esse período como professor secundário e do Instituto de Educação é fundamental, não só por fornecer a Willems o contato com a academia e com a

Além de sua atuação jurídica, se empenhou na administração escolar, sendo diretor geral da Instrução Pública do estado de São Paulo em 1920 e autor de livros sobre a questão educacional brasileira.

⁹⁹ Na década de 1950, o slogan corrente em São Paulo era “A cidade que mais cresce no mundo” e a comparação com o crescimento da cidade de Chicago, ocorrido também de forma acelerada algumas décadas antes, era recorrente. A população paulistana, que em 1940 era de 1.326.261, passou na década seguinte a 2.198.096. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

¹⁰⁰ Autobiografia de Emilio Willems. p.6. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

¹⁰¹ O Instituto de Educação Caetano de Campos era localizado na Praça da República e era conhecido como Escola da Praça. De 1938 a 1947 foi ali que a FFCL foi formada, mudando para a Rua Maria Antônia em 1947.

¹⁰² Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949 vol.1, 1953. p.14.

intelectualidade paulista, mas também por ser revelador do movimento educacional naquele momento, intimamente ligado ao desenvolvimento das ciências sociais. Além disso, constava no Decreto de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como uma das finalidades da instituição, “preparar candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior”¹⁰³. Desde o início da Universidade de São Paulo, o Instituto de Educação era um dos alicerces do projeto acadêmico da instituição. Era a formação de professores em nível universitário que regia a atuação da recém-criada universidade. Da mesma forma, a “revolução normalista”, em que intelectuais como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, por exemplo, implementaram o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, trazia ao campo educacional brasileiro a “imposição da sociologia como matéria obrigatória na formação dos professores primários e secundários” (CORREA, 2016. p.81). Nesse sentido, a figura de Fernando de Azevedo¹⁰⁴ à frente do Instituto e da cadeira de sociologia educacional constituía uma iniciativa fundamental para a formação de cientistas sociais em São Paulo.

Conforme aponta Limongi (1989) sobre a relação entre o movimento educacional paulista e a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, existiria uma continuidade dos projetos educacionais que se iniciaram com o projeto de Doria na criação da Faculdade de Educação em 1920, passaram pela reforma realizada por Fernando de Azevedo, responsável pela criação do Instituto de Educação, e atingiram “seu ponto mais alto na criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1934” (LIMONGI, 1989. p.129), ou seja, tanto Doria quanto Fernando de Azevedo, ambos com presença ativa na trajetória de Willems na academia paulista, são reveladoras das agendas que se formavam. No mesmo sentido, lembra que “da ação dos educadores, ressaltam-se ainda os esforços anteriores de introdução da sociologia na escola secundária e da divulgação de textos sociológicos” (Idem. p.138) e que as reformas educacionais foram fundamentais em São Paulo na institucionalização das ciências sociais. Em meio à difusão de textos sociológicos, os projetos de Willems da criação da *Revista Sociologia*, em 1939,

¹⁰³ Decreto Estadual/ SP. n. 6293 de 25 de janeiro de 1934. Em 1942 o Decreto lei. N. 12.511 de 21 de janeiro reorganizou a Faculdade, mas manteve as suas finalidades. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1942/decreto.lei-12511-21.01.1942.html>

¹⁰⁴ Sofre o papel de Fernando de Azevedo na sociologia educacional escreveu Willems: “Fernando de Azevedo vem incorporar-se ao número dos grandes sistematizadores da Sociologia. Predestinado como ninguém, pelo seu passado de organizador da instrução no Brasil, autor de uma reforma do ensino (do Distrito Federal) cujo décimo aniversário foi festivamente comemorado em 1938, ao mesmo tempo titular da cátedra de Sociologia Educacional da Universidade de São Paulo, Fernando de Azevedo reúne todos os requisitos para produzir uma obra tão extraordinária e rara que é esta ‘Sociologia Educacional’” (WILLEMS, 1940. p.215).

a Enciclopédia *Leituras Sociológicas* (WILLEMS & BARRETO, 1940) e o *Dicionário de Etnologia e Sociologia* (BALDUS & WILLEMS, 1939) foram importantes para a divulgação sociológica para o ensino secundário e universitário.

Ao prestar a sua livre-docência, Willems entrou em contato de forma sistemática com uma série de autores brasileiros, fundamentais para o debate sobre pensamento social, como Alberto Torres, Gilberto Freire, Papaterro Limongi, Monteiro Lobato, Oliveira Viana, além do trabalho de Fernando de Azevedo. Segundo escreveu o autor em relato autobiográfico, desde os seus primeiros estudos em Brusque já vinha desenvolvendo um interesse pela literatura brasileira. Segundo Willems:

Meus interesses intelectuais, no entanto, não ficaram restritos a problemas locais. Por intermédio de meu amigo Guilherme Renaux, cheguei a “descobrir” Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre cujo Casa Grande e Senzala acabara de sair em primeira edição. Foi um mundo diferente e totalmente novo para mim que assimilei com uma sofreguidão nunca antes experimentada¹⁰⁵.

Realizando um estudo “do phenomeno de instabilidade profissional” enquanto fornecedor de uma “base para uma ação educacional adequada” (WILLEMS. 1937.p.6), Willems analisou a mobilidade social na sociedade brasileira para uma intervenção educacional. No capítulo 3 mostrarei como Willems tinha em sua concepção de ciência uma antropologia aplicada similar à concepção norte-americana da época. Importante ressaltar, aqui, que os estudos educacionais, na esteira do manifesto dos pioneiros da educação nova de 1932, com seu movimento de renovação educacional, também tinham um caráter de intervenção no sistema educacional, e o trabalho de Willems parece ir nesse sentido: mostrar como a instabilidade profissional se manifestava no Brasil, bem como assinalar a necessidade de uma ação educacional específica para estabilizar a ordem profissional. Se, a partir da década de 1940, Willems teve uma identificação acadêmica com a antropologia aplicada realizada nos EUA, até os anos 1930, e sob a influência de Fernando de Azevedo, Willems considerava a sociologia educacional norte-americana “pragmática” e “immediatista” (WILLEMS, 1940. p.215).

Com o título de livre-docente em mãos, Willems assumiu o cargo de professor assistente de Filosofia Educacional, ministrada por Roldão Lopes de Barros (1884-

¹⁰⁵ Autobiografia de Emilio Willems. p.6. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

1951)¹⁰⁶, e, em 1939, passou a ser assistente em Sociologia da Educação, sob responsabilidade de Fernando de Azevedo. E foi com um decreto de 1938, no qual o Instituto foi incorporado à FFCL, criando assim a “seção de Educação”, que Willems passou a fazer parte do corpo docente da universidade. Pelo decreto, os professores do antigo instituto passaram a fazer parte da Universidade de São Paulo.

Em meio aos novos contatos acadêmicos que Willems passou a ter em São Paulo, é importante destacar sua participação na criação de duas Sociedades distintas: a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia, ambas criadas em 1936 junto ao Departamento de Cultura de São Paulo. Apesar da atuação de Willems aparecer de forma periférica, ele foi um dos Sócios Fundadores da Sociedade de Etnografia e Folclore¹⁰⁷. Nos arquivos da Sociedade constam apenas algumas cartas de Willems datadas de 1937, em que apresenta dúvidas sobre um fenômeno observado enquanto ainda residia em Jacarezinho, e sobre o qual solicitava indicações bibliográficas a respeito. Escreveu Willems ao Presidente da Sociedade, Mário de Andrade, especialista no assunto:

Exemo. Srn. Presidente.

Como sócio da Sociedade de Ethnografia e Folklore tomo a liberdade de dirigir uma consulta ethnografica a digna directoria dessa agremiação. Trata-se de um costume religioso bastante conhecido – segundo fui informado - em Minas Gerais e regiões povoadas por descendentes de Mineiros. Estou-me referindo a uma espécie de procissão feita a meia noite de Sexta-feira Santa, aos cemitérios. Observei tal procissão pela primeira vez em Jacarezinho, norte do Paraná, onde há numerosos elementos mineiros. A procissão, constituída na maior parte de pretos vestidos de lençóis brancos, percorreu as ruas principais da cidade, parando no cemitério antigo, hoje abandonado, murmurando e cantando ali rezas, interrompidas por ruídos bastante estranhos produzidos por uma espécie de tambores ou matracas. Em seguida o cortejo tomou rumo ao cemitério novo, fora da cidade para ali executar as mesmas praticas.

O vigário catholico declarou-me que se tratava de um costume espirita, mas averigui que não se trata absolutamente, de uma prática instituída por qualquer igreja ou seita. (É possível que tenha origem institucional). Entrevistei uma preta que costumava acompanhar a procissão. Ella me declarou simplesmente que iam rezar “pelas almas”.

Muito grato seria á Sociedade de Ethnografia e Folklore se fosse possível saber, entre os sócios, algo de certo sobre origem e significado de tal

¹⁰⁶ Como assinala Costa (2007), Roldão Lopes Barros foi um importante educador paulista, fazendo parte da elaboração do manifesto à educação de 1932. Foi o primeiro professor titular da cadeira de História e Filosofia da Educação, cargo que ocupou até sua aposentadoria.

¹⁰⁷ A Sociedade de Etnografia e Folclore foi criada em 1936 por Mário de Andrade, que estava à frente do Departamento de Cultura de São Paulo. A Sociedade tinha como seus objetivos “promover e divulgar estudos etnográficos, antropológicos e folclóricos”. Sobre a atuação da Sociedade, ver (VALENTINI, 2010).

costume.¹⁰⁸

A partir da leitura dessa carta, podemos vislumbrar como a participação na Sociedade fornecia aos pesquisadores uma rede de contatos para a troca de informações e bibliografia sobre dados etnográficos. Mário de Andrade, tendo consultado membros da Sociedade, respondeu à carta, e foi indicada a Willems uma série de obras para consulta. Willems foi informado de que o fenômeno “não se trata absolutamente de costume espirita, como lhe foi informado pelo vigário de Jacarezinho. Trata-se de deformação popular de costume católico europeu, pelo menos ibérico”¹⁰⁹. Dessa forma, nota-se como o jovem pesquisador, curioso com o fenômeno observado, recorreu à Sociedade para uma instrução de possíveis caminhos de pesquisa. Além de não ter uma atuação mais efetiva na Sociedade, como é possível constatar pela análise dos documentos da sociedade e pela consulta à bibliografia que versa a respeito da instituição, o próprio professor parece não atribuir à instituição um papel de importância em sua passagem pelo Brasil. Em nenhum momento Willems cita a Sociedade em seus relatos autobiográficos ou artigos, da mesma forma, a Sociedade de Sociologia não está presente nos escritos do autor. Na Sociedade de Sociologia, porém, a participação de Willems parece ter sido mais efetiva, inclusive pelo fato de ter ocupado cargos na instituição, como o de primeiro-secretário em 1939, bem como pela proximidade que tinha com Fernando de Azevedo, presidente da entidade no período. Isso torna o silêncio de Willems sobre suas relações com a Sociedade bastante intrigante.

2.2. Emilio Willems e a institucionalização da antropologia

No início do decênio de 1940, um jovem de aparência e nome germânicos, cerca de 35 anos de idade, circulava entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, e a Escola Livre de Sociologia e Política, da mesma cidade, ministrando aulas de Antropologia e de Economia Política, participando de reuniões de docentes, planejando e administrando programas de pesquisa de campo, utilizando intensamente as respectivas bibliotecas. Seu nome era Emilio Willems, com o prenome aporuguezado desde seu aparecimento na cidade. Falava um português fluente, correto e sem qualquer sotaque, ao contrário da maioria dos imigrantes da mesma origem; e exibia com tamanha autoconfiança seu conhecimento da

¹⁰⁸ Carta de Emilio Willems à Mário de Andrade, Presidente da Sociedade de Etnografia e Folclore, 10 de julho de 1937. Arquivo da Sociedade de Etnografia e Folclore, Cx.3, doc 195. Discoteca Oneyda Alvarenga, Centro Cultural São Paulo – Série Catálogo Acervo Histórico.

¹⁰⁹ Carta de Mario de Andrade a Emilio Willems, 16 de agosto de 1937. Arquivo da Sociedade de Etnografia e Folclore, Cx.2, doc 69. Discoteca Oneyda Alvarenga, Centro Cultural São Paulo – Série Catálogo Acervo Histórico.

língua vernácula que se dava o luxo de corrigir os erros gramaticais e ortográficos dos trabalhos escritos dos alunos. Estes, a um tempo cheios de admiração e contrafeitos, discutiam sobre a naturalidade do Professor Willems. Pouco acreditando que houvesse imigrado da Alemanha já adulto e portador de formação universitária, propendiam a crer que fosse descendente de alemães, provavelmente natural de Santa Catarina, de onde viera para São Paulo, a quem os pais houvessem enviado à Alemanha para estudar¹¹⁰.

Esse trecho, escrito por Oracy Nogueira para abrir o livro sobre Emilio Willems para a *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, dá a tônica da atuação do professor nas instituições de ensino superior em São Paulo. Ao longo da década de 1940, Willems assumiu uma posição central no desenvolvimento e institucionalização da antropologia em São Paulo. Ao assumir a recém-criada disciplina de antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), e o também recém-criado Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), ambos em 1941, assim como a fundação da *Revista Sociologia* em 1939 e de seus estudos pioneiros, o professor se tornou uma figura-chave no período. Apresentarei aqui como foi a atuação de Willems nas instituições de ensino paulistas ao longo da década. Em um primeiro momento, no subitem 1.2.1, mostrarei como ocorreu o processo de criação da disciplina de antropologia e, posteriormente, da cadeira de antropologia na FFCL e a concepção de antropologia da instituição. Em seguida, no item 1.2.2, ressaltarei as relações de Willems com a ELSP, e sua aproximação com um modelo norte-americano de pesquisa.

A bibliografia sobre a história das ciências sociais em São Paulo aponta como o seu desenvolvimento está marcado, desde sua origem, pela constituição das duas instituições de ensino superior nas quais Willems lecionou, ambas voltadas para a formação de profissionais na área: a ELSP e a FFCL (LIMONGI, 1989. p.217). Mais do que isso, a literatura ressalta que houve uma clara diferenciação de um projeto acadêmico a partir de São Paulo, em que a então recém-criada Universidade de São Paulo elegeu como mestres os intelectuais franceses como protagonistas de um modelo de ensino enquanto na Escola Livre de Sociologia e Política teria sido instituída uma forma de pesquisa de forte influência norte-americana, cujos representantes teriam, naquele momento, também escolhido o Brasil enquanto objeto de reflexão. Ou seja: um modelo se apoiando na docência e o outro na pesquisa, “dois modelos contrastantes de ciências sociais, tanto em termos dos paradigmas orientadores como também pela história da

¹¹⁰ Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia. p.4. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ.

institucionalização das novas disciplinas” (PEIXOTO, 2001. p.478). A presença de Willems nas duas instituições nos fornece um excelente contexto para analisar com mais vagar a forma como essa clivagem, tão lembrada pela historiografia, considerada constituidora da institucionalização das ciências sociais no Brasil em um período fundamental, era de certa maneira “resolvida” na produção científica de um de seus principais intérpretes. O lugar ambíguo de Willems nessa historiografia (por um lado sempre lembrado como um intelectual-chave nesse processo e, por outro, alguém cuja obra não é de fato conhecida no país) torna-se elemento importante de investigação. Sobre essa dicotomia entre escolas e concepções, Willems se posicionou em diversos momentos. Segundo o professor:

Verifiquei muitas vezes, com espanto, como os campos se dividem entre os jovens egressos das nossas escolas superiores. Aqui os “teóricos” que desprezam a “prática” equivalente, para muitos, à pesquisa. Mantêm-se, com ares de superioridade, no reino do “espírito puro”. Ali os “adversários” que labutam, orgulhosamente, no campo das “realidades práticas” e desdenham de todas as teorias que “nunca combinam com a prática”. O desprezo é mútuo e a incompreensão completa. Frequentemente, esse antagonismo coincide com outro que se acentua, a olhos vistos, entre os representantes de ciências “úteis” e ciências “inúteis”. Creio que esses sintomas refletem certas falhas didáticas na transmissão das ciências, particularmente das ciências sociais. Um dos primeiros conhecimentos que o estudante de Sociologia (e das demais ciências sociais) deve adquirir é o de que teoria e “prática” ou teoria e pesquisa são conceitos complementares e correlatos (WILLEMS, 1946a. p.144).

Ou seja, a dicotomia entre os alunos egressos da USP e da ELSP relatada pela bibliografia, em que teoria de um lado e prática de outro pareciam incompatíveis na concepção das ciências sociais, era confirmada com espanto pelo professor das duas instituições. A partir desse comentário sobre o antagonismo das escolas, a afirmação de Jackson (2009a) de que Willems teria realizado uma espécie de “projeto ecumênico” (2009a. p.184) parece corresponder à tentativa de Willems em ajustar essas “falhas didáticas na transmissão das ciências”, unindo teoria e pesquisa no ensino das duas instituições e na *Revista Sociologia*, criada pelo professor em 1939 e cuja importância será tema do subitem 2.2.4. da presente dissertação.

Esse período em que passou a fazer parte das instituições paulistas também é fundamental na trajetória do professor, pois, como bem ressalta Nogueira¹¹¹, é uma nova fase nos estudos de Willems, com uma diversificação dos temas de suas investigações. Se até sua chegada ao Brasil Willems teria ficado restrito a estudos “clássicos”,

¹¹¹ Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ.

concentrando-se na comunicação de massas e formas expressivas, a partir de sua instalação no país e, principalmente, como professor das duas instituições, há uma maior tendência aos estudos empíricos e com temas ligados ao rural, além do interesse pelos problemas educacionais, assimilação de imigrantes, entre outros. É uma época também marcada pela ampliação das fontes de inspiração teórica, o que consistiria na “maior familiaridade com a Sociologia francesa, graças ao contacto com Fernando de Azevedo, e com os sociólogos e antropólogos norte-americanos contemporâneos dos quais Donald Pierson foi a fonte viva de informações; e na descoberta da literatura ensaística brasileira.”¹¹². Assim, mais uma vez, as diferenças entre as concepções europeias, norte-americanas e brasileiras se cristalizam em figuras e instituições diferentes, das quais Willems fez parte.

Sobre o período, Durham (1982) afirmou a força das instituições paulistas na institucionalização da antropologia brasileira. Segundo a autora:

é nessa época que se institucionalizou o ensino da Antropologia como disciplina independente nas recém-criadas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e foi essa geração que definiu o que passaria a ser a formação de pesquisadores em Antropologia no Brasil. De todos esses centros, o mais dinâmico foi provavelmente o grupo de São Paulo, onde a concentração de três instituições independentes (a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a Escola de Sociologia e Política e o Museu Paulista) e a vinculação de duas delas com o ensino universitário a nível de pós-graduação permitiu a mobilização de alunos na prática da pesquisa, procedimento então inovador no Brasil, multiplicando os recursos humanos utilizados nas investigações. Além do mais, a comunicação entre as instituições favoreceu um clima de debate intelectual e de competição que estabeleceu padrões qualitativos novos para a pesquisa e para a reflexão teórica (DURHAM, 1982. pp. 159-160).

A afirmação de Durham permite especular sobre o quanto a institucionalização das ciências sociais em São Paulo contribuiu para o desenvolvimento das faculdades Brasil afora. Apesar de compreender que o processo descrito nesta dissertação versa especificamente sobre a institucionalização de um modelo paulista em um contexto delimitado, não é possível ignorar o fato de que Willems tentou contribuir para a formação de disciplinas de antropologia fora de São Paulo. Assim, mostrarei em 2.2.3 como Willems ajudou Felte Bezerra (1908-1990)¹¹³ a montar o curso na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, ora como inspiração em um modelo adotado em São Paulo ora com

¹¹² Idem. p.30

¹¹³ Felte Bezerra foi um intelectual sergipano especialista em geografia e antropologia. Bezerra foi aluno de Willems na Escola Livre de Sociologia e Política e manteve um diálogo constante com Willems sobre a *Revista Sociologia* e sobre a formação da Faculdade de Filosofia no Sergipe. Sobre o autor, bem como sobre a crítica de Willems aos seus trabalhos, ver Dantas e Nunes, 2009.

comentários sobre os problemas a serem enfrentados pelo jovem professor sergipano.

Por fim, explorarei brevemente em 2.2.5 como foram os trabalhos de campo de Willems ao longo da década de 1940. Como ressaltado por Limongi, era exatamente a “ênfase no treinamento em pesquisa aliada à pós-graduação [que] tornavam a ELSP uma alternativa sedutora para os recém-formados pela FFCL, que pretendiam afirmar-se em sua especialidade” (LIMONGI, 1989. p.223), já que a FFCL não possuía o curso de mestrado. Da mesma forma, o próprio Willems atribuiu aos anos em que esteve na Faculdade de Filosofia e na Escola de Sociologia e Política um momento de “grande fermentação intelectual”. Para o professor, que descobriu “que estava mal preparado para realizar pesquisas empíricas”, a participação nas duas instituições e o contato com as pesquisas fizeram com que ele aprendesse “mais do que em todos os [s]eus cursos universitários”¹¹⁴.

2.2.1. Universidade de São Paulo – Da Disciplina de Antropologia à Cadeira 49

Em 1941, Willems foi convidado por Fernando de Azevedo, recém nomeado diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para lecionar a disciplina de antropologia que acabara de surgir, por lei federal, no currículo oficial das faculdades de Filosofia. Como bem apontado por Ciacchi (2015), embora exista na literatura da história das ciências sociais diversos textos sobre a formação das instituições de filosofia e sociologia na Universidade de São Paulo, o mesmo não ocorre em relação ao ensino de antropologia. Escreve o pesquisador:

(...) há muito ainda a ser desvendado sobre as práticas de ensino de antropologia na FFCL, nos seus primeiros anos. As lacunas tornam-se mais patentes e lamentáveis quando as comparamos à grande quantidade e qualidade de textos que permitem reconstruir características, modalidades e tendências do ensino de sociologia, na mesma instituição. (...) Se no período ‘heróico’ marcado pelos professores da missão francesa isso é compreensível, pois, afinal, nessa época, na FFCL, nem se ensinava antropologia, propriamente, a escassez de informações sobre o período 1941-1968 mereceria ser corrigida, urgentemente, através de pesquisas mais aprofundadas (CIACCHI, 2015. pp.163-164).

Dessa forma, ao acompanhar o papel de Willems enquanto primeiro professor de antropologia na Universidade de São Paulo e considerar a transformação da disciplina em

¹¹⁴ Autobiografia de Emilio Willems. p.6. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

cátedra, pretendo contribuir para ajudar a desvendar essas práticas acadêmicas do período 1941-1949, quando Willems esteve à frente delas.

Em 1 de julho de 1941, o Interventor Federal do Estado de São Paulo publicou o Decreto N. 12.038¹¹⁵, em que adaptou o Regulamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo ao padrão federal estabelecido pelo decreto lei N. 1.190 de 4 de abril de 1939¹¹⁶. Nesse decreto federal, que visava a organização da Faculdade Nacional de Filosofia, atribuindo sua finalidade, constituição, organização de cursos ordinários e extraordinários, das cadeiras e do pessoal docente e administrativo, do regime escolar, entre outras atribuições da nova instituição, a disciplina de antropologia apareceu como obrigatória do curso de geografia e história, e na terceira série do curso de ciências sociais seria ministrada a disciplina de antropologia e etnografia. Assim, a antropologia, que desde 1936 vinha sendo ministrada intermitentemente como tema de programas de etnografia geral e de sociologia, passou a ser lecionada, após essa reestruturação, em caráter obrigatório nas seções de ciências sociais (2º ano) e geografia e história (1º ano) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (MACIEL; ANDRADE & VALE, 1978). É nesse contexto que Willems recebeu o convite de Fernando de Azevedo para lecionar a nova disciplina que, ao longo da década sofreria novas modificações na estrutura da Faculdade por força de decretos até ser declarada, através do artigo 25 da lei 231 de 23 de dezembro de 1948, a cadeira número 49 da FFCL, vinculada ao novo Departamento de Sociologia e Antropologia.

Em 1943, Willems trocou uma série de considerações sobre como organizar os cursos de antropologia e a terminologia a ser empregada com o professor responsável pela cadeira na Faculdade Nacional de Filosofia, Arthur Ramos. Sobre a separação característica da USP, Willems escreveu:

Se entendi bem os dizeres da sua carta, o Sr. deseja a uniformização no sentido de dar à cadeira o nome de Antropologia e Etnologia. Estou de acordo com essa sugestão e, também, com a crítica que o Sr. faz à denominação “Antropologia e Etnografia”. Mas infelizmente a alteração de Etnografia para Etnologia não teria possibilidade de ser bem acolhida pelo C.T.A. desta Faculdade. A razão é simples. O nome da cadeira a cargo do prof. Plínio Ayrosa¹¹⁷ é “Etnografia e Língua Tupi-Guarani”, o prof P. Ayrosa que está

¹¹⁵ <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1941/decreto-12038-01.07.1941.html>

¹¹⁶ <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1190-4-abril-1939-349241-publicacaooriginal-1-pe.html>

¹¹⁷ Plínio Marques da Silva Ayrosa (1895-1961) foi o primeiro professor da disciplina de Etnografia e Língua Tupi-Guarani na Universidade de São Paulo. Essa disciplina era independente da de Antropologia e só foram unificadas após o falecimento do professor. Formado em engenharia, passou a se interessar por

muito mais interessado em Linguística do que na outra parte de sua cadeira, da realmente Etnografia e não Etnologia. A Antropologia é cadeira autônoma e está a meu cargo¹¹⁸.

E continuou:

Esta divisão não é boa. No ano passado tentamos modificá-la, unindo a Etnografia Geral à antropologia. Embora houvesse acordo completo entre os professores, não foi possível realizar o plano devido a dificuldades de ordem burocrática. Confesso que não vejo possibilidade de solução. Mesmo se a denominação oficial passasse a ser “Antropologia e Etnologia” (com que eu pessoalmente concordo) a nossa situação praticamente não mudaria¹¹⁹.

Uma das particularidades da criação da disciplina e, posteriormente, da cadeira de Antropologia na FFCL, era a presença de uma cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, regida separadamente. Se, até 1941, eram ministrados cursos de antropologia de forma intermitente pelo programa de Etnografia, a partir da criação da disciplina, e da criação do Departamento de Sociologia e Antropologia, as duas cadeiras passaram a ser regidas em departamentos separados. Em 1948, Willems escreveu para Felte Bezerra sobre a especificidade da Faculdade:

Aqui há duas cadeiras, uma de etnografia e língua tupi e outra, de antropologia. Esta está integrada no Departamento de Sociologia e Antropologia, a outra não. Creio que isso torna os nossos programas imprestáveis para qualquer outro tipo de escola, pois damos uma multiplicidade de cursos, quase todos concentrados na secção de ciências sociais¹²⁰.

Assim, o ensino de antropologia na FFCL foi moldado de forma única naquela instituição. Apesar do entendimento de que a separação entre etnografia e língua tupi-guarani e antropologia ser prejudicial ao ensino, as questões burocráticas e a política universitária prevaleceram. Além disso, conforme informa Egon Schaden, primeiro doutor formado em antropologia pela FFCL e que viria a assumir a cadeira com a ida de Willems aos EUA, a disciplina recém-criada por si só carecia de autonomia - o que seria remediado justamente com a atuação do seu colega. Segundo Schaden:

Essa disciplina de antropologia não tinha lá muito sentido. Não tinha sentido porque até certo ponto ela era um derivado de etnografia [ministrada sob responsabilidade de Plínio Ayrosa], mas não tinha um conteúdo próprio, a não ser que aparecesse um professor que lhe desse um conteúdo. (...). E apareceu o professor que era Willems (...). O professor Willems conseguiu dar

etimologia de nomes de origem tupi na década de 1930 e foi contratado pela Universidade de São Paulo para lecionar desde a sua fundação, tornando-se catedrático em 1939.

¹¹⁸ Carta de Willems a Arthur Ramos, 25 de setembro de 1943. Arquivo Arthur Ramos. 2.791.I-36,7,2.729. Biblioteca Nacional.

¹¹⁹ Carta de Willems a Arthur Ramos, 25 de setembro de 1943. Arquivo Arthur Ramos. 2.791.I-36,7,2.729. Biblioteca Nacional.

¹²⁰ Carta de Emilio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949. (DANTAS & NUNES, 2009. p.164).

bastante consistência ao estudo de antropologia na Universidade de São Paulo¹²¹.

O Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP) de 1939-1949 esclarece como deveria ser estruturada a disciplina. Segundo a publicação:

Dada a natureza dos currículos em que a matéria se devia enquadrar, ficou assentado, desde o começo, que ‘Antropologia’ devia ser compreendida no sentido lato, como Antropologia Cultural, e Física. Todos os programas posteriormente sancionados pelo Conselho Técnico Administrativo e pelas Congregações foram concebidos sobre essa base. Em uma de suas sessões, o C.T.A. resolveu estabelecer esse princípio para efeito de organização de programas, selecionaram-se, no vasto campo da Antropologia Cultural, os temas que mais intimamente se relacionassem com a realidade do país¹²².

Dessa forma, o papel de Willems como professor responsável pela disciplina deveria ser dividido no ensino de antropologia cultural e física, montando um curso que desse conta de introduzir os principais pontos da antropologia, dialogando com a situação nacional. Assim, seguindo a orientação do C.T.A, Willems dividia seus cursos ministrando aulas de antropologia física no primeiro semestre e antropologia cultural no segundo, com três aulas semanais de cada. Sobre essa nova função, Willems se recordou de como recebeu o convite para lecionar antropologia cultural e física. Segundo o professor, a colaboração intensiva que tivera com Herbert Baldus¹²³ desde 1939, pessoa com que Willems afirmou ter aprendido “mais etnologia do que se poderia extrair do melhor dos manuais, pois ele irradiava a autoridade de um exímio pesquisador de campo que se impunha pelas experiências acumuladas em contacto direto com sociedades indígenas”¹²⁴, o preparou para o ensino de antropologia cultural, mas a necessidade de lecionar antropologia física, uma matéria sobre a qual não sabia praticamente nada¹²⁵, preocupava o professor. No entanto, “acostumado a aceitar tarefas nas quais não havia sido treinado”, Willems resolveu aceitar o cargo por entender que a exigência era apenas

¹²¹ Entrevista em vídeo de Egon Schaden à Mariza Corrêa, 1984. Edição em vídeo do registro na íntegra do depoimento de antropólogos que participaram do projeto “História da Antropologia no Brasil (1930-1960)”. <https://www.youtube.com/watch?v=sqQh2ZGB4Lc> Publicado em 14 de março de 2013. Série Encontro. Entrevista com Egon Schaden. Maio 1984. Acesso em 30/05/2017.

¹²² Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949 vol.2, 1953. p. 659.

¹²³ Florestan Fernandes narrou uma anedota interessante sobre a banca da defesa de sua dissertação que mostra bem a relação dos dois professores alemães. Escreve Florestan: “o professor Baldus, que funcionou como meu orientador e era um especialista sobre os tapirapés, endossou plenamente os resultados de minha investigação. Na defesa de tese, ele chegou a interromper um dos examinadores, para dizer: ‘Oh, Willems! Que bobagem! Bem se vê que você nunca viu um índio’”. (FERNANDES, 1978. p.86)

¹²⁴ Autobiografia de Emilio Willems. p.6. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

¹²⁵ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.24

para ensinar em um curso introdutório e não para treinar antropólogos profissionais¹²⁶. Assumida a nova função, Willems pôe-se a investigar os textos do período sobre o tema na literatura especializada.

A implementação da nova disciplina nos primeiros anos não deixou de apresentar problemas, não pela inexperiência do docente, mas pela falta de estrutura universitária. Como ressalta o Anuário, as atividades didáticas da disciplina foram fortemente prejudicadas em antropologia física até 1943, dada a “falta absoluta de instrumentário de antropometria e peças osteológicas”¹²⁷. Apesar do Anuário ressaltar que essa falha pôde ser corrigida e que “as condições gerais de ensino e de pesquisa melhoraram consideravelmente” nos anos posteriores, foram apenas adquiridos alguns compassos e aparelhos de medição “indispensáveis aos exercícios práticos que deviam acompanhar os cursos da Disciplina”¹²⁸, e não foi possível instalar um Gabinete de Antropometria na Universidade. Em 1947, Willems recorreu ao Departamento de Física da Faculdade para pedir auxílio na construção e empréstimo de equipamento para o laboratório de Antropologia Física. Em carta ao Diretor do Departamento de Física, Gleb Wataghin (1899-1986)¹²⁹, Willems agradeceu pela construção que o departamento realizou, a seu pedido, de um craniógrafo para ser utilizado nos estudos antropológicos. Escreveu Willems:

Em vista das extraordinárias dificuldades com que é preciso lutar, em nosso meio, para se obter o instrumentário para trabalhos antropométricos, é sobremodo confortadora a compreensão e a boa vontade com que o Departamento de Física, dirigido por V.S., se prontificou a fornecer o referido aparelho¹³⁰.

Além disso, há no arquivo da Faculdade de Física o recibo do empréstimo de um suporte Bunsen assinado por Willems, sem data¹³¹. Se Willems não conseguiu o laboratório de antropometria, bem diversa era a situação da Cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guaraní. O Museu de Etnografia, ligado à cadeira de Plínio Ayrosa, teve um incremento considerável em seu acervo no período. Segundo o Anuário da Faculdade, em

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949 vol.2, 1953. p.659.

¹²⁸ Idem

¹²⁹ Gleb Vassielievich Wataghin foi um físico experimental de origem russa, um dos professores estrangeiros contratados para lecionar na Universidade de São Paulo no período de sua criação.

¹³⁰ Carta de Emilio Willems a Gleb Wataghin, 11 de agosto de 1947. Arquivo do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia (FFLC), Série Correspondência, Subsérie Correspondência Profissional, Documento – Carta de Emílio Willems a Gleb Wataghin, IF-DF-I-02-00-0000-02193-0.

¹³¹ Idem, IF-DF-IV-01-12-0121-01214-0.

1939 o museu contava com 700 peças e, em 1949, o número já era próximo de 1500¹³². Mesmo sendo o ensino da antropologia física, tal como concebido pelo C.T.A. da Universidade, considerado indispensável, as diferenças de tratamento dada a ela e à etnografia revelam a desigualdade da força política universitária que o sistema de cátedras propiciava.

O sistema de cátedras tal qual implementado pela USP oferecia um poder extraordinário aos professores catedráticos. Além de total autonomia, esses professores contavam com uma vaga no Conselho Técnico Administrativo da Faculdade (C.T.A.) e poderiam nomear os seus professores assistentes que, “sendo (...) de confiança imediata do catedrático”, poderiam ser dispensados a qualquer momento por indicação¹³³. Além disso, como ressaltado por Mariza Corrêa (CORRÊA, 2013. p. 139), era um sistema patriarcal, em que homens assumiam a posição catedrática enquanto as mulheres assumiam a posição de professoras assistentes. A questão de gênero permeia algumas reflexões do período de desenvolvimento da FFCL e que perpassam a trajetória de Willems na instituição. Conforme aponta Miceli, para compreender a predominância de estudantes mulheres nos cursos de ciências sociais da USP deve ser levado em consideração a constituição do “mercado acadêmico” (MICELI, 1989. p. 79). Nesse sentido, a lembrança de um ex-aluno sobre um comentário de Willems em sala de aula não deixa de ser carregada de significado. Segundo Oliveiros Ferreira, os 12 alunos que cursavam a disciplina, “rapazes e moças assustados com a figura imponente de Emilio Willems”, teriam ficado preocupados com a frase do alemão: “Antes de comentar as provas e dar as notas, gostaria de dizer que esta escola não é escola-de-espera-marido” (FERREIRA, 1988. p.20).

Segundo Willems, nos semestres designados para o ensino de antropologia física ele costumava lecionar antropometria com práticas e elaboração estatísticas de dados, a evolução com fundamentos de genética humana e o estudo descritivo das raças modernas. Para tanto, o professor exigia dos alunos a leitura de textos em inglês e francês, “pois em português nada existe que possa ser usado em um curso superior”¹³⁴. Dentre a bibliografia indicada encontravam-se “Les hommes fossiles”, de Marcellin Boule, “Up from the ape”,

¹³² Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949 vol.2, 1953. p.552.

¹³³ Decreto lei n. 12.511 de 21 de janeiro de 1942. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1942/decreto.lei-12511-21.01.1942.html>

¹³⁴ Carta de Emilio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949. (DANTAS & NUNES, 2009. p.164)

de Ernest Hooton (1946), “Introduction to Physical Anthropology”, de Ashley Montagu (1945), e “Apes, Giants and Man”, de Franz Weidenreich (1946). Além desses livros adquiridos pela biblioteca da Universidade, Willems indicava a leitura do *American Journal of Physical Anthropology*, um dos mais prestigiosos periódicos da área, já que “no terreno da paleontologia humana há novidades a todo momento é naturalmente preciso estar a par da literatura monográfica e periódica”¹³⁵. Conforme documentado no Anuário da Faculdade, “[n]o ensino da Antropologia Física visou sobretudo três grupos de problemas: o homem fóssil, o condicionamento genético da evolução humana e a divisão racial da humanidade atual”¹³⁶. É possível afirmar que em 1947 Willems dedicou grande parte do curso às práticas de Antropometria e à elaboração estatística dos dados (desvio padrão e coeficiente de variação), e em 1948 deu maior atenção ao estudo fóssil e à questão da evolução humana¹³⁷.

O segundo semestre dos cursos dedicados à antropologia cultural tinha como principal objetivo o estudo dos contatos culturais, tanto no Brasil como no exterior. Sobre a produção antropológica internacional o professor recomendava a leitura de monografias estrangeiras. De acordo com o Anuário que descreve as atividades da FFCL referentes ao período 1939 – 1949, justamente os anos em que Willems era o professor responsável pela disciplina, e que apresenta o histórico e desenvolvimento dos cursos da faculdade:

Diante da importância crescente dos contatos sociais que se estabelecem entre povos racial e culturalmente diversos, desenvolveu um vasto programa, visando o estudo objetivo dos contatos raciais e culturais. Foram examinados, em aulas e seminários, aspectos gerais do problema, sobretudo as questões de conflito, preconceito racial, miscigenação, aculturação e assimilação. Permanecendo relativamente constante esta parte do programa, a outra, dedicada ao estudo de determinadas áreas de contacto, variou de ano para ano, visando a apresentação de novos resultados de pesquisas, à medida que se tornavam públicas. Examinou a situação cultural e racial do Negro em diversos países da América, principalmente nos Estados Unidos e Brasil. As áreas de contacto da África meridional e oriental foram estudadas mormente sob o ponto de vista da industrialização e destribalização dos nativos. Grande parte do curso foi dedicada à análise da situação do mestiço na Índia e nas colônias holandesas. A aculturação multilateral no arquipélago de Havai e entre os Maori da Nova Zelândia constituiu outra parte do programa desse curso. Finalmente, por diversas vezes, estudaram-se os problemas principais da aculturação do imigrante, do índio americano e do judeu, em várias áreas de contacto¹³⁸.

¹³⁵ Idem.

¹³⁶ Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949 vol.2, 1953. p.660.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949 vol.2, 1953.pp. 659-660.

Nota-se, com isso, como os estudos sobre mudanças culturais foram fundamentais nos primeiros cursos da disciplina. A bibliografia selecionada pelo professor contava, em antropologia cultural, com “os compêndios de Lowie, Boas, Linton, John Gillin, Chapple and Coon, particularmente o de Herskovits, *Man and His Works*, New York, 1948,”¹³⁹ que, segundo o professor, “servem muito bem” para introduzir os alunos no estudo da disciplina. O problema, aqui também, seriam textos sobre a etnografia no Brasil, “pois não há um livro que realmente corresponda às necessidades do ensino”, sendo apenas indicado o *Handbook of South American Indians*, “cujos volumes 3 e 4 são quase inteiramente dedicados a índios brasileiros”¹⁴⁰.

A resenha que Willems publicou sobre um desses compêndios com os quais trabalhava em sala de aula é reveladora quanto à bibliografia de seus cursos. Em primeiro lugar, a apresentação do professor revela como a literatura em língua francesa era mais acessível do que a original em inglês. Além disso, mostra como o professor utilizava materiais didáticos recentes para o estudo antropológico. Sobre o livro de Lowie, escreveu o professor:

A primeira edição deste livro é tão conhecida que dispensa quaisquer palavras de apresentação. A tradução francesa (da casa Payot) a colocou ao alcance do estudante brasileiro que dela hauriu os conhecimentos fundamentais de Antropologia cultural. Agora o conhecido professor da Universidade da Califórnia apresenta uma nova edição cujo objetivo principal é, segundo suas próprias palavras, principalmente didático. A julgar pela coordenação da matéria e a clareza da linguagem, será difícil encontrar um compêndio melhor que este. A antropologia é uma das ciências que se tem desenvolvido com rapidez. Obras mais antigas só podem ser usadas com extrema reserva e um espírito crítico de que o principiante em busca de uma orientação geral, não dispõe (WILLEMS, 1941a. p.353).

Para Willems, a bibliografia antropológica deveria se concentrar, pelo menos para os alunos iniciantes, em obras recentes e que estivessem atualizadas com o rápido desenvolvimento da antropologia enquanto disciplina acadêmica. A utilização dos chamados “autores clássicos” seria deixada de lado pelo professor, que preferia a utilização de compêndios recentes e com foco nos iniciantes. Florestan Fernandes narrou uma conversa sobre o assunto na qual Willems teria dito: “Florestan deixe disso. O importante são os autores dos nossos dias. Os autores que preocupam você já morreram, eles não têm mais importância” (FERNANDES, 1978. p.79).

¹³⁹ Carta de Emilio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949. (DANTAS & NUNES, 2009. pp.164-165)

¹⁴⁰ Idem.

Sobre o interesse dos alunos pelo estudo dos clássicos, Willems criticou o ensino de sociologia no Brasil:

No Brasil, como nos demais países sulamericanos, predomina a orientação histórica no ensino universitário da Sociologia. Aham os mestres dessa ciência que o caminho mais adequado para se iniciar no estudo da sociedade, conduz pelas obras dos grandes pensadores do século passado e, não raro, dos chamados “precursores” da Sociologia científica. Ser versado em Sociologia significa, portanto, conhecer as obras de Saint-Simon, Comte, Condorcet, von Stein, Marx, Hegel, Tarde, Durkheim, Simmel, Ward, Small, Giddings e outros; significa não somente assimilar o conteúdo de cada obra em particular, mas conhecer também as influências que alguns desses autores exerceram sobre outros, o agrupamento de determinados pensadores em “escolas”, a influência dessas escolas sobre a “época” ou vice e versa, da “época” sobre as escolas, os antagonismos entre escolas e pensadores isolados e muitos outros aspectos ainda de menor importância. Nessa maneira de ensinar a Sociologia facilmente se descobre uma afinidade com a didática da Filosofia e, particularmente, da Literatura. Adquire-se, assim, voando “desinteressadamente” pela estratosfera do espírito, uma “alta cultura” sociológica que, semelhante a qualquer outra cultura desinteressada, dificilmente comporta inquirições “pragmáticas” sobre o “para quê” ou “qual a aplicação” (WILLEMS, 1946a. p.143).

O Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de 1943, o único exemplar do período em que Willems esteve à frente da disciplina na faculdade que conseguiu localizar, é revelador dos conceitos trabalhados pelo professor em sala de aula. Naquele ano, Willems lecionou dez tópicos e realizou um exercício prático com os alunos, tanto para o curso de ciências sociais como para o curso de geografia e história. O professor deu aulas de:

- 1- A Antropologia: conceito e delimitação
- 2- O problema de formação das raças
- 3- Raça, mentalidade e cultura
- 4- Seleção e peneiramento
- 5- Contatos raciais e culturais
- 6- Exemplos de cruzamentos raciais
- 7- O problema do negro na América
- 8- Aculturação e assimilação
- 9- Conflitos raciais e culturais: o homem marginal
- 10- A assimilação dos imigrantes no Brasil

*Exercícios práticos: estudos aculturativos no Estado de São Paulo*¹⁴¹

Uma fonte interessante para termos uma melhor compreensão do conteúdo e do

¹⁴¹ Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1943.

formato das aulas de Willems na Faculdade é o relato de Antonio Candido, que foi seu aluno em vários momentos, desde o curso no Instituto de Educação até os seminários para os doutorandos da Universidade. Em depoimento para Heloísa Pontes (2001), Candido lembrou da importância das aulas de Willems em sua própria formação:

Willems era um professor claro, objetivo e muito informado. Fui seu aluno no chamado “cursinho”, o Curso de Didática que constituía o 4º. ano e dava o título de licenciado aos bacharéis. Em 1942, ele passou a reger a recém-criada disciplina de Antropologia e eu o substitui como assistente de Fernando de Azevedo. O assistente dele foi Egon Schaden. Em 1942 e 1943 frequentei o seu seminário de doutorado, pois havia escolhido antropologia como uma das duas matérias subsidiárias do antigo curso de doutorado. Foi um momento importante na minha formação. Éramos quatro candidatos: Gioconda Mussolini, Egon Schaden, José Francisco de Camargo e eu. Nós nos reuníamos uma vez por semana das 5 às 7 e fazíamos relatórios de leitura, comentados muito bem por Willems, a quem devo a iniciação num tipo de bibliografia que foi a que mais me inspirou no domínio dos estudos sociais e teve influência decisiva na minha tese. Como pressuposto, ele recomendava a leitura de *O homem* (The study of man), de Ralph Linton. Com ele lemos Redfield, Melville Herskovits, Irving Hallowell, Raymond Firth, Malinowski, Evans Pritchard, Radcliffe-Brown. Naquele tempo este ainda não tinha publicado nada além do clássico *The Andaman Islanders*, e Willems nos trazia os artigos dele em separatas de revistas inglesas e americanas.... Fiquei marcado pelo funcionalismo, me apeguei ao conceito de estrutura, que depois transpôs da antropologia para a crítica literária. O seminário de Willems foi decisivo para nós quatro. Nos anos 50 ele foi para os Estados Unidos como professor da Universidade de Vanderbilt e por lá ficou (PONTES, 2001. pp.20-21).

A partir dos relatos e documentos apresentados acima sobre a bibliografia utilizada por Willems em seus cursos de antropologia na USP, não podemos deixar de notar a quase ausência de referencial teórico francês. Tirando um livro de antropologia física, e o comentário do professor sobre o alcance que a obra de Lowie traduzida para o francês tinha entre os estudantes brasileiros, não encontramos referência a nenhuma outra obra de autores franceses nos programas dos cursos que ele elaborava. Interessante, nesse sentido, que, ao escrever sua autobiografia para Oracy Nogueira, Willems tenha feito questão de mencionar a influência que o francês Marcel Mauss teria tido em sua formação no período em que esteve na França em 1928¹⁴². Se o professor realmente tinha em Mauss uma referência nos estudos antropológicos, ela não aparece na bibliografia empregada pelo professor. De fato, essa única menção ao nome do antropólogo francês em relato de 1983 parece ser mais uma prestação de contas posterior de Willems, associando-se a um dos nomes mais proeminentes da antropologia francesa. Afinal, as narrativas autobiográficas “não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado

¹⁴² Autobiografia de Emilio Willems. p.3. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

a partir de referenciais atuais” (SILVA, 2015. p.178).

Ao observarmos a configuração do curso e a bibliografia envolvida, a ideia corrente de que a USP seria o *locus* da formação acadêmica de tradição francesa no Brasil parece ser relativizada, ao menos no caso das concepções teóricas de um de seus maiores expoentes no período de institucionalização das ciências sociais. Caso distinto dos cursos de sociologia e filosofia da faculdade, em que a presença de professores franceses se deu de forma duradoura, sendo a presença francesa na filosofia uspiana tão proeminente que o departamento é designado por Paulo Arantes como “um departamento francês ultramar” (ARANTES, 1994), com um modelo de formação fortemente fundamentado na leitura de autores franceses. Na antropologia a situação parece ter se desenvolvido de forma diferente.

O programa do curso de 1943 é um bom exemplo de como a disciplina tinha entre suas preocupações o ensino prático, com a indicação de uma bibliografia não exclusivamente francófona. Naquele ano, por exemplo, foram executados exercícios práticos com os alunos sobre aspectos aculturativos no Estado de São Paulo, tema de reflexão que podia ser debatido sob a perspectiva de uma outra tradição de pesquisa, como a norte-americana¹⁴³. No entanto, não é apenas o referencial teórico da FFCL que seria associado aos franceses, mas o modelo institucional adotado na faculdade. Como afirma Miceli (1989) “a hierarquia acadêmica que se vai constituindo nas duas primeiras décadas de funcionamento foi sendo modelada por docentes estrangeiros treinados nas regras e costumes da competição acadêmica europeia (e francesa em particular), todos eles empenhados em instaurar um elenco de procedimentos, exigências e critérios acadêmicos de avaliação, titulação e promoção” (MICELI, 1989. p. 81), e é nesse sentido que a antropologia da universidade em sua primeira década deve ser encarada como ancorada no modelo francês.

A escolha do nome de Willems para primeiro professor da disciplina de antropologia da Faculdade apresenta novos contornos se se leva em conta o relato que Mario Wagner Vieira da Cunha (1912-2013)¹⁴⁴ fez ao relembrar de seu percurso institucional. Segundo Cunha, era ele, e não Willems, que teria recebido o primeiro

¹⁴³ Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. 1943.

¹⁴⁴ Mario Wagner Vieira da Cunha foi antropólogo e frequentou as aulas da FFCL e da ELSP durante a década de 1930, tendo sido professor assistente em diversos cursos da FFCL. Entre 1941 e 1944, estudou antropologia na Universidade de Chicago. Ao retornar, lecionou na ELSP e foi o primeiro diretor do Instituto de Administração da USP, onde se tornou catedrático de Ciência da Administração.

convite para assumir a posição na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O professor, que era assistente de Sociologia na FFCL, rememora:

E lá [na FFCL da USP] eu fui convidado pelo diretor Alfredo Ellis Jr. para substituir o professor que havia deixado a cátedra de Antropologia. Como precisava estudar mais antropologia, consegui uma bolsa e fui para os Estados Unidos. Naquele tempo, uma das universidades que mais se destacava no ensino da antropologia era a universidade de Chicago, a concepção de antropologia era uma síntese de diferentes cadeiras – linguística, antropologia física, antropologia cultural, etnografia, arqueologia – de modo que eu tive que trabalhar nesses 5 campos, e não deu para fazer tudo em um ano, que eu prorroguei para quatro anos de estudo.

Quando voltei, o diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras já era outro, e o cargo tinha sido preenchido por outro professor, Emilio Willems. Então vi que já não tinha mais chance, naquele tempo havia uma cátedra só (CUNHA, 2001. p.177).

A partir desse relato, temos algumas questões interessantes sobre a nomeação do professor e sobre a criação da nova disciplina. Apesar de Alfredo Ellis Jr.¹⁴⁵ (1896-1974) ter sido diretor da Faculdade entre 1939 e 1941, ano da criação da nova disciplina, e não haver “professor que havia deixado a cátedra de Antropologia”, já que até 1948 não existia uma cátedra, mas se tratava de uma disciplina que só teve início de forma permanente no segundo semestre de 1941, é possível especular sobre os motivos da nomeação de Willems, que desde 1937 mantinha relações acadêmicas e de amizade com Fernando de Azevedo, diretor da FFCL, que o alçou ao cargo. Um dos professores que ministrou aulas de antropologia quando esta ainda estava vinculada ao Departamento de Etnografia e Língua Tupi-Guarani no primeiro semestre de 1941 foi Mário Wagner Vieira da Cunha. O professor, aliás, deixa transparecer ao longo de seus relatos alguns ressentimentos com Emilio Willems, tanto por este ter assumido o cargo de professor de antropologia da USP quanto pelo trabalho realizado sobre a cidade de Cunha, o que revela a existência de uma rixa entre grupos distintos da academia paulista. Ao relatar as correntes de propostas de ensino na época, Cunha ressaltou em entrevista (PINHEIRO FILHO & MICELI, 2008) que “Willems realmente foi uma dessas grandes contribuições que tivemos, de elementos estrangeiros, que sem dúvida alguma tinham uma formação e que contribuíram”, para, em seguida, contrapor-lo a Baldus, deixando no ar uma crítica. Diz o professor: “Ele [Willems] e o Baldus são mais ou menos semelhantes, com uma diferença: Baldus é um indivíduo formado de fato. Porque há muitos desses estrangeiros que chegam aqui, alardeiam coisas e coisas, e não são nada”. Essa provocação em relação

¹⁴⁵ Alfredo Ellis Jr. ingressou em 1938 enquanto docente da cadeira de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo e assumiu, no ano seguinte, a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

à formação de Willems persiste ao longo da entrevista. Ao ser estimulado pelos entrevistadores a comentar a influência de Willems, que, conforme Cunha dizia, não tinha formação como Baldus, o antropólogo brasileiro afirmou desconhecer a formação de Willems. Ao ser informado pelos entrevistadores que Willems era professor primário em Santa Catarina, respondeu “Professor primário, pois é”, aparentando desdém pela formação dos professores não universitários. Ao ser informado que Willems era doutor em filosofia na Alemanha, Cunha emendou: “é uma coisa que tem de averiguar”. Apesar de ter afirmado que Willems fez um trabalho bom e que “era um bom professor, [...] muito dedicado aos alunos e os ajudava muito nas pesquisas”, fica a impressão de que a relação entre os dois estava permeada por disputas políticas e acadêmicas veladas. A filiação de Willems ao grupo de Fernando de Azevedo, com quem Mario Wagner da Cunha tinha grandes discordâncias, bem como por ter feito carreira na posição para a qual esse último se preparava para assumir, tendo realizado uma pesquisa na mesma comunidade visitada pelo intelectual alemão, são elementos reveladores sobre as disputas institucionais do mundo acadêmico do período.

2.2.2. Escola Livre de Sociologia e Política

No mesmo ano em que assumiu a disciplina de antropologia na FFCL, Willems foi convidado por Donald Pierson para compor o corpo docente do primeiro curso de pós-graduação em ciências sociais do Brasil. Pierson, que estava à frente do departamento de Sociologia e Antropologia da Escola Livre de Sociologia e Política, convidou os alemães Willems e Baldus -ambos com o título de “PhDs”¹⁴⁶, condição essencial para a criação do curso de pós-graduação - a integrar o corpo docente daquela instituição. Segundo Pierson, Willems era “excelente professor e pesquisador que, logo depois de conhecê-lo, recomend[ou] à Diretoria [que] fosse acrescentado ao corpo docente da Escola, onde ele serviu com distinção” (CORRÊA, 2013. p. 263). A criação do Departamento de Sociologia e Antropologia “visando preparar estudantes para o grau de ‘Mestre em Ciências’” teria, entre outras diretrizes, “preparar estudantes para estudos mais adiantados e para pesquisas” (WILLEMS, 1941b. p.61) e “dirigir pesquisas sobre os problemas fundamentais da vida social”(Idem), ou seja, a pesquisa de campo teria uma importância

¹⁴⁶ A forma de apresentar Willems na maioria dos seus livros publicados era como PhD.

central na formação dessa instituição. Para a obtenção do título de mestre, foi ressaltado que o aluno deveria apresentar uma tese “que não deverá limitar-se a um exercício literário, mas provar a aptidão e a capacidade para a pesquisa científica ainda que apenas semi-independente” (WILLEMS, 1941b. p.61), ressaltando o caráter empírico esperado pela instituição em detrimento aos textos “literários”.

Conforme recordou Willems, a então curta história da Escola, que havia sido fundada em 1933, era marcada pela luta constante por fundos adequados. Apesar de ganhar, ali, o que considerava pouco, Willems pôde largar as aulas do secundário, somando o ordenado de professor da USP, Willems e focar sua carreira apenas no ensino e pesquisa universitários.

Ao comentar o papel da ELSP nas ciências sociais de São Paulo, a bibliografia especializada é unânime em atribuir a Donald Pierson destaque à frente da instituição. O próprio Willems, ao se referir ao diretor da Escola, atribui a Pierson uma posição de destaque no campo científico brasileiro daquela época. Segundo Willems, seu colega Pierson, dentre “todos os cientistas sociais estrangeiros, convidados para lecionar em São Paulo, deixou a impressão mais profunda e duradoura” (CORRÊA, 2013. p.321).

Se, como desenvolverei no capítulo 3, Willems teve um papel importante na difusão, no Brasil, de uma corrente da sociologia e antropologia praticadas nos EUA, foi certamente Pierson o maior responsável por colocar o intelectual alemão “em contato com as obras pioneiras da antropologia social realizadas nos Estados Unidos” (Idem). Da mesma forma, a historiografia das ciências sociais aponta Pierson como principal expoente da chamada Escola de Chicago e da sociologia americana que foi produzida no Brasil, especialmente através das discussões dos chamados Estudos de Comunidades. Como nos lembra Villas Bôas a respeito da relação entre os dois professores:

o encontro de Willems e Pierson não me parece fortuito. Trata-se de um encontro de pontos de vista próximos, afins, que refletem uma vertente do pensamento sociológico na qual as interações, relações e ações de agentes sociais constituem o ponto de partida de estudos concretos (VILLAS BÔAS, 2006. p. 76).

Durante os anos em que lecionou na ELSP, Willems foi o professor de matérias como “Assimilação e Aculturação no Brasil Meridional (1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946), “Economia” (1941), “Organização e Desorganização Social” (1944, 1945, 1946), e “Aculturação de Alemães no Brasil” (1944, 1945, 1946). Por meio de um rápido levantamento dos temas abordados por Willems em suas aulas é possível perceber como

sua atividade docente estava diretamente relacionada com suas pesquisas. Ao contrário de algumas aulas que lecionou na FFCL, nas quais Willems teve que estudar especialmente para ensinar os alunos iniciantes, aqui o professor já tinha familiaridade com o material, fruto de suas pesquisas. Enquanto na USP, como aponta Limongi, não havia pós-graduação, mas “tão somente a possibilidade de fazer o doutoramento sem orientação sistemática”, a ELSP era “inteiramente voltada para o desenvolvimento de áreas de pesquisa” (LIMONGI, 1989. p.223), o que fez com que a proficiência de Willems na segunda instituição aparecesse de forma mais clara.

Apesar de relatar que a Escola era afetada pelos poucos recursos, a instituição foi uma das principais fomentadoras de diversas pesquisas do professor. As pesquisas no interior e litoral paulistas obtiveram o apoio da ELSP, não só com recursos financeiros, mas com recursos humanos. Diversos alunos da escola acompanharam o professor como assistentes de pesquisa para serem treinados em campo, como mostrarei adiante.

A relação entre Willems e a ELSP não ficou restrita à passagem do professor pela instituição na década de 1940. Mesmo após a ida de Willems aos EUA, o pesquisador retornou ao Brasil em algumas oportunidades, realizando pesquisas de campo. Durante essas passagens, a ELSP recepcionou o antigo professor, que lecionou cursos e contou novamente com o apoio da instituição em suas pesquisas. Além disso, a *Revista Sociologia*, que até o final da década de 1940 era dirigida por Willems, após o afastamento do professor passou a fazer parte da Escola.

2.2.3 Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

Não foi apenas nas instituições paulistas que Willems participou da criação de cursos de antropologia. Ao analisarmos as relações de Felte Bezerra, geógrafo sergipano que se associou à criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, com Willems é possível acompanhar como a visão acadêmica do professor estava presente no projeto sergipano. Como apontam Dantas e Nunes (2009), “Felte participa da montagem dos currículos e encontra em Willems, professor das mais destacadas faculdades paulistas, um interlocutor gabaritado para informar sobre programas e bibliografias das disciplinas a serem criadas” (DANTAS & NUNES, 2009. p.55). Segundo as autoras, que se debruçaram sobre as cartas do professor sergipano, Willems foi um dos destinatários mais

frequentes das missivas de Bezerra, tanto no que diz respeito à publicação e ao acesso à *Revista Sociologia*, quanto nas orientações ao estudo de *Etnias Sergipanas* (BEZERRA, 1984), cujo prefácio seria redigido por Willems. O professor alemão também encaminhava sugestões à criação da Faculdade de Filosofia em Aracaju, com amplo material para subsidiar a criação da Escola, como os Guias e os Anuários da USP e da ELSP, além de dar conselhos sobre a criação da instituição.

Creio que a dificuldade principal na fundação de novas Faculdades de Filosofia é evitar que se tornem escolas normais de nível um pouco mais elevado. É precisamente isso que tem acontecido com todas as faculdades particulares que se fundaram aqui no sul. Mesmo a nossa [ELSP], cujo orçamento montou a 23.000 contos no ano passado, funciona em condições precárias, embora algumas secções se tenham notabilizado. Mas faltam-nos prédios e verbas para pesquisas. As minhas por exemplo, estão paralisadas há um ano por falta completa de verbas para expedições e viagens¹⁴⁷.

O trecho acima mostra que uma das preocupações de Willems quanto à criação de uma nova faculdade eram os poucos recursos que ela poderia ter, afetando o nível de ensino das instituições. Como desenvolverei no capítulo 3, as condições das universidades americanas foram fundamentais para a permanência de Willems nos EUA. Encontramos nessa carta de 1949, período em que o professor já tinha entrado em contato com o sistema americano, indícios de como ele percebia o problema das dificuldades financeiras das instituições brasileiras, que considerava levar as pesquisas no Brasil à paralisia, e certamente eram também um problema fundamental para o desenvolvimento de uma nova faculdade. A Faculdade de Filosofia de Sergipe, que se instalou em 1951 com os cursos de matemática, filosofia e geografia e história, era mantida por uma entidade particular e por poucos recursos do governo sergipano. Segundo Dantas e Nunes (2009), o aviso de Willems pode ter “servido de incentivo a Felte para incluir a pesquisa na sua agenda de professor das disciplinas de antropologia” (Idem. p. 56), para garantir que os poucos recursos disponíveis fossem também alocados para a pesquisa. Ao enviar para Felte indicações de como era organizado o ensino na Faculdade de Filosofia da USP, bem como preciosas indicações bibliográficas (que segundo as autoras foram adquiridas e seguidas à risca por Bezerra), Willems contribuiu para a formação dos cursos de Etnologia e Etnografia do Brasil ministrados por Bezerra em Sergipe.

¹⁴⁷ Carta de Emilio Willems a Felte Bezerra, 4 de fevereiro de 1949. (DANTAS & NUNES, 2009.p.160)

2.2.4 A criação da Revista Sociologia

Uma das contribuições mais conhecidas de Willems, bem como das mais abordadas na literatura brasileira sobre o alemão, é a criação da *Revista Sociologia* (ALVES, 1993; JACKSON, 2004; LIMONGI, 1987; NEUHOLD, 2014; entre outros). A criação do periódico em 1939, em parceria com Romano Barreto, é um marco importante na consolidação das ciências sociais em São Paulo. Como mostram Jackson (2004) e Limongi (1987), que estudaram a revistas científicas da época, a primeira fase de *Sociologia* (1939-1947), período em que Willems foi editor, é reveladora de sua atuação. Segundo os autores, a revista foi responsável pela aproximação de Willems com Baldus e Pierson, além de Roger Bastide, e de colaboradores mais jovens, como Florestan Fernandes, Gioconda Mussolini (1913-1969)¹⁴⁸ e Antonio Candido. Conforme escreveu Willems, *Sociologia* conseguiu, graças à colaboração regular de Baldus e Pierson, alcançar um nível respeitável e que correspondia, de certa forma, à fase de desenvolvimento em que se encontrava a sociologia e a antropologia social no país (CORRÊA, 2013. p. 322). Além disso, segundo Jackson (2007), “*Sociologia* expressou a liderança exercida até meados dos anos de 1950, nas ciências sociais paulistas, por Donald Pierson e Emílio Willems”. Para o pesquisador, “os periódicos serviriam, a partir de então, como lastro às lideranças acadêmicas consagradas nesse momento”, o que também poderia ser verificado com Baldus na *Revista do Museu Paulista* a partir de 1947 e com Schaden e a criação da *Revista de Antropologia* em 1953 (JACKSON, 2007. p.118).

A atuação de Willems à frente da *Revista Sociologia* – dirigida por ele até 1950 – é exemplar de como as noções alemãs e norte-americanas se articularam na atuação do professor para desenvolver uma antropologia brasileira. A *Revista Sociologia* é um exemplo interessante de como a passagem de Willems nos três países em que se formou e atuou - Alemanha, Brasil e Estados Unidos - se materializou na prática científica do período, reunindo aspectos das ciências sociais germânicas e norte-americanas e construindo uma agenda de pesquisa inovadora. Como procurei mostrar no capítulo 1, Villas Bôas (2006), ao analisar a recepção da sociologia alemã no Brasil, nos chama a atenção para a importância do papel de Willems à frente da revista. Nela, Willems foi

¹⁴⁸ Gioconda Mussolini foi aluna do Instituto de Educação e, posteriormente, da FFCL. Realizou o mestrado na ELSP e tornou-se professora assistente de Antropologia na USP. Realizou pesquisas de campo com Willems em Cunha, mas foi no litoral paulista que realizou a maior parte de seus estudos. Sobre a trajetória da professora Gioconda Mussolini ver CIACCHI (2015).

responsável pela divulgação de diversos autores alemães no campo acadêmico brasileiro e, durante o período em que esteve na direção, o número de referências bibliográficas alemãs supera o dos diversos outros países. Se, conforme aponta Villas Bôas, um dos caminhos para a chegada no Brasil durante a década de 1940 e 1950 do trabalho de sociólogos alemães que ocupavam um lugar de destaque nas primeiras décadas do século nas cidades de Berlim, Kiel e Colônia foi justamente a *Revista Sociologia* (Villas Bôas, 2006. p. 75), Willems foi uma figura-chave nesse contexto. Ao mesmo tempo, o caráter empírico proposto pelos editores da revista, com o objetivo de “incentivar, mediante suas seções de consultas e pesquisas, o ‘trabalho de campo’, a observação direta e a investigação de fatos concretos”¹⁴⁹, ressoa a visão das ciências sociais produzidas nos EUA até então, como procurarei mostrar no capítulo 3. Ou seja, vemos como as concepções de ciências sociais alemã e norte americana se concretizam na revista que pretendia lançar “os fundamentos de uma **Sociologia Brasileira**”¹⁵⁰.

Da mesma forma que a *Revista Sociologia*, a criação de dois dicionários brasileiros por Willems – um de *Etnologia e Sociologia* (1936) em parceria com o também alemão Baldus e o de *Sociologia* criado anos mais tarde (1950) – mostra como a influência alemã e norte-americana se apresentaram na atuação do professor para a institucionalização da antropologia no Brasil. Apesar de não atribuir de forma direta a influência de Alfred Vierkandt, seu orientador de doutorado alemão, na criação do dicionário, uma vez que Vierkandt havia realizado empreitada semelhante na Berlim dos anos 20, podemos traçar paralelos entre o movimento de Willems e o de seu antigo professor. René König, colega de Willems nas universidades alemãs da década de 1920, nos mostra em *Soziologie in Berlin um 1930* (1987) como o *Handwörterbuch der Soziologie* de Vierkandt teve um papel fundador nas disciplinas alemãs. No entanto, ao mesmo tempo em que a criação dos dicionários brasileiros tem influência do ambiente acadêmico alemão, o seu conteúdo é composto, em sua maioria, de verbetes de conceitos e de autores americanos, como apresentarei adiante.

Ao analisarmos as publicações de Willems desde sua imigração ao Brasil, a importância da criação da *Revista Sociologia*, não só para o ambiente acadêmico da época, mas para a própria carreira de Willems, chama a atenção. Até 1939, o professor publicou quase que a totalidade de seus artigos na *Revista do Arquivo Municipal* de São

¹⁴⁹ Nota dos Editores. “Aos Nossos Leitores”, *Revista Sociologia*, 1. Ed, 1939, p. 9.

¹⁵⁰ Idem. Negrito no original.

Paulo. Antes da criação de *Sociologia*, o periódico do Arquivo Municipal aparece como o principal difusor de artigos, mostrando como era escassa a oferta de revistas acadêmicas especializadas. A *Revista do Arquivo*, “considerada [...] como um veículo de divulgação do conhecimento científico e cultural, principalmente das atividades realizadas pelo Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo” (CLARO, 2008. p.1), marcou presença no incipiente mercado editorial paulista, sendo um importante meio de reconhecimento acadêmico. Vimos anteriormente que Willems esteve associado, ainda que perifericamente, à Sociedade de Etnografia e Folclore, sociedade vinculada ao Departamento de Cultura de São Paulo. Publicando de forma sistemática na *Revista do Arquivo Municipal* entre 1937 e 1941, Willems passou, a partir do início da década de 1940, a publicar seus trabalhos em outros periódicos, principalmente, mas não somente, na *Sociologia*.

Além de fornecer à academia e ao próprio Willems uma nova oportunidade de publicações, a *Revista Sociologia* parece ter criado uma nova dinâmica de publicações por parte de seu diretor fundador. A produção de Willems à frente da revista é tão intensa que ele mesmo parece ter se esquecido de muitos de seus artigos publicados pelo periódico. Em um exame das listas de publicações que acompanham os relatos autobiográficos de Willems (ver considerações finais e anexo II) é possível constatar que vários dos artigos escritos pelo professor para *Sociologia* são deixados de fora.

Ao analisarmos a relação de Willems com um de seus mais célebres alunos no período em que foi professor no Brasil, podemos ter ideia da importância da *Revista Sociologia*. O primeiro contato entre Willems e Florestan Fernandes foi precisamente através do periódico. Fernandes foi, a pedido de Roger Bastide, apresentado a Willems para que pudesse publicar em *Sociologia* parte do trabalho que tinha realizado enquanto aluno de primeiro ano para a disciplina de sociologia I sobre o Folclore em grupos infantis na cidade de São Paulo (“Folclore e grupos infantis” (vol. 4, n. 4, 1942), “Educação e cultura infantil” (vol. 5, n. 2, 1943), “Aspectos mágicos do folclore paulistano” (vol. 6, n. 2-3, 1944). Florestan Fernandes é outro intelectual que, dessa forma, relata a grande contribuição de Willems à frente da *Revista Sociologia*. Segundo Fernandes, “Pela primeira vez vi qual era a diferença entre o ‘amador’ e o ‘profissional’, o ‘aprendiz’ e o ‘mestre’; e creio que aproveitei bem a lição, que iria servir de ponto de referência no meu modo de entender e praticar a pesquisa empírica sistemática como sociólogo” (FERNANDES, 1977, p.162). Além disso, Fernandes atribui a Willems, entre outros

autores, as primeiras tentativas de sistematização dos conhecimentos sociológicos no Brasil, empreendidas com o propósito de contribuir para o progresso da teoria sociológica. Além de *Sociologia*, estariam o *Dicionário de Etnologia e Sociologia* (1939), o *Dicionário de Sociologia* (1950), e a publicação *Leituras Sociológicas* no rol de obras de compilações do professor que demonstra a preocupação na sistematização de conceitos sociológicos no contexto acadêmico brasileiro. Como apresentei no capítulo 1, a publicação de *Leituras Sociológicas* visava colocar o leitor brasileiro em contato com obras da literatura sociológica internacional, entendendo que predominava no Brasil a tradução de apenas algumas obras francesas em um mercado editorial incipiente. Ainda em relação ao aprendizado desse primeiro contato, afirmou Florestan Fernandes:

o contato com o professor Willems, que não havia sido meu mestre até então, foi muito importante. A crítica da técnica de investigação foi ele quem fez. Ele já tinha experiência anterior; estudou os alemães no sul do Brasil, conhecia as técnicas de pesquisa de campo usadas pelos americanos e, de outro lado, como tinha origem alemã e estudou em universidade alemã, possuía outra base teórica para criticar aquelas técnicas. Para mim isso foi muito interessante. Pude salvar uma parte do material enquanto a outra deixei como estava, porque não tinha como refazer toda a pesquisa. Esse episódio foi muito importante para mim porque, já no primeiro ano de curso, a experiência no trato com o material empírico foi aprofundada de uma maneira que não era comum. (...) eu saí um pouco de tendência do estudante de ficar preso a certos livros e descobri que a pesquisa é instrumental para o trabalho intelectual: a teoria se constrói através da pesquisa (FERNANDES, 1978. pp.10-11).

Se atentarmos para o Editorial da primeira edição de *Sociologia*, publicado em 1939, vemos como as preocupações de Willems citadas por Florestan estavam enunciadas:

'SOCIOLOGIA' é revista e compêndio a um tempo. Entendendo que uma ciência tão ligada à realidade social e à necessidade de observação e investigação incessantes, não pode ser condensada apenas em livros, resolvemos dar-lhe uma apresentação mais plástica, susceptível de ser renovada e aperfeiçoada continuamente. Além de proporcionar ao estudante o contacto com a matéria dos programas oficiais, 'SOCIOLOGIA' pretende incentivar, mediante suas secções de consultas e pesquisas, o 'trabalho de campo', a observação direta e a investigação de fatos concretos para lançar, deste modo, os fundamentos de uma **SOCIOLOGIA BRASILEIRA**, isto é, uma Sociologia das realidades sociais do nosso país¹⁵¹.

Notamos, aqui, como as preocupações do professor com as técnicas empíricas do trabalho de campo estavam enunciadas pelo editorial da revista e na própria concepção de ensino e pesquisa de Willems. Dessa forma, como sugerido por Jackson (2009b):

não é demais relembrar que a fase de maior aproximação entre a USP e a ELSP, diretamente relacionada com a presença de Emílio Willems, foi determinante para o desenvolvimento futuro do projeto acadêmico e do

¹⁵¹ Nota dos Editores. "Aos Nossos Leitores", *Revista Sociologia*, 1. Ed, 1939, p. 9. Negrito no original.

programa de pesquisas liderado por Florestan Fernandes à frente da Escola Paulista de Sociologia, nas décadas de 1950 e 1960. O sociólogo percebeu naquele momento que o alcance de uma pesquisa coletiva ultrapassava muito qualquer empreendimento individual e, também, que a fundamentação empírica de uma análise sociológica deveria ser extremamente rigorosa (IDEM. p.185).

Desenvolverei, a seguir, como Willems iniciou os seus estudos empíricos no Estado de São Paulo. Considerando-se que o professor foi determinante para o futuro desenvolvimento do projeto acadêmico que vigoraria na academia paulista das décadas seguintes, procurarei analisar, nessa próxima sessão do capítulo, em que consistiam os trabalhos de campo do professor.

2.3.Os Campos de Emilio Willems: Do interior ao litoral paulista

Durante o período em que atuou à frente das instituições de ensino superior na capital paulista, Willems realizou uma série de pesquisas de campo no interior e litoral do Estado de São Paulo, todas elas “relacionadas com os assuntos básicos do curso”¹⁵². Destacarei a seguir algumas considerações sobre a presença de Willems em campo que, como mencionado anteriormente, tiveram importância central no entendimento do pesquisador sobre o caráter empírico das ciências sociais e para a academia brasileira.

Em 1941, Willems realizou, em companhia de Baldus, uma viagem ao Vale do Ribeira para investigar a aculturação dos imigrantes japoneses na região. Sobre a pesquisa de campo, Willems escreveu empolgado a Fernando de Azevedo:

Aqui, os nossos trabalhos estão-se desenvolvendo muito bem. O material colhido já é muito grande, mas os dados a serem colhidos aumentam à medida que se vai aprofundando o estudo. O que se dá no Sul, pode ser observado também aqui: O problema da aculturação é extremamente complexo. É só com uma turma de pesquisadores mais ou menos treinados que se consegue trabalhar satisfatoriamente. Creio que é o primeiro ‘field work’ de caráter sociológico e organizado que se está fazendo no Brasil¹⁵³.

Apresentarei no capítulo 3 como Willems se utilizou dos conceitos de aculturação e procurou realizar as referências metodológicas dos trabalhos que conhecia na literatura. Ressalto, aqui, a compreensão de Willems sobre a magnitude do estudo de campo para o desenvolvimento da reflexão científica, bem como a maneira como considerava que, para

¹⁵² Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949 vol.2, 1953.p.660.

¹⁵³ Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 18 de julho de 1941. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo: FA-CP-Cx34,18.

um trabalho desse tipo, seria essencial um conjunto de pesquisadores treinados. Se, como dito anteriormente, Willems defendeu a ideia de que a investigação coletiva deveria dar a tônica de projetos de maior envergadura empírica, o trabalho de campo no município de Registro/SP deu ao pesquisador a primeira noção de como organizar um ‘field work’. Acompanhado por Lavínia Costa Villela, aluna do curso post-graduado e assistente de Sociologia da Universidade de São Paulo, Rui Rodrigues, aluno do segundo ano do curso sub-graduado, o prof. Yozo Yawata, intérprete e pesquisador social, e Barbara B. Hadley, aluna da Universidade do Brasil, os professores puderam realizar um amplo trabalho de campo e ensinar na prática como realizar uma pesquisa. Esse trabalho de campo mostrou a Willems, também, como um estudo amplo, com a utilização de um “ecletismo crítico”, seria essencial para a pesquisa. Segundo o professor:

O apego dogmático a qualquer ‘escola’ esteriliza, imediatamente, qualquer esforço produtivo. O ‘sadio ecletismo crítico’ é, a meu ver, a única atitude que realmente nos convém. Aliás, sempre combati uma separação rígida destas disciplinas chamadas ‘Sociologia’, ‘Antropologia’, ‘Etnologia’, ‘Etnografia’, etc. Estou inteiramente do lado de Boas e Herskovits quanto à distinção de Sociologia e Antropologia. Esse meu ponto de vista não é apenas fruto de reflexões dedutivas, mas de trabalhos de campo. Um estudo ‘apenas’ antropológico ou ‘apenas’ sociológico não pode produzir resultados satisfatórios, como verifiquei mais uma vez na minha última expedição ao Vale do Ribeira onde estudei a colonização nipônica¹⁵⁴.

Em 1945, Willems realizou aquele que seria o seu trabalho de campo de maior envergadura e que resultaria no seu trabalho mais comentado pela literatura nacional: o estudo de comunidade do município de Cunha. Willems considerava o estudo de Cunha como um dos eventos mais significantes de sua carreira profissional¹⁵⁵.

Em sua primeira viagem ao campo, Willems escreve as primeiras impressões a Fernando de Azevedo:

Há quinze dias que estou em Cunha ligando o útil ao agradável, quer dizer, trabalhando e veraneando. Estive primeiro em Minas, Estado que pouco conhecia. Viajei por Juiz de Fora, Barbacena para ficar alguns dias em São João. Na viagem para cá passei por Lavras conhecendo dessa maneira o sul de Minas. Foi um passeio muito agradável.

No dia 5 comecei as minhas pesquisas aqui em Cunha, cidadezinha antiga, a mais de mil metros acima do mar, com clima extraordinário e uma paisagem deslumbrante.

Escolhi Cunha por ser um município que até 1930 esteve muito isolado conservando formas culturais que em outras zonas do Estado já desapareceram. Quis também medir o tipo físico que depois de quase duzentos anos de intercasamentos deve ser bastante homogêneo. As famílias antigas da vila são todas aparentadas. Na zona rural, a situação é semelhante. Aliás, o município

¹⁵⁴ Carta de Willems a Arthur Ramos, 4 de agosto de 1941. Arquivo Arthur Ramos, 2.788. I-36,7,2.726. Biblioteca Nacional.

¹⁵⁵ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.28.

é enorme e as distancias grandes. Hontem , por exemplo, passei mais de oito horas na sela. Medi mais de cem pessoas e colhi um material interessante que revela sobretudo a influência predominante na religião. Em 1932 construiu-se a primeira estrada de rodagem a Guaratinguetá. Desde então, a mudança das formas culturais anteriores vem se acentuando cada vez mais. E é justamente essa mudança que pretendo estudar. Através dos processos de individualização, secularização e desorganização social. Pareceu-me que o material colhido apresenta margem para um estudo nesse sentido. Os alunos que estão comigo estão aproveitando bastante. Quarta-feira voltarei a São João del Rey para buscar a minha família. No princípio de fevereiro estarei de volta¹⁵⁶.

Notamos aqui como se deu o primeiro contato do pesquisador com o campo. A justificativa da escolha da comunidade por seu suposto isolamento (fato que será um dos motes das críticas aos estudos de comunidade, como apresentarei no capítulo 3), o projeto para averiguar tanto as mudanças culturais quanto físicas, sendo essas apresentadas como essenciais ao projeto de pesquisa na comunidade, mas que foram excluídas das edições posteriores da obra. Além disso, citou o aproveitamento dos alunos que ajudavam na pesquisa. Segundo Willems,

Inspirado pelos trabalhos de Robert Redfield¹⁵⁷ na Península de Yucatan, México, resolvi verificar as hipóteses propostas pelo exímio antropólogo de Chicago, numa comunidade tradicional de São Paulo. Escolhi Cunha porque a vila, depois de longo período de isolamento, estava passando por uma fase de mudanças culturais do tipo que Redfield havia observado no México. Realizei o trabalho de campo em 1945 e 1946, em companhia de Gioconda Mussolini, Florestan Fernandes, Alceu Maynard de Araujo, Carlos Borges Schmidt e Paulo Florençano, colaboradores dedicados e inteligentes, alguns dos quais, anos depois, vieram a ocupar lugares de grande distinção nas ciências sociais¹⁵⁸.

A escolha do estudo no município de Cunha, explicado tanto nas cartas que escreveu no período como na própria justificativa teórica do estudo, por seu suposto isolamento, é interessante por revelar a predileção da localidade para a condução de estudos sociológicos e etnográficos na academia paulistana naquele período. A escolha de Cunha para diversas pesquisas também ajuda a compreender as disputas institucionais nas quais Willems esteve envolto no período, já mencionadas no início desse capítulo. Se a pesquisa de Willems repercutiu nos estudos posteriores do município, como no trabalho de Campos (2012), bem como no de Shirley (1977), entre outros, um contemporâneo de Willems vislumbrou, assim como este, a realização de um estudo de comunidades em

¹⁵⁶ Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 21 de janeiro de 1945. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo: FA-CP-Cx34,20.

¹⁵⁷ Robert Redfield (1897-1958) foi um antropólogo norte-americano professor na Universidade de Chicago a partir de 1927. Realizou pesquisas de comunidade no México sendo um dos antropólogos mais conceituados da Escola de Chicago.

¹⁵⁸ Autobiografia de Emilio Willems, p.8. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

Cunha. O professor Mario Wagner Vieira da Cunha relatou que tinha iniciado suas pesquisas no município antes de ir estudar nos EUA em 1941 e que realizaria o seu doutorado em Chicago com um estudo da comunidade, sob a perspectiva teórica de Redfield, a mesma utilizada por Willems (PINHEIRO FILHO & MICELI, 2008), tendo publicado um artigo introdutório nos Anais do IX Congresso de Geografia e História, intitulado “O povoamento do município de Cunha” (CUNHA, 1944). Não deixa de ser curiosa a suposta coincidência na escolha da comunidade para as pesquisas de ambos. Como Willems chegou à escolha de Cunha não está documentado. Não sei precisar se o professor teve contato com a cidade a partir dos estudos de Mario Wagner Vieira da Cunha, se seu aluno Oracy Nogueira, natural do município, acabou por influenciar essa escolha, ou se foi algum outro motivo que o levou àquele município específico. A essa pergunta de como chegou a Cunha, realizada por uma de suas alunas em uma das passagens do professor de volta ao Brasil, Willems apenas respondeu, anedoticamente: “de ônibus” (CONSORTE; PEREIRA; TORRES, 2010. p.6). De toda forma, não deixa de ser curiosa a escolha do município por mais de um pesquisador por seu suposto isolamento, ainda mais na década de 1940.

Um incidente relatado por Willems em uma de suas autobiografias é interessante para compreendermos melhor o ambiente de pesquisa em Cunha. Conforme recordou o pesquisador, enquanto se locomovia no lombo de cavalos entre os diversos pontos de pesquisa do município, Willems encontrava apenas mulheres e crianças nas residências que visitava. Curioso com a total ausência de homens, o pesquisador foi informado da visão que os interlocutores tinham do pesquisador. Em prática semelhante à relatada por Monteiro Lobato em *Urupês*¹⁵⁹, os homens de Cunha, ao verem a aproximação de Willems e ao ficarem sabendo das medidas antropométricas que o pesquisador realizava, escondiam-se na mata, acreditando que Willems era um oficial do exército, realizando medidas para a confecção de uniformes militares e que, em breve, seriam enviados para a Itália nos esforços brasileiros na Segunda Guerra. A visão dos cunhenses de que Willems era um oficial do exército brasileiro, e não um estrangeiro, é curiosa, e demonstra como o pesquisador já estava bem adaptado ao português e aos costumes brasileiros. Situação bem diversa é descrita, por exemplo, por José de Souza Martins sobre Robert

¹⁵⁹ “Em matéria de civismo não sobe de ponto. —‘Guerra? Te esconjuro! Meu pai viveu afundado no mato pra mais de cinco anos por causa da guerra grande. Eu, para escapar do ‘reclutamento’, sou inté capaz de cortar um dedo, como o meu tio Lourenço”. LOBATO, Monteiro. *Urupês*. Ed. Brasiliense. S. Paulo, 1961, p. 287.

Shirley, pesquisador americano que realizou estudo de comunidade em Cunha nos anos 1970. Segundo o prefácio de Martins, Shirley era descrito pelos habitantes de Cunha como um “alamãozinho”[SIC] (MARTINS, 1977. p.20). Relembrando outro conto de Lobato, “Espião alemão”(2007 [1919]) , em que em uma pequena cidade interiorana um americano é confundido pela população local por um espião alemão, a preocupação da guerra adentrava nos municípios rurais paulistas.

O fato de, durante a realização da pesquisa, Willems ter sido visto como agente do exército, é revelador de um aspecto curioso da relação que se estabeleceria entre pesquisador e pesquisados, assim como é interessante a repercussão que a publicação do livro sobre o estudo em Cunha tem na literatura sobre a história das ciências sociais: como mais um “causo”, assim como a multidão de cunhenses que foi protestar pela publicação do livro. Segundo consta no relato de aluno da época, a Faculdade de Filosofia teria sido cercada por moradores da cidade de Cunha, que teriam vindo de ônibus da cidade para protestar contra a publicação do livro de Willems. Segundo relatado por João Baptista Borges Pereira (CONSORTE; PEREIRA; TORRES, 2010), Oracy Nogueira teria contado que moradores de Cunha teriam se reunido em frente à praça da Escola Caetano de Campos exigindo uma explicação do porquê Willems tinha revelado “as intimidades das famílias”. Oracy Nogueira, nascido em Cunha, teve que aplacar a ira do prefeito e dos habitantes da cidade, e tentou explicar que se tratava de um trabalho científico, mas ouviu como resposta: “Oracy, você é cunhense e devia se envergonhar, porque na verdade, o professor Willems colocou Cunha de cuecas na rua” (CONSORTE; PEREIRA; TORRES, 2010. p.7).

Esse relato, apesar de não poder ser confirmado em nenhum outro depoimento ou por jornais da época, dá pistas interessantes sobre como o estudo foi recebido e reeditado pelo autor nas edições seguintes. Segundo Martins, grande parte da discórdia gerada em torno da aceitação dos próprios habitantes de Cunha girou em torno exatamente da forma depreciativa como era vista a caracterização de “caipira” no senso comum (MARTINS, 1977. pp. 21-22). Martins, que atribui a Willems a primeira tentativa sistemática de se estudar a cultura caipira, aponta a utilização do termo como motivo principal para a população da cidade se sentir exposta. Em um artigo em que ressalta a abordagem pioneira de *Cunha*, Judas Tadeu de Campos (2012) orienta-se no mesmo sentido. Ao avaliar a repercussão da obra, Campos afirma que a pesquisa de Willems foi uma das maiores contribuições para a compreensão da cultura caipira e, mesmo com a importância

desse grupo para a formação do modo de vida paulista, tanto o senso comum como a classe intelectual do próprio Estado passaram a considerá-la como um modo de vida primitivo, que deveria desaparecer para o bem do progresso da nação (CAMPOS, 2012, p. 336). Fosse o problema a caracterização dos habitantes como caipiras ou não, Willems mudou o nome da cidade nas publicações seguintes. Cunha virou Itaipava, e a segunda e terceira parte do livro – as relativas aos dados antropométricos e achados arqueológicos – foram tirados da publicação comercial. Se em 1948 o estudo fora publicado pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, em 1961 o trabalho ganhou uma versão descrita pelo autor como “comercial” pela Difusão Européia do Livro.

Ao longo das décadas de 1930 e de 1940, Willems realizou uma série de viagens ao litoral dos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro¹⁶⁰, mas foi entre 1946 e 1948, após sua pesquisa em Cunha, que Willems intensificou suas pesquisas com viagens ao litoral desses três últimos estados, principalmente São Paulo, que resultariam em sua publicação sobre a Ilha de Búzios (1951). Segundo o Anuário da FFCL, foram três viagens destinadas a um estudo exploratório e à aquisição de uma visão de conjunto da região costeira. Os trabalhos de campo, de natureza intensiva, foram realizados na Ilha de Búzios abrangendo, de forma similar ao estudo de Cunha, uma análise relativa ao tipo físico dos caiçaras¹⁶¹. Sobre as viagens ao litoral, escreve Willems em uma de suas autobiografias:

A região toda, naturalmente fora das cidades, estava então bastante isolada, oferecendo oportunidades únicas para investigar a tradicional cultura híbrida, assim como as mudanças que se estavam processando. Em julho de 1947 dirigi-me à Ilha de Búzios, em companhia de Gioconda Mussolini e dois estudantes avançados¹⁶².

Notamos, a partir de uma análise das pesquisas de Willems no litoral, como a preocupação de isolamento presente no estudo de Cunha ainda justificava a investigação. Isso a despeito do fato de que, na publicação do estudo em versão inglesa em 1951, ou seja, depois da grande repercussão de seu estudo de comunidade em Cunha, Willems afirmasse que o que seria um estudo sobre o isolamento da comunidade se tornou um estudo sobre o contato cultural, já que a ilha “se diferencia, muito menos do que se

¹⁶⁰ Parte dessas viagens foi realizada em companhia de Carlos Borges Schmidt, e as fotografias podem ser encontradas no Acervo do Museu da Imagem e do Som MIS/SP.

¹⁶¹ Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949 vol.2, 1953.

¹⁶² Autobiografia de Emilio Willems, p.8 Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

supunha, de certas comunidades da ilha de São Sebastião e do litoral em frente” (WILLEMS & MUSSOLINI, 2003. p.14). O grupo de pesquisa para esse estudo era composto pelo médico Oscar Rezende de Lima e por Iris Koehler, ambos graduados pela ELSP, instituição que financiou a pesquisa, bem como por Gioconda Mussolini, que nesse período já se especializava no campo de estudos sobre a cultura caiçara¹⁶³. É interessante e revelador das estruturas de prestígio no campo acadêmico do período que Willems figure como autor “em colaboração com Gioconda Mussolini”. A especialista em cultura caiçara era, afinal, justamente Mussolini.

¹⁶³ A pesquisa da professora Gioconda Mussolini pode ser amplamente consultada no Arquivo IEB-USP acervo “Estudos pioneiros sobre os caiçaras de Ilha Bela” DRP018.

Capítulo 3: Os EUA na Antropologia de Emilio Willems

Os Estados Unidos são marcantes para Willems, tanto em sua trajetória acadêmica e pessoal como nas referências teórico-conceituais de muitos de seus estudos brasileiros. Apesar de sua origem alemã (capítulo 1) e dos 18 anos em que esteve no Brasil (capítulo 2), o professor chegou em alguns momentos a ser associado como um nome da antropologia norte-americana. O Prefácio à Edição Brasileira da tradução de *Buzios Island* (WILLEMS & MUSSOLINI, 2003) é prova disso. Na edição em português, que data apenas de 2003 – a edição em inglês data de 1951, ou seja, mais de 50 anos se passaram até a obra atrair interesse no Brasil para ser traduzida -, bem como em muitas outras publicações do autor, a forma de se referir a Willems é como “o antropólogo norte-americano”. De fato, mesmo antes de se mudar para os EUA em 1949 para lecionar no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt, em Nashville, Willems já tinha um forte interesse pela antropologia praticada naquele país e, em diversos momentos de sua trajetória, demonstrou ter um conhecimento íntimo do que lá estava sendo produzido. Neste capítulo, procurarei mostrar as relações entre o autor e a academia norte-americana, desde a utilização de modelos de pesquisa vigentes nos EUA e adotados por Willems enquanto pesquisava no e sobre o Brasil até a sua entrada na academia e sociedade norte-americana em 1949, onde se estabeleceria até falecer, em 1997.

Para isso, o capítulo está dividido em duas partes. Em 3.1 A Antropologia Norte-Americana em Willems, procurarei mostrar como os conceitos em voga na antropologia praticada nos EUA durante a década de 1940 tiveram ressonância na obra do professor, como nos conceitos de 3.1.1 Aculturação, 3.1.2 a noção de uma Antropologia Aplicada, e 3.1.3 nos Estudos de Comunidade, modelo de pesquisa que remontava diretamente à Escola de Chicago. Na segunda parte, 3.2 A trajetória nos EUA (1949-1997), mostrarei como se deu a trajetória do professor nas diferentes instituições de ensino nos EUA, apontando os intercâmbios acadêmicos do professor e a forma com que caracterizou as diferentes universidades nas quais lecionou.

Na realidade, a presença de Willems na bibliografia da academia brasileira parece ter gradativamente diminuído após sua ida aos EUA, tornando, de certa maneira, o período americano de sua vida fundamental para compreender algumas lacunas da historiografia sobre sua obra no Brasil. Se o autor continuou com o foco em pesquisas sobre o Brasil e a América Latina, tendo voltado ao país algumas vezes enquanto

pesquisador após ter se radicado ao norte, a maior parte de sua obra após 1949 não foi traduzida para o português, mesmo que se tratasse de estudos sobre o Brasil, como é o caso de *Followers of the new Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile* (1967) e *Latin American Culture* (1975). Mais do que isso, quando a bibliografia trata da trajetória do professor, curiosamente parece finalizar com sua partida para os EUA. Dessa forma, mostrar não só o uso de conceitos associados à academia norte-americana nos estudos de Willems enquanto esteve no Brasil, mas também o seu percurso institucional a partir de sua ida à Vanderbilt parece fundamental para repensar o estudo de sua trajetória na história da antropologia. São 50 anos da vida do professor que não atraíram a atenção da academia brasileira, sendo possível encontrar apenas esparsos comentários na literatura sobre esse período. Pretendo, assim, refletir neste capítulo não só sobre como a antropologia em voga nos EUA foi mobilizada na obra de Willems, mas também sobre a trajetória do professor nas diversas instituições em que lecionou a partir do momento em que deixou o Brasil em 1949. Afinal, conforme aponta Oliveira (2012) sobre a trajetória de Donald Pierson, ressaltando deslocamentos geográficos e intelectuais convergentes aos de Willems,

Ao seguir os deslocamentos geográficos de Donald Pierson entre os Estados Unidos e o Brasil considerando suas pautas de investigação, problemas, métodos, orientações teóricas e atuação institucional, teríamos como pano de fundo a própria formação da antropologia e sociologia nestes dois países. Neste contexto, é possível observar como estão em disputa diferentes visões sobre o fazer científico e acadêmico (OLIVEIRA, 2012. pp.17-18).

Sendo assim, acredito que ao acompanharmos a trajetória de Emilio Willems entre o Brasil e os EUA também poderemos refletir sobre os processos de institucionalização das ciências sociais nos dois países, o que por sua vez é fundamental para compreender os sentidos da experiência do autor nesse contexto. Além disso, é interessante situar a diferença do deslocamento em Willems e Pierson. Se Pierson se tornou um nome importante da sociologia norte-americana no Brasil, tendo apresentado a Willems o que se vinha produzindo nas universidades dos EUA, o caminho de Willems parece ser um tanto mais tortuoso em sua transferência para o país. Partindo do pressuposto de que “nas décadas de 1940 e 1950 houve no Brasil uma intensa circulação e intercâmbio de paradigmas e práticas científicas, profissionais e investigadores, agências e projetos internacionais que articularam redes acadêmicas transatlânticas envolvendo centros de

estudos estrangeiros”¹⁶⁴ (RAMASSOTE, 2018. p.21), ressaltarei na figura de Willems como se deu essa rede. Da mesma forma que, ao analisar a trajetória de Donald Pierson entre o Brasil e os Estados Unidos, Oliveira afirma que “seus deslocamentos não foram de nenhuma maneira solitária ou apenas errante”, mas que poderiam ser traçados como “parte de projetos intelectuais coletivos mais amplos e de ambiciosas aspirações para a criação de modelos explicativos sobre o mundo social” (OLIVEIRA, 2012. pp. 15-16), encontramos nos deslocamentos de Willems um movimento social mais amplo, em que “a história das ciências sociais no Brasil neste contexto específico aqui tratado deve ser pensada no interior de algumas redes internacionais” (Idem. p.19). Sua formação alemã e os dezoito anos em que esteve no Brasil, porém, fazem com que o autor tenha uma perspectiva diferente do sistema universitário norte-americano, um olhar de estranhamento que muitas vezes é utilizado pelo professor como contraponto a suas demais experiências.

3.1 A Antropologia Norte-americana em Willems

A presença de noções e conceitos da academia norte-americana já pode ser encontrada na obra de Willems antes da ida do professor para lecionar em Vanderbilt. Por exemplo, ao consultarmos o *Dicionário de Sociologia* (WILLEMS, 1950) (que, apesar de publicado em 1950, quando Willems já reside nos EUA, foi elaborado cinco anos antes; fato este que leva Willems a se isentar de lacunas devidas aos anos que se passaram entre a elaboração e publicação¹⁶⁵), notamos que mais de 100 nomes de intelectuais que aparecem como verbetes do dicionário são de norte-americanos. Segundo o autor, a sociologia e a antropologia social foram disciplinas que “evolveram com surpreendente

¹⁶⁴ Tradução minha. No original: “(...) en las décadas de 1940 y 1950 hubo en Brasil una intensa circulación e intercambio de paradigmas y prácticas científicas, profesionales e investigadores, agencias y proyectos internacionales que articularon redes académicas transatlánticas involucrando centros de estudios extranjeros (...)” (RAMASSOTE, 2018. p.21).

¹⁶⁵ Em carta de 1950 Willems se surpreende com a publicação do dicionário. Escreve o autor: “Sua notícia de que meu dicionário foi finalmente publicado, surpreendeu-me. A casa editora não se dignou de me comunicar o fato ou de enviar os exemplares a que tenho direito. Não vi as provas tipográficas e não tive ensejo de pôr em dia verbetes que foram redigidos há quatro ou cinco anos. Autores dados como vivos já morreram, novos nomes deveriam ser acrescentados, e as bibliografias de quase todos os autores vivos estão antiquados. Escrevi imediatamente à casa editora declinando de toda responsabilidade pelas lacunas que a crítica porventura censurar. Mais uma lição para mim e todos que desejam publicar trabalhos científicos na Livraria do Globo.” Carta de Emilio Willems a Fernando de Azevedo 19 de novembro de 1950. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx,28.

rapidez nos países de língua inglesa, mas que, após um início promissor, quase estagnaram em França, na Alemanha e Itália” e ainda se encontravam em uma “fase incipiente nos demais países civilizados” (WILLEMS, 1950. p.IX). Além disso, parte do referencial teórico abordado pelo autor, como os estudos de assimilação e aculturação, além dos estudos de comunidade, bem como a própria noção de antropologia aplicada, evidenciam fortes ressonâncias do que estava se produzindo na academia dos EUA no período. Da mesma forma, as aulas que lecionou na USP e ELSP, os verbetes de seus dois dicionários e a publicação na *Revista Sociologia* foram um foco importante para difundir na academia brasileira os estudos em voga nos EUA.

No capítulo anterior, apresentei como a bibliografia considerou as instituições paulistas nas quais Willems lecionou enquanto representantes de uma dicotomia entre a influência francesa e norte-americana nas ciências sociais no Brasil (Cf. CORRÊA, 2013; LIMONGI, 1987; PEIXOTO, 2001). É consenso entre os historiadores das ciências no Brasil que, enquanto a Universidade de São Paulo se constituiu como um núcleo da influência francesa por abordar uma visão mais “filosófica” das ciências sociais, a Escola Livre de Sociologia e Política é retratada como o *locus* da influência do modelo norte-americano de pesquisa. No entanto, o próprio Willems já se posicionava em relação a essa divergência de modelos em 1943, quando publica resenha do livro *Negros in Brazil*, de Donald Pierson, na *Revista Sociologia* (WILLEMS, 1943b). Nessa resenha, Willems fez uma comparação entre os modelos do que compreende ser uma sociologia ‘fossilizada’, levada a cabo pelas influências das universidades europeias, e a sociologia realizada pelas instituições norte americanas. Escreveu o autor:

Entre nós há quem “não acredite” em Sociologia. O juízo que os incrédulos se formaram, baseia-se nos programas obsoletos aos quais obedece, frequentemente, o ensino de Sociologia; no verbalismo e na literatice; na preferência que se dá, nas nossas escolas, à discussão de problemas ligados à história da Sociologia ou Filosofia Social; na mania de formar escolas, aderir a escolas ou de enxergar escolas onde na verdade não existe nem sombra de semelhante fenômeno. Parece-me que terá toda razão quem se mantiver “incrédulo” diante dessa “Sociologia” fossilizada, sobrevivência do tempo dos “sistemas”, das polemicas “brilhantes”, do esteticismo e dogmatismo do século passado. A mentalidade de pesquisador nas ciências sociais, entre nós somente um punhado de pioneiros a adquiriram.

Nos Estados Unidos, cujas universidades felizmente nunca estiveram sob o jugo da rotina das universidades europeias, os sociólogos jamais se deixaram ofuscar pelo brilho da Sociologia e Filosofia Social do Velho Mundo a ponto de se esterilizarem em trabalhos de compilação ou interpretação (WILLEMS, 1943. pp. 86-87).

De fato, Willems, que já possuía uma estima pela ciência social desenvolvida segundo o modelo em vigor nos EUA, teve seu interesse cada vez mais aprofundado a

partir do contato do alemão com Pierson. Como apontado por Oracy Nogueira:

Antes da vinda de Pierson para São Paulo, Willems já conhecia os principais clássicos norte-americanos e uns poucos contemporâneos como Park e Stonequist. Com o hábito da pesquisa bibliográfica e seu conhecimento de línguas, certamente, teria chegado à maioria dos sociólogos e antropólogos norte-americanos ou que atuavam nos Estados Unidos, mesmo sem o contato com Pierson; porém, o relacionamento com este serviu para lhe encurtar o caminho. Além da troca de informações de viva voz, o contato com Pierson possibilitou o uso da biblioteca especializada trazida por este, da qual constavam livros e periódicos ainda inexistentes nas bibliotecas locais.¹⁶⁶

Além disso, convém lembrar que o modelo desenvolvido por Robert Park (1864-1944)¹⁶⁷ em Chicago e que estabeleceu os parâmetros do que viria a ser a chamada ‘Escola de Chicago’ teve em Simmel, compatriota alemão cuja obra Willems estudou enquanto se doutorava em Berlim, uma figura central na definição de uma certa agenda de pesquisas¹⁶⁸. Assim, o modelo institucional da Escola de Chicago aparece em certa medida transplantado na ELSP, em que não só as problemáticas daquela Escola são trazidas para o Brasil, mas também uma “réplica” do modelo, com primazia dos estudos pós-graduados, é criada: modelo que envolve tanto a formação de grupos de trabalho, em que a cada estudante corresponde a um subtema de uma pesquisa mais ampla, sob a direção de um professor- doutor, quanto a realização de seminários, de leitura e orientação individual de alunos (PEIXOTO, 2001. p. 447).

De fato, o próprio Willems analisou a diferença entre os modelos universitários europeus e dos EUA. Em texto publicado em 1953, ou seja, após o professor ir lecionar nos EUA, ele realizou observações sobre “o nível das universidades norte-americanas” e como estas “encerram necessariamente comparações com escolas europeias”. Segundo o autor, “os que são a favor dos Estados Unidos e contra a Europa, ou vice-versa, raramente

¹⁶⁶ Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia. p.30. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ.

¹⁶⁷ Robert Park foi um jornalista e cientista social americano, considerado o fundador da chamada “Escola de Chicago” de Sociologia. Segundo o caracteriza Willems, “[e]m 1914 aceitou um convite para lecionar na Universidade de Chicago. Como professor dêse centro de ensino e de pesquisa social, Park contribuiu, decisivamente, para a formação de várias gerações de sociólogos. Já aposentado, Park passou seus últimos anos de vida na Fisk-University, prestigiando com a sua colaboração o Departamento de Ciência Social dessa Universidade. Mais do que pelas suas publicações, Robert Park exerceu influencias profundas como professor e orientador de pesquisas, contanto entre os seus discípulos nomes de destaque na sociologia dos EE.UU., como p.ex., Louis Wirth, Herbert Blumer, Clifford Shaw, Everett Hughes, Ernest W. Mowrer, Walter Reckless, Charles Johnson e Franklin Frazier. (...)” (1950 p.115).

¹⁶⁸ Como aponta Gláucia Villas Bôas ao analisar o assunto em *Recepção da Sociologia alemã no Brasil* (2006), os sociólogos alemães traduzidos por Willems na revista *Sociologia* pertenciam, em certa medida, “à mesma corrente de ideias da sociologia alemã que ‘emigra’ para os Estados Unidos no início do século e tem seus principais representantes nas figuras de Simmel, Tönnies e Leopold von Wiese” (p. 76).

se lembram de que as instituições norte-americanas têm, como as da América Latina, suas raízes na Europa”. Mais do que isso, continuou, os norte-americanos, em contraste com o Brasil e outros países da América Latina, não prosseguiram experimentando com os modelos europeus, pois “não acreditam que defeitos possam ser sanados com importações adicionais; de fato, a atitude predominante parece ser que a Europa já deu tudo que pode dar em matéria de organização universitária”. Considerando a dicotomia das ciências sociais com um viés “filosófico” ou “empírico”, dos dois modelos de ensino, Willems crê ser este, na verdade, um falso problema. Para o professor, “os que acreditam na superioridade educacional do humanismo clássico não podem deixar de preferir a Europa, pois esse tipo de educação está virtualmente extinto nos Estados Unidos” (WILLEMS, 1953. p.264). No entanto, a afirmação de que “o americano prefere as ciências sociais aplicadas ou práticas às teóricas, bem de acordo com o espírito tecnocrático” é, para Willems, uma das ideias mais errôneas sobre a educação norte-americana. Segundo o autor, o objetivo principal do “colégio subgraduado” seria exatamente o de proporcionar o que ele denomina de “cultura geral”, baseada em “princípios que poderiam ser chamados de neo-humanistas, no sentido mais lato possível”, cultivando o estudo do inglês, da literatura anglo-americana e das artes. Segundo o autor:

Grande parte do currículo subgraduado é tomada [SIC] pelas ciências sociais, incluindo história, geografia, economia. Mesmo universidades médias oferecem, durante o ano letivo, entre trinta e quarenta cursos em cada uma das ciências sociais. É principalmente nisso que reside uma das diferenças profundas entre as instituições europeias e norte-americanas. Não é apenas na Europa que o estudo das ciências sociais seja mais limitado, refletindo a imagem de uma sociedade que tem mostrado muita relutância em aplicar o escalpelo à sua própria estrutura, mas também ao ato de que a grande maioria dos estudantes à procura de cursos econômicos, digamos, deseja especializar-se nessa matéria (WILLEMS, 1953. p. 265).

Para Willems, a supremacia dos Estados Unidos, que poderia ser vista nas ciências físicas e naturais, principalmente naquelas disciplinas em que o equipamento material se impunha como fator decisivo, se manifestava de forma mais acentuada ainda nas ciências sociais. Apresentei no capítulo anterior, por exemplo, como as aulas de antropologia física na Universidade de São Paulo foram prejudicadas pela falta de um laboratório de antropometria e que alguns equipamentos tiveram que ser improvisados do laboratório de física da universidade. Segundo o professor, a “dianteira norte-americana nas ciências sociais” não seria uma diferença de “escolas”, como posto por alguns, ou que a “Europa com suas bases filosóficas oferece alternativas mais satisfatórias aos estudiosos de problemas sociais”. Segundo Willems,

Quem faz escolhas baseadas em argumentos tais, realmente prefere a filosofia à sociologia, como se pode preferir a física à biologia. E não há argumentação possível sobre preferências pessoais. Mas quem viu algumas das tentativas de ressuscitar, depois da última guerra, a defunta sociologia europeia, deve ter ficado impressionado com o anacronismo trágico de algumas instituições redivivas que, em 1930, figuraram entre as primeiras do mundo. (Idem. p. 266).

Dessa maneira, podemos vislumbrar como a noção de Willems sobre o fazer científico naquele período, em relação à diferença de modelos entre os EUA e a Europa, se alinha ao modelo americano. Se levarmos em conta a afirmação de Egon Schaden sobre a criação da disciplina de antropologia da USP, na qual “essa disciplina de antropologia não tinha lá muito sentido”, até que aparecesse o professor Willems que “conseguiu dar bastante consistência ao estudo de antropologia na Universidade de São Paulo”¹⁶⁹, arrisco afirmar, sem muitos problemas, que esse “sentido” sugerido por Schaden referia-se principalmente à antropologia desenvolvida nos EUA. As disciplinas ministradas por Willems e as leituras propostas nos seminários, como demonstramos no capítulo anterior, além dos conceitos utilizados e difundidos pelo professor, eram principalmente aquelas em voga no país do norte, empregadas pelos antropólogos norte-americanos do período.

Conforme aponta João Baptista Borges Pereira (1930 -)¹⁷⁰, Willems embarcava em vanguardas no que diz respeito a suas contribuições teóricas, tanto em seu estudo de comunidade “modelar, mas experimental”, quanto em seus estudos sobre aculturação (CONSORTE; PEREIRA; TORRES, 2010. p.6). Dessa forma, os principais conceitos utilizados por Willems em seus trabalhos enquanto residiu no Brasil tiveram ressonância direta com o que estava sendo produzido pela antropologia americana.

3.1.1 Aculturação

Emilio Willems foi um dos primeiros antropólogos no Brasil a realizar estudos sistemáticos com base no conceito de aculturação, considerando que é fundamental compreender esse processo em contextos como o brasileiro. De fato, o autor chega até a afirmar que “a história do Brasil é um único processo de aculturação” (WILLEMS, 1945.

¹⁶⁹ Edição em vídeo do registro na íntegra do depoimento de antropólogos que participaram do projeto “História da Antropologia no Brasil (1930-1960)”, coordenado por Mariza Corrêa. <https://www.youtube.com/watch?v=sqQh2ZGB4Lc> Publicado em 14 de março de 2013. Série Encontro. Entrevista com Egon Schaden. Maio 1984. Acesso em 30/05/2017.

¹⁷⁰ João Baptista Borges Pereira foi o substituto de Egon Schaden à frente da Cadeira de Antropologia, tendo sido aluno de Willems no curso de Pós-Graduação da ELSP.

p.145). É importante ressaltar, nesse sentido, que o antropólogo alemão é o autor de diversos estudos sobre o tema (WILLEMS, 1941; 1942; 1943;1944; 1946; 1948; 1949;1968; entre outros). Se, desde a década de 1930, alguns estudos brasileiros com o viés culturalista boasiano já se utilizavam do conceito de aculturação, Willems foi o responsável por realizar pesquisas baseadas em trabalhos de campo sistemáticos. Como apresentado no capítulo anterior, a partir de seu trabalho de campo sobre a aculturação japonesa em Registro (SP) o pesquisador compreendeu que a realização de pesquisas extensas, seguindo o modelo de “Field Works”, tais como os que vinham sendo realizados nos EUA, seriam essenciais para desenvolver os seus estudos.

É preciso lembrar que, se por um lado Willems foi aluno de Thurnwald¹⁷¹, quando realizou seu doutorado em Berlim, e conhecia os estudos de mudança cultural alemães, por outro lado a adesão ao modo de fazer antropologia norte-americano, bem como a influência de Robert Redfield, Ralph Linton (1893-1953)¹⁷² e Melville Herskovits (1895-1963)¹⁷³, são notórias. Conforme destacou o próprio autor, foi prosseguindo os estudos de mudança cultural o que permitiu com que ele se aprofundasse na literatura sobre aculturação que “se estava desenvolvendo rapidamente nos Estados Unidos” (CORRÊA, 2013. p. 322). Os trabalhos de Willems tiveram de fato uma ressonância importante dos estudos que estavam sendo praticados nos EUA. Em *Alguns trabalhos recentes sobre aculturação*, por exemplo, destacou a importância dos trabalhos de Herskovits e Linton em suas reflexões, não só do memorando publicado pelos autores em 1936, mas de publicações subsequentes. Nesse trabalho de 1943, o autor afirmou que “o desenvolvimento do estudo teórico da aculturação nos últimos anos prende-se a três publicações”(WILLEMS, 1943b. p.13): o memorando de 1935, publicação em que Redfield, Linton e Herskovits analisam as implicações teóricas do conceito, o livro *Acculturation*, de Herskovits (HERSKOVITS, 1938), e a coletânea de Linton (1940) e seus colaboradores, em que sete autores apresentam os resultados de um trabalho de campo visando o estudo de aculturação de “tribos” indígenas da América do Norte.

¹⁷¹ Thurnwald realizou estudos sobre mudança cultural e utilizou o conceito de aculturação em 1932 para pensar a “psicologia da aculturação” (THURNWALD, 1932).

¹⁷² Ralph Linton foi professor de antropologia nas Universidades de Wisconsin (1928-1937) e Columbia (Nova York) e diretor do Departamento de Antropologia da mesma Universidade (1937-1946) até se tornar professor de Antropologia de Yale em 1946. De 1939 a 1944, dirigiu a revista *American Anthropologist*.

¹⁷³ Sobre Herskovits, Willems escreveu no verbete de seu Dicionário que “[p]ela vastidão da obra de pesquisa realizada e pela argúcia e penetração das suas análises, Herskovits pode ser considerado um dos mais eminentes antropólogos contemporâneos” (WILLEMS, 1950. pp.75-76).

Em 1935, o *Social Science Research Council* designou um comitê para analisar os trabalhos realizados sobre a aculturação, as implicações teóricas do uso deste termo e também para explorar novas formas para investigações futuras. Como fruto desse Comitê, os antropólogos responsáveis publicaram o *Memorandum for the study of acculturation* (REDFIELD; LINTON & HERSKOVITS, 1936). Esse memorando, que reconhecia a importância dos estudos sobre aculturação e as variações dos pontos de vista nos quais o problema foi abordado, apresenta de forma sistemática a definição do conceito, bem como formas de abordar o problema, tipos de análise da aculturação, mecanismos psicológicos de seleção e integração de traços aculturados, e os resultados da aculturação. Não irei desenvolver exaustivamente aqui o conteúdo das quatro páginas que compõem o memorando, mas reproduzo a seguir a definição do conceito, importante para minha análise. Segundo o memorando:

A aculturação compreende os fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos com culturas diferentes entram em contato contínuo em primeira mão, com alterações subsequentes nos padrões culturais originais de um ou de ambos os grupos. (NOTA: Segundo esta definição, a aculturação deve ser distinguida da mudança cultural, da qual constitui apenas um aspecto, e da assimilação, que é por vezes uma fase de aculturação. Deve também diferenciar-se da difusão, que, embora ocorra em todos os casos de aculturação, não só é um fenômeno que ocorre frequentemente sem a ocorrência do tipo de contato entre os povos especificado na definição dada acima, como também constitui apenas um aspecto do processo de aculturação) (REDFIELD; LINTON & HERSKOVITS, 1936. p.149)¹⁷⁴.

Em texto posterior ao memorando, Herskovits escreveu um pouco mais sobre o desenvolvimento e aplicação do conceito. Em *Acculturation – The Study of Culture Contact* (HERSKOVITS, 1938), o autor mostrou como, “apesar da ênfase recente na investigação entre povos cujas culturas estão num estado de fluxo, ou onde se pode determinar historicamente que o contato produziu uma cultura de múltiplas origens, o reconhecimento do significado deste tipo de dados não tem nada de particularmente novo” (HERSKOVITS, 1938. p.2)¹⁷⁵. Segundo o autor, a palavra aculturação, que

¹⁷⁴ Tradução minha. No original: “Acculturation comprehends those phenomena which result when groups of individuals having different cultures come into continuous first-hand contact, with subsequent changes in the original cultural patterns of either or both groups. (NOTE: Under this definition, acculturation is to be distinguished from *culture-change*, of which it is but one aspect, and *assimilation*, which is at times a phase of acculturation. It is also to be differentiated from *diffusion*, which, while occurring in all instances of acculturation, is not only a phenomenon which frequently takes place without the occurrence of the type of contact between peoples specified in the definition given above, but also constitutes only one aspect of the process of acculturation)” (REDFIELD; LINTON; HERSKOVITS, 1936. p.149).

¹⁷⁵ Tradução minha. No Original: “Despite recent emphasis on research among peoples whose cultures are in a state of flux, or where it can be historically determined that contact has produced a culture of multiple origins, recognition of the significance of this kind of data is nothing particularly new” (HERSKOVITS, 1938. p.2).

designaria melhor estudos deste tipo, teria já uma história respeitável e, em 1928, foi definida pelo Dicionário de Webster como "a aproximação de uma raça ou tribo humana para outra na cultura ou nas artes por contato"¹⁷⁶, sendo revisada em 1934 para "a aproximação de um grupo social a outro na cultura ou nas artes por contato; a transferência de elementos culturais de um grupo de pessoas para outro"¹⁷⁷(Idem.p. 2).

Em texto em que discute a importância do livro de Herskovits citado acima, Malinowski também comenta os estudos de aculturação segundo “An American Approach” (1939). Dando ênfase inicial aos trabalhos de mudança cultural realizados na Europa, o autor afirma que a importância da aculturação como um objeto de pesquisa foi reconhecida em muitos países onde os negócios coloniais foram práticas importantes (MALINOWSKI, 1939). No entanto, discorre sobre a importância dos estudos de Herskovits, afirmando que esses são úteis contribuições ao trabalho que se está desenvolvendo recentemente para observar os contatos culturais e suas mudanças (Idem. p.48).

De fato, o conceito de aculturação tomou tanta centralidade e importância na literatura americana que, em 1953, quase vinte anos depois da publicação do memorando, o Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais (*The Social Science Research Council*) realiza um Seminário sobre aculturação (*Summer Seminar on Acculturation*). O texto resultante desse seminário, intitulado *Acculturation: an exploratory Formulation* (1954), publicado na *American Anthropologist* no ano seguinte, começa com um novo balanço da utilização do conceito. Segundo os autores do texto, o fenômeno da aculturação continuaria tendo largo interesse entre os antropólogos. De tal forma que a cada ano “novas pesquisas e programas aplicados estão sendo formulados para o estudo mais aprofundado dos fenômenos e para a possível aplicação dos conhecimentos para questões práticas”¹⁷⁸ (CONUNSIL, 1953. p.973).

De maneira geral, para os autores e autoras que tiveram como referência essa agenda teórica, mas também mais especificamente no caso da obra de Emílio Willems, pensar a utilização do conceito, principalmente em relação aos estudos rurais, pode ser

¹⁷⁶ Tradução minha. No original: “the approximation of one human race or tribe to another in culture or arts by contact” (HERSKOVITS, 1938. p.2).

¹⁷⁷ Tradução minha. No original: “the approximation of one social group of people to another in culture or arts by contact; the transfer of cultural elements from one group of people to another” (HERSKOVITS, 1938. p.2).

¹⁷⁸ Tradução minha. No Original: “new research and applied programs are being formulated for further study of the phenomena and for possible application of the knowledge to practical affairs” (CONUNSIL, 1953. p.973).

revelador. Se, conforme aponta Mormon, a sociologia rural deveria dedicar alguns de seus esforços para estudar como exatamente as sociedades rurais resistiram ao mundo externo, mas, ao invés disso, a maior parte de seu trabalho focava os mecanismos de mudança, adaptação, e integração na sociedade moderna (MORMONT, 1990. p.21), vemos que o conceito de aculturação está, mesmo que indiretamente nesse caso, presente na orientação paradigmática adotada. Uma vez que os estudos sobre o rural vislumbraram por muito tempo o fim iminente do campesinato, ou qualquer que seja a categoria dada aos sujeitos em questão, a aculturação é um conceito que está associado diretamente a esse processo, tal como compreendido nessa perspectiva. Ou seja, como assimilação e perda cultural.

No *Dicionário de Etnologia e Sociologia* (1939) produzido por Willems em parceria com Herbert Baldus, o conceito de aculturação também ganha uma definição. Nesse verbete, aculturação é definida a partir de uma citação de Herskovits utilizada também por Arthur Ramos (1937), como compreendendo “aqueles fenômenos resultantes de contacto, direto e contínuo, dos grupos de indivíduos de culturas diferentes, com mudanças consequentes nos padrões originais culturais de um ou ambos os grupos”. (RAMOS, 1937. p.384. *Apud* WILLEMS & BALDUS, 1939. p.18).

Anos mais tarde, Willems produz um novo dicionário, dessa vez voltado somente à sociologia (1950). Nesse novo dicionário elaborado pelo autor, a definição de aculturação ganha uma nova roupagem e é apresentada da seguinte forma:

Aculturação. Designa mudanças na cultura de dois ou mais grupos quando postos em contato direto e contínuo. Contatos dessa natureza implicam geralmente a transmissão de certos elementos da cultura material e não material de uma sociedade a outra. Todavia, a transmissão vai precedida por uma seleção que implica a aceitação de alguns e a rejeição de outros elementos culturais (v.i.). Muito comum também é a modificação de elementos aceitos. É frequente a desintegração (v.i.) de uma ou várias culturas, sob a influência dos contatos que se estabelecem entre os seus portadores. Após uma fase de desintegração e conflitos (v.i.), acompanhada de desorganização (v.i.) social, ocorre a reintegração que pode envolver o desaparecimento, total ou parcial, das configurações anteriores e a fusão de certa parte de seus elementos numa configuração nova. É obvio que os processos aculturativos afetam as pessoas que representam o substrato humano das culturas em contato. No que diz respeito às mudanças das personalidades atingidas, é preferível o termo assimilação. Vide *assimilação*¹⁷⁹, *socialização*, *nacionalização*, *brasilização*, *acomodação*, *ajustamento*, *aclimação*, *amalgamação*, *miscigenação* (WILLEMS, 1950. pp.1-2).

¹⁷⁹ Sobre o conceito de Assimilação, Truzzi (1992) interpretou a utilização dele no Brasil, criando uma separação em três períodos distintos, entre eles, o uso “propriamente acadêmico e estritamente associado a uma interpretação cultural do termo a partir dos anos quarenta, inaugurado provavelmente com a obra de Emilio Willems, e que se prolongou até pelo menos os anos setenta” (p. 518).

É possível afirmar, sem correr o risco de imprecisão, que Willems teve importante papel na difusão de determinados conceitos sociológicos no país. Sendo o fundador da primeira revista especializada na área, a *Revista Sociologia*, em 1939, bem como autor de dois dicionários com verbetes sobre etnologia e sociologia, e sendo professor de duas instituições de ensino superior em que viria a formar grande parte dos intelectuais paulistas, USP¹⁸⁰ e da Escola Livre de Sociologia e Política -ELSP¹⁸¹, o professor teve papel fundamental na difusão de alguns conceitos-chave utilizados em ciências sociais nesse período, como o da aculturação. Principalmente conceitos ligados aos estudos sobre o mundo rural.

Apesar de não se utilizar do conceito de aculturação em *Cunha* (1948), mas analisar a mudança cultural a partir de outras ferramentas teóricas, o primeiro estudo de comunidades realizado no país nos revela a preocupação com o tema. Apesar de ser a única vez que utiliza o termo, eis que Willems iniciou o seu texto da seguinte maneira:

Nos últimos vinte anos vêm-se multiplicando as pesquisas antropológicas dedicadas ao estudo de comunidades que não podem ser consideradas "primitivas". De modo geral, essa dilatação do horizonte da Antropologia prende-se ao fato de ter sido meramente convencional a restrição das investigações anteriores aos chamados "primitivos". No arsenal metodológico da ciência do homem não existe recurso nenhum que não possa ser aplicado a comunidades "civilizadas". Aliás, a **aculturação** gradativa de um número cada vez maior de sociedades tribais e o desaparecimento de muitas outras são fatores que teriam limitado sensivelmente os objetivos da Antropologia se os seus representantes não se houvessem lembrado, em boa hora, de alargar o campo de trabalho incorporando-lhe pesquisas sobre comunidades que até então pareciam reservadas à Sociologia (WILLEMS, 1948b. p.5. Grifos meus).

É possível perceber como Willems recuperou o conceito na forma de pensar a antropologia. A aculturação de sociedades tribais levaria o interesse do antropólogo a outros campos de pesquisa, reservados classicamente à sociologia. Com isso, o autor parece borrar as fronteiras estabelecidas entre a sociologia e antropologia, nunca rígidas na atuação do pesquisador.

¹⁸⁰ Como já descrito no capítulo 2 desta dissertação, o programa de aulas do curso de antropologia datado do ano de 1943 para os alunos da faculdade era composto por: 1-A Antropologia: conceito e delimitação; 2- O problema da formação das raças; 3- Raça, mentalidade e cultura; 4- Seleção e peneiramento; 5- Contatos raciais e culturais; 6- Exemplos de cruzamentos raciais; 7- O problema do negro na América; 8- **Aculturação e assimilação**; 9- Conflitos raciais e culturais: o homem marginal; 10- A assimilação dos imigrantes no Brasil; e **Exercícios práticos: estudos aculturativos no Estado de São Paulo**. [Grifos meus]. GUIA da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. 1943.

¹⁸¹ Como professor da ELSP nas disciplinas de “Assimilação e Aculturação no Brasil meridional” (1941); “Assimilação e Aculturação entre os imigrantes Alemães no Brasil meridional” (1942) “Sociedade Urbanas e ‘de Folk’” (Divisão de Estudos Post-graduandos 1948 março – maio); “Comunidades rurais em São Paulo” (setembro – novembro 1948); entre outras.

Em *A Aculturação dos Alemães no Brasil* (1946), Willems publicou o que seriam seus maiores estudos sobre aculturação. O livro escrito com base nas observações do autor nos anos em que morou no sul do país apresenta o desenvolvimento do conceito de aculturação entre os imigrantes¹⁸² observado durante a década de 1930, ou seja, a partir de uma pesquisa de campo prolongada. Segundo Willems, anos depois, em relato a Mariza Corrêa:

Naquele tempo o estudo científico de contatos culturais estava na primeira infância, e o famoso memorando sobre aculturação seria lançado somente em 1935. Parecia-me então que a convivência estreita e contínua de grupos culturalmente diferentes não podia deixar de produzir mudanças mais ou menos incisivas. Brusque oferecia o cenário de uma população em pleno processo de aculturação e, baseado em observações diárias durante mais de três anos, achei confirmação abundante da hipótese de inevitabilidade de tais mudanças (CORRÊA, 2013. p. 320).

Nesse trabalho, a família teuto-brasileira torna-se, na visão de Willems, um novo padrão econômico no Sul brasileiro, baseado no trabalho da pequena propriedade agrícola. Desse modo, como aponta Voigt, o imigrante alemão, por seu isolamento, não teria sofrido grande aculturação nas colônias agrícolas, mas teria sido, pelo contrário, um grande inovador cultural no Brasil (VOIGT, 2007. p.201). Isolamento é uma questão fundamental aqui, da mesma forma que a escolha da cidade de Cunha para a pesquisa foi seu suposto isolamento, assim como a ilha de Búzios, em outro estudo (WILLEMS, 2003[1951]). Além disso, é preciso lembrar que Seyferth afirma que a obra de Willems sobre os alemães no sul do país é “ponto de partida e principal fonte de outros trabalhos antropológicos e sociológicos que tratam do mesmo tema”¹⁸³ – a assimilação de imigrantes” (SEYFERTH, 1988. p. 32).

Outro grupo de imigrantes que foi pesquisado por Willems foi o dos japoneses. Saito e Maeyma, em *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil* (SAITO & MAEYAMA, 1973), também afirmam que é a partir da década de 1940 que “desperta o interesse real pelo estudo do grupo japonês” pelos antropólogos e sociólogos, atribuindo a Willems papel de destaque nesse momento. Segundo os autores,

Como um dos primeiros antropólogos no Brasil, de formação sólida, Willems havia terminado sua monumental obra sobre aculturação dos alemães (1947) e, ato contínuo, iria estender suas pesquisas ao grupo japonês, cujo intento não chegou a ser cabalmente cumprido, primeiro devido à situação anormal reinante durante e após a Grande Guerra e, em segundo, por sua transferência para os Estados Unidos. Assim, a década de 1940 terminou como

¹⁸² Sobre a contribuição e críticas dos estudos de imigração de Willems, ver Seyferth (1988 e 2011).

¹⁸³ Apesar de não se utilizar do referencial teórico do autor, Ellen Woortmann utiliza os dados de Willems em abundância em seu estudo sobre *Os Colonos do Sul* (WOORTMANN, 1995).

uma fase pioneira dos estudos sobre japoneses no Brasil (1973. p.8).

De fato, como prefaciou Willems em *A Aculturação dos alemães no Brasil* (1948), o estudo da aculturação dos japoneses e seus descendentes seria o foco de seus estudos. Sobre esse assunto, Willems publicou “Cultural Change among Japanese Immigrants in Brazil” (1942), artigo escrito em parceria com Baldus, além de “Shindo-Renmei: um Problema de Aculturação” (1947), escrito em parceria com Hiroshi Saito (1919-1983)¹⁸⁴, “Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo” (1948) e “The Japanese in Brazil. Far Easten Survey” (1949). No que diz respeito ao estudo das comunidades japonesas no Brasil, eis que é atribuído a Willems mais uma vez um papel de pioneirismo, dessa vez também pela literatura norte americana. No texto *The Acculturation of The Japanese Immigrants in Brazil*, de Yukio Fujii e T. Lynn Smith, os autores iniciam as notas bibliográficas da seguinte forma:

Os primeiros estudos sérios sobre os japoneses no Brasil foram feitos por Emilio Willems numa série de artigos sobre os japoneses em São Paulo. O seu trabalho de pesquisa, que começou pouco depois de 1940, concentrou-se na comunidade japonesa no distrito de Registro. Ele e seus associados dedicaram especial atenção aos aspectos aculturativos do vestuário, habitação e dieta. A homogamia japonesa e o conflito cultural também receberam atenção (FUJII & SMITH, 1959. p. 54)¹⁸⁵.

Interessante ressaltar, do trecho acima, a menção não só a Willems, mas também a seus “associados” realizando pesquisa empírica em Registro. Fato marcante e presente ao longo de todos os projetos de Willems, como pretendo mostrar, é o caráter aglomerativo do professor em torno de suas pesquisas. Como apontado no capítulo anterior, um grande número de pesquisadores, em sua maioria estudantes, eram constantemente levados a campo, sob orientação do professor, para ajudar na coleta de dados e para aprender a realizar uma pesquisa. O exemplo mais marcante dessa experiência formativa colaborativa é *Cunha*, em que constam como assistentes de pesquisa nomes que viriam a ser referências em seus respectivos campos. Da mesma forma, o professor também foi acompanhado de alunos da Escola Livre de Sociologia e Política na Ilha de Búzios, e, antes de seu trabalho sobre os Protestantes no Brasil e no Chile, escreve para Fernando de Azevedo: “Não poderei lecionar, pois as pesquisas que

¹⁸⁴ Hiroshi Saito foi um sociólogo de origem japonesa, especialista no estudo da imigração japonesa no Brasil. Foi aluno de Willems na ELSP, instituição na qual se tornou professor. Sobre a atuação de Saito, ver Fantin (2017).

¹⁸⁵ Tradução minha. No original: “The first serious studies of the Japanese in Brazil were made by Emilio Willems in a series of articles dealing with the Japanese in São Paulo. His research work, which began shortly after 1940, was centred on the Japanese community in the Registro district. He and his associates paid particular attention to the acculturative aspects of dress, housing, and diet. Japanese homogamy and cultural conflict also received attention” (FUJII & SMITH, 1959. p. 54).

pretendo fazer exigirão numerosas viagens. Mas poderia prestar à universidade de S. Paulo o serviço de treinar alunos em trabalhos de campo. Fato é que vou precisar de auxiliares de pesquisa, e estes poderiam ser alunos da Faculdade”¹⁸⁶. É importante também lembrar que os estudos sobre a assimilação dos imigrantes japoneses em São Paulo, que se iniciam em 1941, também tiveram o acompanhamento de Herbert Baldus, bem como de assistentes e alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, bem como da Escola Livre de Sociologia e Política, sendo que esta última instituição custeou a viagem para o Vale do Ribeira.

Willems, já em 1941, havia elaborado um plano geral de estudo nas áreas colonizadas do estado de São Paulo, mas com a entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial teve que abandonar o trabalho de campo, contando apenas com os questionários que havia coletado nas escolas primárias do estado. Como escreve o pesquisador a respeito, “já estava com as malas prontas para prosseguir nas minhas pesquisas de campo na zona de Lussanvira quando rompeu a guerra entre o Japão e os Estados Unidos. Em vez de estimular estudos aculturativos, como nos Estados Unidos, as condições criadas pelo estado de guerra tiveram, entre nós, efeitos opostos, tornando praticamente impossível qualquer trabalho de campo” (WILLEMS, 1980 [1948]. p.XI). Dessa forma, apresenta aqui uma diferença importante para o pesquisador entre a forma de lidar com os estudos aculturativos nos EUA e no Brasil. Segundo Willems, se, no primeiro país, uma avalanche de cursos novos e estudos foram incentivados a partir da guerra, no Brasil o trabalho de campo entre imigrantes foi impedido pelo governo, ainda mais estudos realizados por um pesquisador alemão em comunidades com imigrantes japoneses. Em consonância, Peixoto mostra como “é a experiência da guerra que dá um novo impulso aos programas de investigação e ao treinamento de antropólogos nos EUA” (PEIXOTO, 2001. p.511).

O estudo de Willems sobre a aculturação dos japoneses repercutiu, também, na imprensa americana. O jornal *The Des Moines Register*, da cidade de Des Moines, Iowa, publicou em 1949 uma reportagem sobre a imigração japonesa utilizando como base o artigo de Willems na revista norte-americana *Far Eastern Survey* (WILLEMS, 1949b), ressaltando como o estado policial criado em relação aos imigrantes certamente não

¹⁸⁶ Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 7 de abril de 1958. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,37

funcionaria como política pública. Consta no artigo:

Os Estados Unidos têm agora vergonha da forma histérica como tratamos a nossa minoria nipo-americana nos primeiros anos da guerra, mas será que já ouviram falar do Brasil? A experiência do Brasil foi uma espécie de caricatura da América, com resultados ainda mais estranhos.

Lembra-se das histórias de como centenas de japoneses brasileiros estavam convencidos de que o Japão tinha ganho a guerra, muito depois da rendição, e tinham se deslocado do interior para o litoral para "receber a marinha japonesa vitoriosa"?

Agora um cientista social brasileiro, Dr. Emilio Willems, da Universidade de São Paulo, escreveu os antecedentes deste bizarro incidente para a revista *Far Eastern Survey*, para que faça sentido¹⁸⁷.

O papel de Willems enquanto difusor de conceitos utilizados na academia norte-americana também teve ressonância nas pesquisas de seus alunos que embarcaram nos estudos do contato cultural. Florestan Fernandes foi um dos alunos de Willems que desenvolveu estudos sobre a aculturação de imigrantes. Ele o faz primeiramente com uma resenha do livro de Willems (1949), mas também publica uma série de artigos sobre a aculturação dos Sírio-Libaneses em São Paulo (FERNANDES, 1949, 1956, entre outros). Conforme apontou Florestan Fernandes,

Na investigação das culturas transplantadas pelos imigrantes a contribuição da etnologia tem sido bem menor que a da sociologia. Por enquanto, somente Emilio Willems tentou descrever e interpretar, de forma sistemática, os problemas de dinâmica cultural que caem nesta área. Os focos teóricos de seus trabalhos sobre a aculturação de alemães no sul do Brasil ou sobre a aculturação de japoneses em São Paulo são variados e complexos (FERNANDES, 1958. p. 49).

De fato, Fernandes tinha planos de seguir os projetos de pesquisa sobre a aculturação dos Sírio-libaneses. Tanto que, em 1950, Willems, em Nashville à época, escreveu sobre o assunto para seu antigo aluno. Segundo Willems, no “espólio deixado pelo T Lynn Smith”¹⁸⁸ para Vanderbilt, quando esse se transferiu para a Flórida, havia um

¹⁸⁷ Tradução minha. No original: “Police State Method didn’t work: The United States is now ashamed of the hysterical way in which we treated our Japanese American minority in the early years of the war, but have you heard about Brazil? Brazil’s experience was a sort of caricature of America’s, with even weirder results. Remember the stories about how hundreds of Brazilian Japanese were convinced that Japan had won the war, long after the surrender, and made their way from the interior to the coast to ‘welcome the victorious Japanese navy’? Now a Brazilian social scientist, Dr. Emilio Willems of the University of São Paulo, has written up the background of this bizarre incident for *Far Eastern Survey* magazine so that it makes sense.” Sábado, 16 de janeiro de 1949, *Police State Method Didn’t Work*, *The Des Moines Register*, Des Moines, Iowa, p.36.

¹⁸⁸ Thomas Lynn Smith (1903 – 1976) foi um sociólogo norte-americano. Foi professor de sociologia na Universidade de Louisiana em 1931 e em 1937 se tornou o diretor do Departamento de Sociologia da mesma Universidade. Especialista em sociologia rural, fez diversas viagens ao Brasil e publicou o livro: *Brazil: people and its Institutions* (1946). Como desenvolverei mais adiante, Lynn Smith se transferiu em 1948 para a Universidade de Vanderbilt e foi o responsável pelo convite a Willems para se juntar àquela instituição. Lynn Smith retorna para a Universidade da Flórida, onde realizou parte de sua formação, em 1949. Sobre o autor, ver LOPES & MAIO (2018).

estudante na faculdade americana que estaria realizando sua tese de doutoramento sobre os sírios no Brasil. Clark Knowlton (1919-1991) era aluno de Willems na Universidade de Vanderbilt e obteve uma bolsa de estudos pela universidade para ir ao Brasil. Sobre seu período na Universidade de Vanderbilt, recordou Knowlton:

De todos estes professores, o Dr. Emilio Willems foi o que mais me influenciou. Um imigrante alemão no Brasil depois da Primeira Guerra Mundial, ele tinha gradualmente feito nome na antropologia no Brasil. Convidado a Vanderbilt pelo Dr. T. Lynn Smith, ele veio para a Universidade para permanecer. Tive a sorte de ele se interessar consideravelmente pelo meu trabalho e foi de grande ajuda para mim como presidente da minha comissão de doutoramento. (...)As atividades do Instituto Brasileiro, liderado por Smith, trouxeram a Vanderbilt vários estudiosos brasileiros, estudantes de pós-graduação e até o presidente brasileiro, General Dutra. Smith anunciou que havia aceito um cargo na Universidade da Flórida em julho de 1948, chocando seus alunos de pós-graduação. Depois de deixar o Instituto Brasileiro, ele ressequiu. A maioria dos professores e estudantes de pós-graduação trazidos a Vanderbilt por Smith partiram pouco depois. Eu sobrevivi através da minha estreita amizade com o Dr. Emilio Willems e porque muitos dos professores estavam gratos a Ruth por fazer o seu trabalho¹⁸⁹.

Willems, apesar da reticência em aceitar a orientação de um aluno no meio da pesquisa, venceu seus “escrúpulos iniciais” em orientar uma tese com uma “herança deixada por outrem, com métodos e interesses um tanto diferentes”, reconhecendo as qualificações de Knowlton e passando a orientá-lo. Entretanto, sobre o tema, pediu ajuda a Florestan:

Estou lhe escrevendo tudo isso porque você tem trabalhado sobre os sírios e talvez pretenda ainda fazer sua tese sobre eles. Daí a conveniência de esclarecer certos aspectos. Não creio que Knowlton seja um competidor para você. Ele está principalmente interessado em aspectos demográficos e ecológicos. A assimilação dos sírios como problema aparece só numa parte do plano. Naturalmente contei a ele que você estava fazendo um trabalho e, provavelmente, ele vai procurar você para pedir sugestões¹⁹⁰.

A resposta ao pedido de Willems não tardou e, duas semanas depois, Florestan

¹⁸⁹ Tradução minha. No original: Of all these teachers, Dr. Emilio Willems influenced me the most. A German immigrant to Brazil after World War I, he had gradually made a name for himself in anthropology in Brazil. Invited to Vanderbilt by Dr. T. Lynn Smith, he came to the University to remain. I was fortunate in that he took considerable interest in my work and was of great assistance to me as chairman of my Ph.D. committee. (...)The activities of the Brazilian Institute, headed by Smith brought a number of Brazilian scholars, graduate students, and even the Brazilian president, General Dutra to Vanderbilt. Smith announced that he had accepted a position at the University of Florida in July, 1948, stunning his graduate students. After he left the Brazilian Institute withered away. Most of the faculty and graduate students brought to Vanderbilt by Smith left shortly afterwards. I survived through my close friendship with Dr. Emilio Willems and because so many of the faculty were grateful to Ruth for doing their work. Autobiography of Clark S. Knowlton, capítulo 9 Vanderbilt: 1948-1949 dezembro de 2013. <http://clarksknowlton.blogspot.com/2013/12/chapter-nine-vanderbilt-1948-1949.html>

¹⁹⁰ Carta de Willems a Florestan Fernandes, 07 de fevereiro de 1950. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009 Correspondência: 19500207

Fernandes escreveu que nada tinha a objetar. Segundo Fernandes, “[o] campo está aberto a todos e parece normal que outros estudiosos se interessem pelo assunto”¹⁹¹. Além disso, colocou-se à disposição para “prestar-lhe graciosamente a sua modesta cooperação, no caso de ser solicitada”. No entanto, não é o que narrou Knowlton em sua autobiografia. Segundo o americano, durante os primeiros meses em que se estabeleceu em São Paulo para realizar a pesquisa, deparou-se com um sério problema: quando chegou à cidade descobriu que Florestan Fernandes se ressentia da vinda de um estudante americano invadindo o seu campo. No entanto, com a visita de Knowlton a Fernandes em 12 de abril de 1951 na Faculdade de Filosofia, os dois viraram amigos rapidamente, assim como suas esposas, e o intelectual brasileiro “eliminou graciosamente as suas objeções ao meu estudo”¹⁹², como depois lembrou o americano.

Interessante contextualizar, aqui, o fato de Florestan Fernandes não ter seguido suas pesquisas sobre o assunto e tampouco ser conhecido por elas. O sociólogo brasileiro iria defender o seu doutorado sobre “A função social da guerra na sociedade tupinambá” em 1951, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, mas revelou que a ideia inicial era realizar o seu doutoramento com um trabalho sobre sírios e libaneses, mas que desistiu da ideia porque “não podia fazer a pesquisa nas condições de trabalho acessíveis a partir da Universidade [de São Paulo], pois não dispunha dos recursos necessários” (FERNANDES, 2011. p.63). Com isso, manteve o seu estudo sobre os tupinambás sobre o qual já havia escrito sua dissertação de mestrado na ELSP. No entanto, o trabalho sobre os sírios e libaneses permaneceu sendo desenvolvido em segundo plano e foi só com o pedido de Bastide para que o ajudasse com os estudos sobre relações raciais tendo como foco os negros que Fernandes deixou de lado os estudos anteriores. Dessa forma, a suposta competição entre Fernandes e Knowlton sugerida pela carta de Willems, em que ambos os pesquisadores em fase de doutoramento se interessariam pelo mesmo campo de pesquisa, não se concretizou.

Assim, a contribuição de Willems nos estudos de assimilação e aculturação de Fernandes é chave em seu programa de pesquisa e teria se firmado como um “modelo a ser seguido”. No campo dos estudos sobre imigração, Piza (2012) mostra como a

¹⁹¹ Carta de Florestan Fernandes a Willems, 23 de fevereiro de 1950. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009 Correspondência: 19500223.

¹⁹² Tradução minha. No original: “graciously removed his objections to my study”. KNOWLTON, Clark S. *Autobiography of Clark S. Knowlton*. Cap. 10: Brazil: 1950-1951. <http://clarksknowlton.blogspot.com/2013/12/chapter-ten-brazil-1950-1951.html> acesso em 20/05/2019.

aculturação permaneceu como referência de trabalho até a década de 1960, quando uma perspectiva teórica alternativa e crítica ao conceito de aculturação é desenvolvida por Eunice Durham. Utilizando-se da importância destacada por Seyferth (2004) da obra de Willems para a “formatação dos estudos de comunidades imigrantes predominantes nas ciências sociais até a década de 1970 não apenas em São Paulo, mas em todo o Brasil”, Piza aborda o que chama de uma “continuidade crítica” de Durham e Ruth Cardoso (1930-2008)¹⁹³ - ainda na década de 1960, por romperem com a ideia de aculturação. Interessante notar aqui que, ao realizar disciplinas com Willems na Vanderbilt, Eunice Durham, como escreve em carta para Schaden em 1957, acreditava que seu professor alemão “colocaria obstáculos em aceitar o trabalho de Descalvado¹⁹⁴ como tese para o Master”, pois ele acharia que “os trabalhos sobre aculturação ou assimilação” estariam “fora de moda”¹⁹⁵. Ou seja, no final da década de 1950 Willems já percebia o declínio desse tipo de fundamentação teórica e orientava, mesmo dos EUA, a mudança de abordagem da então estudante de mestrado da USP.

Outro aluno de Willems e seu sucessor na cadeira de antropologia da USP, Egon Schaden, também se utilizou do conceito em suas pesquisas, primeiramente utilizando-o para estudos sobre imigrantes e depois para povos indígenas¹⁹⁶. Na etnologia indígena brasileira, o conceito de aculturação permaneceu sendo empregado ao longo de algumas décadas. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1964):

A etnologia moderna conta com diversas tradições de estudo do

¹⁹³ Ruth Vilaça Correia Leite Cardoso foi uma antropóloga formada na FFCL da USP. Formada em ciências sociais em 1951, o mestrado em sociologia em 1959 com a dissertação *O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses* e o doutorado em 1972 com a tese *Estrutura familiar e mobilidade social* na mesma instituição. A professora Ruth Cardoso compartilha suas lembranças de seus tempos iniciais na FFCL da USP em entrevista concedida à Mariza Corrêa (CORRÊA. 2013. pp. 333-400).

¹⁹⁴ A família de Eunice Durham era da cidade de Descalvado, cidade do interior de São Paulo com forte tradição italiana. Foi lá que a antropóloga fez sua pesquisa de campo para o desenvolvimento de seu mestrado, “Mobilidade e assimilação: a história do imigrante italiano num município paulista” (1964).

¹⁹⁵ Carta de Eunice Durham para Egon Schaden, 13 de março de 1957. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden.

¹⁹⁶ Segundo José Maurício Arruti, mesmo durante as décadas de 1960 e 1970, grupos que tinham sido considerados como extintos e que durante a década de 1930 e 1940 retomaram a reivindicação de suas identidades, continuavam sendo pensados como exemplos de assimilação, aculturação, e proletarianização descaracterizadores, e que os estudiosos permaneceriam “presos ao diagnóstico básico do eminente desaparecimento, da decadência cultural e da desagregação” (ARRUTI, 1997. p. 12). Além disso, como nos mostra o autor, a configuração que se delineou para os estudos sobre comunidades negras rurais a partir de 1980 convergiu, assim como os estudos sobre grupos indígenas, para o abandono das noções de aculturação e assimilação (idem. p.14). Da mesma forma, no texto de Pacheco de Oliveira “Uma etnologia dos ‘índios misturados’” (1998) o autor afirma que “a antropologia brasileira registrou nas décadas de 50 e 60 preocupações inovadoras e reflexões bastante originais diante de problemáticas e padrões de trabalho científico colocados em prática naquele momento nos centros metropolitanos de produção e consagração da disciplina” (p.67), dentre elas a crítica aos estudos de aculturação e ao conceito de assimilação.

fenômeno das relações entre povos de culturas diferentes, fundadas - essas tradições - em pontos de vista específicos. (...) Nesse sentido, duas tradições imediatamente se impõem: a britânica, conhecida por 'social change studies'; e a norte-americana, divulgada pelos 'acculturation studies'. Ambas, e principalmente a segunda, marcaram presença no Brasil, influenciando as pesquisas aqui conduzidas sobre o mesmo tema (Idem. p.14).

Pesquisador dos povos Guarani, Schaden se utilizou do conceito na etnografia que produziu¹⁹⁷ e publicou, entre outros textos, no artigo “Aculturação e assimilação dos índios do Brasil” (SCHADEN, 1967) e *Aculturação indígena* (1969). Levando-se em consideração, como aponta Cardoso de Oliveira (1964)¹⁹⁸, que “a influência norte-americana sobrepuja as demais” (p. 22), em que as teorias de aculturação “fascinaram os etnólogos e os circunscreveram a sua problemática” (Idem), a importância de Willems e de seu sucessor em estabelecer o parâmetro de análise que seria seguido é fundamental. Sobre a utilização do conceito, Schaden se aproxima da posição adotada por Willems ao apontar a importância da pesquisa empírica e aplicada. Segundo o autor:

A antropologia aplicada se defronta muitas vezes com problemas práticos oriundos do contacto entre unidades étnicas regidas por padrões diferentes. A solução desses problemas se inclui mesmo entre as suas tarefas mais importantes. Os estudos de aculturação são, por isso, os que maior interesse despertam a partir do momento em que se deixa de considerar o estudo do homem como preocupação exclusivamente teórica (SHADEN, 1967. p.7).

3.1.2 Antropologia Aplicada

Uma questão importante a ser ressaltada é o caráter da aplicação do conceito de aculturação. Conforme aponta Bastide, a “Antropologia Aplicada nasceu (mesmo que, em seguida, tenha expandido seu campo) dos estudos sobre a aculturação; ela surgiu quando a aculturação, de livre, passou a planejada” (BASTIDE, 2009. p. 35). A ideia de

¹⁹⁷ A etnologia brasileira também bebeu na fonte do conceito da aculturação e assimilação, tendo trabalhos como a “Aculturação Indígena no Rio Negro” (GALVÃO, 1959) e “O Processo de Assimilação dos Terêna” (Cardoso de Oliveira, 1960) como exemplos que valem a pena ser destacados. É importante lembrar, ainda, que os estudos de Roberto Cardoso de Oliveira sobre o impacto do contato dos povos indígenas com a sociedade nacional foram inicialmente influenciados e orientados por Florestan Fernandes, que refletia naquele momento sobre a integração das populações afro-descendentes à sociedade de classes, e que foi seu orientador na USP.

¹⁹⁸ Essa publicação é chave para a substituição dos conceitos de aculturação e assimilação na etnologia indígena. Neste texto de Cardoso de Oliveira, o pesquisador introduz a ideia de uma *fricção interétnica* que seria “o contato entre grupos tribais e segmentos da sociedade brasileira, caracterizados por seus aspectos COMPETITIVOS e, no mais das vezes, CONFLITUAIS, assumindo esse contato muitas vezes proporções ‘totais’ envolvendo toda a conduta tribal e não-tribal que passa a ser moldada pela situação de fricção interétnica” (p.128). Ênfases no original.

uma antropologia aplicada desenvolvida nos EUA em diálogo com a noção de mudança cultural provocada tem nos estudos de aculturação uma ferramenta fértil para se desenvolver e teve, com Emilio Willems, um papel fundamental na definição de uma agenda científica em meados do século passado no Brasil. Como afirma Peixoto, é a “experiência da guerra que dá um novo impulso aos programas de investigação e ao treinamento de antropólogos nos EUA e que após 1941, aponta Stocking, começa-se a falar em ‘antropologia aplicada’”(…) (PEIXOTO, 2001. p. 511). Willems comenta esse impulso aos programas de investigação e treinamento de antropólogos americanos a partir da experiência da guerra. Escreveu o professor:

A última guerra foi conduzida simultaneamente em todos os continentes e oceanos. Os exércitos aliados entraram em contacto com adversários e populações civis de muitas raças e culturas diferentes. Conhecimentos pormenorizados sobre a psicologia dos povos mais diversos, sua organização social, as relações que mantinham entre si, as ideias que haviam desenvolvido sobre os aliados, suas maneiras de conduzir a guerra, os métodos administrativos, políticos, econômicos e educativos que deviam ser postos em prática em territórios libertos ou conquistados e muitos outros problemas ainda surgiram que levaram à mobilização de centenas de especialistas em todos os campos das ciências sociais, sobretudo nos Estados Unidos. O que na primeira guerra mundial foi apenas um sonho de alguns idealistas, tornou-se realidade na segunda: antropólogos, economistas, sociólogos, psicólogos e geógrafos empenharam-se a fundo nas tarefas que lhes foram confiadas, dando o melhor de seus esforços não somente para a condução da guerra, mas sobretudo para a obra de reconstrução e reorganização de territórios ocupados.

Esta participação foi, ao mesmo tempo, uma experiência valiosa. Percebeu-se, antes de mais nada, a necessidade de coordenar o esforço de vários especialistas para o estudo adequado de áreas geográficas e culturalmente definidas. Reafirmou-se assim a velha ideia da pesquisa conjunta da qual participariam especialistas de todas as ciências sociais (WILLEMS, 1948c. pp.305-306).

Dessa forma, Willems mostrou como as pesquisas dos diversos campos das ciências sociais tiveram, nos esforços de guerra, um terreno fértil para se desenvolverem, sendo que o seu caráter aplicado e também de conjunto foram dois dos pilares decisivos, o que vai ao encontro da visão que o próprio autor assumiu das ciências sociais.

Em *O Problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico* (WILLEMS, 2009 [1944]), Willems analisou algumas formas de abordar o que, para alguns especialistas da época, seria “o problema rural”. Segundo o autor, que tem como referência o conceito de “Continuum rural-urbano” tal como desenvolvido por Robert Redfield, traçando uma reta pelo país, “numa extremidade está a metrópole moderna representando um tipo de civilização urbana”, ao mesmo tempo que “acompanhando a reta, depara-se com um tipo de cultura rural estreitamente ligado à cidade”, até finalmente chegar às “populações caboclas cuja vida parece decorrer em um mundo diferente do

nosso” e que “pouco ou nada as liga ao mercado urbano”(Idem. pp. 187-188). A crença no que os especialistas denominavam de “problema rural brasileiro”, face a um contexto de urbanização crescente, poderia ser resolvida, dessa forma, com a intervenção dos poderes públicos nessas populações. Com isso, a contribuição da antropologia deveria ser a de fornecer o conhecimento da cultura cabocla¹⁹⁹, pois a sua visão objetiva, segundo Willems, seria a condição mais rudimentar para aquilatar as dificuldades e consequências de uma intervenção organizada (WILLEMS, 1943. p. 23).

No entanto, conforme afirmou o autor, “infelizmente ainda está tudo por fazer neste terreno. Conhecemos mal a cultura cabocla, de modo que os poucos dados colhidos até hoje têm de ser valorizados pela comparação com outras culturas sertanejas da América afim de obtermos pelo menos alguns característicos gerais” (Idem). Conforme afirma Lima, esse princípio de intervenção proposto por Willems tinha estreita ressonância com o proposto por Herskovits em sua obra, em que buscava a reconstrução nos estudos monográficos de um *background* histórico das populações locais por questões que permitissem o posterior estabelecimento de comparações e um programa extensivo de pesquisa (LIMA, 2013. p.252). Nesse sentido, em uma perspectiva claramente aplicada, deveria ser realizado um programa de pesquisa em que fossem combinados a pesquisa monográfica e estudos comparativos para a formulação de leis científicas para a subsequente intervenção dos poderes públicos. É nesse sentido que uma reflexão sobre os estudos sobre a aculturação pode auxiliar na análise aqui empreendida.

Ao propor um papel aplicado da antropologia pelos poderes públicos, Willems foi em direção à atuação de especialistas em outros países. Para o autor, essa investigação “nada tem de novo ou de extraordinário em outras partes do mundo” (2009. p. 203). Nos EUA, por exemplo, Willems identificou que os especialistas em sociologia rural cooperariam, “intimamente, com os departamentos técnicos e administrativos dos governos federal e estaduais, para a solução de certos problemas rurais” (Idem). Nesse sentido, a parceria de Willems com Carlos Borges Schmidt, diretor da Secretaria de Publicidade Agrícola do Estado de São Paulo, é significativa, já que, como indica Jackson (2009b) “O apoio estatal (...) na edição de seus escritos indica um dos pontos de

¹⁹⁹ Ao longo da obra de Willems é possível observar uma variação na utilização da categoria, algo significativo na reflexão. Se em determinados momentos o autor se utiliza de “caboclos”, “caipiras”, “sertanejos”, “folk”, ou “rústicos”, a categoria “camponês” passa a figurar em seus escritos a partir da década de 1960.

sustentação de Emílio Willems no campo intelectual paulista nos anos de 1940” (JACKSON, 2009b. p.183), uma vez que, tanto *O Problema rural do ponto de vista antropológico* (1944) como *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil* (1948) foram publicadas pelo órgão de Publicidade Agrícola da Secretaria de Agricultura do Estado.

Ao resenhar o livro de Schmidt, *O Meio Rural* (SCHMIDT, 1946), Willems acentuou a forma de intervenção proposta pelo autor, em pleno acordo com o que o próprio Willems sugeria. Segundo o professor:

O autor exige a ação imediata, mas sempre *pari passu* com o exame metuculoso dos fatos. Os planos devem estar de acordo com as possibilidades reais do presente: planos dispendiosíssimos aplicados a populações inadequadamente preparadas implicariam num fracasso certo (WILLEMS, 1942b. p.193).

Em 1945, Willems foi nomeado pela resolução estadual n. 144 de 15 de janeiro, como membro de uma comissão, a serviço do governo do estado, incumbida de estudar as “condições de habitação rural no Estado de São Paulo”. Além disso, no início da década de 1940, estava sendo implantado no estado paulista o plano de criação de um *Internato Agrícola*, que planejava afastar os educandos de seu meio tradicional e que era visto pelas autoridades como a solução para os problemas rurais brasileiros. Tal plano estava por trás das preocupações de Willems ao publicar “O problema rural do ponto de vista antropológico” (WILLEMS, 1944). Sobre esse plano de intervenção, continuou Willems:

Carlos Borges Schmidt recomenda, acertadamente em tese, “a ação educacional primária mediante uma formula de *escola rural*, ativa, que se amolde às condições do meio, não só inerentes à natureza, mas no próprio sentido do rumo que devem tomar as empresas agrícolas”. Estou de inteiro acordo com o autor quanto à inutilidade ou até perigo que representa “a alfabetização pura e simples”. Estamos fartos de saber que a atual escola que de rural só tem o nome, tem sido um instrumento de desajustamento e êxodo, não só no Brasil. (...)Todavia, parece que a maioria dos nossos educadores ainda não divisou a gravidade do problema, pois continua-se combatendo o “analfabetismo” na convicção de se haver encontrado na arte de ler e escrever uma receita magica capaz de remover tudo aquilo que é considerado mal (WILLEMS, 1942b. p.194).

Segundo Willems, a aculturação de elementos humanos constituiria outro objetivo de estudo entre antropólogos e sociólogos nas áreas rurais. E a “sua solução científica deverá obedecer a um plano semelhante ao que acima deixei traçado. Também os estudos aculturativos terão de começar por monografias regionais ou locais cujo número há de corresponder exatamente às áreas habitadas por imigrantes ou seus descendentes” (WILLEMS, 2009. p.204). Nesse sentido, o debate de Willems sobre os conceitos de

aculturação e assimilação “não deve ser visto como exercício diletante” como nos mostra Nísia Trindade Lima (LIMA, 2013. p. 252). Segundo a autora, fica evidente nos trabalhos de Willems sobre a aculturação e assimilação de imigrantes e sertanejos a preocupação do autor em assegurar maior uniformidade cultural e se sobressai o caráter político das ciências sociais do período em torno da mudança cultural, em que se tratava “de uma sociologia e de uma antropologia que aspiravam a se constituir em bases de pedagogia de transformação do caboclo, do imigrante *acaboclado* e de outros atores sociais, de ruptura com o multissecular processo de transmissão cultural” (Idem. p.253).

Em 1954, mesmo ano em que defendeu o seu doutoramento em sociologia, apresentando a tese d’*Os Parceiros do Rio Bonito*, Candido apresentou no XXXI Congresso de Americanistas o trabalho intitulado “L’état actuel et les problèmes les plus importants des études sur les sociétés rurales du Brésil”. Nesse trabalho, Candido analisou a produção sobre o rural produzido até então e afirmou:

E nós aqui chegamos finalmente a esses, isto é, aos estudos visando uma forma dominante e sistemática a organização social e a cultura. Nesse domínio, como em outros, a iniciativa deveu-se a Emilio Willems, que foi talvez o primeiro a levar no meio rural uma investigação projetada de acordo com os conceitos e técnicas da antropologia moderna. Ele quis, em sua obra sobre Cunha, aplicar no Brasil os procedimentos em voga pelos antropólogos Norte Americanos nos estudos de comunidades.

Sua obra soara nova para nós, pelo chamado decidido à pesquisa de campo e pela visão integrada dos fenômenos culturais, com tudo o que essa atitude comporta de ruptura com o amadorismo e as generalizações fundadas sobre as análises fragmentadas. Deve-se tomar seu estudo da festa do Espírito-Santo para compreender até que ponto ele nos liberta do tom jornalístico e de toda a tirania do pitoresco, incorporando os estudos do Folklore rural à antropologia e à sociologia.

A influência de Willems não poderia ser mais feliz, no sentido de uma marcha decidida para a pesquisa empírica (CANDIDO, 1955. pp. 325-326)²⁰⁰.

Considerando a importância de Willems para a adoção de novos métodos de pesquisa em que sua influência para uma “marcha decidida para a pesquisa empírica” (...) (Idem. p. 326), principalmente sobre o rural brasileiro, eis que os estudos sobre aculturação levados a cabo pelos antropólogos norte-americanos ganham mais relevo

²⁰⁰ Tradução minha. No original: “Et nous voilà arrivés finalement à celles-ci, c’est-à-dire, aux études visant d’une façon dominante et systématique l’organisation sociale et la culture. Dans ce domaine, comme ailleurs, l’initiative revient à Emilio Willems, qui fut peut être le premier à mener dans le milieu rural une investigation conçue d’après les concepts et les techniques de l’anthropologie moderne. Il voulut, dans son oeuvre sur *Cunha*, appliquer au Brésil les procédés en vogue parmi les anthropologues nord-américains pour l’étude des communautés. Son oeuvre sonnait neuf chez nous, par l’appel décidé à la recherche sur place et l’aperçu intégratif des phénomènes culturels, avec tout ce que cette attitude comporte de rupture avec l’amateurisme et les généralisations fondées sur des analyses fragmentaires. On n’a qu’à prendre son étude de la fête du Saint-Esprit pour comprendre jusqu’à quel point il nous délivrait du ton journalistique et de toute la tyrannie du pittoresque, en incorporant les études de folk-lore rural à l’anthropologie et à la sociologie” (CANDIDO, 1955. pp. 325-326).

sobre a consolidação da pesquisa antropológica no Brasil. Segundo Willems, nota-se nos estudos aculturativos desenvolvidos por Herskovits e Linton que “o problema teórico foi desenvolvido em contacto estreito com a ‘prática’” e que “felizmente não existe, no caso dos estudos aculturativos, uma tradição embaraçante e acadêmica, de maneira que a teoria pode ser desenvolvida sem entraves históricos e discussão estéril de doutrinas obsoletas, *pari passu* com a pesquisa de campo” (WILLEMS, 1943. p.15). Mais uma vez o pesquisador se posiciona a favor de um modelo teórico e prático em que se alinha aos EUA, rejeitando as “doutrinas obsoletas” europeias.

Coube a Willems realizar essa ruptura com o amadorismo e as generalizações fundadas sobre análises fragmentárias realizadas anteriormente sobre o campo e impor uma nova forma de trabalho científico. Aqui, a crítica é aos ensaios de interpretação do Brasil vigentes durante a década de 1930 e aos quais os estudos de Willems viriam a se contrapor com suas pesquisas empíricas sistemáticas. Na mesma direção de Cândido, Willems publicara em 1944 que:

É impressionante que no meio de uma verdadeira avalanche de publicações *não haja entre nós um trabalho sequer* que trate do ‘problema rural brasileiro’ com aproveitamento pleno dos recursos da moderna Antropologia cultural. As causas são conhecidas mas não pretendo aborda-las aqui. Basta dizer que sem exame metódico nenhum diagnóstico será possível. Não há quem duvide desta verdade, mas haverá muitos que duvidem da necessidade, da utilidade ou mesmo possibilidade de um diagnóstico antropológico. (WILLEMS, 2009. p. 20).

A partir dessas afirmações, nota-se, entre outras coisas, uma aproximação com os estudos financiados nos EUA pela *Smithsonian Institution*, agência responsável pela cooperação entre pesquisadores norte-americanos com instituições latino-americanas. Em um estudo sobre a história da instituição, Figueiredo (2010) traz à tona o memorando “Alguns valores práticos da Antropologia”, que defende a “aplicação do conhecimento antropológico de povos, grupos sociais e culturas específicas ao planejamento e à política de intervenção tendo em vista a resolução dos problemas atuais enfrentados pelas sociedades modernas” (FIGUEIREDO, 2010. p. 245). Nesse contexto, “a aposta era que os estudos ajudassem a entender como as inovações afetavam a organização social, o sistema cultural e o modo de vida dos grupos atingidos, e pudessem, desta forma, contribuir para a eficácia das intervenções, para o aumento da capacidade de adaptação às mudanças e para a minimização do impacto que essas acarretam” (Idem, p. 246). Mesmo atribuindo a relação entre a instituição e a pesquisa no Brasil aos pesquisadores

associados Pierson e Kalervo Oberg (1901-1973)²⁰¹, a autora não deixa de observar que o projeto também tem ressonância em Willems, sendo uma “tendência ampla que dizia respeito à própria agenda das ciências sociais brasileiras do período e sua conexão com o desenvolvimento” (FIGUEIREDO, 2010. p. 266).

3.1.3 Estudos de Comunidade

Inspirado pelo trabalho de Redfield, o primeiro estudo de comunidade realizado no Brasil (WILLEMS, 1948b) também está claramente alinhado com um modelo de pesquisa elaborado na academia norte-americana. Como nos mostra o autor no prefácio do livro, são várias as obras citadas e que “sem ligar às unilateralidades ou resíduos doutrinários porventura existentes nas obras deste ou daquele autor (que o identificariam como membro de uma determinada ‘escola’) o presente trabalho propõe –se investigar uma comunidade rural do Brasil, com os recursos metodológicos que se encontram amplamente empregados” (WILLEMS, 1948b. p.6). Willems afirmou que não se prende a “escolas”, mas tornou claro, na escolha das obras que serviram de modelo para o estudo, a forte influência da chamada Escola de Chicago, principalmente a partir da orientação de Radcliffe-Brown, que lecionou na Universidade de Chicago de 1931 a 1937 e que entre 1942 e 1944 foi colega de Willems como professor da ELSP. As obras: *Tepoztlan: A Mexican Village* (REDFIELD, 1930), *Chan Kom, A Maya Village* (REDFIELD; ROJAS, 1934), *the Folk Culture of Yucatan* (REDFIELD, 1941), *St. Denis, A French Canadian Parish* (MINER, 1939), *Suye Mura, A Japanese Village* (EMBREE, 1939) e *Acculturation among the Japanese of Kona, Hawaii*, (EMBREE, 1941) são modelos a que o autor confere a existência, em grande medida, à orientação do “mestre de Oxford”, Radcliffe-Brown, no departamento de Antropologia da Universidade de Chicago. Além disso, é preciso mencionar o impacto das obras de “um dos discípulos mais antigos do antropólogo de Oxford”, W. Lloyd Warner, professor de Antropologia da Universidade de Chicago, autor de *A Black Civilization: A social Study of na Australian Tribe* (WARNER, 1937), e organizador da coleção *Yankee City Series* (WARNER, 1941), bem

²⁰¹ Kalervo Oberg (1901-1973) foi o Chefe da Missão Técnica do Instituto de Assuntos Interamericanos (IAIA) no Brasil, sendo posteriormente incorporado aos quadros da *Internacional Cooperation Administration* e depois da *United States Operations Missions/USOM*, permanecendo, segundo Figueiredo envolvido com programas de desenvolvimento no Brasil e em outros países ao longo da década de 1950 (FIGUEIREDO, 2010).

como de seus discípulos que vieram a ocupar cadeiras em diversas universidades americanas, como Conrad Arensberg, em Harvard, autor de *The Irish Countryman, an Anthropological Study* (ARENSBERG, 1937) e de *Family and Community in Ireland* (ARENSBERG; KIMBALL, 1940), e também Allison Davis, Burleigh B Gardner e Mary R. Gardner, autoras de *Deep South, a Social Anthropological Study of Caste and Class* (DAVIS; GARDNER, 1941). Além desses, em cujas obras a influência da Escola de Chicago aparece de forma clara, ainda é possível ressaltar outros intelectuais e suas obras: Robert e Helen Lynd, autores de *Middletown* (1929) e *Middletown in Transition* (1937), Guy R. Johnson, autor de *Folk Culture on St. Helena island* (1930), Hsiao-Tung Fei e Chih-I Chanp, autores de *Peasant Life in China: A Field Study of Country Life in a Yangtze Valley* (1939), e James West, autor de *Plainville, U. S. A.* (1945). Herskovits, além dos já citados estudos sobre aculturação, aparece como referência com os textos *Life in a Haitian Valley* (1937) e *Trinidad Village* (1947). Assim, o autor parecia estar atento à produção antropológica norte-americana, sobretudo aquela do grupo de intelectuais ligado à chamada Escola de Chicago, para realizar esse estudo seminal de uma comunidade brasileira.

Um dos aspectos mais conhecidos da obra de Willems e que gerou uma série de estudos na academia brasileira diz respeito aos polêmicos “Estudos de Comunidade” no Brasil. Willems, sendo o primeiro pesquisador a empregar esse método no país com seu trabalho sobre Cunha, sofreu diversas críticas ao publicar seu livro e alguns trabalhos recentes apontam para a disputa e crítica em torno desse referencial teórico e modelo de investigação (c.f. entre outros JACKSON, 2009a; MAIO & OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA & DAMASCENO, 2009).

Como apresentado no capítulo 2, Willems foi um leitor da literatura ensaística brasileira e os estudos de comunidade aparecem na bibliografia das ciências sociais brasileiras como centrais na contraposição a tais estudos. Oliveira e Maio (2011) mostram bem a importância dos estudos de comunidades no desenvolvimento das ciências sociais no país. Ao reconstruírem algumas das questões do debate gerado pelos estudos na academia brasileira, os autores mostram como eles foram lidos como uma superação da literatura ensaística vigente. Partindo do texto de Oracy Nogueira (1955), por exemplo, apresentam que um dos primeiros aspectos da contribuição dos estudos de comunidade seria “caracterizado pelo esforço intelectual de superação da produção sociológica anterior ao processo de institucionalização dessas ciências, considerada conjectural e não

científica” (OLIVERIA & MAIO, 2011. p.534), ou seja, os estudos de comunidade, por sua preocupação com a pesquisa empírica sistemática, apareceriam como um contraponto ao ensaísmo nas ciências sociais brasileiras. Dessa forma:

Os Estudos de Comunidades estão, pois, vinculados a certo momento do desenvolvimento das ciências sociais no país, tendo constituído um esforço de se contrapor e superar trabalhos considerados de caráter ensaístico, em que prevaleciam interpretações gerais sobre a sociedade brasileira (OLIVEIRA & MAIO, 2011. p. 531).

O caráter empírico atribuído aos estudos de comunidade, mas que, como enunciado ao longo da dissertação, já estava presente em outros trabalhos de Willems anteriores a *Cunha*, teria dado a tônica dos novos estudos sócio antropológicos na década de 1940 e também na década de 1950, substituindo o modelo ensaístico de grandes explicações sobre o Brasil. Segundo Goldwasser:

Operando uma revisão crítica da tradição acadêmica que os precedia, os Estudos de Comunidade, por seu embasamento empírico, se figuravam então como a alternativa mais legítima para a substituição dos modelos explicativos anteriores, contestados como conjecturais e paracientíficos (GOLDWASSER, 1974. p.74).

Dessa forma, é possível compreender como os estudos de comunidade iniciados no Brasil por Willems, mas que pulularam²⁰² no final da década de 1940 e 1950, foram importantes na formação de uma geração de intelectuais. Como apontam Oliveira e Damasceno (2009), “independentemente da variedade destes estudos”, foram vários os estudos de comunidades realizados nos anos seguintes, sendo o Projeto do Vale do Rio São Francisco, coordenado por Pierson, e o Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Universidade de Columbia²⁰³, coordenado por Wagley (1913-1991),²⁰⁴ os mais representativos. “É inegável sua importância na formação dos cientistas sociais brasileiros. É nesta tradição de pesquisa que se formam as primeiras gerações de antropólogos e sociólogos saídos das escolas de graduação e pós-graduação dos cursos

²⁰² Charles Wagley identifica em 1954 que “nos últimos dez anos, mais de 20 estudos de comunidades têm sido realizados tanto por cientistas sociais brasileiros, como por estudiosos estrangeiros dedicados ao assunto no Brasil” (WAGLEY, 1954. p.4). Dentre os estudos citados por Wagley, estão os livros de Willems *Cunha* (1948) e *Buzios Island* (1951); o trabalho de Lucilla Herrmann em Guaratinguetá (HERRMANN, 1948); o estudo de Donald Pierson sobre Cruz das Almas (PIERSON, 1951); e o trabalho do próprio Wagley em uma comunidade amazônica (1953). Além dessas publicações, outras ainda não publicadas e os dois grandes projetos (O Programa do vale do São Francisco e o Programa Bahia-Columbia) são lembrados pelo autor.

²⁰³ Nesse projeto foram realizados os estudos de comunidades: *Vila Recôncavo: A sugar plantation community of the Northern Coast of Brazil* Hutchinson (HUTCHINSON, 1952); Minas Velhas: A Study of Urbanism in the Mountains of Eastern Brazil (HARRIS, 1952); entre outros.

²⁰⁴ Charles Wagley foi um antropólogo norte-americano que esteve no Brasil na década de 1940. Entre seus trabalhos mais importantes se encontra o estudo de comunidade de 1953, *Amazon Town: A study of Man in the Tropics*. (WAGLEY, 1953)

de ciências sociais do país” (Idem. p. 254).

No entanto, se a tradição dos estudos de comunidade ajudou a formar uma geração, não foi sem críticas ao modelo adotado. A importância da polêmica em torno do uso desse tipo de pesquisa no Brasil é tão forte na bibliografia que, conforme aponta Jackson, a liderança acadêmica que Willems possuía na década de 1940 começaria a ser abalada a partir da dura crítica a *Cunha* em resenha de Caio Prado Jr. (1948) e que se seguiu entre outros autores, inclusive por alunos de Willems que estiveram presentes no trabalho de campo em *Cunha*, como Florestan Fernandes e Gioconda Mussolini. Amparando-se principalmente nas resenhas nacionais feitas sobre o estudo de *Cunha* na época de sua publicação (FRANCO, 1963; HOLANDA, 1979 [1948]; IANNI, 1961; MUSSOLINI, 1955; NOGUEIRA, ORACY, 1955; PRADO JR, 1948; WAGLEY, 1954), Jackson (2009a) mostra como as disputas teóricas em torno de tais métodos de pesquisa eram também disputas políticas entre os dois modelos de ciências sociais, o modelo Uspiano e o da ELSP. Essas críticas se centrariam no que os autores consideravam ser um empirismo exagerado de *Cunha*, que denotaria uma ausência de preocupações teóricas. Ao analisar as críticas, principalmente as oriundas dos pesquisadores ligados à Universidade de São Paulo em torno dos estudos de comunidade, Jackson salienta o que seria uma “imbricação profunda entre ciência e política que caracterizou os decênios de institucionalização das ciências sociais em São Paulo” (JACKSON, 2009a. p 273). Assim, a disputa entre as diferentes concepções de ensino e pesquisa da USP e da ELSP, em que o referencial teórico dos estudos de comunidade aparece politizado pelas resenhas críticas que o livro de Willem sofreu, levaria a uma recepção aquém do esperado pelo autor alemão e foi, segundo Jackson, um dos motivos de sua ida para os EUA.

Parece interessante que as críticas ao estudo de comunidade de Willems tenham sido iniciadas por Caio Prado Jr., não só por revelar, como bem apontado por Jackson (2009a), uma clivagem política e teórica, mas por apontar também uma disputa geracional. Tanto Caio Prado Jr. como Sergio Buarque de Holanda, que também criticou o trabalho de Willems, são autores associados em grande parte ao ensaísmo brasileiro, ao qual os estudos de comunidade se contrapuseram, tendo sido seguidos em suas críticas pela geração seguinte, que, de alguma forma, esteve ligada aos estudos de comunidade em suas formações acadêmicas. Assim, os estudos de comunidade realizados no Brasil ficaram restritos a uma geração de pesquisadores, muitos deles associados de alguma forma a projetos institucionais norte-americanos, que sofreram duras críticas tanto da

geração anterior de estudiosos, cujos métodos os estudos de comunidade criticavam, como pela geração seguinte de pesquisadores brasileiros formados nas universidades brasileiras e que passaram a se contrapor e a negar a alcunha desses estudos.

No entanto, Luiz Carlos Jackson (2009b) lembra que “devemos reconhecer que a maioria dos estudos sociológicos e antropológicos sobre as sociedades rurais²⁰⁵, realizados depois de Cunha e de outros ‘estudos de comunidades’, lhes são diretamente devedores” (JACKSON, 2009b. p. 185). Seja pelo esforço de realizar um empreendimento coletivo, em que os pesquisadores formavam equipes de investigação, seja pela sólida base empírica adotada em que o trabalho de campo passaria a dar a tônica das pesquisas, os estudos rurais realizados em São Paulo tiveram em Willems um ponto de inflexão para o desenvolvimento posterior do campo de estudo. Segundo o autor, as pesadas críticas que o estudo de *Cunha* recebeu

Restringiram o reconhecimento de seu legado na USP, mas sua continuidade pode ser reconhecida na tradição dos estudos realizados por Gioconda Mussolini, Antonio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, que desenvolveram criticamente a percepção aguda que Willems teve sobre o papel dos sitiantes pobres no povoamento e na formação da sociedade rural brasileiras (JACKSON, 2018. p.292).

Se nos voltarmos, porém, às resenhas internacionais do livro, a repercussão é outra. Três pesquisadores publicam nos EUA resenhas sobre o livro, para as quais gostaria de chamar a atenção. A primeira dessas resenhas é publicada no primeiro semestre de 1949 na *American Anthropologist* e é realizada por Charles Wagley, da Universidade de Columbia (WAGLEY, 1949). Escreveu Wagley:

Talvez o centro de antropologia social mais ativo ao sul do Rio Grande é São Paulo, Brasil. Cientistas e professores como Herbert Baldus, Mario Wagner Vieira da Cunha, Octavio da Costa Eduardo, Kalervo Oberg, Donald Pierson, Egon Schaden, entre outros, estão treinando estudantes, conduzindo pesquisas de campo e escrevendo (Idem. p. 306)²⁰⁶.

Interessante ressaltar, aqui, que o autor americano que pesquisou no Brasil, publicando o estudo de comunidade *Amazon Town* (1953), lista nomes ligados à ELSP como os membros do centro mais ativo no campo da antropologia social em São Paulo. É importante assinalar que Wagley conduziria, alguns anos mais tarde, o Programa de

²⁰⁵ Como nos revela Magnani, os estudos da antropologia urbana em São Paulo também são devedores aos estudos de pequenas comunidades rurais (MAGNANI, 1996).

²⁰⁶ Tradução minha. No original: “Perhaps the most active center south of the Rio Grande in the field of social anthropology is Sto Paulo, Brazil. Scientists and teachers, such as Herbert Baldus, Mario Wagner Vieira da Cunha, Octavio da Costa Eduardo, Kalervo Oberg, Donald Pierson, Egon Schaden, and others, are training students, conducting field research, and writing” (WAGLEY, 1949. p. 306).

Pesquisas Sociais do estado da Bahia e da Universidade de Columbia, projeto que seria um dos grandes estudos de comunidades realizados no Brasil. Wagley continuou sobre o assunto:

A presente monografia é a obra de uma das principais figuras deste grupo, nomeadamente, Emilio Willems, autor de *A Acculturação dos Alemães no Brasil e Assimilação e Populações Marginais no Brasil* (São Paulo, 1940), assim como de numerosos artigos publicados no Brasil e no exterior. O presente volume tem a alta qualidade e a consistência teórica que o trabalho anterior de Willems nos ensinou a esperar. (...) Apesar de algumas falhas, esse estudo acrescenta muito ao nosso conhecimento do Brasil rural, e é um acréscimo bem-vindo a uma longa lista de estudos de comunidades modernas realizados por antropólogos. Também deve ser de considerável valor para os planejadores e administradores no Brasil, assim como para os cientistas sociais interessados no processo de mudança social em geral (WAGLEY, 1949. p. 306).²⁰⁷

É possível assinalar na resenha de Wagley duas colocações importantes para compreendermos o contexto em que os estudos de comunidade se encontravam no Brasil. Em primeiro lugar, Wagley ressalta que o estudo de Willems vem na esteira de uma longa lista de estudos de comunidades modernas realizados por antropólogos. A contribuição de Willems, dessa forma, estaria amparada nessa “longa lista” de estudos, em sua maioria norte-americanos e na qual o próprio Wagley se colocaria. O segundo ponto importante apresentado por Wagley é exatamente o caráter aplicado que os estudos de comunidade teriam. O valor que a obra teria para “planejadores e administradores públicos” mostra como esses estudos tinham como característica o diálogo com o poder público.

Outro pesquisador que resenhou *Cunha* no exterior foi T. Lynn Smith, na *American Sociological Review*. O autor que, como apresentarei adiante, foi o responsável por levar Willems para lecionar na Vanderbilt University, afirmou que:

O Professor Willems fez um uso judicioso e eficiente das modernas técnicas sociológicas e antropológicas na preparação do estudo mais profundo, objetivo e interessante de um município brasileiro que chegou ao conhecimento deste revisor (SMITH, 1949. p. 693)²⁰⁸.

²⁰⁷ Tradução minha. No original: “The present monograph is the work of one of the leading figures of this group, namely, Emilio Willems, the author of *A Acculturação dos Alemães no Brasil* and *Assimilação e Populações Marginais no Brasil* (São Paulo, 1940), as well as numerous articles published in Brazil and elsewhere. The present volume has the high quality and the theoretical awareness which Willems' earlier work has taught us to expect. (...) Despite a few faults, this study adds much to our knowledge of rural Brazil, and it is a welcome addition to a long list of modern community studies by anthropologists. It should also be of considerable value to social planners and administrators in Brazil as well as to social scientists interested generally in the process of social change” (WAGLEY, 1949. p. 306).

²⁰⁸ Tradução minha. No original: “Professor Willems has made judicious and efficient use of modern sociological and anthropological techniques in the preparation of the most thorough, objective, and interesting study of a Brazilian *município* that has come to the attention of this reviewer” (SMITH, 1949. p. 693).

E finaliza nos dando uma interessante pista sobre as percepções das possibilidades de circulação e de impacto de uma obra, dado o contexto e a língua de publicação:

Ele merece ser amplamente lido, tanto no Brasil como em outros países. Em muitos aspectos é lamentável que uma obra tão importante esteja enterrada no "túmulo da língua portuguesa", e que tantos cientistas sociais nos Estados Unidos ainda desconheçam o considerável corpo de excelente material sociológico e antropológico que se está se acumulando no Brasil (SMITH, 1949, p. 694)²⁰⁹.

Por fim, Franklin Frazier²¹⁰ publicou uma outra resenha na *American Journal of Sociology*, contribuindo para o rol de críticas ao trabalho de Willems e também destacando o problema da limitação na circulação do mesmo em decorrência da língua em que foi escrito:

Este livro (...) é uma importante contribuição para o estudo antropológico e sociológico do impacto da "civilização" sobre a "cultura Folk". Além disso, o número crescente de sociólogos que se interessam pelo problema dos contatos raciais e culturais fora dos Estados Unidos devem considerá-lo (se lerem português) uma contribuição valiosa para o seu conhecimento da situação brasileira (FRAZIER, 1950, p. 508)²¹¹.

Assim, o estudo de comunidade realizado por Willems teve uma recepção positiva na academia dos EUA. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, o texto foi bem visto nos EUA. As críticas brasileiras se centrariam no que os autores consideravam ser um empirismo exagerado de *Cunha*, que denotaria uma ausência de preocupações teóricas. Além disso, Guerreiro Ramos criticou o que seria uma "transplantação literal de medidas adotadas em países plenamente desenvolvidos" e que formulava "interpretações genéricas dos aspectos global e parciais das estruturas nacionais e regionais" (RAMOS, 1995, pp. 105-106). Ou seja, as críticas pareciam endereçar a aproximação de Willems com os modelos de pesquisa dos EUA.

²⁰⁹ Tradução minha. No original: "It deserves to be read widely both in Brazil and elsewhere. In many ways it is unfortunate that such an important work is buried in "the tomb of the Portuguese language", and that so many of the social scientists in the United States are still unaware of the considerable body of excellent sociological and anthropological material which is accumulating in Brazil" (SMITH, 1949, p. 694).

²¹⁰ Edward Franklin Frazier foi um sociólogo norte-americano, professor de sociologia na Howard University desde 1934. Em 1931, realizou o seu doutorado na Universidade de Chicago e lecionou na Universidade de Fisk de 1929 e 1934. Negro, realizou estudos sobre as relações raciais nos EUA que receberam grande reconhecimento.

²¹¹ Tradução minha. No original: "This book (...) is an important contribution to the anthropological and sociological study of the impact of "civilization" upon the "culture of the folk". Moreover, the increasing number of sociologists who are becoming interested in the problem of race and culture contacts outside the United States would find it (if they read Portuguese) a valuable contribution to their knowledge of the Brazilian situation" (FRAZIER, 1950, p. 508).

3.2 A trajetória nos EUA (1949-1997)

O processo de institucionalização das ciências sociais nos EUA chama a atenção para dois fatos: a velocidade com que se deu e o caráter eminentemente empírico da sociologia nascente (PEIXOTO, 2001. p.505). Já mostramos anteriormente como os estudos empíricos foram fundamentais na obra de Willems. Resta mostrar como o rápido e impressionante crescimento dos cursos de antropologia na academia dos Estados Unidos no período estiveram imbricados com a trajetória do professor. O número de universidades americanas que ofereciam cursos de antropologia dobrou da década de 1940 para a de 1950 e o número de departamentos de antropologia, independentes ou combinados com outras áreas, triplicou (VOEGELIN, 1950). O número de instituições que ofereciam cursos de antropologia passou de 167 em 1940-41 para 304 em 1958-60, tendo 114 programas, 604 profissionais envolvidos e 1930 cursos oferecidos. Dessa forma, a antropologia já apareceria bem estabelecida, tanto nos níveis de graduação quanto de pós-graduação, nas universidades dos EUA e, como aponta Voegelin, um aumento regional expressivo pode ser acompanhado pelas estatísticas com o crescimento da antropologia no sul do país, quadro esse bem distinto se compararmos com o desenvolvimento das universidades do Brasil.

Da mesma forma como Ruy Coelho, que conseguiu usufruir de uma viagem para os EUA para sua formação, como destacado por Ramassote (2018), “beneficiado pela expansão do sistema educativo e pelo aumento dos recursos financeiros na academia norte americana assim como pela mudança de orientação da política exterior dos Estados Unidos e pelo crescente interesse científico na América Latina”²¹² (Idem. p.18), Willems também conseguiu algumas vantagens por esse traslado acadêmico e intelectual. O crescimento do interesse científico nos EUA pela América Latina e pelos “estudos de região” é percebido por Willems, que o descreve em 1950 para Fernando Azevedo:

Aqui uma verdadeira fome com relação ao que se publica sobre América Latina. Fizemos uma ligeira investigação a respeito dos cursos que universidades americanas oferecem sobre América Latina. Descobrimos que atualmente 38 universidades oferecem tais cursos, usualmente dentro das ciências sociais, da história ou geografia.²¹³

²¹² No original: “Beneficiado por la expansión del sistema educativo y el aumento de los recursos financieros en la academia norteamericana, así como por el cambio de orientación de la política exterior de Estados Unidos y el creciente interés científico en América Latina” (RAMASSOTE, 2018. p.18)

²¹³ Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 08 de janeiro de 1950. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo FA-CP-Cx34,22.

Com a adoção da chamada política de boa vizinhança, ocorreu uma invasão de investigadores norte-americanos por toda a América Latina nas décadas de 1940/1950. Em 1946, Willems já havia publicado a sua impressão sobre o crescimento do interesse norte-americano no Brasil. Segundo o professor:

Sabe-se que nos Estados Unidos está crescendo o número de pessoas interessadas em assuntos brasileiros. Contrariamente ao que muita gente pensa atualmente, esse interesse não é passageiro, fruto de propaganda política e de gestos platônicos de boa vizinhança. O Brasil de após guerra é, no chamado “concerto das nações”, algo muito diferente do que foi antes da guerra. É óbvio que essa mudança resulta não tanto de modificações estruturais internas do que de alterações internacionais. Fato é que muitas pessoas que, há poucos anos, talvez não fossem capazes de indicar a capital brasileira, de repente necessitam ou desejam informar-se sobre o Brasil, coisa que não é nada fácil e não exclusivamente por dificuldades linguísticas (WILLEMS, 1946b. p.149).

3.2.1. Universidade de Vanderbilt

No ano de 1948, Willems recebeu o convite de T. Lynn Smith para ensinar na Universidade de Vanderbilt durante a “Summer School”, no verão norte-americano, no recém-criado Instituto de Estudos Brasileiros. Mesmo afirmando não conhecer absolutamente nada sobre Vanderbilt, Tennessee ou sobre os Estados Unidos²¹⁴ - exceto pela antropologia dos EUA, devo objetar - o antropólogo decidiu aceitar o convite, curioso sobre o país e com o projeto do Instituto.

O papel que a Universidade de Vanderbilt assumiu, tanto para Willems como para o desenvolvimento dos chamados Estudos Latinos e especialmente brasileiros nos EUA, merece destaque. De fato, a Universidade do Tennessee foi a primeira instituição de grande porte a criar um instituto voltado exclusivamente para os estudos brasileiros. Dessa forma, com a criação do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt, em 1947, Willems assumiu mais uma vez um papel de pioneirismo. O Instituto, criado em setembro de 1947 com fundos e encorajamento da Carnegie Foundation de Nova York depois do retorno do reitor Harvie Branscomb de uma viagem ao Brasil, atraiu no verão de 1948, segundo reportagem do jornal americano *The Jackson Sun*, educadores de alto nível, inclusive o Dr. Emilio Willems da Universidade de São Paulo²¹⁵.

²¹⁴ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.29.

²¹⁵ Tradução minha. No original: “Last summer a special session of the Institute attracted many top educators, including Dr. Emilio Willems of the University of the São Paulo in Brazil.” É possível saber

Segundo o site oficial da universidade, o desejo de Branscomb em transformar Vanderbilt de uma instituição regional em uma instituição de importância nacional, colocando a universidade “no mapa”, ganhou fôlego a partir da vitória dos aliados na Segunda Guerra. Segundo Furlong, o governo americano incentivou o estudo acadêmico de seus parceiros durante a guerra (FURLONG, 2008). Dessa forma, a forte impressão que o Brasil deixou em Branscomb, tanto como país com potencial de investimento acadêmico, quanto como uma chave para a ampliação da influência norte-americana na América do Sul, contribuiu para o novo instituto criado. Segundo Marshall Eakin, professor de história entrevistado na reportagem sobre a trajetória da instituição no site do Instituto:

Quando Branscomb cria este centro no final dos anos 40, em muitos aspectos não há nenhum outro lugar do planeta que tenha o tipo de concentração nos estudos brasileiros que nós temos (...). Nesse momento, nos Estados Unidos, há muito poucos estudiosos estudando a América Latina, muito menos o Brasil²¹⁶.

Em maio de 1949, o presidente dos Estados Unidos do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, realizou a primeira viagem de um Chefe de Estado brasileiro para os Estados Unidos da América. Dutra foi celebrado em cortejos oficiais em várias cidades, como Nashville, mas especialmente na Universidade de Vanderbilt, uma de suas paradas no país do norte. Lá recebeu o título de “Primeiro Presidente Honorário” do Instituto de Estudos Brasileiros. O jornal *O Estado de S. Paulo* transcreveu trecho do discurso do mandatário na ocasião:

Como brasileiro, sinto meu coração profundamente comovido pela significação desta cerimônia. Em meio desta atmosfera de alta cultura, vejo-me em contacto com uma comunidade universitária que devota parte de seus esforços à coleta e à difusão do conhecimento acerca do Brasil.

A Universidade de Vanderbilt é, de fato, a primeira instituição de ensino superior dos Estados Unidos que cria um instituto essencialmente dedicado aos estudos do Brasil, cujo fim é aprofundar e definir as verdadeiras

mais sobre a transferência acompanhando como a mesma foi noticiada à época. Encontramos a seguinte notícia no jornal local, Jackson Sun, publicada em 22 de maio de 1949: “Dutra Will Inspect Brazilian Institute at Vanderbilt”, *The Jackson Sun*, Jackson, Tennessee. p. 2. Além disso, no periódico *The Montgomery Advertiser*, é possível encontrar uma nota sob o título “Names Brazilian Professor” com o perfil de Willems. Publica o jornal: “Vanderbilt University today announced the appointment of a Brazilian Scientist as visiting professor of anthropology. Dr. Emilio Willems is a German-born anthropologist who going there in 1930 for field after studies became a citizen of Brazil”. N/a. Quarta-feira, 11 de maio de 1949, “Names Brazilian Professor”. *The Montgomery Advertiser*. Montgomery, Alabama. p.10.

²¹⁶ Tradução minha. No original: “When Branscomb creates this center in the late ’40s, in many ways there’s nowhere else on the planet that has the kind of concentration in Brazilian studies that we have (...). At that point in the United States, there are very few scholars studying Latin America, much less Brazil”. Cf. FURLONG, Kara. *After more than 60 years, Vanderbilt’s institutional ties to Brazil are stronger and reach more parts of campus than ever before*. 01/01/08. <https://news.vanderbilt.edu/archived-news/vanderbilt-view/articles/2008/01/01/ties-that-bind.49651.html>. Acessado em novembro de 2018.

realidades que rodeiam o povo e a terra brasileiros. Em vista disso, não posso furtar-me á manifestação do contentamento que me invade ao verificar tal demonstração de interesse e mesmo afeição pelo Brasil.

A amizade entre nossos dois países somente poderá ser aumentada mediante organizações do quilate do Instituto de Estudos Brasileiros, que possam confrontar o Brasil com seus destinos históricos. Os cursos existentes no ‘currículo’ daquele Instituto preenchem precisamente aquela alta finalidade de tornar os laços de amizade entre os Estados Unidos da América e os Estados Unidos do Brasil mais lúcidos e consistentes.

Assim, é com a mais vivida honra e emoção que, ao receber o título honorário de membro do Instituto de Estudos Brasileiros desta Universidade, agradeço a honra que me é conferida, com as mais ardentes e constantes esperanças de que esta excepcional iniciativa de aproximação cultural seja um completo sucesso²¹⁷.

De fato, o Instituto parece ter deixado boa impressão, vislumbrada no comentário da imprensa brasileira. O enviado especial do jornal *O Estado de São Paulo* escreveu à época:

O dia de hoje do presidente Dutra foi quase todo dedicado á visita á Universidade de Vanderbilt. Pudemos assim observar mais de perto o problema das relações culturais entre Brasil e os Estados Unidos, sobretudo naquilo que falta a nosso país. O Instituto de Estudos Brasileiros desta Universidade, dirigido pelo professor Lynn Smith, é exemplar, constituindo verdadeira surpresa para o visitante. Como tudo isto é feito por iniciativa local de alguns professores que conhecem e amam o Brasil, compreende-se facilmente o que poderia ser feito no caso de dispormos a enviar algum auxílio a estes gratuitos amigos²¹⁸.

Assim, a aproximação ocorrida entre Estados Unidos da América e os então Estados Unidos do Brasil passou também, se não de forma efetiva, ao menos de forma simbólica, pela Universidade de Vanderbilt. O pronunciamento do reitor Branschomb ao fornecer o título honorário a Dutra ressaltava o entrelaçamento entre política de Estado e uma agenda acadêmica entre os dois países: “Por mais de um século o Brasil tem fortalecido e retribuído à altura a amizade dos Estados Unidos. O governo do general Eurico Gaspar Dutra tem perpetuado esses sentimentos de amizade e mútua compreensão que sempre caracterizaram as relações do Brasil para com os Estados Unidos”²¹⁹. Nesse sentido, eis que o convite a Willems para lecionar na referida Universidade ganha mais peso. A aproximação cultural entre os dois países amigos parece ser a chave para compreendermos o convite. Como escreve o Cônsul Geral Americano Cecil Cross para o

²¹⁷ Coperland, William W. “Regressa hoje ao Brasil o Presidente Dutra - Homenagem na Universidade de Vanderbilt”, *Jornal O Estado de São Paulo*, sexta-feira, 27 de maio de 1949, p. 1.

²¹⁸ N/a. “Marcha Paralela”, *Jornal O Estado de S. Paulo*, sexta-feira, 27 de maio de 1949, p. 1.

²¹⁹ Por William W. Copeland – correspondente especial e diretor Geral da “United Press Associations” no Brasil. “Homenagem na Universidade de Vanderbilt”, *Jornal O Estado de São Paulo*, sexta-feira, 27 de maio de 1949, p. 1.

Reitor da Universidade de São Paulo, Linneu Prestes:

Para o referido Instituto [Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt], é extremamente importante a colaboração do Prof. Willems, tanto para o desenvolvimento do seu programa, como para o seu departamento de sociologia e antropologia²²⁰.

E continuou:

Indubitavelmente, a contribuição do Prof. Willems á divulgação da cultura brasileira nos meios universitários do meu país, será de inestimável valor para a maior aproximação cultural entre Brasil e os Estados Unidos.

É com grande satisfação que o Departamento de Estado coopera neste plano, afim de tornar possível a presença de um erudito professor da Universidade de São Paulo nos Estados Unidos²²¹.

Da mesma forma, o convite à Willems também teve apoio interno da Universidade de São Paulo. Em ofício do Professor Chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia, Fernando de Azevedo, ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de junho de 1949, o professor ressaltou o convite de “um centro de primeira ordem de atividades didáticas e científicas” e colocou a cooperação de professores brasileiros como sendo “do mais alto interesse, tanto da Universidade de São Paulo como do Brasil”²²² para contribuir ao único instituto do gênero na América do Norte. Além disso, a visita do presidente brasileiro, seu cargo de presidente honorário ao referido instituto e a afirmação dos dirigentes da Universidade de Vanderbilt que “frisaram a necessidade de uma cooperação mais estreita com o Brasil” foram pontos destacados por Fernando de Azevedo para o Diretor da Faculdade e que estavam presentes também no ofício do Reitor Lineu Prestes para o Governador do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros²²³.

Entretanto, a colaboração de Willems com o Instituto, apesar de ter sido considerada como fundamental pelo Departamento de Estado Americano, não deixou de

²²⁰ Documento “The Foreign Service of the United States of America” – do Cônsul Geral Americano Cecil M. P. Cross para o Reitor da Universidade de São Paulo Linneu Prestes, 21 de junho de 1949. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (Ag – USP). Processo de afastamento de Emilio Willems

²²¹ Idem.

²²² Ofício de Fernando de Azevedo, professor chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia para Astrogildo Rodrigues de Mello, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 22 de junho de 1949. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (Ag – USP). Processo de afastamento de Emilio Willems.

²²³ Escreve o Reitor: “Trata-se, senhor governador, de convite honroso para o nosso país e, especialmente para a Universidade de São Paulo. O Excelentíssimo Senhor Presidente da República, tendo em maio último, visitado o Instituto em apreço, foi eleito seu primeiro Presidente Honorário e nessa ocasião, tanto o Senhor Presidente como os dirigentes daquela Universidade frisaram a necessidade de uma cooperação mais estreita com o Brasil”. Ofício de Linneu Prestes, Reitor da Universidade de São Paulo para Adhemar de Barros, Governador do Estado de São Paulo, 2 de julho de 1949. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (Ag – USP). Processo de afastamento de Emilio Willems.

apresentar alguns problemas, como recorda o antropólogo em sua autobiografia. Segundo ele, devido à sua origem alemã, o cônsul se recusou a dar à família do professor qualquer tipo de visto sem “investigar” o “caso” antes. É preciso lembrar que à época havia nos EUA uma grande desconfiança com alguns cidadãos de certas nacionalidades. Russos e alemães podiam sempre serem suspeitos de ser, respectivamente, comunistas e nazistas. A origem de Willems não deixou de gerar suspeitas por parte dos americanos, que só garantiram o visto temporário após averiguarem que ele não era um “criminoso de guerra”²²⁴.

Willems narrou em carta para Fernando de Azevedo suas primeiras impressões de Nashville. Apesar de longo, creio que vale a pena reproduzir um trecho da carta do antropólogo, uma vez que o texto é extremamente rico em impressões que ajudam a compreender a experiência na nova universidade. Escreveu o professor:

Cheguei a Nashville em meados de setembro. Felizmente as aulas começaram no fim desse mês, de modo que pude preparar-me convenientemente, alojando minha família e matriculando as crianças no High School. A 28 de setembro abriram-se os cursos. Você certamente pode imaginar o que significa dar aulas numa língua estrangeira. É verdade que me valeu a experiência do ano passado, mas mesmo assim o choque foi bastante forte. Faço tempo integral dando nove aulas semanais, a maioria sobre Brasil, mas também algumas puramente etnológicas e, além disso, um curso sobre antropologia física. Divido o tempo entre o Instituto de Estudos Brasileiros e o Departamento de Sociologia e Antropologia. Tive a satisfação de ser compreendido pelos alunos desde o primeiro dia, apesar do meu inglês meio gaguejado. Agora já dou aulas bastante fluentes, quase normais, embora naturalmente meu inglês ainda deixe muito a desejar.

Já se tem falado e escrito tanto sobre os Estados Unidos, mas parece-me que muitas particularidades na estrutura das universidades ainda não foram bem compreendidas. Você sabe que aqui o College é parte da universidade, e esse fato é suficiente para distingui-la das universidades brasileiras, francesas, alemãs e, creio, europeias em geral (com exceção talvez das inglesas). Os dois anos do Junior College são comparáveis ao nosso velho Colégio Universitário, mas o Senior College é realmente de nível universitário contendo os cursos de introdução. Em confronto com o College, as escolas graduadas são pequenas, cabendo-lhes em geral um terço ou um quarto da matrícula total. O College é indispensável, pois a High School é geralmente de má qualidade. Perde-se muito tempo nesses doze anos de educação primária e secundária. É o tipo da “play-school” de pais ricos que se pode dar ao luxo de educar extremamente devagar. O freshman médio é ignorante, mas bem educado, idealista e muito maleável.

As tradições universitárias, baseadas sobre o conceito da alma mater, são cultivadas com extremo cuidado e verdadeira dedicação. Mas em contraste com a Europa (exceto Inglaterra) e América Latina, procura-se realmente guiar e educar o aluno. A matrícula é feita pelos professores que atendem individualmente os alunos escolhendo-lhes os cursos e compondo-lhes o currículo. Isso seria impossível, por exemplo, na Alemanha, pois estaria em contradição com a “liberdade acadêmica”. Felizmente, o nefasto sistema de seriação (invenção portuguesa) não existe aqui. Os alunos são constantemente

²²⁴ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.31.

observados e qualquer irregularidade na frequência e qualidade dos trabalhos escolares acarreta intervenções do Dean. Nas reuniões da Congregação discutem-se quase exclusivamente assuntos educacionais. As fraternities e sororities dos estudantes procuram complementar essa educação, e a universidade organiza anualmente um vasto programa de conferências, concertos, representações teatrais (em teatro próprio) e exposições de arte.

A Vanderbilt tem uma longa tradição no Sul. Ela é procurada de preferência pelos filhos das famílias abastadas e muitos pais e avós já se educaram nela. A instituição do “alumni” (nos diríamos ex-alunos) é notável. Em regra, os ex-alunos continuam ligados à universidade e os ricos continuam patrocinando as fraternities e dando consideráveis somas de dinheiro à universidade. No ano passado os alumni “renderam” 150000 dollars a Vanderbilt.

Naturalmente há deficiências. Uma delas é o futebol que absorve mais atenção e energia do que parece desejável. De outro lado ele representa uma excelente fonte de renda para as universidades. Muitos professores são demasiadamente especializados e a qualidade das aulas, do ponto de vista didático, não é frequentemente o que deveria ser, na minha opinião.

Nas ciências sociais predominam o mesmo espírito profissional que caracteriza as demais ciências. A pesquisa, a participação em congressos científicos e a organização dos cursos absorvem totalmente o interesse dos professores²²⁵.

Este longo trecho da carta de novembro de 1949 apresenta algumas impressões interessantes do professor sobre os EUA, especialmente sobre o seu primeiro contato com a Universidade. Para além da acomodação de sua família, fato esse que, apesar de geralmente ser considerado secundário, tem para Willems importância central, vemos como ele estava inseguro com o idioma inglês. O professor que dominava o alemão, o português, o francês, e que lia e escrevia em inglês, estava inseguro em ministrar os cursos nessa língua. A vontade de se comunicar em inglês era tamanha que, ao se mudar para os EUA, o professor combinou com Egon Schaden que os dois só se escreveriam nessa língua, para praticarem. Além disso, Willems nos narrou suas atividades docentes. Uma diferença interessante sobre a sua adaptação ao modo de ministrar suas aulas é revelada por Willems. Segundo o antropólogo, havia uma indiferença geral nos EUA em relação à capacidade do ensino. No Brasil ele utilizava o que chama de estilo “latino” de lecionar, que enfatizaria a fluência e qualidades literárias, algo raramente encontrado nas conferências nos EUA. Segundo o professor, era comum a leitura de manuscritos com um tom monótono soporífero por parte de seus colegas, o que era difícil de suportar²²⁶.

Suas nove aulas semanais, em sua maioria sobre o Brasil, a divisão de seu tempo entre o Instituto de Estudos Brasileiros e o Departamento de Sociologia e Antropologia e o curso de antropologia física são temas importantes para compreendermos as atividades

²²⁵ Carta de Emilio Willems para Fernando de Azevedo, 21 de novembro de 1949. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,21.

²²⁶ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.36.

acadêmicas e diferenças na estrutura universitária nos EUA que serão desenvolvidas mais adiante. Estrutura universitária, aliás, que é o tema de várias linhas escritas na carta. O tema impressionou tanto Willems em suas “particularidades na estrutura ainda não bem compreendidas” que ele escreveu, em 1953, um artigo publicado na *Revista Anhembi* denominado “Universidades Norte-Americanas”. O “College” universitário é descrito por Willems como um “organismo peculiar que desafia definições convencionais” (WILLEMS, 1953. p. 257). Segundo o autor, o ensino pré-universitário, que não existiria enquanto unidade separada ou um apêndice da universidade, foi integrado pelo sistema educacional americano, gerando uma nova unidade que seria o colégio subgraduado, no qual se encontraria parte importante do sistema acadêmico americano.

Outro ponto apresentado pelo professor e que chama a atenção é a relação das fraternidades, ou de certas estruturas acadêmicas que só existiam nas universidades norte-americanas. Se nessa primeira carta Willems pareceu encantado com o efeito que a fraternidade, essa instituição acadêmica singular do sistema universitário naquele país, produzia nos alunos, em sua autobiografia de 1993 o autor mostra certa frustração com essas particularidades do ensino americano, que pode ser vista com o problema atribuído ao futebol. Segundo ele, o nível intelectual dos alunos estava aquém do esperado, e o professor atribuía tal fato ao, como veio a descobrir, conceito americano de “fun”. Para Willems, a ênfase na vida social das fraternidades e sororidades, demonstradas em festas, encontros, bebedeiras e sexo nos carros dos alunos²²⁷, levava a maioria do corpo discente a escolher cursos que não requereriam muito esforço. No entanto, a primeira impressão do professor parece ser bem favorável ao modelo de ensino da universidade americana e ao estilo profissional das ciências sociais, característica, segundo ele, das outras ciências, e que o agradou profundamente.

Chegando a Nashville em 1949, Willems se deparou com a sua primeira decepção com a Vanderbilt: T. Lynn Smith havia deixado a universidade para lecionar na Universidade da Flórida e, segundo Willems, a partida do líder do Departamento de Sociologia e Antropologia e diretor do Instituto brasileiro afetou o desenvolvimento de ambos os institutos²²⁸. No entanto, isso não deixou de animar Willems sobre o desenvolvimento da Universidade. Em carta escrita para Schaden, com quem não deixou de ter contato, mesmo tendo migrado para outro país, Willems descreveu o crescimento

²²⁷ Idem. p.32.

²²⁸ Idem. p.31.

da instituição:

Parece que o status da Vanderbilt está crescendo. Há alguns dias a Fundação Rockefeller destinou 1.200.000 dólares para o desenvolvimento de Escola de pós graduação de Vanderbilt e quase ao mesmo tempo Vanderbilt foi aceita pela Associação das Universidades Americanas. Isso significa que corresponde aos elevados padrões estabelecidos por essas instituições muito exclusivas²²⁹.

No entanto, em 1949 Willems lecionava para uma turma de aproximadamente 35 alunos, número considerado pequeno pelo professor. Para ele, todo o departamento de sociologia era relativamente pequeno (contava nesse momento com apenas cinco professores) e a antropologia correspondia a uma disciplina bastante desconhecida no currículo²³⁰. Podemos perceber, dessa forma, que a grande expansão que se deu na academia dos EUA ainda não estava plenamente concretizada naquele momento, ao menos na universidade na qual Willems passou a lecionar.

De fato, como escreveu muitos anos depois, o Instituto de Estudos Brasileiros, instituto esse que gerou tanta expectativa em Willems e que foi um dos motivos para aceitar a transferência para os EUA, acabou se tornando uma grande decepção²³¹. O financiamento da *Carnegie Foundation*, que deveria fornecer treinamento graduado em linguagem, história, economia, antropologia e ciência política sobre o Brasil, não passava de recursos para 4 ou 5 estudantes coletando dados no Brasil para suas dissertações, e para outros 5 ou 6 em Vanderbilt. Além disso, Willems descobriu uma certa animosidade do resto da universidade para com o Instituto. Aparentemente, a comunidade da Universidade não havia sido consultada antes da criação do Instituto. Na realidade, em 1952, o Instituto deixou de existir. A verba da *Carnegie Foundation* não foi renovada, e os programas de pesquisa foram diluídos entre os departamentos da universidade. O grande plano de transformar Vanderbilt em um centro de referência de estudos brasileiros sofreu um forte baque, mas serviria como base para o Centro de Estudos Latinos Americanos criado 10 anos depois na mesma instituição e que “tornaria a universidade

²²⁹ Tradução minha. No original: “It seems as if Vanderbilt’s status were going up. A few days ago Rockefeller Foundation appropriated 1.200.000 dollars for the development of Vanderbilt’s Graduate School and almost at the same time Vanderbilt was accept [SIC] by the Association of American Universities. This means that it corresponds to the high standards set up by this very exclusive institutions”. Carta de Willems a Schaden, 11 de dezembro de 1949. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. Cx277.

²³⁰ Carta de Willems a Schaden, 9 de outubro de 1949. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. Cx277.

²³¹ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.32.

uma líder nos estudos sobre Brasil e América Latina”²³²(FURLONG, 2008). Segundo Furlong: “As universidades de todo o país depressa se apanharam nesta rica área de estudo iniciada em Vanderbilt. De acordo com Eakin, os estudos latino-americanos proliferaram nos campi durante a década de 1950 e especialmente depois de 1960”²³³(Idem).

Apesar da ida de Willems para os EUA pela primeira vez em 1948, ele continua vinculado como professor nas duas instituições de São Paulo nas quais por tanto tempo lecionou e, pelo menos até o ano de 1951, continua dividido entre regressar para as atividades no Brasil e permanecer nos Estados Unidos. Uma decisão que se mostra cheia de angústias, como fica claro nas cartas que envia para Fernando de Azevedo à época: “a única pessoa a que devo esta explicação: você fez com que entrasse na Universidade de S. Paulo e, desde então, durante 14 anos, você tem acompanhado as minhas atividades com a compreensão de um amigo sincero e leal”²³⁴. São diversas as razões apresentadas pelo professor para a decisão de deixar definitivamente o Brasil. Como mostrarei a seguir, mais do que a decepção intelectual pela repercussão negativa do livro *Cunha*, fato este que na realidade não encontro sustentação em momento algum nos escritos de Willems, o aspecto financeiro, tanto para a manutenção de Willems e de sua família, quanto para a possibilidade de financiamento de suas pesquisas, além de problemas políticos na congregação da USP, foram preponderantes para a decisão final. Na realidade, uma análise das fontes ajuda a compreender a experiência precária que sentia possuir na academia brasileira e apenas torna mais pungente o fato de que, apesar das dificuldades enfrentadas nos EUA, Willems decidiu não retomar suas atividades docentes no país sul-americano. Antes de mais nada, Willems afirmava não sentir “nenhum prazer especial em viver nos US”, pelo contrário, sentia-se “como exilado” e deixou claro em sua autobiografia de 1993 que sua mudança nada teve da “realização de um sonho americano”, mas “pelo menos posso trabalhar aqui sem me preocupar constantemente com o aluguel da casa, contas de venda e taxas de colégio”²³⁵.

²³² Tradução minha. No original: make the university a leader in Brazil and Latin American studies for years to come.

²³³ Tradução minha. No original: “Universities across the nation soon caught on to this rich field of study begun at Vanderbilt. Latin American studies mushroomed on campuses during the 1950s and especially after 1960, according to Eakin.” *After more than 60 years, Vanderbilt’s institutional ties to Brazil are stronger and reach more parts of campus than ever before.* Kara Furlong. 01/01/08. <https://news.vanderbilt.edu/archived-news/vanderbilt-view/articles/2008/01/01/ties-that-bind.49651.html>. Acesso em 08/2018.

²³⁴ Carta de Willems para Fernando de Azevedo, 1 de junho de 1950. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,25.

²³⁵ Idem.

Em carta de 1 de junho de 1950, Willems anuncia sua decisão final a respeito da possibilidade de continuar nos EUA ou retornar ao Brasil. Curioso notar que nela aparece pela primeira vez a grafia Brazil, com Z, em seus escritos - forma americanizada de se referir ao país em que viveu por tanto tempo e que passa a empregar com maior frequência a partir desse momento. Escreve o professor para o amigo Fernando de Azevedo, única pessoa a quem Willems “sentia que deveria dar explicações”, como mencionado acima:

Depois de longas e inúmeras hesitações vejo que já não posso adiar uma decisão a respeito de meu regresso. (...)

Está fora de qualquer dúvida que não posso voltar em julho. Há várias razões para isso, que vou expor uma por uma e com a maior franqueza possível. A razão decisiva e infelizmente eliminatória é minha situação econômica. Ela já se estava tornando insustentável no ano passado e contribuiu essencialmente para que me afastasse temporariamente do Brasil. Quero que você me compreenda: não estou me queixando de ninguém a não ser de mim mesmo. Cometi um erro de visão que não posso corrigir mais, pois é muito tarde para isso. Acreditava que fosse possível dedicar-me exclusivamente a uma carreira científica que desse a mim e a minha família um nível de vida aceitável, sem preocupações e privações exageradas. Pois esse foi meu erro. Depois de dez anos de luta e de tentativas de ajustamento compreendo que tenho vivido uma ilusão. Ciência mais advocacia, mais consultório médico, ou mais fábrica de macarrão (de pregos, de extinguidores de incêndio ou de qualquer outra coisa) é perfeitamente possível, mas ciência só é impossível, pelo menos para um pai de família com três filhos dependentes com aspirações educacionais acima do grupo escolar²³⁶.

Com uma rápida análise da correspondência de Willems é possível compreender algumas de suas angústias com relação à carreira acadêmica. Willems considerava o ordenado de professor das duas instituições em São Paulo insuficiente para manter sua família no Brasil - sobretudo depois de testemunhar a estrutura universitária norte-americana, a despeito das dificuldades que passou a conhecer no desenvolvimento do projeto acadêmico em Vanderbilt. As impressões de Willems nos levanta questões sobre a importância de uma reflexão sobre a classe social dos professores universitários de então. O autor, no início de seu prefácio de *Latin American Culture*, descreve o período em que aqui esteve como “um imigrante que enfrentava a difícil tarefa de ganhar a vida e criar uma família com o escasso rendimento de um professor” (WILLEMS, 1975. p. xi.²³⁷). Dessa forma, é possível vislumbrar a forma como o professor lidava com os problemas financeiros de sustentar sua família – mulher e três filhos pequenos – com o ordenamento de professor. Um professor que não possuía outros meios financeiros

²³⁶ Carta de Willems para Fernando de Azevedo, 1 de junho de 1950. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,25.

²³⁷ Tradução minha. No original: “an immigrant who had been facing the difficult task of earning a living and raising a family on the meager income of a teacher”.

difficilmente conseguia manter uma família com os salários universitários, se nos basearmos na experiência de Willems e lembrarmos que também se angustiava com a questão da estabilidade, ainda não alcançada nesse período. Se, como vimos, Willems tentou realizar uma missão “ecumênica” no sentido de reunir USP e ELSP em um mesmo projeto científico, do ponto de vista de suas finanças pessoais as duas instituições eram realmente inseparáveis, nas palavras do professor:

A verdade é que com mulher e três filhos em idade colegial simplesmente não posso viver dos vencimentos que a Universidade me paga. Você mesmo é chefe de família e sabe que isso é praticamente impossível. Dou-lhe minha palavra de honra que não possuo propriedades nem quaisquer fontes de renda fora do que ganho com o meu trabalho. Minha resolução de afastar-me temporariamente do Brasil não foi inteiramente voluntária; foi em grande parte ditada pelo fato de que minha situação financeira se tinha tornado insustentável²³⁸.

No entanto, apesar da questão salarial ser um problema apresentado de forma constante, não foi só a ela que Willems atribui sua decisão de permanecer nos EUA. O financiamento de suas pesquisas e de seus projetos acadêmicos teriam nesse país uma chance maior de se concretizarem. Na mesma carta para Fernando de Azevedo, datada de 1 de junho de 1950, o professor escreveu:

Detesto lamurias e não quero ser prolixo. A situação nua e crua é esta: não tenho dinheiro para financiar o nosso regresso em julho. Porém, quero ser absolutamente franco com você: mesmo se não houvesse esses intransponíveis obstáculos financeiros hesitaria em voltar agora. Estou certo de conseguir, dentro de alguns meses, uma bolsa substancial para ir a Portugal e fazer pesquisas que considero básicas para a continuação dos meus trabalhos no Brasil. (...) Nenhuma instituição brasileira poderia financiar um projeto como esse, mas aqui encontro essa possibilidade. (...)

Pois se voltar agora perco essa oportunidade e ficarei novamente imobilizado em S Paulo, sem dinheiro para levar adiante meus planos de pesquisa.

Também o Instituto de Estudos Brasileiros precisa de mim²³⁹.

A diferença entre o investimento em pesquisa no Brasil e nos EUA deixava Willems inconformado com a situação da academia no país em que viveu por tanto tempo. Ao mesmo tempo em que percebia o crescente interesse nas universidades americanas pela América Latina, notava a falta de verbas a que os estudos no Brasil estavam fadados.

O interesse pela América Latina está crescendo rapidamente. Charles Wagley está planejando uma grande pesquisa na Bahia. Para isso ele já conseguiu 200 contos do governo da Bahia, por intermédio do Anísio Teixeira. Bernhard Siegel de Stanford foi ao interior da Bahia para realizar estudos de

²³⁸ Carta de Willems para Fernando de Azevedo, 14 de novembro de 1951. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,29.

²³⁹ Carta a Fernando de Azevedo 1 de junho de 1950. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,25.

aculturação. No ano passado saíram quatro teses de doutoramento feitas por estudantes americanos em São Paulo. E que estamos fazendo? Não temos dinheiro para comprar uma passagem de ônibus a Itapeverica. É de desesperar. (...)

Sinto que da minha estadia nos US depende a continuidade das minhas pesquisas brasileiras. Tenho de ficar aqui até conseguir os recursos necessários. Além disso, o Instituto Brasileiro requer minha presença por mais alguns meses. Pouca coisa se pode fazer em três meses e minha saída no fim do ano anularia praticamente o que consegui construir²⁴⁰.

Outro fator que aborrecia o professor em demasia na Universidade de São Paulo eram as disputas políticas internas do C.T.A. [Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras]²⁴¹. Como escreveu em correspondência para Florestan Fernandes em 1953: “Sabem os ‘ressentidos’ que certamente não estaria nos Estados Unidos agora se, entre 1946 e 1948, certos desenvolvimentos “burocráticos” não tivessem enchido a medida do que estava disposto a tolerar? Mas são águas passadas e melhor é não tocar nelas!”²⁴². As disputas, principalmente com o grupo ligado a Plínio Ayrosa, professor de etnologia, criavam uma instabilidade na situação profissional de Willems na USP, o que também acabava refletindo na disciplina de antropologia. Dessa forma, com o afastamento de Willems para Vanderbilt, a instabilidade em torno da recém-criada cadeira 49 de antropologia da USP e de seu ocupante pareceu aflorar, e a ideia de um concurso público para o posto, para suprir a necessidade de um quadro docente para a disciplina, ampliada pela ida do professor aos EUA, passou a ser ventilada. Um concurso, é importante destacar, que parecia ser pensado para a área de antropologia física, naquele momento ainda com certa centralidade na disciplina. Sobre o assunto, escreveu Willems:

De São Paulo ouvi estranhos rumores. A julgar pelo Estado de S. Paulo, uma nova onda de ‘extingue-te’ se apoderou da universidade ameaçando institutos e cadeiras. E parece que meus amigos Plínio Ayrosa e Paulo Sawaya querem pôr a cadeira de antropologia em concurso. Ouvi também de outros concursos motivados por ‘conveniências administrativas’. Não sei o que se está passando, mas uma coisa é certa: se a Cadeira de antropologia for a concurso,

²⁴⁰ Carta para Fernando de Azevedo, 21 de novembro de 1949. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,21.

²⁴¹ Não eram só as reuniões administrativas na USP que aborreciam o professor. Em suas memórias, Willems escreveu que achava pessoalmente inaceitável a condição esperada das faculdades americanas em participar em assuntos administrativos. Segundo o professor, “Eu não tinha qualquer objeção às reuniões da faculdade e departamentais, mas havia uma proliferação de comitês para todos os tipos de propósitos, consumindo muito tempo e energia, muitas vezes sem nenhum resultado visível.” Tradução minha. No original: “I had no objection to faculty and departmental meetings, but there was a proliferation of committees for all kinds of purposes, consuming a lot of time and energy, often without any visible result”. (Autobiografia *My life in three worlds*, p. 37).

²⁴² Carta de Willems a Florestan Fernandes 20 de junho de 1953 UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009 Correspondência:19530620.

em 1950, não poderei inscrever-me. A situação de absoluta penúria não foi removida até agora e enquanto ela perdurar, não poderei elaborar tese nenhuma. Espero poder continuar as minhas pesquisas com fundos que estou tentando levantar aqui, mas isso também não é coisa que se possa fazer em poucas semanas. E improvisar uma “tesesinha” qualquer é inteiramente contrário a meus princípios. Acho que deverei apresentar um trabalho que esteja pelo menos a altura das minhas publicações anteriores (o que não me satisfaria, pois sinto que posso fazer muito mais). Tenho a impressão que tudo isso não está sendo compreendido. Antes da minha partida um dos meus “amigos” me aconselhou que “medisse os alunos da Faculdade e fizesse minha tese sobre os resultados”. Respondi a ele que, em vez de investigar minhocas da Amazônia, tratasse de estudar os tico-ticos da Praça da República. Assim a Faculdade “sairia mais barata” ao governo²⁴³.

O trecho acima revela duas questões para as quais gostaria de chamar a atenção. A primeira delas é o fato de Willems se recusar a fazer uma “tesesinha” para prestar o concurso. Se algo pode ser dito de seus trabalhos, é que o professor sempre primou por apresentar uma pesquisa que fosse realmente satisfatória - sobretudo pelos seus próprios padrões, claramente altos. O professor critica, em outros momentos, a publicação de trabalhos em anais de congressos, recusando-se a escrever “qualquer coisa”²⁴⁴ para ser publicado. Outra questão são as disputas em torno do trabalho na Faculdade. Os trabalhos de antropologia física realizados pelo professor aparentemente nem sempre foram muito bem vistos enquanto ele esteve no Brasil. A brincadeira sobre medir os alunos da faculdade para fazer uma tese iam em direção às críticas à segunda parte do livro sobre a cidade de Cunha, “Contribuição para o estudo antropométrico da população de Cunha” (WILLEMS, 1948. pp. 176-224), e levaram à exclusão dessa parte da segunda edição da obra em 1961. A insegurança provocada pelas disputas em torno do que iria ocorrer com a cadeira e as condições burocráticas pelas quais iria ter que passar se fosse candidato são analisadas por Willems em outro momento. Creio que uma longa citação é interessante para refletir sobre as formas como o professor se preocupava com o tema:

É verdade que o regime de tempo integral talvez resolva meu caso, mas a preparação de concurso leva tempo. Precisaria de um ano pelo menos para colher os dados e mais um ano para elaborar a tese. Tudo isso só na melhor das

²⁴³ Carta a Fernando de Azevedo 21 de novembro de 1949. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,21.

²⁴⁴ Em carta para Florestan Fernandes em que Willems lamenta a ausência no XXXI Congresso de Americanistas realizado em São Paulo, o professor justifica que não enviaria um texto para o evento. Segundo Willems: “uma vez em Portugal, a contribuição de um estudo para o congresso também estava fora de questão. Não me posso acomodar à ideia de escrever “qualquer coisa” somente por se tratar de congresso. Pelo menos 75% de tudo que se lê em congressos não vale a pena publicar. É publicado, no entanto, porque existe verba para esse fim, e assim as atas de congressos, em toda parte, estão cheias de contribuições cujo destino deveria ter sido a lata de lixo”. Carta a Florestan Fernandes, 03 de fevereiro de 1955 UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19550203.

hipóteses. Além disso, parece-me que em 1949 não havia unanimidade no C.T.A. sobre se a cadeira deveria ser só de antropologia física ou se ambas as disciplinas, antropologia física e cultural, deveriam ser incluídas. É claro que essa dúvida deve ser completamente afastada antes mesmo da abertura de concurso. Quero deixar bem claro que não serei candidato a uma cadeira de antropologia física apenas. Também não me inscreveria em um concurso, aberto a dúvidas de interpretação e suscetível de obstrução ou anulação provocadas por uma resolução do Conselho Universitário ou Conselho Nacional de Educação. Sei que há mais de uma pessoa na Faculdade desejosa de provocar uma tal resolução. Como na lei federal a cadeira é denominada Antropologia e Etnografia, e a Etnografia foi separada da Antropologia na Universidade de S.Paulo, as possibilidades de uma interpretação desfavorável às orientações que tenho procurado imprimir à cadeira, são de 50:50. No momento, porém, essas são especulações inúteis. (...)

Tenho certeza agora que não desejo “continuar como contratado”. Fui contratado desde 1938 e já não me parecem aceitáveis as condições de instabilidade inerentes à posição de contratado. De outro lado, não estaria em condições de prestar concurso – na hipótese de ser admitido à sacra cerimonia de inscrição. Tenho compromissos que me obrigam, pelo menos para os dois próximos anos, a trabalhar em certos projetos que me interessam profundamente. Não posso nem quero interromper esses trabalhos para escrever tese e memorizar pontos de concurso. Pois seria isso mesmo. Nos últimos anos tenho trabalhado num campo bastante especializado; tive pouca oportunidade de me ocupar com as mil e uma questões que se costumam exigir em concursos. Isso se refere principalmente à antropologia física a que me dediquei muito pouco nos últimos três anos. Teria um trabalho enorme, com prejuízo de todas as minhas atividades atuais para tentar conseguir, com o grave risco de ser “reprovado” ou vencido por competidor mais forte, o que já tenho: estabilidade no cargo que ocupo.

Creio que, examinando objetivamente a situação, você há de convir comigo que tenho razão. Além do mais, prestar concurso de provas, com “pontos”, notas, medidas etc. é, pelo menos na minha idade, um pouco ridículo e bastante humilhante. Somente por uma necessidade inexorável sujeitar-me-ia a esse processo. É verdade que nunca pensei muito nesses aspectos, mas finalmente, um balanço completo e metucioso da situação me obrigou a refletir sobre todos esses lados do problema.

Estou falando tão egoisticamente de mim mesmo que se poderia perguntar se minha família não influi nas minhas decisões. Fato é, porém, que consultei minha senhora e meus filhos. Tivemos conversas longas e animadas cujo resultado não me surpreendeu. Eles sentem que devo ficar aqui, em vez de me meter em aventuras cujos resultados são imprevisíveis. Naturalmente, minha senhora quer ficar perto da filha que se casou em setembro. O rapaz mais velho quer estudar engenharia e acha que tem mais facilidades aqui. Se voltar perderá pelo menos um ano para poder ingressar no colégio. O mesmo se dá com o menor. Em outras palavras: na hipótese de uma volta para S. Paulo, teria toda família contra mim. Sinto-me muito mal diante disso, pois não lhes poderia oferecer o padrão de vida que temos aqui, apesar do aumento de vencimentos...²⁴⁵

O trecho nos mostra como uma série de fatores, velados ou não, fizeram com que o professor desistisse de se candidatar ao cargo. Com quase 50 anos, Willems não se submeteria ao que considerava uma humilhação de prestar um concurso. Aquele que foi o principal professor de antropologia da Universidade de São Paulo na década de 1940

²⁴⁵ Carta a Fernando de Azevedo 10 de novembro de 1951. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,31.

agora teria que se apresentar a uma banca para provar que seria capaz de lecionar na mesma cadeira que ajudou a fundar. Os trabalhos prestados pelo professor na universidade não bastariam. Teria agora que se submeter a uma prova em que ser reprovado seria uma humilhação para o professor que já possuía a estabilidade acadêmica nos EUA.

Nota-se, aqui, outra diferença entre os modelos norte americano e brasileiro de organização institucional. A ausência de “cadeiras”, nos EUA, era vista por Willems como um fator que contribuiria para manter a “elasticidade do sistema”. Dessa forma, “o número de professores ‘efetivos’ e contratados” variaria a partir das necessidades do ensino e da pesquisa e dos fundos de cada instituição, possibilitando que determinadas instituições atribuíssem importância a determinados campos específicos de estudo. (WILLEMS, 1953. p. 261). As “necessidades” de Vanderbilt, nesse sentido, deixavam a desejar ao estudo da antropologia. Um dos problemas apontados por Willems sobre Vanderbilt foi exatamente a falta de estabilidade fornecida pela universidade americana, instabilidade diferente da que Willems sofreu no Brasil. Segundo o professor, Vanderbilt não conseguia acompanhar o mercado acadêmico norte-americano. A universidade oferecia uma estrutura desejável para professores iniciantes e ambiciosos em seguir a carreira acadêmica, mas faltavam os recursos necessários para mantê-los²⁴⁶, já que outras instituições pagavam melhor. Relembrando a década de 1960, na qual houve uma grande expansão no sistema universitário americano, Willems afirmou que o mercado de trabalho era excelente, e as boas universidades superavam-se umas às outras por oferecerem cargos aos estudantes promissores. Nesse sentido, o professor afirmou que teria facilmente achado outro trabalho com melhor remuneração, caso estivesse interessado em se mudar de Vanderbilt. No entanto, estava satisfeito com sua vida em Nashville e, como único antropólogo no campus, estava livre para seguir seus interesses de pesquisa sem problemas²⁴⁷.

Como consequência desse modelo, no entanto, está o sistema baseado em uma lógica que Willem caracterizou com a expressão “publish or perish”, ou seja, em que os professores têm que “publicar acima de tudo” para se manterem competitivos - já naquele momento uma preocupação percebida no campo intelectual. Sobre esse sistema, Willems escreveu:

Assim como existe atualmente, esse sistema competitivo apresenta

²⁴⁶ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.37.

²⁴⁷ Idem.

desvantagens óbvias. O professor que deseja fazer carreira precisa publicar acima de tudo. É a bibliografia que conta: publish or perish é o moto prevaiente que constitui, a um tempo, incentivo e perigo. A qualidade das publicações não sofre com esse princípio tanto quanto se tem afirmado freqüentemente, pois a crítica, vigilante e severa, encarrega-se de separar o joio do trigo. Mas, negavelmente, publica-se demais. Inúmeros congressos científicos em que cientistas novos e pouco conhecidos têm oportunidade de apresentar seus trabalhos, criam automaticamente a necessidade de publicar resultados. Congressos organizados para fins específicos e concorridos por especialistas de renome e geralmente atarefadíssimos, levam á preparação de estudos ad hoc. Esses estudos consistem, não raro, de repetições do que foi dito e escrito em outras ocasiões. Assim, não admira que a proporção entre qualidade e quantidade das publicações científicas nem sempre seja ideal. Em quase tôdas as ciências há figuras notáveis que fazem parte de tantas comissões, diretorias e conselhos que mal lhes sobra tempo para levar adiante seus próprios projetos de pesquisa. E o ensino naturalmente perece” (WILLEMS, 1953. p. 261).

Jackson (2009) afirma que a atuação de Willems nas instituições das quais fez parte em São Paulo (USP, ELSP e *Revista Sociologia*) logrou reuni-las temporariamente numa espécie de “projeto ecumênico”, em que alunos graduados na USP teriam realizado o mestrado na ELSP durante a década de 1940 sob sua influência (JACKSON, 2009b. p. 184). Defendo, no entanto, que o projeto ecumênico se estendeu para além do Brasil. A ideia de agregar pesquisadores ao seu redor migrou com Willems para Vanderbilt e, durante muito tempo, o professor tentou montar nos EUA um braço que estivesse em constante contato com os pesquisadores brasileiros. Se na década de 1940, seu esforço era reunir os pesquisadores das duas escolas em São Paulo, a partir da década de 1950 passou a integrar a academia norte-americana nesse circuito. Como contou em carta em 10 de fevereiro de 1956 para Florestan Fernandes:

Muito obrigado pela carta de 18 de janeiro, particularmente pelas sugestões referentes a possíveis candidatos a bolsa de estudo da Vanderbilt. Peço considerar estas possibilidades como permanentes. Em outras palavras, o nosso convite continua em pé, ano após ano, e enquanto eu estiver aqui, o candidato (se for realmente bom) terá uma chance razoavelmente boa.

Se o Amadeu Lana²⁴⁸ está realmente interessado em Antropologia física ele não deve perder tempo. Creio que Michigan, Chicago, Harvard e Indiana oferecem boas oportunidades. Estou pronto para apoiar qualquer tentativa que ele fizer nesse sentido²⁴⁹.

Além disso, Willems foi um forte incentivador para a ida de Florestan Fernandes

²⁴⁸ Amadeu José Duarte Lanna (1933-2020) foi aluno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo tendo se formado em 1955. Realizou seu mestrado na FFCL sob orientação de Gioconda Mussolini com a dissertação *Aspectos econômicos da organização social dos Suyá*, em 1966, e o doutorado *Economia e sociedades tribais no Brasil: uma contribuição ao estudo das estruturas de troca* em 1973, na agora FFLCH/USP e orientado por Eunice Durham. Assumiu no mesmo ano o cargo de professor assistente doutor de antropologia na USP. Também lecionou na UNESP de Marília.

²⁴⁹ Carta de Willems a Florestan Fernandes, 10 de fevereiro de 1956. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19560210.

à academia norte-americana. Ciente dos problemas que Fernandes passava na USP, sugere o alemão:

Compreendo os problemas de ordem moral (no sentido de “o” moral, naturalmente) que assaltam a gente no Brasil. Parece-me que você deveria sair um pouco desse ambiente em que a gente facilmente se transforma numa peça de mobília em que todo mundo se coça e dá pontapés. Se você quiser passar uma temporada nos Estados Unidos, farei de tudo que puder para ajudar-lhe. Creio que você teria uma boa chance na Guggenheim. Uma bolsa de \$2.500 mais seu ordenado e talvez uma bolsa para a viagem seria folgado para você e sua família. Também seria uma ótima experiência para sua senhora e a crianças. Pois pense no assunto...²⁵⁰

O nome de Schaden também foi levado à academia dos EUA por Willems. O professor sugeriu o nome de Schaden para David F. Aberle, que virara o novo editor de resenhas da *American Anthropologist* em 1953, para que Schaden tivesse contato com a revista e realizasse resenhas das monografias de Curt Nimuendajú e Robert Lowie sobre os Tukuna. Conforme afirmou Willems, “parece importante para mim ter seu nome no A.A., e esse poderia ser um bom começo”²⁵¹. Além disso, Schaden foi sempre um parceiro de Willems no envio de material antropológico. Os dois professores mantiveram contato, principalmente nos primeiros anos da ida de Willems aos EUA, e continuaram o hábito de realizar remessas postais com publicações importantes no período. Em carta de 1948, por exemplo, Willems relata o envio de exemplares do Boletim da Faculdade de Filosofia da USP para os Departamentos de Antropologia de Harvard, Columbia, Yale, Princeton, Clark, Califórnia, Chicago, Michigan, Wisconsin e Texas, além de museus especializados²⁵².

Outro nome que teve sua aproximação com a academia norte-americana realizada a partir dos esforços de Willems foi Eunice Ribeiro Durham. Assistente de Schaden na Universidade de São Paulo, a professora realizou em Vanderbilt seus estudos pós-graduados como aluna de Willems. Durham foi extremamente elogiada na ocasião, sendo descrita por Willems de maneira positiva: “Nunca vi uma pessoa ficar tão bem e tão rapidamente ajustada como a Eunice. Desde o primeiro dia, ela está completamente à

²⁵⁰ Carta de Willems a Florestan Fernandes, 04 de março de 1954. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009 Correspondência: 19540304.

²⁵¹ Tradução minha. No original: “It seems important to me to get your name into the A.A., and this would be a good start”. Carta de Willems para Egon Schaden, 21 de janeiro de 1953. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. C943.

²⁵² Carta de Willems para Egon Schaden, 28 de junho de 1948. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. C 143A e 143B.

vontade, e está indo muito bem nos seus estudos”²⁵³. Durham cursou uma série de disciplinas em Vanderbilt: *Economic life of primitive societies* – Prof. Willems, *Social Structure and dynamics of structural change* – Prof. Willems, *Seminar in research methods* – Prof. Reiss e *Seminar in social stratification* – Prof. Artis. E ainda realizou um seminário a pedido de Willems sobre o livro *African Political systems* (Fortes e Evans-Pritchard, 1940)²⁵⁴. O êxito que Willems via em Eunice Durham ao cursar as disciplinas nos EUA, inclusive, era encarado como preparando o caminho para outros alunos brasileiros que também quisessem realizar um estágio na instituição²⁵⁵.

Com o estabelecimento definitivo de Willems nos EUA, eis que começa o período de professor visitante, ou, nas palavras de Willems, “professor itinerante” e “ambulante”, muito influenciado, também, pelo grande calor que assolava o Tennessee no verão. Nesse período, em que passou a integrar o quadro de professores na Vanderbilt, Willems também trabalhou como professor visitante na Michigan State College e Michigan University em 1952, na Universidade de Colônia em 1956, na Universidade da Califórnia, Berkeley (1957), na Universidade do Chile e Universidade Católica do Chile (1959), na Universidade Nacional da Colômbia (1962/1963) e viajou realizando pesquisas e participando de congressos em Nova York e Boston (1949), Washington University (1950), Portugal (1954), México e Princeton (1955), Hamburgo, Munique, Mainz e Frankfurt (1956); Münster (1961), para citar apenas algumas das instituições e suas localizações.

3.2.2. Michigan

²⁵³ Tradução minha. No original: “I have never seen a person getting so well and rapidly adjusted as Eunice. From the first day on she has been completely at ease, and she is doing very well in her studies”. Carta de Eunice Ribeiro a Egon Schaden, 20 de março de 1956. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. C2250.

²⁵⁴ Carta de Eunice Ribeiro a Egon Schaden, 20 de março de 1956. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. C2250.

²⁵⁵ Sobre a impressão deixada por Durham em Vanderbilt e a possibilidade de receber novos alunos brasileiros na universidade, escreve Willems para Fernandes na USP: “Conversarei com a Eunice Ribeiro sobre possíveis candidatos a bolsas da Vanderbilt para o ano próximo. (...) O nosso diretor, que é extremamente exigente e um crítico impiedoso, está satisfeitiíssimo com ela. Este êxito inicial é vantajoso, pois pode preparar o caminho para outros alunos da Faculdade que quiserem vir. O nosso departamento aceita só um número limitado de estudantes, de maneira que aqui não há o problema de esperar em fila quando se quer falar com um professor. E esta é uma das desvantagens das grandes escolas”. Carta de Willems a Florestan Fernandes, 17 de dezembro de 1955. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009 Correspondência 19551217.

Uma vez instalado em Nashville, ainda que não tivesse se mudado definitivamente para os EUA, Willems recebeu um convite da Universidade de Michigan em 1948 para dar aulas sobre as comunidades japonesas no Brasil.

Em 1952, já como professor definitivo na Vanderbilt, Willems retornou para Michigan. Na ocasião, afirmou pela primeira vez que passou de professor visitante a professor “ambulante”, mas que não se arrependia da condição precária. Segundo ele, “[é] bom não ficar no mesmo lugar por muito tempo, pois do contrário a gente facilmente passa a ser uma peça de mobília” e acabaria “dado como adquirido” por todo mundo²⁵⁶. Lecionando primeiro no Michigan State College, em East Lansing, durante o verão e, desde setembro de 1952, na Universidade de Michigan como professor visitante por um ano,²⁵⁷ Willems narrou um pouco do funcionamento daquelas instituições. Escreveu o professor:

Ambas as instituições aqui em Michigan são estaduais, e nelas se repete um tipo de organização muito comum no país. O State College trata principalmente de engenharia e agronomia, ao passo que a State University contém todas as escolas, menos a de agronomia. De fato, porém, muitos colégios estaduais desenvolveram-se tanto que, de todas as escolas imagináveis, só lhes faltam a de medicina e direito. Michigan State College constitui exemplo interessante de um desenvolvimento ultra-rápido a rivalizar com a centenária e digna Universidade de Michigan. Conta 15000 estudantes contra 17000 de Ann Arbor, mas o campus é maior, mais bonito e mais moderno. O Departamento de Sociologia e Antropologia é provavelmente o maior do país (cerca de 35 professores e assistentes). O College representa um tipo de instituição que é bastante comum entre escolas superiores mantidas pelos “tax payers”. Os “tax payers”, isto é, o povo é crítico perigoso e inexorável vigiando principalmente as maneiras pelas quais se gastam verbas. Antecipando críticas acerbas, muitos colégios procuram “servir a comunidade” tentando mostrar, acima de tudo, sua utilidade em relação a necessidades locais e regionais²⁵⁸.

A Universidade de Michigan era, segundo Willems, uma das poucas instituições nos EUA que possuía um departamento de antropologia separado do departamento de

²⁵⁶ No Original: “taken for granted” Carta de Willems a Florestan Fernandes, 23 de dezembro de 1952. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 02.09.1059.

²⁵⁷ Conforme noticiado na Revista da Universidade de Michigan: “várias nomeações para o corpo docente foram aprovadas pelos diretores da universidade na reunião de setembro (...): Dr. Emilio Willems como professor Visitante de Antropologia para o ano de 1952-1953. Ele substitui o Professor Leslie A. White e Mischa Titiev que estão de licença durante o primeiro e segundo semestres, respectivamente”. Tradução minha. No original: “Several appointments to the faculty were approved by Regents of the University at the September meeting (...): Dr. Emilio Willems as Visiting Professor of Anthropology for the 1952-1953 year. He is replacing Professor Leslie A. White and Mischa Titiev who are on leave during the first and second semesters respectively” (p. 98). “*A week on The Campus*”, The Michigan Alumnus, October 4, vol 59, 1952.UM Libraries.

²⁵⁸ Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 26 de dezembro de 1952. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,33.

sociologia e de outras *social sciences*. O departamento de antropologia era associado ao museu da universidade e contava com 14 professores e assistentes lecionando antropologia cultural e física, arqueologia e linguística, além de 34 estudantes dos quais afirma que alguns eram excelentes²⁵⁹. Lá, lecionou o usual curso sobre Brasil, um curso sobre “primitive law” (“lei primitiva”) e um seminário em problemas da teoria etnológica, sobre o qual trabalhou e examinou a teoria funcionalista²⁶⁰. Segundo Willems,

A universidade de Michigan é muito diferente. Como instituição mais madura o seu ritmo de trabalho é menos agitado e embora a preocupação por problemas práticos seja bem perceptível, ela não predomina. Está-se iniciando agora o Phoenix Project para o qual a Universidade colheu, de fontes particulares, mais de seis milhões de dólares (somente a General Motors deu um milhão). O projeto todo é dedicado ao uso “pacífico” de energia atômica, e nele participam também as ciências sociais²⁶¹.

3.2.3. Universidade Nacional da Colômbia

O papel de Willems na formação de departamentos de antropologia ganha mais um país na lista. Se, como mostramos até aqui, Willems esteve diretamente envolvido na criação e desenvolvimento da pesquisa antropológica na Universidade de São Paulo, na Escola Livre de Sociologia e Política, ambos em São Paulo, e na Vanderbilt University, bem como em Michigan, ambas instituições dos EUA, o professor também teve uma passagem na Universidade Nacional da Colômbia. Willems lecionou em Bogotá de 1962 a 1963, momento em que ajudou a desenvolver o departamento de sociologia e antropologia daquela universidade com o plano de transformá-la em um centro de referência na América Latina. Transferindo-se para a Colômbia com sua esposa Hilda em setembro de 1962, com o apoio financeiro da Fundação Ford para “expandir os meus ainda escassos conhecimentos sobre a América Latina e aceitar esta missão muito interessante”²⁶², Willems afirmou em carta para Egon Schaden que a *Facultad de Sociología* seria, apesar de ser uma instituição relativamente nova, mais promissora do que qualquer outra escola de sociologia que ele teria visto e que gostaria de vê-la crescer

²⁵⁹ Carta de Willems para Egon Schaden, 19 de outubro de 1952. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. Cx277.

²⁶⁰ Idem.

²⁶¹ Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 26 de dezembro de 1952. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,33.

²⁶² Tradução minha. No original: “expand my still scanty knowledge of Latin America and to accept this very interesting assignment”. Carta de Willems a Schaden, 2 de outubro de 1962. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. Cx3585.

a ponto de se tornar o centro de gravitação de estudos comparativos da América Latina. Com isso, a fim de ajudar a desenvolver o departamento, Willems, que afirmava ser a biblioteca um ponto fraco da instituição, pediu para Schaden o envio de exemplares da *Revista de Antropologia* – criada e desenvolvida pelo sucessor de Willems na cadeira de antropologia da USP – e de exemplares dos boletins publicados na Faculdade de Filosofia das mais diversas áreas, para integrar o acervo da universidade colombiana. Além disso, publicou no âmbito da academia colombiana “Residuos feudales patrimoniales en estructuras burocráticas Latino-americanas” (WILLEMS, 1964b), além de “Regiones fronterizas y movilidad social en el Brasil” (WILLEMS, 1965a).

Sobre esse período tardio de sua trajetória, Willems nos narrou em sua autobiografia familiar como foi o primeiro contato com Eduardo Fals Borda (1925-2008)²⁶³, então um jovem sociólogo colombiano que havia estabelecido uma Escola de Sociologia no âmbito da Universidade Nacional de Bogotá²⁶⁴ e que lhe renderia o convite para lecionar na Colômbia. Retornando de voo da Alemanha, onde tinha passado o final de 1961 sob o convite da Associação de Universidades para participar de uma conferência internacional sobre América Latina na Universidade de Münster, encontrou com Fals Borda no avião de volta. Com o convite de passar um ano letivo em Bogotá em mãos, Willems retornou a Nashville para conversar com sua esposa Hilda e acertar a ida do casal em 1962/63 para a Colômbia, após realizar compromisso firmado anteriormente com René König de lecionar na Universidade de Colônia durante o verão daquele ano.

No entanto, o tempo parece ter mudado a ideia que Willems tinha do departamento colombiano. Segundo Willems, o trabalho de professor na Universidade Nacional de Bogotá se tornou realmente desagradável. Se, por um lado, considerava os alunos inteligentes, por outro, os achava muito indisciplinados e considerava que alguns eram demasiadamente marxistas e “quase completamente fechados a uma abordagem realista dos estudos das sociedades contemporâneas”²⁶⁵. Willems nos narra uma história

²⁶³ Eduardo Fals Borda foi um sociólogo colombiano responsável pelo desenvolvimento do departamento de sociologia e antropologia na Universidade Nacional da Colômbia. Formado nos EUA, Fals Borda “percebendo as carências e dificuldades do desenvolvimento das Ciências Sociais na Colômbia, naquele momento vinculadas à Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, fundou no ano de 1959, junto com Camilo Torres, a Faculdade de Sociologia da Universidade Nacional da Colômbia” (BRINGEL & MALDONADO, 2016, p.394). Politicamente engajado, Fals Borda esteve ligado a vários grupos políticos e, durante o período em que Willems esteve na Colômbia, dirigiu seu foco para a questão agrária “pois em sua opinião não haveria como alterar as injustiças sistêmicas sem uma profunda alteração do modelo de concentração de terras” (Idem. p.395).

²⁶⁴ Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.43.

²⁶⁵ Idem. p.45

que ocorreu enquanto residia em Bogotá que parece tê-lo decepcionado profundamente. Acredito que vale a pena recuperar suas impressões sobre o caso:

O corpo estudantil da universidade nacional estava num estado de agitação quase contínua, capaz de irromper em violência à mais pequena provocação. De manhã, a caminho do trabalho, o meu taxista foi obrigado a parar antes de chegar ao portão principal do campus. Uma multidão de estudantes estava empenhada em atirar pedras aos veículos e pessoas que passavam. As carcaças de vários carros incendiados atestam a violência desenfreada dos estudantes. Não ouvi tiros, mas pela primeira vez na minha vida percebi como as pedras são perigosas quando são atiradas com força bruta. Tudo isto está longe das minhas experiências anteriores com estudantes brasileiros e chilenos²⁶⁶.

Além disso, para além dos problemas com a universidade mais especificamente, Willems narrou um pouco sobre a situação política, econômica e social na Colômbia na década de 1960. Os roubos e assaltos em Bogotá, os batedores de carteira, a guerra civil entre 1948-1958 em que afirma que 300000 pessoas foram mortas, o assassinato de 800 “bandidos” pela polícia e exército durante o ano em que esteve lá, em resumo, a “longa história de violência” colombiana, e que seria revivida com a guerra contra os narcotraficantes nos anos seguintes, causou uma impressão negativa em Willems. É evidente que nem só de problemas se lembra o antropólogo. A linda cidade colonial de Cartagena, uma cidade “segura”, e suas praias eram o local favorito do professor e de sua esposa, que fizeram bons amigos no país e saíram de lá, afirma, “without regrets”²⁶⁷ (“sem arrependimentos”).

3.3. Followers of the new Faith: Culture Change and the rise of the Protestantism in Brazil and Chile

Em 1967, foi publicado pela Vanderbilt University Press o livro *Followers of the new Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile*, de autoria de Emilio Willems. Suas 290 páginas, mais 10 do prefácio e apêndice contendo 20 tabelas e 2 mapas, custando à época US\$7.50 (ou 3.8 libras na publicação inglesa feita

²⁶⁶ Tradução minha. No original: “The student body of the national university was in an almost continuous state of unrest, capable of breaking out into violence at the slightest provocation. On morning on my way to work, my taxi driver was forced to stop before reaching the main gate to the campus. A mob of students was engaged in throwing rocks at passing vehicles and people. The skeletons of several burned out cars attested to the unbridled violence of the students. I heard no shots, but for the first time in my life I realize how dangerous rocks are when thrown with brute force. All this was a far cry from my previous experiences with Brazilian and Chilean students”. Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems. p.45.

²⁶⁷ Idem.

pela editora C. Hurst & Co.), foi o resultado de uma pesquisa realizada entre 1959 e 1960 no Brasil e no Chile em que o autor produziu o que afirmou ser uma tentativa de compreender o surgimento e o desenvolvimento do Protetatismo proselitista dentro do contexto de duas culturas latino-americanas, sendo, como afirmou, um estudo apenas exploratório em seus métodos e resultados. Sobre o novo projeto, recordou Willems:

Em 1958 resolvi organizar um projeto de pesquisa de maior envergadura. Deparando com congregações protestantes e viagens anteriores e observando formas de comportamento coletivo que se desviavam consideravelmente de padrões costumeiros, decidi ir ao fundo do fenômeno, escolhendo o Brasil e o Chile como área de investigação. Com o auxílio da Fundação Rockefeller e da Comissão Fulbright, passei seis meses no Chile e seis meses no Brasil (1959-1960), colhendo dados e lecionando na Universidade do Chile e na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Reuni o material num livro publicado em 1967 (*Followers of the New Faith*). De acordo com a minha orientação “tradicional”, vi o Protestantismo como processo de mudança cultural, de um passado em que a Igreja católica possuía o monopólio de salvação até o desenvolvimento de um pluralismo religioso cada vez mais diferenciado.²⁶⁸

Esse livro teve uma repercussão ampla, sendo um dos textos de Willems mais citados e fonte privilegiada para analisar os estudos sobre religião e mudança cultural de sua autoria, ou seja, para compreender o processo de pesquisa e elaboração do livro, bem como dimensionar a repercussão e crítica na literatura especializada sobre o trabalho do autor, internacionalmente. Foram quase vinte publicações de resenhas do livro produzidas entre 1968 e 1970 nas revistas especializadas dos Estados Unidos, Inglaterra, França e Brasil. Convém anunciar, aqui, que esse livro de Willems jamais foi traduzido no Brasil, fato este que mostra o processo de “esquecimento” que a obra do autor sofreu no país após sua ida para os EUA.

A publicação, apesar de não ser traduzida para o português, foi uma fonte importante para os estudos sobre protestantismo que se seguiram na academia brasileira. Conforme escreveu Oracy Nogueira em 1983, ele “constitui uma importante contribuição ao estudo socioantropológico da religião, campo em que vem surgindo trabalhos cada vez mais numerosos, no Brasil, tendo o seu como uma das fontes de inspiração teórica e metodológica”²⁶⁹. No mesmo sentido vai o trabalho recente de Santiago Filho. Em sua tese de doutorado, Santiago retoma os estudos de Willems sobre o protestantismo.

²⁶⁸ Autobiografia de Emilio Willems. pp.9-10. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

²⁶⁹ Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia. p.62. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ.

Segundo o autor:

A importância de trazer à tona seus [de Willems] estudos de religião encontra-se no fato de que Willems antecipa diversas discussões e hipóteses que serão o centro do debate nos estudos de religião realizados no Brasil após a década de 70. (...) [A] tese de que o crescimento do pentecostalismo é concomitante ao crescimento da secularização em nossa sociedade, que a participação política dos pentecostais é uma resposta de sua condição sectária e que uma situação de pluralismo ganha impulso com o crescimento dessa manifestação religiosa, são alguns exemplos de problemas já tratados pelo autor na década de 60. Há, sem dúvida, um projeto pioneiro de estudos sobre o protestantismo e o pentecostalismo iniciado por Willems (SANTIAGO FILHO, 2017. p.94).

O interesse de Willems pelos estudos religiosos já estavam presentes ao longo de toda a sua obra, da mesma forma que os estudos sobre mudança cultural. No entanto, se em seus textos da década de 1940 o foco na análise da mudança cultural estaria em conceitos como aculturação e assimilação, referências diretas dos estudos norte-americanos, principalmente advindas das obras de Herkovits, de Linton e de Redfield, nos estudos de religião o foco se torna outro, e o método de análise, estrutural-funcionalista. No estudo sobre *Cunha*, Willems “consagra boa parte de sua atenção à descrição da expansão do protestantismo, especialmente do metodismo, pela área rural do município, através da conversão de membros das famílias de sitiantes, integrantes da classe média rural”²⁷⁰. Dessa forma, a observação na pesquisa anterior “seria importante para seu estudo posterior sobre o protestantismo no Brasil e no Chile”²⁷¹.

O foco no protestantismo como fator de mudança cultural no Brasil só passou a ser trabalhado sistematicamente em 1954, como revelou Willems em carta para Fernando de Azevedo, escrita de Nashville, Tennessee, em 6 de março de 1954 ²⁷². O desenvolvimento do protestantismo no Brasil e no Chile teria ocorrido, segundo o autor, em um período caracterizado por grandes mudanças socioculturais e que a crescente adesão a algumas igrejas e seitas poderia ser interpretada em função dessas mudanças. Para o autor, o desenvolvimento do protestantismo, que se tornaria mais tarde um movimento de massas, teria sido acompanhado de certas mudanças na estrutura social e no sistema de valores das duas sociedades sob escrutínio. Nelas, as maiores concentrações

²⁷⁰ Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia. p.56. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ.

²⁷¹ Idem

²⁷² Carta de Emilio Willems a Fernando de Azevedo, 6 de março de 1954. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34, 35.

de protestantes seriam encontradas justamente em comunidades e áreas mais drasticamente afetadas por essas mudanças.

Em 7 de abril de 1958, Willems revelou para seu ex-orientador, Fernando de Azevedo, a ideia de sua pesquisa. Escreveu Willems:

Estou pensando em ir ao Brasil em 1959 para realizar pesquisas sobre mudança cultural e religião. Como a coleta de dados será demorada e dispendiosa, já comecei a tratar do problema de financiamento. Aqui vai o plano, em linhas gerais:

Vou requerer um “Fullbright Fellowship” do governo americano. (...) É necessário, no entanto, que uma instituição brasileira requeira meus serviços ou, pelo menos, apoie meu pedido. (...) A universidade brasileira não assume responsabilidade financeira de espécie alguma. Não poderei lecionar, pois as pesquisas que pretendo fazer exigirão numerosas viagens. Mas poderia prestar à universidade de S. Paulo o serviço de treinar alunos em trabalhos de campo. Fato é que vou precisar de auxiliares de pesquisa, e estes poderiam ser alunos da Faculdade²⁷³.

A carta de Willems para Fernando de Azevedo revela algumas questões importantes, como o treinamento de alunos em pesquisa de campo, tal como já foi citado nos casos da pesquisa de *Cunha* e da aculturação dos japoneses no interior paulista. Na pesquisa de 1959/60, Willems contou com os assistentes Fernando Moraga, Jorge Agredo, Elbert Reed, Reverendo Valenzuela, Francisco Reyes, J. Velez, Gladys Guerrero, Dorkas Jara, Esther de Ayala, Esther de Brun, Ricardo Gaymer, todos no Chile e, no Brasil, José Fábio da Silva Barbosa, José Maria Lopes, Koy Yuasa, além de seu filho mais novo, Antenor Willems. Sobre Moraga, Willems escreveu no relatório para a Rockefeller que teve muita sorte em contratá-lo no começo da pesquisa. Como professor e membro de uma igreja metodista, Moraga teria sido “um assistente extremamente eficiente e incansável, que recolheu uma grande quantidade de dados, principalmente entre as seitas pentecostais que eram extremamente pouco cooperantes”²⁷⁴, e um assistente que se devotou em tempo integral à pesquisa, com entrevistas de membros do clero e obtendo histórias de vida de convertidos ao protestantismo.

Além de Moraga, Willems contou com alunos de graduação do *Centro de Estudios Antropológicos* da Universidade do Chile, realizando a pesquisa de acordo com as necessidades e oportunidades de cada um. No Brasil, a Escola de Sociologia e Política foi

²⁷³ Carta a Fernando de Azevedo 7 de abril de 1958. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,37.

²⁷⁴ Tradução minha. No original: “an extremely efficient and untiring assistant, who gathered a wealth of data, primarily among the extremely uncooperative Pentecostal sects”. Rockefeller Foundation records, projects, RG 1.2 (FA387). Series 200: United States; Subseries 200: United States – Social Sciences. Box 604; Folder 5163 – Vanderbilt University – Willems, Emilio –(Brazilian Protestantism). “Report on Research Project”.

o centro da pesquisa (o professor ofereceu um curso na instituição em 1960, “Estudos Antropológicos da Organização Social”), e alunos de graduação como José Fabio Barbosa da Silva²⁷⁵ viraram assistentes de pesquisa. No Rio de Janeiro, José Maria Lopes fez parte da equipe, assim como Key Yuasa²⁷⁶, aluno de graduação do Seminário Presbiteriano de Campinas. Além disso, Santos Copela,²⁷⁷ da Universidade de S. Paulo, também colaborou, sendo todos os assistentes e entrevistadores “cuidadosamente selecionados e trabalhadores muito eficientes”²⁷⁸.

Além disso, o plano de financiamento de Willems também merece comentários. Não é de hoje que o financiamento de pesquisas no Brasil é escasso. Como já revelava Willems ao mudar do Brasil para os EUA, seus planos não ocorreram da forma prevista. Como revela o autor, em carta de 31 de julho de 1958, após reuniões em Washington:

Acabo de voltar de Washington onde tive uma longa conversa com Trustin Russell. Ele começou por transmitir a intenção da comissão Fullbright de declinar o meu pedido. Alegam os membros da comissão que os meus contatos com o Brasil foram tão íntimos e prolongados que, interpretando o espírito da lei, preferiam enviar outra pessoa que pudesse fazer uma contribuição inteiramente nova ou pelo menos diferente. Russell disse em seguida que a comissão gostaria de propor-me ir ao Chile²⁷⁹.

Dessa forma, surgiu a proposta de fazer um estudo comparativo entre o protestantismo no Brasil e no Chile. Na sua proposta de plano de pesquisa enviada para a Rockefeller, Willems afirmou que entre 1945 e 1958, ao investigar a cultura mestiça na costa de S. Paulo e na comunidade de Cunha, teve a oportunidade de observar o impacto do protestantismo proselitista na cultura camponesa brasileira, incorporando algumas dessas observações na monografia sobre Cunha. Além disso, em 1952, o aluno de graduação de Willems na Vanderbilt, John Saunders, foi para o Rio de Janeiro para estudar uma congregação metodista suburbana, cujos resultados foram incorporados no artigo “Protestantism as a Factor of Cultural Change” (WILLEMS, 1955c).

²⁷⁵ José Fabio Barbosa da Silva realizou o mestrado na ELSP em 1959, defendendo uma dissertação *Homossexualismo em São Paulo: Estudo de grupo minoritário*. Lecionou na Notre Dame University, onde tornou-se professor emérito.

²⁷⁶ Key Yusada tornou-se pastor da Igreja Evangélica Holiness do Brasil. Realizou o doutorado em Teologia na Universidade de Genebra sobre a Congregação Cristã no Brasil.

²⁷⁷ Não consegui localizar informações sobre o pesquisador, mas Willems ressalta que Copela trabalhou durante a pesquisa no estado de São Paulo e entrevistou aproximadamente sessenta pastores e cento e cinquenta estudantes seminaristas. Rockefeller Foundation records, projects, RG 1.2 (FA387). Series 200: United States; Subseries 200: United States – Social Sciences. Box 604; Folder 5163 – Vanderbilt University – Willems, Emilio –(Brazilian Protestantism). “Report on Research Project”p.3.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Carta de Willems para Fernando de Azevedo, 31 de julho de 1958. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,39.

Um dos “pareceristas” da proposta de Willems, Charles Wagley, foi fundamental em apoiar o projeto junto à comissão da Rockefeller. Segundo Wagley, Willems era bem treinado, saído da Alemanha para o Brasil com um background sólido, e que teria grande aptidão, “agarrando-se a novas ideias” ²⁸⁰. Apesar das preocupações com o desenvolvimento lento de algumas pesquisas de Willems, Wagley afirmou que este estava num estágio de desenvolvimento que lhe permitiria realizar um bom trabalho, sendo a ida do intelectual alemão para a academia norte-americana fundamental por fornecer um ambiente de estímulos competitivos. Nesse aspecto, o próprio Willems parece concordar com os estímulos que a competição na academia americana forneceria para os pesquisadores. Sobre isso, escreveu Willems:

O sistema universitário dos Estados Unidos é, acima de tudo, um sistema competitivo. Sua feição tipicamente americana resulta provavelmente desse fato. Não há governo a estabelecer padrões e normas refletindo o que determinado ministro pensa que deva ser feito em matéria de ensino superior. Os padrões vigentes provêm da emulação incessante das instituições, empenhadas em melhorar suas instalações, seu corpo docente, a qualidade do ensino e da pesquisa. Essa política requer uma administração vigilante, cheia de iniciativa e aberta a ideias novas. Em todas as escolas há uma renovação contínua do corpo docente. Procura-se contratar o professor que apresente o ‘curriculum vitae’ mais promissor. A escola em que obteve seus graus universitários, suas publicações e suas experiências pedagógicas são avaliadas, sempre em confronto com as de seus competidores. Relações pessoais naturalmente ajudam ao candidato bom, mas raramente ao incompetente. Estabilidade no cargo só é concedida ao professor adjunto e ao catedrático, mas sem ‘concurso de provas’. As exigências da competição livre são tão grandes que o concurso de provas seria inútil e inconcebível. Muitas universidades fazem sacrifícios consideráveis para atrair professores de renome. Acima de tudo oferece-se a tais professores salário mais alto do que lhes é pago ou oferecido por instituições competidoras. Entende-se que a uniformização de vencimentos seria um golpe de morte na política de elevação do nível das universidades. Assim, cada escola tem sua escala de salários. Esta, no entanto, nunca é rígida, de modo que dois professores catedráticos, por exemplo, podem ganhar vencimentos bastante diferentes. Se bem que isso leve, às vezes, a rivalidades e descontentamentos, o sistema não é considerado injusto. Rivalidades e descontentamentos são partes integrantes do sistema em que se encaram, antes de mais nada, as oportunidades de ascensão profissional e econômica. Evidentemente, esse princípio competitivo não poderia funcionar como funciona se a estrutura da sociedade norte-americana não fosse concebida em termos competitivos. Não há o perigo de uma instituição universitária converter-se em ‘árvore de Natal’ decorada com nulidades ‘efetivas’ (WILLEMS, 1953. p. 260).

Juntando-se a isso o conhecimento de Willems com os anos vividos no Brasil,

²⁸⁰ Rockefeller Foundation records, projects, RG 1.2 (FA387). Series 200: United States; Subseries 200: United States – Social Sciences. Box 604; Folder 5163 – Vanderbilt University – Willems, Emilio – (Brazilian Protestantism).

esses fatores o colocariam na posição de realizar as questões certas²⁸¹. Dessa forma, os laços prolongados do autor com o Brasil, ao invés de serem um problema para a pesquisa deveriam ser vistos como uma vantagem. Com o respaldo de Wagley, Montague Yudelman, diretor assistente de ciências sociais da Rockefeller, aceitou o projeto de Willems, interessando-se pela pesquisa.

Como resultado da pesquisa, além do livro em questão foram publicados: “Protestantismus und Klassenstruktur in Chile” (1960), “Protestantismus und Kulturwandel in Brasilien und Chile” (1963), “Religiöser Pluralismus und Klassenstruktur in Brasilien und Chile” (1965), “Validation of Authority in Pentecostal Sects of Brazil and Chile” (1967b), os capítulos de livro “Protestantism and Culture Change in Brazil and Chile” (1964a) e “Religious Mass Movements and Social Change in Brazil” (1966).

Convém lembrar, também, a influência católica em sua formação. Conforme escreveu em relato pessoal, “dos pais relembra a obsessão pela moralidade católica e puritana cuja transgressão era necessariamente seguida das penitências ordenadas pelo padre no confessionário” (VILLAS BÔAS. 2006. p.86). Além disso, sua vinda ao Brasil foi precisamente para lecionar em latim e grego em um colégio católico em Brusque. No entanto, como exposto no capítulo 1, Hilda, esposa de Willems e grande paixão desde os tempos em que ainda viviam na Alemanha, era protestante, fato este que criara problemas na aceitação do relacionamento por parte das famílias. A região alemã de Niehl, cidade natal do então Emil Willems nos arredores de Colônia e que contava com 4000 habitantes em 1905, era composta majoritariamente por católicos, sendo a devoção na família de Willems muito forte. A religião que era ensinada em todas as escolas públicas possuía nessa região da Alemanha, segundo Willems, um forte tom puritano. Ele também conta que sua família era intransigente com qualquer coisa que saísse dos princípios religiosos nos quais foram educados.

²⁸¹ Segundo os relatórios da Fundação Rockefeller, o parecer de Wagley afirmou que: “Os dezenove anos de Emilio Willems no Brasil vão certamente colocá-lo na posição de fazer as perguntas certas” e continua: “há uma gama muito interessante de questões que seriam abordadas em qualquer estudo como o proposto por EW”. Tradução minha. No original: “EW’s nineteen years in Brazil will certainly put him in a position to ask the right questions”. (...) “there is a very interesting range of issues that would be covered in any study such as that proposed by EW.” Rockefeller Foundation records, projects, RG 1.2 (FA387). Series 200: United States; Subseries 200: United States – Social Sciences. Box 604; Folder 5163 – Vanderbilt University – Willems, Emilio –(Brazilian Protestantism).

Durante o ano de 1968, Emilio Willems escreveu seis cartas que estão no Fundo Florestan Fernandes. Nessas cartas, transparece uma preocupação central de Willems à época, que era a publicação, em português, de seu livro produzido na Vanderbilt University, *Followers of the new Faith: Cultural Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile* (WILLEMS, 1967). A respeito dessa obra, Florestan Fernandes apareceu, a pedido de Willems, como o interlocutor com as editoras brasileiras para publicar uma versão da obra em português. Nessas cartas, é possível acompanhar o trabalho e as dificuldades encontradas em arrumar uma editora para sua publicação, bem como as diversas negociações para tanto. Sobre a publicação, escreveu Willems: “Um fator importante a considerar é o prazo que a editora brasileira quer a partir da entrega do manuscrito traduzido até o lançamento do livro. Não quero que a edição brasileira seja uma obra póstuma minha. Não é que pretenda morrer já, mas também não sou tão jovem assim”²⁸². Mais de cinquenta anos já se passaram desde a publicação em inglês e o envio da carta e, no entanto, a publicação brasileira da obra ainda não aconteceu.

Willems faleceu em 1997 na cidade americana que o acolheu e como professor emérito da universidade na qual se fixou desde a década de 1950. O “professor ambulante”, que passou por uma série de instituições, estabeleceu-se com sua família em Nashville e passou a fazer parte da classe média americana. Com seu óbito, a Universidade de Vanderbilt criou um acervo com o seu nome e um obituário em sua homenagem foi publicado, ressaltando-o como um “homem maravilhoso e amável, antropólogo conhecido e respeitável. Ele era de uma escola clássica de erudição na qual era versado em diversos idiomas e intimamente familiarizado com a cultura e tradições históricas de seu foco de pesquisa, que era a América Latina e especialmente o Brasil”²⁸³. Na Alemanha, a *Kölner Zeitschrift Für Soziologie und Sozial-Psychologie* também publicou uma homenagem ao professor. No Brasil, não tenho notícias de que alguma nota tenha sido publicada na ocasião.

Foi possível refletir, ao acompanhar a trajetória de Willems nos Estados Unidos,

²⁸² Carta de Emilio Willems a Florestan Fernandes, 4 de janeiro de 1968. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009, Correspondência: 19680104.

²⁸³ Tradução minha. No original: a wonderful, kind man, a very well-known and respected anthropologist. He was very much of a classical school of scholarship in that he was versed in several languages and intimately familiar with the culture and historical traditions of his research focus, which was Latin America and especially Brazil". <https://news.vanderbilt.edu/archived-news/register/articles/index-id=4531.html>. Acessado em 07/2019.

bem como seus esforços em manter laços acadêmicos e de pesquisa com diversos países onde lecionou, como a antropologia praticada por ele enquanto estava no Brasil e sobre o Brasil está intimamente imbricada com o que estava ocorrendo na academia norte-americana. O professor alemão teve um papel importante na difusão de conceitos associados a uma visão norte-americana de ciências sociais e se encantou com o sistema universitário daquele país. Suas reflexões mostram as diferenças encontradas nas diversas instituições das quais fez parte e nos revelam como as diferentes concepções sobre as ciências humanas nos três países terminaram por se constituir em uma espécie de síntese em sua prática intelectual também transnacional. Willems era alemão de nascimento, mas sua antropologia também foi, sem dúvida, americana.

Considerações Finais: Os relatos autobiográficos de Emilio Willems e notas do esquecimento

Os relatos autobiográficos de Emilio Willems, que fornecem narrativas sobre a trajetória do professor, aparecem de forma paradoxal. Se, por um lado, Willems é descrito pela literatura como reservado e, em alguns momentos, até avesso a relatar suas experiências pessoais, por outro, escreveu mais de um texto biográfico para publicação. Ao mesmo tempo em que não doou nenhuma carta ou material que não fossem seus textos acadêmicos ao acervo em seu nome na Universidade de Vanderbilt²⁸⁴, vários relatos autobiográficos de Willems foram feitos. Se três relatos autobiográficos foram produzidos, somente um foi publicado. Entre os relatos escritos por Willems, a diferença na forma com que narra suas experiências é patente. Apesar de muitos dos textos serem intercambiáveis, em que trechos aparecem copiados de forma idêntica ou simplesmente traduzidos, tanto nos relatos enviados à Mariza Corrêa e à Oracy Nogueira quanto em sua autobiografia familiar, alguns eventos são priorizados pelo autor a depender do público a que se destina o relato. Com isso, desenvolverei aqui como se deu o processo de criação e divulgação dos relatos autobiográficos do professor. Parto do que chamo de “autobiografia acadêmica”, escrita em 1983 para Oracy Nogueira, que organizava um livro em sua homenagem, passo pelo relato à Mariza Corrêa em 1987, que integra livro sobre a história da antropologia no Brasil, para chegar a sua segunda autobiografia, a qual me refiro como “autobiografia familiar”, escrita para sua família em 1993 e que contém detalhes de sua vida pessoal. É importante destacar, também, que os relatos devem ser entendidos como narrativas escritas pelo professor em momentos e condições específicas, não podendo ser encarados como verdades objetivas.

A forma como Willems relata suas experiências familiares, aliás, é fundamental para entender a diferença entre seus relatos autobiográficos. Conhecido por ser sempre muito reservado em relação a sua vida pessoal, como mostram as poucas páginas que escreveu para Mariza Corrêa sobre sua passagem no Brasil, o professor alemão é descrito separando sua atuação profissional de sua família, como conta em entrevista João Baptista Borges Pereira. Segundo Pereira:

²⁸⁴ A lista do material do acervo pode ser encontrada no site <https://collections.library.vanderbilt.edu/repositories/2/resources/1043>. Acesso janeiro 2020.

Willems não conseguia disfarçar uma irritação total quando alguém, ao cumprimentá-lo, perguntava pela família, que é típico de brasileiro. Ele então virava para a pessoa e perguntava o que é que ela tinha com a família dele. Quer dizer, ele como professor era um homem público e institucional, não tinha nada a ver com a família. Ele dizia que não entendia essa invasão de privacidade no Brasil, porque, claro, na Alemanha essa distinção entre público e privado é muito mais rígida (MARRAS & PEREIRA, 2003. p.333).

De fato, a diferença de seus relatos quando o assunto é sua esposa, Hilda, é marcante nos três textos autobiográficos. Como bem apontado por Glaucia Villas Bôas (2006), que analisou a autobiografia presente no Fundo Oracy Nogueira, Hilda aparece apenas uma vez naquele relato. Conforme escreveu Villas Bôas:

Quando fala de si, Willems é discreto e reservado. Não menciona um nome sequer que não seja de sociólogos ou antropólogos conhecidos de seus círculos de formação ou profissionais. (...) Não se poderia dizer que a virtude da modéstia o teria levado a omitir um tom mais eloquente e elogioso às conquistas de sua vida longa e produtiva. O tom correto e seco impressiona o leitor, dando-lhe a sensação de que Willems quer lhe transmitir um sentimento de dever cumprido, como bom filho que é das classes médias educadas da Alemanha do início do século XX (Idem. p.85).

Se esse tom seco ao qual Villas Bôas se refere aparece na autobiografia de 1983, ele tomou forma ainda mais marcante no relato elaborado para Mariza Corrêa: o professor não cita nada mais do que seu papel enquanto professor universitário no Brasil. Além disso, a coleção *Emilio Willems Papers*, doada em novembro de 1998 à Vanderbilt, não contém dados pessoais do professor nem correspondências. São “42 linear feet” (aproximadamente 13 metros) de manuscritos, artigos e recortes de jornal, publicados pelo autor e por terceiros.

O primeiro dos textos autobiográficos de Willems tem início no começo da década de 1980. No final do ano de 1982, a Editora Ática inicia um novo projeto para a sua coleção “Grandes Cientistas Sociais”. Organizada por Florestan Fernandes, a próxima etapa seria composta por dois autores que quarenta anos antes eram professores conhecidos da sociologia paulista: Donald Pierson e Emilio Willems. Para a organização das obras, Oracy Nogueira, antigo aluno dos dois professores, foi escolhido e iniciou o projeto. Nogueira gozava de ampla liberdade para organizar os volumes, a coleção tinha apenas como instruções gerais o tamanho de 300 laudas datilografadas para o livro de cada autor e a realização de uma introdução inicial pelo organizador da coletânea de até 50 laudas datilografadas, que deveriam incluir uma breve biografia, a bibliografia fundamental do autor, um breve comentário a respeito dessa biografia e uma seleção de

textos que assegurassem “a maior variedade possível do que se poderia considerar como textos representativos”²⁸⁵ no que diz respeito às contribuições dos autores para seus campos de estudo: evolução intelectual, desenvolvimento de novas áreas de investigações ou de elaboração teórica.

Em janeiro do ano seguinte, Oracy Nogueira entrou em contato com seu ex-professor para “pedir (...) auxílio no sentido de facilitar essa tarefa, que aceitei prazerosamente, por constituir oportunidade para homenagear um ex-professor a quem tanto admiro”. Veja-se que a edição já estava planejada, independentemente da vontade e conhecimento de Willems. A carta de Oracy Nogueira informava sobre o projeto e solicitava um curriculum vitae tão minucioso quanto possível, com os eventos da carreira, as publicações e referências bibliográficas, mas abria a oportunidade de Willems fazer sugestões sobre o projeto²⁸⁶.

Willems, que aparentemente sempre fora avesso a falar sobre aspectos de sua biografia e de alguns trabalhos, endossou o projeto, demonstrando estar “muito satisfeito com a ideia do Florestan de organizar um volume de excertos tirados de livros e artigos meus”²⁸⁷. De fato, Willems parece ter gostado tanto do projeto em sua homenagem que se propôs a realizar um esboço biográfico a ser enviado²⁸⁸, assim como a sua bibliografia completa, além de sugerir quais excertos de seus textos deveriam entrar na coleção.

Dos textos mais significativos que foram escolhidos em comum acordo entre Oracy Nogueira e Willems figuram: o Capítulo 1 e 7 do livro *A Aculturação dos Alemães no Brasil*, “Aculturação e Assimilação” e “Aculturação e Status entre os alemães no Brasil”; o Capítulo “Common Configuration and Internal Differentiation in Latin America” do livro *Latin American Culture*; o artigo “Protestantism as a Factor of Cultural Change in Brazil”; o Capítulo do livro *Followers of the new Faith*, “The Functions of

²⁸⁵ Carta de M. Carolina Boschi para Oracy Nogueira, 10 de dezembro de 1982. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.11. Correspondências (C). FIOCRUZ. Grifo no original.

²⁸⁶ Carta de Oracy Nogueira a Willems, 4 de janeiro de 198. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.11. Correspondências (C). FIOCRUZ.

²⁸⁷ Carta de Willems a Oracy Nogueira, 12 de janeiro de 1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Correspondência. FIOCRUZ.

²⁸⁸ Sua autobiografia escrita como subsídio para o texto a ser publicado por Oracy Nogueira também se encontra disponível para consulta na FIOCRUZ. Como mostram algumas cartas do referido acervo, Nogueira pretendia lançar uma publicação à parte com as autobiografias de Willems e Pierson, independentemente do projeto da Editora Ática.

Pentecostalism in Brazil and Chile”. Além disso, também estava prevista a publicação dos capítulos “The Changing City in Latin America” e “The Shanty Towns and the cities in Latin America” do livro *Latin American Culture*; o capítulo “As Classes sociais em Cunha” do livro *Cunha, Tradição e Transição*; e os artigos “A Estrutura da Família Brasileira” e “A Família em Portugal e no Brasil: um ensaio comparativo”, bem como “Burocracia e Patrimonialismo”. Oracy Nogueira manteve parte das sugestões de Willems em relação à escolha das obras que entrariam na publicação, mesmo com a plena liberdade que Willems lhe conferiu para escolher o que fosse mais interessante para o leitor brasileiro. Em setembro de 1983, Oracy Nogueira finalizou o projeto do livro e o enviou a Willems. Segundo Nogueira, a seleção daria uma “amostra razoável” da contribuição de Willems às ciências sociais e “uma demonstração de seu papel na história das mesmas no Brasil, de proveito, sobretudo para as novas gerações de estudiosos”²⁸⁹. Como lembrou o organizador, exerciam trabalho intelectual “milhares de sociólogos e antropólogos no Brasil” naquele momento, número bem distinto do que quando Willems lecionou no país, o que justificaria a importância de uma publicação desse tipo. Segundo os dados de Nogueira, só em São Paulo seriam cerca de 10 000 desses intelectuais e o livro sobre Willems deveria interessar profissionais e estudantes da área.

Apesar do interesse atribuído à obra por seu organizador, a sua publicação não se deu da forma esperada. No final de 1984 os professores recebem a notícia do adiamento da publicação da editora. Sobre isso, lamentou Willems:

Embora decepcionante, a sua notícia do adiamento da publicação da coletânea não me surpreendeu. Ao ler os títulos da planejada série ‘Os Grandes Cientistas Sociais’ admirei a coragem da editora, tanto mais que já existe uma literatura imensa sobre muitos desses Grandes Homens. Afinal, que se pode dizer sobre Conte, Durkheim, Marx, Weber e outros que não se tenha dito antes? Somente faço votos que o adiamento não seja sine die²⁹⁰.

Mesmo tendo sido prometida a publicação para 1985, os votos de Willems não se realizaram, e sua entrada para o rol desses “Grandes Homens” teve uma pausa definitiva. Conforme ressaltei ao longo desta dissertação, Willems teve dificuldades em ter seus livros publicados no Brasil após sua ida para os EUA, e o texto sobre a sua obra seguiu o

²⁸⁹ Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Correspondência. FIOCRUZ.

²⁹⁰ Carta de Emilio Willems a Oracy Nogueira, 23 de outubro de 1984. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Correspondência. FIOCRUZ

mesmo caminho.

E eis que esses arquivos foram descobertos pela professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Realizando a pesquisa “Os estudos de comunidades e a antropologia no Brasil: o lugar de Oracy Nogueira”, em que a professora tinha como foco “rever o lugar dos chamados estudos de comunidade na constituição das ciências sociais brasileiras, especialmente a antropologia, a partir de uma aproximação compreensiva que tomava a biografia intelectual de Oracy Nogueira que servia como fio condutor para a compreensão do contexto de época” (CAVALCANTI, 1997), a autora, após o falecimento do pesquisador, em 1996, se pôs à procura de textos inéditos de Nogueira. Cavalcanti tinha notícias dos textos realizados para a *Coleção grandes cientistas sociais* e, ao procurar a Editora Ática, foi informada que a coleção havia sido encerrada após a morte de Florestan Fernandes e que, com isso, foram queimados os originais de 10 volumes não publicados, dentre eles o de Emilio Willems (Idem. p.4). Se Willems não teve seus livros queimados pelo nazismo, o mesmo não se pode dizer sobre o mercado editorial brasileiro. No entanto, as datas não deixam de levantar dúvidas sobre a publicação das obras. Oracy Nogueira terminou o livro em 1984 e Florestan Fernandes só iria falecer uma década depois, em 1995. Certamente não era uma das prioridades editoriais. Foi em 1997 que Cavalcanti localizou, no escritório de Oracy Nogueira, os arquivos do professor que foram doados no mesmo ano por seu filho José Luiz Nogueira, primeiro para a biblioteca do IFCS/RJ e, doado por Cavalcanti, posteriormente para a FIOCRUZ, onde permanece até hoje disponível para consulta e constituiu uma das fontes de pesquisa principais que Glaucia Villas Bôas se utilizou em suas reflexões sobre o autor.

Dentre o material presente na Fiocruz também estão as cartas trocadas entre Oracy Nogueira e Willems. Uma delas relata o interesse pelo livro que estava aguardando a publicação da Ática. Escreveu Nogueira:

Estive fazendo um depoimento na Universidade Estadual de Campinas e verifiquei grande expectativa em relação aos dois livros. Uma das docentes da área de Antropologia chegou a telefonar à Editora, manifestando o interesse do grupo pela breve saída dos mesmos²⁹¹

Essa carta introduz um novo capítulo nos relatos autobiográficos de Willems. A

²⁹¹ Carta de Oracy Nogueira a Emilio Willems, 18 de dezembro de 1984. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Correspondência. FIOCRUZ

docente de Antropologia da UNICAMP interessada pelos relatos de Willems e Pierson, muito provavelmente, era Mariza Corrêa, autora do livro “História da antropologia no Brasil, 1930-1960”, publicado em 1987 e que trazia relatos dos dois professores. Não sei ao certo como se deu o processo de envio do relato autobiográfico de Willems para Corrêa ou a troca de correspondências entre os professores. Com a doação do acervo da professora, falecida em 2016, recém concretizada ao acervo do AEL/IFCH, talvez seja possível ter mais detalhes de como se deu esse contato. No entanto, uma comparação entre os relatos publicados no livro chama a atenção. Donald Pierson descreveu suas atividades de forma detalhada e ocupou 113 páginas para relatar “Algumas atividades no Brasil em prol da antropologia e de outras ciências sociais” (CORRÊA, 2013). Além disso, como relatado por Mariza Corrêa, o americano, após a publicação da primeira edição do livro, continuou mandando longas cartas com sugestões, alterações ao texto. Willems, pelo contrário, conta com apenas 13 páginas em um “esboço autobiográfico”, sendo que 7 delas são uma lista bibliográfica das publicações do autor.

A lista bibliográfica, aliás, é uma das constantes nas publicações autobiográficas do autor. Realizada a pedido de Oracy Nogueira para ser publicada no volume d’ *Os grandes cientistas sociais*, a lista aparece nos três relatos autobiográficos, inclusive naquele que seria o relato “familiar” do professor, revelando como a carreira acadêmica do professor era central para ele narrar sua própria vida. A divisão apontada por Borges Pereira (MARRAS & PEREIRA, 2003. p. 333) entre a figura pública institucional e a pessoal do alemão nem sempre se concretiza. Sua estrutura, com a subdivisão composta por 19 livros, 4 panfletos e 94 artigos e capítulos de livros (nos quais alguns artigos não constam), aparece com algumas diferenças nos três relatos. Ainda que tenha havido a atualização dos livros sobre militarismo alemão, que na versão de 1983 ainda não tinham sido publicados, e a mudança no subtítulo “Opúsculos” para “Panfletos”, e a aparição de mais dois capítulos de livros, que na versão enviada para Oracy Nogueira ainda não constavam, a mesma estrutura da bibliografia aparece nos três.

Em 29 de julho de 2018, após intensa pesquisa de contatos dos descendentes de Willems, encontrei um possível e-mail de seu filho mais novo. Mande-i-lhe um e-mail, sem muitas esperanças de que algum dia teria uma resposta, e foi com surpresa que, algumas horas depois, recebi a resposta. Mais surpreendente ainda foi o conteúdo do e-mail. Agradecendo pelo interesse em seu pai, ofereceu-me o envio de sua “personal autobiography”, que me daria uma visão sobre Emilio que outros fora da família Willems

jamais tiveram. Quase um mês depois, dia 23 de agosto, recebi o pacote com a brochura.

Essa autobiografia, escrita tendo em vista a tomada de interesse das novas gerações da família pela história dos antepassados e pela sua história familiar, é um texto que, desde seu prefácio, estabelece como público-alvo a família Willems. Estimulado pelo filho de um primo, que realizou uma pesquisa sobre a família, Willems afirmou ter desenvolvido, ainda que tarde, o interesse pela história familiar, e resolveu escrever *My Life in Three Worlds* para mostrar como foi a sua vida nos três países em que viveu. A posição fora da classe média convencional, tendo imigrado duas vezes, e as profundas mudanças em sua vida pessoal seriam, segundo o autor, não apenas um convite à meditação retrospectiva sobre sua vida, como também poderiam despertar o interesse e curiosidade de seus leitores. Separadas em três capítulos que descrevem a experiência pessoal de Willems nos três países nos quais viveu, “Germany 1905 to 1931”, “Brazil 1931 to 1949”, “America 1949 to present”, mais um breve prefácio sobre os motivos da escrita de tal obra e a constante lista de publicações do professor, as 68 páginas com coluna dupla de texto autobiográfico compõem a obra na qual Willems descreveu sua vida. É um relato que, apesar de se utilizar de algumas passagens de sua autobiografia anterior, nos coloca a par de uma nova narrativa pessoal de Willems. Os dez anos de diferença entre os textos e a diferença de público para os quais elas foram vislumbradas mostram as experiências pessoais de Willems para além de suas experiências acadêmicas, mesmo que essas ainda sejam o centro de grande parte da obra. Além disso, se os relatos anteriores foram escritos descrevendo os anos como aluno na Alemanha e professor no Brasil, dessa vez Willems se debruçou sobre sua trajetória no país em que residiu por mais tempo, os EUA. O leitor depara-se com uma narrativa nova sobre esse período da vida do autor, e com o tom pessoal que jamais tinha visto em outros textos publicados por Willems. Segundo Antenor Willems, a autobiografia de seu pai não teria sido publicada comercialmente por ter sido escrita visando apenas a família Willems e, além disso, seu pai jamais teria aprovado a publicação enquanto estivesse vivo.

Aparentemente, Lüschen, ao escrever o *Nekrolog* de Willems para a *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, também teve acesso ao material, como indica seu parágrafo final: “Sua obra e sua autobiografia escrita há alguns anos dão a impressão de uma vida pessoal e profissionalmente realizada (...)”²⁹² (LUESCHEN, 1998).

²⁹² Tradução minha. No original: Sein Werk und seine vor wenigen Jahren geschriebene Autobiographie

p.207). Nesse sentido, como bem notou o texto alemão acima referido, a “impressão de uma vida realizada pessoal e profissionalmente” é a marca desse texto escrito alguns anos antes de seu falecimento e da relação entre Emilio e Hilda, falecida alguns meses depois.

Os três relatos distintos sobre suas experiências pessoais e profissionais, somados à ampla gama de material documental, principalmente correspondências de Willems com intelectuais diversos, tais como apresentados na introdução do presente trabalho, dão um panorama das experiências do professor nos três países nos quais viveu de maneira mais duradoura. Biografias, relatos do autor e de terceiros, suas publicações teóricas, todo esse material foi sobreposto para narrar a trajetória do professor em três países distintos e suas experiências e contribuições acadêmicas. Até que ponto Willems estaria satisfeito a ter a intimidade de suas cartas e de seu relato pessoal lidas e reveladas é impossível saber. Famoso na história das ciências sociais brasileiras por incentivar a pesquisa empírica, e por treinar diversos alunos a fazer pesquisa de campo, Willems se tornou o próprio nativo. Se, como nos revelou João Baptista Pereira, os cidadãos, assim como o prefeito da cidade de Cunha, sitiaram a Faculdade de Filosofia, revoltados com a publicação do livro *Cunha: Tradição e Transição em uma cultura rural do Brasil* (WILLEMS, 1948), pois haviam se sentindo “profanados em sua intimidade”, estaríamos deixando Willems “de cuecas nas mãos em praça pública”, assim como o prefeito de Cunha afirmou para seu conterrâneo Oracy Nogueira?

Considerando o caráter transnacional das ciências sociais brasileiras e a posição de destaque atribuída a Willems na década de 1940, procurei retomar aspectos da trajetória do autor que permitissem uma visão de como as ciências sociais alemãs e norte-americanas do século passado se combinaram na formação das disciplinas que o professor ministrou no Brasil. Se ocorreu um processo de “esquecimento” de Willems na literatura brasileira a partir da década de 1950, essa dissertação contribui no sentido de retomar a presença do professor e detalhar sua importância na institucionalização das ciências sociais no Brasil. Percorrendo a trajetória do professor, da Alemanha ao Brasil e do Brasil aos Estados Unidos, procurei apresentar as conexões intelectuais de Willems nas diferentes instituições das quais fez parte. Contextualizando os processos de formação das faculdades pelas quais passou, e curiosamente Willems esteve presente na criação de institutos em Colônia, São Paulo, Vanderbilt e Colômbia, apresentei suas concepções de

vermitteln den Eindruck eines persönlich und professionell erfüllten Lebens (LUESCHEN, 1998. p.207)

ensino e pesquisa. Mostrei, também, como muitas de suas obras foram apontadas pela bibliografia como contribuições pioneiras em seus respectivos campos. Willems foi pioneiro nos estudos de comunicação em seu doutorado em Berlim, em seus estudos sobre assimilação e aculturação de imigrantes (alemães, japoneses, judeus) no Brasil, nos estudos rurais, no Estudo de Comunidade, nos estudos sobre o protestantismo no Brasil, e na utilização de conceitos alemães e norte-americanos na academia brasileira. Se a figura de Willems foi tão central na academia brasileira, principalmente na década de 1940, e suas contribuições acadêmicas são reconhecidas em seus respectivos campos, como teria ocorrido esse processo de “esquecimento” da atuação do professor?

Alguns autores (BAEHR, 2013; LAW & LYBECK, 2015; MCLAUGHLIN, 1998, entre outros) apresentam considerações interessantes sobre a construção de reputações de intelectuais e que podem revelar alguns aspectos da carreira de Willems no Brasil. Conforme apontado Neil McLaughlin (1998), a reputação de cientistas é moldada não só pelo conteúdo de suas ideias, mas por fatores históricos e sociológicos (1998. p.215), fatores esses que podem iluminar alguns porquês de certos autores serem menos prestigiados que outros. Segundo McLaughlin (1998), existiriam quatro variantes importantes para compreender a construção social das reputações: o clima dos tempos (*climate of times*), tradições geográficas e nacionais, prestígio institucional e características pessoais.

Nesse sentido, ao combinarmos essas variantes à presença de Willems no contexto brasileiro, podemos inferir algumas características que podem ter contribuído para o reconhecimento ou não do professor no país. Como mostrei ao longo da dissertação, Willems esteve ligado a diversas instituições de prestígio ao longo de sua carreira. O seu contato com a sociologia em duas prestigiosas Universidades Alemãs, e, a partir de sua ida a São Paulo, o contato com intelectuais gabaritados, ligados às universidades paulistas e ao movimento educacional, brasileiro foram fundamentais para garantir ao professor um local de destaque na história da institucionalização das ciências sociais no país. De fato, a localização de Willems no desenvolvimento de instituições paulistas e não em outro estado brasileiro deve ser considerada um fator relevante que deu visibilidade ao professor. No entanto, a chegada dele nos meios universitários “não como um professor visitante” (WILLEMS, 1975. p.xi) da chamada missão francesa, cujos intelectuais ocuparam as primeiras cátedras na Universidade de São Paulo, mas como um imigrante e professor secundário, mostra como o professor conseguiu galgar posições de prestígio

universitário no país. A escolha de Willems por lecionar em universidades norte-americanas, no entanto, pode ser vista de forma paradoxal. Se, por um lado, a ida aos EUA proporcionou ao professor o contato com diversos centros de pesquisa e de programas de financiamento para suas pesquisas no Brasil, o afastamento do autor da academia brasileira, por outro, parece ter levado-o aos “american studies”. Na academia norte-americana, Willems passou a estudar o Brasil comparativamente com outros países sul-americanos. As questões estudadas pelo autor, apesar de reconhecidas no cenário internacional, não conseguiram romper as barreiras linguísticas e geográficas.

Outro fator que poderia explicar parte desse esquecimento do professor é a utilização de conceitos e modelos de pesquisa que passaram a ser contestados na produção sócio antropológica no Brasil, como a associação que parte da literatura fez do nome de Willems aos Estudos de Comunidade e a crítica gerada por esse modelo na academia brasileira. Ao adaptarmos a pergunta de Baehr (2013. p.96) sobre Aron, para este caso específico: qual termo sociológico, a qual “*idée-mère*” e a qual abordagem sociológica Willems é associado quando se pensa em sua atuação no Brasil? Nesse sentido, as disputas que permearam esse modelo de pesquisa na academia brasileira podem ter sido um fator importante para parte do esquecimento do autor. Se for esse o caso, a tarefa de investigar o papel decisivo que Willems desempenhou por meio de sua obra e atuação institucional no Brasil, como bem apontado por Jackson (2009b), “envolve reconsiderar a importância dos ‘estudos de comunidades’, missão possível atualmente por estarmos distantes das disputas acadêmicas e políticas que os desqualificaram” (p.185).

Além disso, ainda se pode especular a importância que a ruptura gerada na política do país com o golpe cívico-militar de 1964 teve nas ciências sociais brasileiras. Com a agitação política e a cassação de diversos professores, o desenvolvimento das ciências sociais tomou novos rumos, que podem ter deixado as reflexões das décadas anteriores em segundo plano frente às novas questões levantadas. Assim, seguindo as variáveis apresentadas por McLaughlin, essas mudanças políticas poderiam determinar em grande parte o destino das contribuições intelectuais (1998. p.218).

O fato de ter sido professor de antropologia na Universidade de São Paulo, e não de sociologia, também é importante se considerarmos os estudos sobre a história das ciências sociais na FFCL. Conforme mostrei, a diferença entre os estudos centrados no desenvolvimento das ciências sociais na USP não pode ser desconsiderada. Ainda são poucos os estudos sobre a antropologia praticada na universidade no período em questão

se comparados aos estudos que se debruçaram sobre a sociologia uspiana.

Por fim, ao considerarmos que Willems foi muitas vezes descrito como uma pessoa reservada, essa característica pode ter ajudado a deixar a trajetória do pesquisador pouco conhecida. Conforme apresentei anteriormente, a recusa do professor em falar de sua vida em alguns momentos e o problema ocorrido com a publicação dos volumes em sua homenagem adiaram a leitura de suas contribuições, e de sua rica trajetória intelectual.

Referências:

Fontes primárias

Autobiografia *My life in three worlds*. Emilio Willems

Acervo de Fernando de Azevedo

Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 18 de julho de 1941. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo: FA-CP-Cx34,18.

Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 21 de janeiro de 1945. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo: FA-CP-Cx34,20.

Carta a Fernando de Azevedo 21 de novembro de 1949. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,21.

Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 08 de janeiro de 1950. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo FA-CP-Cx34,22.

Carta a Fernando de Azevedo 1 de junho de 1950. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,25.

Carta de Emilio Willems a Fernando de Azevedo 19 de novembro de 1950. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx,28.

Carta de Willems para Fernando de Azevedo, 14 de novembro de 1951. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,29.

Carta a Fernando de Azevedo 10 de novembro de 1951. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,31.

Carta de Willems a Fernando de Azevedo, 26 de dezembro de 1952. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,33.

Carta de Emilio Willems a Fernando de Azevedo, 6 de março de 1954. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34, 35

Carta a Fernando de Azevedo 7 de abril de 1958. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,37.

Carta de Willems para Fernando de Azevedo, 31 de julho de 1958. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,39.

Fundo Florestan Fernandes

Carta de Willems a Florestan Fernandes, 07 de fevereiro de 1950. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica,09.AD.01.009 Correspondência:19500207

Carta de Florestan Fernandes a Willems, 23 de fevereiro de 1950. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19500223.

Carta de Willems a Florestan Fernandes, 23 de dezembro de 1952. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 02.09.1059.

Carta de Willems a Florestan Fernandes 20 de junho de 1953 UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19530620

Carta de Willems a Florestan Fernandes, 04 de março de 1954. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19540304.

Carta a Florestan Fernandes, 3 de fevereiro de 1955. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, Caixa 09.AD.01.009. Correspondência: 19550203.

Carta de Willems a Florestan Fernandes, 17 de dezembro de 1955. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência 19551217.

Carta de Willems a Florestan Fernandes, 10 de fevereiro de 1956. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19560210.

Carta a Florestan Fernandes, 13 de outubro de 1956. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19561013

Carta de Emilio Willems a Florestan Fernandes, 4 de janeiro de 1968. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009, Correspondência: 19680104

Arquivo de Arthur Ramos

Carta de Willems a Arthur Ramos, 4 de agosto de 1941. Arquivo Arthur Ramos, 2.788. I-36,7,2.726. Biblioteca Nacional.

Carta de Willems a Arthur Ramos, 25 de setembro de 1943. Arquivo Arthur Ramos. 2.791.I-36,7,2.729. Biblioteca Nacional.

Acervo Egon Schaden

Carta de Willems para Egon Schaden, 28 de junho de 1948. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. C 143A e 143B.

Carta de Willems a Schaden, 11 de dezembro de 1949. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. Cx277.

Carta de Willems para Egon Shaden, 19 de outubro de 1952. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. Cx277.

Carta de Willems para Egon Schaden, 21 de janeiro de 1953. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. C943.

Carta de Eunice Ribeiro a Egon Schaden, 20 de março de 1956. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. C2250.

Carta de Eunice Durham para Egon Schaden, 13 de março de 1957. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden.

Carta de Emilio Willems a Egon Schaden, 4 de julho de 1957. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. C 143A e 143B.

Carta de Willems a Schaden, 2 de outubro de 1962. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES.Conjunto documental Egon Schaden. Cx3585.

Fundo Oracy Nogueira

Autobiografia de Emilio Willems. p.1. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

Introdução a Emilio Willems – Antropologia e Sociologia. p.27. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ.

Carta de M. Carolina Boschi para Oracy Nogueira, 10 de dezembro de 1982. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.11. Correspondências (C). FIOCRUZ.

Carta de Oracy Nogueira a Willems, 4 de janeiro de 1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.11. Correspondências (C). FIOCRUZ

Carta de Willems a Oracy Nogueira, 12 de janeiro de 1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Correspondência. FIOCRUZ

Carta de Oracy Nogueira para Emilio Willems, 21 de fevereiro de 1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Coleção Grandes Cientistas Sociais. 3.1.1. Correspondência. FIOCRUZ

Carta de Emilio Willems a Oracy Nogueira, 19 de fevereiro de 1984. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.11. Correspondências (C). FIOCRUZ

Carta de Emilio Willems a Oracy Nogueira, 23 de outubro de 1984. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Correspondência. FIOCRUZ.

Carta de Oracy Nogueira a Emilio Willems, 18 de dezembro de 1984. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); Correspondência. FIOCRUZ

Discoteca Oneyda Alvarenga

Carta de Emilio Willems à Mário de Andrade, Presidente da Sociedade de Etnografia e Folclore, 10 de julho de 1937. Arquivo da Sociedade de Etnografia e Folclore, Cx.3, doc 195. Discoteca Oneyda Alvarenga, Centro Cultural São Paulo – Série Catálogo Acervo Histórico.

Carta de Mario de Andrade a Emilio Willems, 16 de agosto de 1937. Arquivo da Sociedade de Etnografia e Folclore, Cx.2, doc 69. Discoteca Oneyda Alvarenga, Centro Cultural São Paulo – Série Catálogo Acervo Histórico.

Rockefeller Archive Center

Interview: Charles Wagley, 26 de janeiro de 1959, Emilio Willems proposed research. Rockefeller Foundation records, projects, RG 1.2 (FA387). Series 200: United States; Subseries 200: United States – Social Sciences. Box 604; Folder 5163 – Vanderbilt University – Willems, Emilio –(Brazilian Protestantism).

“Report on Research Project”. Rockefeller Foundation records, projects, RG 1.2 (FA387). Series 200: United States; Subseries 200: United States – Social Sciences. Box 604; Folder 5163 – Vanderbilt University – Willems, Emilio –(Brazilian Protestantism).

Arquivo Geral Universidade de São Paulo

Carta de Emilio Willems a Gleb Wataghin, 11 de agosto de 1947. Arquivo do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia (FFLC), Série Correspondência, Subsérie Correspondência Profissional, Documento – Carta de Emílio Willems a Gleb Wataghin, IF-DF-I-02-00-0000-02193-0.

“The Foreign Service of the United States of America” – do Cônsul Geral Americano Cecil M. P. Cross para o Reitor da Universidade de São Paulo Linneu Prestes, 21 de junho de 1949. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (Ag – USP). Processo de afastamento de Emilio Willems

Ofício de Fernando de Azevedo, professor chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia para Astrogildo Rodrigues de Mello, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 22 de junho de 1949. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (Ag – USP). Processo de afastamento de Emilio Willems.

Ofício de Linneu Prestes, Reitor da Universidade de São Paulo para Adhemar de Barros, Governador do Estado de São Paulo, 2 de julho de 1949. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (Ag – USP). Processo de afastamento de Emilio Willems.

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949 vol.1. São Paulo: Secção de Publicações, 1953.

Jornais

N/a. “Dutra Will Inspect Brazilian Institute at Vanderbilt”, *The Jackson Sun*, Jackson, Tennessee. p. 2.

.N/a. Quarta-feira, 11 de maio de 1949, “Names Brazilian Professor”. *The Montgomery Advertiser*. Montgomery, Alabama. p.10.

Coperland, William W. “Regressa hoje ao Brasil o Presidente Dutra - Homenagem na Universidade de Vanderbilt”, *Jornal O Estado de São Paulo*, sexta-feira, 27 de maio de 1949, p. 1.

N/a. “Marcha Paralela”, *Jornal O Estado de S. Paulo*, sexta-feira, 27 de maio de 1949, p. 1.

Bibliografia

- ALVES, Andréa Moraes. *Alguns temas e problemas da sociologia no Brasil: uma análise de conteúdo da revista Sociologia (1939-1941)*. 1993. 63 f. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro IUPERJ, 1993.
- ARANTES, Paulo E. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana : uma experiência nos anos 60*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- ARENSBERG, Conrad.M. *The Irish Countryman, an Anthropological Study*. London: Macmillan & Co Ltd, 1937.
- ARENSBERG, Conrad.M; KIMBALL, Solon. *Family and Community in Ireland.:* Harvard University Press, 1940.
- ARRUTI, José Maurício. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana*, v. 3, n. 2, p. 7–38, 1997.
- AVERBECK-LIETZ, Stefanie. Mídia, cultura e tecnologia Epistemologia Da ciência do periódico à “ciência da liderança nacional-socialista”: como os estudos de imprensa adotaram o regime nazista na Alemanha. *Revista FAMECOS*, v. 21, n. 2, p. 418–437, 2014.
- AVERBECK, Stefanie. *Kommunikation als Prozess : soziologische Perspektiven in der Zeitungswissenschaft, 1927-1934*. Münster: LIT Verlag Münster, 1999.
- BAEHR, Peter. The honored outsider: Raymond Aron as sociologist. *Sociological Theory*, v. 31, n. 2, p. 93–115, 2013.
- BALDUS, Herbert & WILLEMS, Emílio. *Dicionário de etnologia e sociologia*. São Paulo -Rio de Janeiro - Recife - Porto Alegre: Companhia editora nacional, 1939. (Biblioteca pedagógica brasileira).
- BASTIDE, Roger. *Antropologia aplicada*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BEZERRA, Felte. *Etnias sergipanas: contribuição ao seu estudo*. Arcaju: Governo do Estado de Sergipe, Secretaria de Estado da Educação e Cultura, Subsecretaria de Cultura e Arte, 1984. (Coleção João Ribeiro).
- BOSI, Alfredo; MOTA, Carlos Guilherme; COHN, Gabriel. Florestan Fernandes, história e histórias. *Novos Estudos - CEBRAP*, n. 42, p. 3–31, 1995.
- BRINGEL, Breno & MALDONADO, Emiliano. Pensamento Crítico Latino-Americano e Pesquisa Militante em Orlando Fals Borda: práxis, subversão e libertação. *Revista*

Direito e Práxis, v. 7, n. 13, p. 389–413, 2016.

CAMPOS, Judas Tadeu De. Uma pesquisa pioneira para a compreensão da cultura caipira. *Estudos Avançados*, v. 26, n. 76, p. 335–350, 2012.

CANDIDO, Antonio. L'état actuel et les problèmes les plus importants des études sur les sociétés rurales du Brésil. *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. São Paulo: Anhembi, 1955.

CARDOSO, Fernando Henrique. Memórias da Maria Antônia. In: LOSCHIAVO DOS SANTOS, MARIA CECILIA (Org.). *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988. p. 27–34.

CASTRO, Celso; CUNHA, Olívia Maria Gomes Da. Quando o campo é o arquivo. *Estudos Históricos*2, v. 2, n. 36, p. 3–5, 2005.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Fundo Oracy Nogueira: breve notícia de um capítulo das ciências sociais no Brasil (1940/1960). 1997, Porto Seguro: [s.n.], 1997. p. 1–14.

CIACCHI, Andrea. Mestrança: Gioconda Mussolini e a antropologia em São Paulo (1938 – 1969). *Revista Tempos Históricos*, v. 19, n. 1, p. 153–186, 2015.

CLARO, Silene Ferreira. *Revista do arquivo municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória - 1934-1950)*. 2008. 359 f. Universidade de São Paulo, 2008.

CONSORTE, Josildeth Gomes; PEREIRA, João Baptista Borges; TORRES, Lilian de Lucca. Estudos de Comunidade: Um Encontro. *Ponto Urbe [online]*, n. 6, 8 out. 2010.

CONUNSIL, The Social Science Research. Acculturation : An Exploratory Formulation. *American Anthropologist*, v. 56, n. 6, p. 973–1000, 1953.

CORRÊA, Mariza. *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013.

CUNHA, Mario Wagner Vieira Da. O povoamento do município de Cunha. *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*, v. 3, p. 641–649, 1944.

_____. Depoimento: a Escola Livre, o Departamento de Cultura e a Faculdade de Filosofia. In: KANTOR, I.; MACIEL, D.; SIMÕES, J. (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política. Anos de Formação: 1933-1953. Depoimentos*. São Paulo: Escuta, 2001. p. 107–114.

- CUNHA, Olívia Maria Gomes Da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, v. 10, n. 2, p. 287–322, 2004.
- DANTAS, Beatriz Góis & NUNES, Verônica M.M. *Destinatário: Felte Bezerra - cartas a um antropólogo sergipano 1947-59 e 1973-85*. 1. ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.
- DAVIS, Allison; GARDNER, Mary R. *Deep South: a Social Anthropological Study of Caste and Classe*. Chicago: University of Chicago Press, 1941.
- DES CHENES, Mary. Locating the past. In: A.GUPTA; FERGUSON, J. (Org.). . *Anthropological locations: boundaries and grounds of a field Science*: Berkley: University of California Press, 1997. p. 66–85.
- DIAS, Fernando Correia. A Presença de Max Weber na Sociologia Brasileira Contemporânea. *Revista Administração de Empresas*, v. 14, n. 4, p. 47–62, 1974.
- DIRKS, Nicholas. The imperial archive: colonial knowledge and colonial rules. In: DIRKS, NICHOLAS (Org.). *Castes of mind: colonialism and the making of modern India*.: Princeton University Press, 2001. p. 107–124.
- DREIER, Volker. Die Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie : Zur Genese, Struktur und Entwicklung einer soziologischen Fachzeitschrift. *Kolner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, v. 69, p. 45–59, 1 set. 2017.
- DUNKMANN, Karl Von. *Die Lehre vom Beruf*. Berlin: Trowitzsch, 1922.
- DURHAM, Eunice R. Os Problemas Atuais de Pesquisa Antropológica no Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 25, 1982.
- EMBREE, John Fee. *Acculturation among the Japanese of Kona, Hawaii*., Menasha, Wis: American Anthropological Association, 1941.
- _____. *Suye Mura: A Japanese Village*. Chicago: University of Chicago Press, 1939.
- FANTIN, Jader Tadeu. Breves considerações sobre Hiroshi Saito e as diferenças institucionais entre a Escola de Sociologia e Política e a Faculdade de Filosofia , Ciências e Letras no período de estruturação das Ciências Sociais em São Paulo. *Áskesis*, v. 6, n. 2, p. 65–80, 2017.
- FEI, Hsiao-tung. *Peasant Life in China: A Ficeld Study of Coutry Life in a Yangtze Valley*. London: London G. Routledge and sons Ltd, 1939.
- FERNANDES, Florestan. Resenha de “A Aculturação dos alemães no Brasil” de Emilio Willems. *Revista do Arquivo Municipal*, v. CXXII, 1949.

- _____. A aculturação dos sírios e libaneses em São Paulo. *Revista Etapas*, n. 11, 1956.
- _____. *A Etnologia e a sociologia no Brasil: ensaios sobre aspectos da formação e do desenvolvimento das ciências sociais na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Anhembi, 1958.
- _____. *Elementos de sociologia teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970. (Biblioteca universitária).
- _____. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977. (Coleção Sociologia brasileira).
- _____. *A condição de sociólogo*. São Paulo: HUCITEC, 1978. (Coleção Estudos brasileiros ; 9 : Série Depoimentos).
- _____. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1980. (Coleção Sociologia brasileira).
- FERREIRA, Oliveiros S. Maria Antônia começou na Praça. In: ORG. LOSCHIAVO DOS SANTOS, MARIA CECILIA (Org.). *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988. p. 19–27.
- FIGUEIREDO, Érika Regina Domingos De. Tendências e dilemas da antropologia norte-americana : sobre a história do Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution e sua presença no Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 53, n. 1, p. 237–275, 2010.
- FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. O estudo sociológico de comunidades. *Revista Antropologia*, v. 11, n. 2, p. 29–39, 1963.
- FRANÇOZO, Mariana. O Museu Paulista e a história da antropologia no Brasil entre 1946 e 1956. *Revista de Antropologia*, v. 48, n. 2, p. 585–612, 2005.
- FRAZIER, E. Franklin. Review Reviewed Work (s): Cunha : Tradicao e transicao em uma cultura rural do Brasil . by Emilio Willems. *American Journal of Sociology*, v. 55, n. 5, p. 507–508, 1950.
- FUJII, Y; SMITH, T L. *The acculturation of the Japanese immigrants in Brazil*. Florida: University of Florida Press, 1959. (Latin American monographs).
- GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GEIGER, T J. *Die Masse und ihre Aktion: Ein Beitrag zur Soziologie der Revolutionen*. Stuttgart: Ferdinand Enke, 1926.

- GOLDWASSER, Maria Júlia. " Estudos De Comunidade ": Teoria E / Ou Método ? *Revista Ciencias Sociais*, v. 5, n. 1, p. 69–81, 1974.
- HARRIS, Marvin. *Minas Velhas: A study in Urbanism in the Mountain Region of Central Brazil*. 1952. 1952.
- HERRMANN, Lucila. *Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezentos anos*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1948.
- HERSKOVITS, Melville J. *Life in a Haitian Valley*. New York and London: A.A.Knopf, 1937.
- _____. *Acculturation - The Study of Culture Contact*. New York: J. J. Augustin, 1938.
- _____. *Trinidad Village*. New York: A.A.Knopf, 1947.
- HEYMANN, Luciana. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, ISABEL; ROUCHOU, JOELLE; HEYMANN, LUCIANA (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 67–76.
- HOFFNAGEL, Judith Chambliss. A família na obra de Emílio Willems. *Revista Antropológicas*, v. 16, n. 1, p. 149–170, 2005.
- HOLANDA, Sergio Buarque De. Tradição e transição. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 125–140.
- HUTCHINSON, Harry. *Vila Recôncavo: A sugar plantation community of the Northern Coast of Brazil*. 1952. Columbia University, 1952.
- IANNI, Octavio. Estudo de comunidade e conhecimento científico. *Revista de Antropologia*, v. 9, p. 109–119, 1961.
- JACKSON, Luiz Carlos. A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965). *Tempo Social*, v. 16, n. 1, p. 263–283, 2004.
- _____. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). *Tempo Social*, v. 19, n. 1, p. 115–130, 2007.
- _____. Divergências teóricas, divergências políticas: a crítica da USP aos “estudos de comunidades”. *Cadernos de Campo*, v. 18, n. 18, p. 273, 2009a.
- _____. Uma defesa da comunidade. *Tempo Social*, v. 21, n. 1, p. 183–185, 2009b.
- _____. Os caipiras e o Brasil. In: FONSECA, M A; SCHWARZ, R (Org.). *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 287–316.

- JOHNSON, Guy Benton. *Folk Culture on St. Helena island*. South Carolina: University of North Carolina Press, 1930.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- KÖNIG, Réne. *Soziologie*. Frankfurt am Main: Fischer Bücherei, 1958.
- _____. *Sociologia*. Lisboa: Meridiano, 1971.
- _____. Die Situation der emigrierten deutschen Soziologen. In: LEPENIES, WOLF (Org.). *Geschichte der Soziologie. Studien zur Kognitiven, Sozialen und Historischen Identität einer Disziplin*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1981. .
- _____. Foreword. In: WILLEMS, EMÍLIO (Org.). *A way of life and death: three centuries of Prussian-German Militarism - An Anthropological Approach*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1986. p. vii–x.
- _____. Soziologie in Berlin um 1930. *Soziologie in Deutschland*. München: Carl Hanser Verlag, 1987. p. 258–291.
- LAW, Alex; LYBECK, Eric Royal. *Sociological Amnesia: Cross-currents in disciplinary History*. Farnham: Ashgate Publishing Limited, 2015.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropicos*. São Paulo. Anhembi. 1957.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. 2 edição a ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- LIMONGI, Fernando. Revista Sociologia: a ELSP e o desenvolvimento da sociologia em São Paulo. *Caderno IDESP*. São Paulo: IDESP, 1987. p. 130.
- _____. Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo. In: MICELI, SERGIO (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vertice, 1989. p. 111–187.
- LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. Rio de Janeiro: Globo, 2007.
- _____. *Urupês*. Ed. Brasiliense. S. Paulo, 1961
- LOPES, Thiago; MAIO, Marcos Chor. Comunidade E Democracia Na Sociologia De T. Lynn Smith E José Arthur Rios*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 95, p. 1–21, 2018.
- LÜSCHEN, Gunther. In memoriam Emilio Willems (18.8.1905 - 19.11.1997). *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologischer Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, v. 50, n. 1, p. 206–207, 1998.
- LYND, Helen Merrel; LYND, Robert S. *Middletown in Transition: A Study in Cultural*

- Conflicts*. New York: Harcourt, 1937.
- LYND, Robert S.; LYND, Helen Merrel. *Middletown: A Study in Contemporary American Culture*. New York: Harcourt, 1929.
- LYNN SMITH, T. Review Reviewed Work (s): Cunha : Tradition and Transition in a Rural Culture of Brazil . by Emilio Willems. *American Sociological Review*, v. 14, n. 5, p. 693–694, 1949.
- MACIEL, Alba Costa; ANDRADE, Diva; VALE, Eunides Do. A antropologia na Universidade de São Paulo: histórico e situação atual. *Revista de Antropologia*, v. 21, n. 1, p. 117–143, 1978.
- MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, JOSÉ GUILHERME; TORRES, LILIAN DE LUCCA (Org.). *Na Metrópole - textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 12–54.
- MALINOWSKI, Bronislaw. The present state of studies in culture contact - some comments on an american approach. v. 12, n. 1, p. 27–48, 1939.
- MANICA, Daniela. Autobiografias, memoriais e a narrativa biográfica de um cientista. In: KOFES, SUELY; MANICA, DANIELA (Org.). *Vidas & grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. p. 40–72.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologie und utopie*.: Verlag von Friedrich, 1929. (Schriften zur Philosophie und Soziologie).
- _____. *Ideologia e Utopia. Introdução à sociologia do conhecimento*. Porto Alegre: Editora Globo, 1950.
- MARRAS, Stélio; PEREIRA, João Baptista Borges. Pessoa e instituição – entrevista com João Baptista Borges Pereira. *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 2, p. 319–345, 2003.
- MARTINS, José de Souza. Prefácio à edição brasileira. In: SHIRLEY, Robert W (Org.). *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva, 1977. .
- MATA, Sérgio. Weberianismo tropical : caminhos e fronteiras da recepção da obra de Max Weber no Brasil. *Revista IHGB*, v. 174, n. 460, p. 77–108, 2013.
- MCLAUGHLIN, Neil. How to become a forgotten intellectual: Intellectual movements and the rise and fall of Erich Fromm. *Sociological Forum*, v. 13, n. 2, p. 215–246, 1998.
- MICELI, Sergio. Condicionantes do Desenvolvimento das Ciências Sociais. *História das*

- Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo. Vértice, 1989.
- MINER, Horace. *St. Denis: A French Canadian Parish*. Chicago: University of Chicago Press, 1939.
- MOEBIUS, Stephan. Die Geschichte der Soziologie im Spiegel der Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie (KZfSS). *Kolner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, v. 69, p. 3–44, 1 set. 2017.
- MORMONT, Marc. Who Is Rural? or How To Be Rural. In: MARSDEN, T; LOWE, P.; WHATMORE, S. (Org.). *Rural Restructuring: Global Process and Their Responses*. London: David Fulton, 1990. .
- MUSSOLINI, Gioconda. Persistência e mudança em sociedades “Folk” no Brasil. *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- NEUHOLD, Roberta dos Reis. Sociologia do ensino de Sociologia: os debates acadêmicos sobre a constituição de uma disciplina escolar. Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). 2014.
- NOGUEIRA, Antonio de Vasconcelos. Werner Sombart (1863–1941): apontamento bibliográfico. *Análise Social*, v. 38, n. 169, p. 1125–1151, 2004.
- NOGUEIRA, Oracy. Os Estudos De Comunidades No Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 3, n. 2, p. 95–101, 1955.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Índio no Mundo dos Brancos: a situação dos Tukúna do Alto Solimões*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- _____. *Razão e afetividade. O pensamento de Lucien Lévy-Bruhl*. Coleção CL ed. Campinas, SP: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1991.
- OLIVEIRA, Isabela. *De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no mapa das Ciências Sociais (1930-1950)*. Tese apresentada ao Programa de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). 237 f. São Paulo, 2012.
- OLIVEIRA, Isabela; DAMASCENO, Janaína. “Constituindo um campo”: estudos de comunidade e o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. *Cadernos de Campo*, n. 18, p. 253–256, 2009.
- OLIVEIRA, Nemuel da Silva; MAIO, Marcos Chor. Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil. *Sociedade e Estado*, v. 26, n. 3, p. 521–550, 2011.
- PASSADOR, Luiz Henrique. *Hebert Baldus e a Antropologia no Brasil*. Dissertação

apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia social IFCH-UNICAMP. 208 f. 2002.

PEIRANO, Mariza G. S. Antropologia no Brasil (Alteridade Contextualizada). In: MICELI, SERGIO (Org.). . *O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré, 1999. .

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

_____. Franceses e Norte-americanos nas Ciências Sociais Brasileira (1930-1960). In: MICELI, SERGIO (Org.). . *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré, 2001. .

PIERSON, Donald. *Cruz Das Almas: a Brazilian Village*. Washington DC: U.S. Government Printing Office, 1951. (Institute of Social Anthropology, pubn).

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio; MICELI, Sergio. Entrevista com Mário Wagner Vieira da Cunha. *Tempo Social*, v. 20, n. 2, p. 259–301, 2008.

PIZA, Douglas de Toledo. Um Palpite sobre a imigração nas Ciências Sociais de São Paulo: três décadas, duas perspectivas e uma cisão. *Plural*, v. 19, n. 1, p. 33–47, 2012.

PONTES, Heloisa. Entrevista com Antonio Candido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, p. 5–30, 2001.

_____. *Interpretes da metrópole: história social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2010.

PRADO JR, Caio. Métodos sociológicos. *Fundamentos*, n. 4, 1948.

RAMASSOTE, Rodrigo. *A Antropologia deslocada de Ruy Coelho*. 2014. Universidade de São Paulo, 2014.

_____. *Creencias, rituales y fiestas garífunas: cuatro artículos de Ruy Coelho*. Tegucigalpa, Honduras: Editorial Guaymuras, 2018. (lección Códices (Ciencias sociales).

RAMOS, Alberto Guerreiro. A Sociologia de Max Weber (Sua importância para a teoria e a prática da Administração). *Revista do Serviço Público*, v. Agosto e S, 1946.

_____. *Introdução crítica à Sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

REDFIELD, Robert. *A Tepoztlan: A Mexican Village*. Chicago: University of Chicago Press, 1930.

- REDFIELD, Robert; LINTON, Ralph; HERSKOVITS, Melville J. Memorandum for the Study of Acculturation. *American Anthropologist*, v. 38, n. 1, p. 149–152, 1936.
- REDFIELD, Robert; ROJAS, Alfonso Villa. *Chan Kom: A Maya Village*. Chicago: University of Chicago Press, 1934.
- RICHARD, Lionel. *A República de Weimar: (1919-1933)*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. (A vida cotidiana).
- RINGER, Fritz K. *Declínio dos Mandarins Alemães - A Comunidade Acadêmica Alemã 1890 - 1933*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ROSSI, Gustavo. *O intelectual feiticeiro: Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP, 2015.
- SAITO, H; MAEYAMA, T. *Assimilação e integração dos Japoneses no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. (Coleção Estudos brasileiros).
- SANTIAGO FILHO, Elio Roberto Pinto. *Pentecostalismo e cultura brasileira: para uma interpretação do pentecostalismo brasileiro a partir de sua relação com a cultura*. 2017. 304 f. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
- SCHADEN, Egon. Aculturação e assimilação dos índios do Brasil. *Revista Antropologia*, n. 2, p. 7–14, 1967.
- _____. *Aculturação indígena: ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contacto com o mundo dos brancos*. São Paulo: Liv. Pioneira. Ed. da Universidade, 1969. (Antropologia).
- SCHMIDT, Carlos Borges. *O meio rural*. São Paulo: Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1946.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão bibliográfica. *BIB - Boletim Informativo e bibliográfico de Ciências Sociais*, n. 25, p. 03–55, 1988
- _____. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 77, p. 47–62, 2011.
- SHIRLEY, Robert W. *O fim de uma tradição: cultura e desenvolvimento no Município de Cunha*. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Coleção Debates).
- SILVA, Ana Teles Da. Correspondências de cientistas sociais brasileiros para Jorge Dias: duas margens de uma interlocução transatlântica, *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 20, n. 3, 2016.

- SILVA, Wilton C. L. Entre negócios, ócios e domingos: a ego-história de Boris Fausto. In: KOFES, SUELY; MANICA, DANIELA (Org.). *Vidas & grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. p. 412.
- SOUZA, Candice Vidal. A documentação do antropólogo Marcos Magalhães Rubinges e os vestígios da pesquisa e do ensino de antropologia nos anos 1960. In: TRAVANCAS, ISABEL; ROUCHOU, JOELLE; HEYMANN, LUCIANA (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. São Paulo: Editora FGV, 2013. p. 165–186.
- STOLER, Ann Laura. Colonial archives and the arts of governance. *Archival Science: Internacional Journal on recorded information*, n. 2, p. 87–109, 2002.
- SUN, Raymond Chien. *Befor the Enemy is Within Our Walls - Catholic Workers in Cologne, 1885-1912: A Social, Cultural and Political History*. Boston: Humanities Press, 1999.
- THALMANN, R. A. *A República de Weimar*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- THURNWALD, Richard. the Psychology of Acculturation. *American Anthropologist*, v. 34, n. 4, p. 557–569, 1932.
- _____. *Die menschliche Gesellschaft in ihren ethno-soziologischen Grundlagen*. : W. de Gruyter, 1935. (Die menschliche Gesellschaft in ihren ethno-soziologischen Grundlagen).
- TRUZZI, Oswaldo. Assimilação re-significada: novas interpretações de um velho conceito. *DADOS- Revista de Ciências Sociais*, v. 55, n. 2, p. 517–533, 1992.
- VALENTINI, Luisa. *Um laboratório de antropologia : o encontro entre Mário de Andrade , Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (FFLCH-USP). 242 f. 2010.
- VIERKANDT, Alfred. *Gesellschaftslehre: hauptprobleme der philosophischen soziologie*. Stuttgart: F. Enke, 1923.
- _____. *Handwörterbuch der Soziologie*. Stuttgart: Ferdinand Enke Verlag Stuttgart, 1931.
- VILLAS BÔAS, Glaucia. De Berlim a Brusque, de São Paulo a Nashville. *Tempo Social*, v. 12, n. 2, p. 171–188, 2000.
- _____. *A recepção da sociologia alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: PPGSA-UFRJ, 2006.
- _____. A Recepção Controversa de Max Weber no Brasil (1940-1980). *DADOS- Revista de Ciências Sociais*, v. 57, n. 1, p. 5–33, 2014.

- VOEGELIN, Erminie W. Anthropology in American Universities. *American Anthropologist*, v. 52, n. 3, p. 350–391, 1950.
- VOIGT, André Fabiano. Emilio Willems e a invenção do teutobrasileiro, Entre a aculturação e a assimilação (1940-1946). *História: Questões & Debates*, v. 46, n. 46, p. 189–201, 2007.
- WAGLEY, Charles. Review Reviewed Work (s): Cunha : Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil by Emílio Willems. *American Anthropologist*, v. 51, n. 2, p. 306–308, 1949.
- _____. *Amazon Town: A Study of Man in the Tropics.*: Macmillan, 1953.
- _____. Estudos de comunidades no Brasil sob perspectiva nacional. *Revista Sociologia*, v. 16, n. 2, 1954.
- WAIZBORT, Leopoldo. Simmel no Brasil. *DADOS- Revista de Ciências Sociais*, v. 50, n. 1, p. 11–48, 2007.
- WARNER, W. Lloyd. *A Black Civilization: A social Study of na Australian Tribe*. New York and London: Harper and Brothers, 1937.
- WEBER, Max. *Economía y sociedad: Tipos de comunidad y sociedad*. Madrid: Fondo de cultura economica, 1944. (Sección de obras de Sociología. Grandes estudios).
- WEST, James. *Plainville, U. S. A*. New York: Columbia University Press, 1945.
- WIESE, Leopold von. *Beziehungslehre*. Duncker & Humblot, 1924. (Allgemeine Soziologie als Lehre von den Beziehungen und Beziehungsgebilden der Menschen).
- WILLEMS, Emílio. *Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen: Ein Beitrag zur speziellen Soziologie*. 1930c. Koln, 1930.
- _____. Die Bekanntschaft. *Kölner Viertelsjahrlhefte jür Soziologie*, v. VIII, p. 399–406, 1930a.
- _____. Essai über den Snobismus. *Archiv jür angewandte Soziologie*, v. 11, n. 3, 1930b.
- _____. Offentliche Meinung ais Urteil des Kollektivsubjektes. *Zeitungswissenschaft*, v. 6, n. 4, 1931.
- _____. Der deutsche Artestand ais Sozialgebilde. *Archiv jür angewandte Soziologie*, v. IV, p. 94–120, 1932.
- _____. A sociologia do Snobismo. *Revista do Arquivo Municipal*, v. 58, n. 5, p. 43–56, 1939.
- _____. Fatos e Livros: Fernando de Azevedo - Sociologia educacional. Cia Editora

Nacional, São Paulo. *Revista Sociologia*, v. 2, n. 2, p. 213–220, 1940.

_____. Fatos e Livros: Fundação do primeiro Departamento de Sociologia e Antropologia na Escola Livre de Sociologia e Política, em São Paulo. *Revista Sociologia*, v. 3, n. 1, p. 61–63, 1941a.

_____. Fatos e Livros: Robert H. Lowie - An Introduction to cultural anthropology. *Revista Sociologia*, v. 3, n. 4, p. 353–354, 1941b.

_____. O desvilamento econômico como fator de aculturação. *Revista de Imigração e Colonização*, v. 11, p. 700–811, 1941c.

_____. Fatos e Livros: Carlos Borges Schmidt - O Meio Rural. *Revista Sociologia*, v. 4, n. 2, p. 192–195, 1942a.

_____. Some aspects of cultural conflict and acculturation in southern rural Brazil. *Rural Sociology*, v. 7, p. 375–384, 1942b.

_____. Alguns trabalhos recentes sobre aculturação. *Boletim Bibliográfico*, v. 1, n. out-dez, p. 13–19, 1943a.

_____. Fatos e Livros: Donald Pierson, PhD Negroes in Brazil. *Revista Sociologia*, v. 5, n. 1, 1943b.

_____. Acculturation and the horse complex among German-Brazilians. *American Anthropologist*, v. 46, p. 153–161, 1944.

_____. Problemas de aculturação no Brasil meridional. *Acta Americana*, v. 3, n. 3, p. 145–151, 1945.

_____. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946a.

_____. Fatos e Livros: Donald Pierson - Survey of the Literature on Brazil os Sociological Significance published up on 1940. *Revista Sociologia*, v. 8, n. 2, p. 149, 1946b.

_____. Fatos e Livros: Donald Pierson - Teoria e Pesquisa em Sociologia. *Revista Sociologia*, v. 8, n. 2, p. 143–145, 1946c.

_____. *Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1948a.

_____. *Cunha, tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*. São Paulo: Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1948b.

- _____. Fatos e Livros: Charles Wagley - Area Research and Training: A Conference Report on the Study of World Areas. *Revista Sociologia*, v. 10, n. 4, p. 305–307, 1948c.
- _____. Acculturative aspects of the feast of the Holy Ghost in Brazil. *American Anthropologist*, v. 51, p. 400–408, 1949a.
- _____. The Japanese in Brazil. *Far Eastern Survey*, v. XVIII, n. 12, p. 6–8, 1949b.
- _____. *Dicionário de Sociologia*. Porto Alegre: Editora Globo, 1950.
- _____. Universidades Norte-Americanas. *Revista Anhembi*, v. X, n. 29, p. 257–266, 1953.
- _____. A família portuguesa contemporânea. *Revista Sociologia*, v. 17, n. 1, p. 3–55, 1955a.
- _____. Die Familie in Portugal und Brasilien: Ein Strukturvergleichender Versuch. *Kolner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, v. 7, 1955b.
- _____. Protestantism as a Factor of Culture Change in Brazil. *Economic Development and Cultural Change*, v. 3, n. 4, p. (University of Chicago), 1955c.
- _____. A Agonia das Letras Clássicas. *Revista Anhembi*, v. XXX, n. VIII, p. 485–495, 1958.
- _____. Protestantismus und Klassenstruktur in Chile. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, v. 12, n. 4, 1960.
- _____. Protestantismus und Kulturwandel in Brasilien und Chile. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, v. Sonderheft, n. 7, 1963.
- _____. Protestantism and Culture Change in Brazil and Chile. In: D'ANTONIO, WILLIAN; PIKE, FREDERICK (Org.). *Religion, Revolution, Reform*. New York: Frederick A, Praeger, 1964a. .
- _____. *Residuos feudales patrimoniales en estructuras burocraticas Latino-americanas*. Bogotá: Escuela Superior de Administración Publica, 1964b.
- _____. *Regiones fronterizas y movilidad social en el Brasil*. Bogotá: Asociación Columbiana de Sociologia, 1965a. v. Tomo I.
- _____. *Religiöser Pluralismus und Klassenstruktur in Brasilien und Chile*. Cologne: Westdeutscher Verlag, 1965b.
- _____. Religious Mass Movements and Social Change in Brazil. In: BAKLANOFF, ERICK (Org.). *New Perspectives of Brazil*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1966.
- _____. *Followers of the new faith: culture change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1967a.

- _____. Validation of Authority in Pentecostal Sects of Chile and Brazil. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v. 6, n. 2, 1967b.
- _____. Urban classes and acculturation in Latin America. In: EDDY, ELIZABETH M. (Org.). . *Urban Anthropology*. Athens University of Georgia Press, 1968. .
- _____. Peasantry and City: Cultural Persistence and Change in Historical Perspective, a European Case. *American Anthropologist*, v. 72, n. 3, p. 528–544, 1970.
- _____. *Latin American Culture*. New York: Harper & Row, 1975.
- _____. *Der preussisch-deutsche Militarismus: ein Kulturkomplex im sozialen Wandel*. : Verlag Wissenschaft und Politik, 1984.
- _____. *A Way of Life and Death: Three Centuries of Prussian-German Militarism : an Anthropological Approach*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1986.
- _____. O problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico. *Tempo Social*, v. 21, n. 1, p. 187–210, [1944] 2009.
- WILLEMS, Emílio & BARRETO, Romano. *Leituras Sociológicas*. São Paulo: Edições da Revista Sociologia, 1940.
- WILLEMS, Emílio & MUSSOLINI, Gioconda. *Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB/CEC, 2003. (Ecologia e cultura).
- WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo - Brasília: HUCITEC / Edunb, 1995.

Anexos

1. Cronologia de Emilio Willems

1905 – Nasceu em Niehl, Alemanha Emil Willems;

1915 – 1924 – Estudou no Gymnasium Tricoronato de Colônia

1924-1926 – Coursou economia na Universidade de Colônia

1926 – Mudou-se para Berlim, transferindo seus estudos para a Universidade da capital alemã.

1928 – Passou um semestre estudando em Paris, França e retornou em novembro do mesmo ano para Berlim onde iniciou o seu doutorado em sociologia

1930 – Defendeu o doutorado com a tese: *Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen.*

1931 – Imigrou para Brusque/SC/Brasil

1934 - Tornou-se professor de Ginásio em Jacarezinho/PR

1936 - Transferiu-se para São Paulo/SP onde se tornou professor do Liceu Rio Branco/SP; ano da criação do Dicionário de Etnologia e Sociologia.

1937 – Defendeu a Livre-docência no Instituto de Educação/USP e passou a ser Prof. Assistente em Filosofia Educacional

1939 – Tornou-se prof. Assistente em Sociologia Educacional e criou a *Revista Sociologia*

1941 – Assumiu enquanto professor da Disciplina de Antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras FFCL/USP e professor do curso de pós-graduação em ciências sociais na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP)

1948 – Lecionou no Summer School da Universidade de Vanderbilt

1949 – Foi contratado para integrar o Departamento de Antropologia e o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt

1952 – Lecionou no Summer School em Michigan

1954 – Realizou estudos de campo em Portugal e visitou universidades na França e Alemanha

1956 – Retornou para a Alemanha enquanto professor visitante da Universidade de Colônia

1957 – Lecionou no *Summer School* em Berkeley

1958/1959 – Realizou estudo de campo sobre o protestantismo no Chile e no Brasil. Nesses países lecionou na Universidade do Chile, Universidade Católica do Chile, e Escola Livre de Sociologia e Política.

1961- Realizou palestras em conferência sobre a América Latina na Universidade de Münster, na Alemanha

1962 - Lecionou na Universidade de Colônia

1962/1963 – Tornou-se professor visitante da Universidade Nacional da Colômbia.

1967- Visitou São Paulo, Curitiba/PR, e Londrina/SC, realizando pesquisas de campo e lecionou no verão na Universidade de Colônia

1970 – Percorreu a América Latina realizando pesquisas para o livro *Latin American Culture: Na Anthropological Synthesis* (1975)

1974- Se aposentou da Universidade de Vanderbilt

1977 – Realizou palestras na Universidade de Florianópolis

1997 – Faleceu em Nashville, EUA.

2. Produção bibliográfica de Emilio Willems

Livros:

1. *Elementos de Historia Geral da Economia*. Porto Alegre, Edições da Livra do Livraria do Globo, 1936.
2. *Mobilidade e Flutuação das Profissões e O Problema Educacional no Brasil*. Tese de Concurso. São Paulo, 1937.
3. *Aspectos da Aculturação dos Japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1948.
4. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940.
5. *Leituras Sociológicas*. (Com Romano Barreto). São Paulo, Edições da Revista Sociologia, 1940.
6. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1946.
7. *Dicionário de Sociologia*. Porto Alegre, Editora Globo, 1950.
8. *Buzios Island. A Caiçara Community in Southern Brazil*. (Com Gioconda Mussolini). Monograph of the American Ethnological Society XX. New York, J.J. Augustin Publisher, 1952.
9. *Uma Vila Brasileira: Tradição e Transição*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
10. *Dictionnaire de Sociologie*. Adaptation by Armand Cuvillier. Paris, Librairie Marcel Rivière, 1961.
11. *Antropologia Social*. São Paulo, Difusão do Livro Europeio do Livro, 1962.
12. *Followers of the New Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Nashville, Vanderbilt University Press, 1961.
13. *Latin American Culture. An Anthropological Synthesis*. New York: Harper & Row Publishers, 1975.
14. *Der preussisch-deutsche Militarismus im sozialen Wandel*. Cologne: Verlag Wissenschaft und Politik, 1984.
15. *A Way of Life and Death, Three Centuries of Prussian-German Militarism. An Anthropological Approach*. Revised Edition. Nashville: Vanderbilt University Press, 1986.

Panfletos

1. *Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen*. Köln, 1930.
2. *O Problema Rural Brasileiro do Ponto de Vista Antropologico*. São Paulo, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1944.
3. *Brasil. Período Indígena*. Comisión de História, Instituto Panamericano de Geografia y História. México, 1953

- 4 *A Família portuguesa contemporânea*. São Paulo, 1955, separata de *Sociologia*, XVII, 1, 1955.
5. *El cambio cultural dirigido*. Bogotá, Facultad de Sociologia. Universidad Nacional de Colombia, 1963.

Artigos e capítulos de livros:

1. "Fragen einer Soziologie des Theaters". *Die Tribüne*. II, 161-167, Dez 1930
- 1a. "Offentliche Meinung als Urteil des Kollektivsubjektes". *Zeitungswissenschaft*. Vol.6, numero 4, Berlim, 15. Julho 1931.
2. "Essai uber den Snobismus". *Archiv für angewandte Soziologie*. II, 3, 1929.
3. "Die Bekanntschaft". *Kölner Viertelsjahrhefte für Soziologie*. VIII: 399-406, 1930.
4. "Der deutsche Arztestand als Sozialgebilde". *Archiv für angewandte Soziologie*. IV: 94-120, 1932.
5. "Essai sur le Problème de la Colonisation au Brésil". *Revue Internationale de Sociologie*. Ano 42, pp.359-369. Jul-agosto 1934.
6. "Opinião pública e Imprensa". *Revista do Arquivo Municipal*. XXXV, pp.87-100, 1937.
7. "Peneiramento e Seleção". *Revista do Arquivo Municipal*. LII, pp. 233-242, 1938.
8. "Posição Social e Educação dos Imaturos entre Povos Naturais". *Revista do Arquivo Municipal*. 49, pp.5-34, 1938.
9. "Comunidade com Mortos". *Revista do Arquivo Municipal*, 50, pp.71-84. 1938.
10. "Ensaio sobre a Diferenciação dos Processos de Seleção e Eliminação na População de São Paulo". *Revista do Arquivo municipal*. LXVI, pp.89-96, 1940.
11. "Assimilation of German Immigrants in Brazil". *Sociology and Social Research*. XXV, pp.123-135. 1940.
12. "Problemas de uma Sociologia do Peneiramento". *Revista do Arquivo Municipal*. LXXV, pp.5-63. 1941.
13. "Casas e túmulos de japoneses no Vale da Ribeira de Iguape". (Com Herbert Baldus). *Revista do Arquivo Municipal*, LXXVII, pp.121-136, 1941.
14. "Procesos de Culturalización Linguística entre Poblaciones Brasileñas de Origen Germanico". *Revista Mexicana de Sociologia*, III, pp.35-45, 1941
15. "Recreação e Assimilação". *Sociologia*, III, pp. 302-310, outubro 1941.
16. "Subsidios bibliográficos para uma Sociologia da Guerra". *Sociologia*. III, pp.227-233, agosto, 1941.
17. "O Desnívelamento Econômico como Fator de Aculturação". *Revista de Imigração e Colonização*. II, pp.700-811. Abril-julho 1941.

18. "Cultural Change Among Japanese Immigrants in Brasil". (Com Herbert Baldus). *Sociology and Social Research*.XXVI, pp.525-537, julho-agosto 1942.
19. "Some Aspects of Cultural Conflict and Acculturation in Southern Rural Brazil". *Rural Sociology*, 7. pp. 375-384, dezembro 1942.
20. "A Emancipação Econômica Das Colônias Germânicas no Brasil." *Revista de Imigração e Colonização*, III: 71-88, Abril, 1942.
21. "Linguistic Changes in German-Brazilian Communities." *Acta Americana*, I:448-463,Oct.-Dezembro, 1943.
22. "Alguns Trabalhos Recentes Sôbre Aculturação." *Boletim Bibliográfico*, I: 13-19, Oct., Nov., Dezembro, 1943.
23. "Acculturation and the Horse Complex Among German-Brazilians." *American Anthropologist*, 46: 153-61, Abril-Junho, 1944.
24. "Alguns Aspectos Ecológicos da Colonização Germânica no. Brasil." *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, No. 4.
25. "O Estado Atual dos Estudos Antropológicos e Sociológicos Sôbre a Educação. *Boletim Bibliográfico*, II: 7-16, Janeiro, Fevereiro, Março, 1944.
26. "Assimilación y Aculturación." *Revista Mexicana de Sociologia*, VI, No. 3, 293-314, setembro-dezembro. 1944.
27. "Assimilação e Educacao." *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, IV, 3-11, maio 1945.
28. "Burocracia Patrimonialismo." *Administração Pública*, III, No. 3, 3-8, Setembro, 1945.
29. "Problemas de Aculturação no Brasil Meridional." *Acta Americana*, III, No. 3, 145-151, Julho-Setembro., 1945.
30. "Sexo e Família en Las Comunidades Teuto- Brasileñas." *Revista Mexicana de Sociologia*, VII, No. 3,371-399, Setembro.-Dezembro., 1945.
31. "Imigração e Imperialismo. *Digesto Econômico*, II, 81-86, Dezembro., 1945.
32. "Imigração e Organização Economica." *Digesto Econômico*, 1, 41-44, Abril, 1945.
33. "Consumo Simbólico." *Digesto Econômico*, I, 68-72, Setembro, 1945.
34. "A Assimilação dos Judeus." *Sociologia*. VII, 54-67, No. 1-2, 1945.
35. "Stature of South American Indians," (Com Egon Schaden). *American Anthropologist*. 47:469- 70, Julho-Setembro, 1945.
36. "Alguns Estudos Recentes de Antropologia Fisica." *Boletim Bibliográfico*, VI: 23-45, Janeiro, Fevereiro, Março, 1945.
37. "El Problema Rural Brasileño Desde el Punto de Vista Antropologico." *Jornadas*, 33:II-40, 1945.
38. "Estudos Mexicanos de Antropologia Ffsica." *Sociologia*, VIII, No. 2, 135-151, Agosto, 1946.

39. "Nota Sobre Habitações Temporárias de Caiçaras." *Sociologia*, VIII: 216-17, No. 3, 1946.
40. "Contribuição Para O Estudo Antropométrico dos Índios Tereno." *Revista do Museu Paulista*. I Nova Série, 129-152, 1947.
41. "Shindo-Renmei: Um Problema de Aculturação." (Com Hiroshi Saito) *Sociologia*, IX: 133-52, No. 2, 1947.
42. "Sociologia Acadêmica e Sociologia Socialista." *Sociologia*, II, 346-349, No. 4, 1947.
43. "Velhos e Novos Rumos no Estudo das Classes Sociais." *Sociologia*, X: 76-90, 2-3, 1948.
44. "Race Attitudes in Brazil." *American Journal of Sociology*, LIV: 402-8, Março, 1949.
45. "The Japanese in Brazil." *Far Eastern Survey*, XVIII, 6-8, Janeiro. 12, 1949.
46. "Zur Sozialen Anpassung der Deutschen in Brasilien." *Kölner Zeitschrift für Soziologie*, I,3: 64-71, 1948-49.
47. "Die Neuere Entwicklung der Socialwissenschaften in Latein-Amerika." *Kölner Zeitschrift für Soziologie*, I-4: 399-409, 1948-49.
48. "Os Métodos Antropológicos." *Sociologia*, XI, No. 2, 143-50, 1949.
49. "Acculturative Aspects of the Feast of the Holy Ghost in Brazil." *American Anthropologist*, 51: 400-8, Julho-Setembro. 1949.
50. "Zu Professor Geigers Aufsatz: Ueber Soziometrik un ihre Grezen." *Kölner Zeitschrift für Soziologie*, II, No. 2, 1949-50.
51. "Einwanderungsprobleme Brasiliens." *Kyklos International Review for Social Sciences*, Vol. IV 1950, Fasc.1.
52. "Immigrants and their Assimilation" in *Brazil Portrait of Half a Continent*, by T. Lynn Smith and Alexander Marchant, ed. (New York: Dryden Press, 1951).
53. "On Sambaqui Skulls." (Com Egon Schaden) *Revista do Museu Paulista*, Nova Serie. Vol. v. S. Paulo, 1951.
54. "Cabloco Cultures of Southern Brazil," in Sol Tax, ed. *Acculturation in the Americas*, Vol. II, Proceedings of the 29th International Congress of Americanists. Chicago, 1952.
55. "Nota sôbre Leis Sociais." *Sociologia*, Vol. XIV, No. 2, 1952.
56. "Universidades Norte-Americanas." *Anhembi*, Ano III - No. 29, Vol. X. Abril, 1953.
57. "The Structure of the Brazilian Family." *Social Forces*, Vol. 31, No. 4, Maio, 1953.
58. "Die Familie in Portugal und Brasilien: Ein Strukturvergleichender Versuch" *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozial-psychologie*, 7. Jahrgang, 1955.
59. "Protestantism as a Factor of Culture Change in Brazil." *Economic Development and Cultural Change*, Vol. III, No. 4, 1955 (University of Chicago).

60. "Neuere Tendenzen sozialanthropologischer Feldforschung." *Bin Sammelwerk Leopold von Wiese zum 75. Geburtstag*, Herausgegeben von K. G. Specht, Westdeutscher Verlag, Köln, 1951.
61. "Intermarriage Among German-Brazilians". *Migration News*, Março-Abril, 1956.
62. "Innere Widersprüche im Gefüge primitiver Kulturen." *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Vol. 8, No. 2, 1956.
63. "Soziokulturelle Probleme Südamerikas." *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*. Vol. 9, No. 2, 1957.
64. "Brazil," in Oscar Handlin ed., *The Positive Contribution by Immigrants*. UNESCO, Paris, 1955.
65. "Brazil," in Arnold M. Rose ed., *The Institutions of Advanced Societies*. University of Minnesota Press, Minneapolis, 1958.
66. "A agonia das letras clássicas." *Revista Anhembi*, VIII, Vol. XXX, Maio, 1958.
67. "Ethnologie," in René König, ed., *Soziologie*. Fischer Bücherei, Frankfurt, 1958.
68. "Primitive Gessellschaften," in René König ed., *Soziologie*. Fischer Bücherei, Frankfurt, 1958.
69. "Unterentwickelte Gesellschaften," in René König ed., *Soziologie*, Fischer Bücherei, Frankfurt, 1958.
70. "Uma revisão do conceito de direito primitivo," *Revista de Antropologia*, Vol. 6, No. 1, Junho de 1958.
71. "Minority Subcultures in Brazil." *Miscellanea Paul Rivet*. Mexico, 1958.
72. "Mudanças estruturais-funcionais em comunidades campesinas de cinco países europeus." *Revista de Antropologia*. Vol. 8, No. 2, 1960.
73. "Protestantismus und Klassenstruktur in Chile." *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*. Vol. 12, No. 4, 1960.
74. "Neuere Beiträge zur ethnologischen Rechtsforschung." *Archiv für Rechts und Sozialphilosophie*. Vol. XLVIII, 1-2, 1961.
75. "Protestantismus und Kulturwandel in Brasilien und Chile," *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Sonderheft No. 7, Cologne, 1963.
76. "San Andrés: Continuity and Change in the Culture of a Caribbean Island," *Völkerkundliche Abhandlungen*, Vol. I. Niedersächsisches Landesmuseum Hannover, Abteilung fuer Völkerkunde, 1964.
77. "Protestantism and Culture Change in Brazil and Chile." in William V. D'Antonio and Frederick B. Pike, eds., *Religion, Revolution and Reform*. New York: Frederick A. Praeger, 1964.
78. "Religious Mass Movements and Social Change in Brazil," in Eric Baklanoff, ed., *New Perspectives of Brazil*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1966.

79. "Residuos feudales patrimoniales en estructuras burocráticas Latino-americanas," *La Administración Pública en los Países de Desarrollo*. Bogotá, Escuela Superior de Administración Pública, 1964.
80. "Regiones fronterizas y movilidad social en el Brasil." *Asociación Colombiana de Sociología*, Bogotá, *Memorias del VII Congreso Latino- Americano de Sociología*, Tomo I, 1965.
81. "Religiöser Pluralismus und Klassenstruktur in Brasilien und Chile," *International Yearbook for the Sociology of Religion*. Vol. I, Köln: Westdeutscher Verlag, 1965.
82. "Rollenzuweisung und Zusammenarbeit in Projekten der Entwicklungshilfe," in Alphons Silbermann, ed. *Militanter Humanismus*. S. Fischer Verlag, Frankfurt, 1966.
83. "Urban classes and Acculturation in Latin America," in Elizabeth M. Eddy, ed. *Urban Anthropology*. Athens: University of Georgia Press, 1968.
84. "Social Differentiation in Colonial Brazil," *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 12, No. 1, Janeiro, 1970.
85. "Peasantry and City: Cultural Persistence and Change in Historical Perspective: A European Case," *American Anthropologist*, Vol. 72, No. 3, 1970.
86. "Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile." In S.N. Eisenstadt, ed. *The Protestant Ethic and Modernization: A Comparative View*. New York and London: Basic Books, Inc. 1968.
87. "Validation of Authority in Pentecostal Sects of Chile and Brazil." *Journal for the Scientific Study of Religion*. Vol. VI, #2, Fall 1967.
88. "Barackensiedlungen und Urbanisierung in Lateinamerika." *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*. Vol. 23, #4, 1971.
89. "The Rise of a Rural Middle Class in a Frontier Society." In Riordan Roett, ed., *Brazil in the Sixties*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1972.
90. "Controversial Aspects of Social Stratification in Latin America." In *Memoriam Antonio Jorge Dias*. Lisboa, 1974.
91. "Die Barackensiedlungen Lateinamerikas als Städtische 'Frontier'." *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*. #2, 1980.
92. "Die Kulturanthropologie in den Vereinigten Staaten und Lateinamerika: Umriss eines kulturgeschichtlichen Vergleichs." In Heine von Hans Peter Thum, eds. *Soziologie in weltbürgerlicher Absicht. Festschrift für René Kuhn*. Opladen: Alemann und 75. König Westdeutscher Verlag, 1981.
93. "Social Change on the Latin American Frontier." In David Harry Miller and Jerome O. Steffen, ed. *The Frontier: Comparative Studies*. University of Oklahoma Press, 1977.
94. "Beiträge amerikanischer Anthropologen zur Entwicklungstheorie." In Ernst Wilhelm Müller, Rene König, Klaus-Peter Koepping and Paul Drechsel, *Ethnologische Sozialwissenschaft*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1984.